

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**DIRETORIA E PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA**  
**RELIGIÃO**

**KELLEN CHRISTIANE RODRIGUES**

**PAULO – MAGO OU DIVINO.**  
**ANÁLISE DAS PRÁTICAS MÁGICAS NO**  
**CRISTIANISMO PRIMITIVO NOS ATOS DE PAULO E**  
**TECLA E NOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS.**



**SÃO BERNARDO DO CAMPO**  
**2019**

**KELLEN CHRISTIANE RODRIGUES**

**PAULO – MAGO OU DIVINO.  
ANÁLISE DAS PRÁTICAS MÁGICAS NO  
CRISTIANISMO PRIMITIVO NOS ATOS DE PAULO E  
TECLA E NOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS.**

Tese apresentada à Universidade Metodista de São Paulo, em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião para a obtenção do grau de doutora.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira



**SÃO BERNARDO DO CAMPO  
2019**

## FICHA CATALOGRÁFICA

R618p Rodrigues, Kellen Christiane

Paulo: mago ou divino: análise das práticas mágicas no cristianismo primitivo nos Atos de Paulo e Tecla e nos Papiros Mágicos Gregos / Kellen Christiane Rodrigues -- São Bernardo do Campo, 2019.

246 p.

Tese (Doutorado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2023.

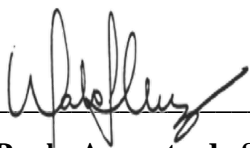
Bibliografia

Orientação de: Paulo Augusto de Souza Nogueira.

1. Magia - Aspectos religiosos;  
2. Bíblia - N.T. - Atos dos Apóstolos - Crítica e interpretação; 3. Atos de Paulo e Tecla; 4. Papiros Mágicos Gregos - Crítica e interpretação I. Título

**CDD 226.606**

A Tese de Doutorado intitulada: “PAULO – MAGO OU DIVINO. ANÁLISE DAS PRÁTICAS MÁGICAS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO NOS ATOS DE PAULO E TECLA E NOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS”, elaborada por KELLEN CHRISTIANE RODRIGUES, em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião para a obtenção do grau de doutora, foi apresentada e aprovada em 05 de fevereiro de 2020, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira (Presidente/UMESP), Prof. Dr. Jose Adriano Filho (UNIDA), Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza (UMESP), Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro (FATIPI), Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia (UMESP).



---

**Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira**  
**Orientador e Presidente da Banca Examinadora**



---

**Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro**  
**Coordenador do Programa de Pós-Graduação**

**Programa:** Pós-Graduação em Ciências da religião

**Área de concentração:** Linguagens da Religião

**Linha de Pesquisa:** Literatura e religião no mundo bíblico

Esta pesquisa foi realizada com o apoio da CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

*A minha mãe Maria Aparecida Rodrigues e  
ao meu pai Alceu Nunes Rodrigues,  
luzes da minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao olhar este trabalho concluído, o sentimento de gratidão é imenso no peito. Poder olhar para o começo de tudo, e perceber quantas foram as luzes que iluminaram meus caminhos nesta jornada contribuindo sem mensurar, para que houvesse um ponto final. Mesmo que eu tentasse retribuir, jamais seria possível, pois nenhum esforço compensaria cada gotinha de carinho dedicado.

Refletindo sobre as dificuldades, Daisaku Ikeda escreve que “Ser herói não significa acertar constantemente. É muito mais que isso. O verdadeiro espírito de um herói encontra-se na intensa convicção de enfrentar e vencer as dificuldades em vez de desistir de tudo”. Com isso aprendemos que poderão surgir situações inesperadas, e difíceis, mas nestes momentos precisamos revelar o que carregamos no coração e não nos acovardarmos. Precisamos despertar em nós o espírito grandioso e encarar todos os obstáculos para que novas conquistas e novos horizontes surjam em nossas vidas.

Ao agradecer, quero lembrar primeiro de Deus, por toda ajuda, força, sabedoria, razão, entendimento, emoções e transformações. Sem tua mão me protegendo e me guardando, eu jamais teria conseguido. Agradeço pela coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades

Ao meu orientador o Dr.º Paulo Augusto de Souza Nogueira, que me abraçou ao longo desses sete anos de estudo, sempre com cuidado e dedicação para com minhas pesquisas, sempre contribuindo para que eu pudesse conquistar novos conhecimentos. Obrigado por todo carinho e apoio.

À minha mãe, Maria, por ser exemplo sempre, e mesmo que nossos pensamentos não coincidam com frequência, você é minha força e meu motivo para continuar. Ainda serei aquilo que sonhou para mim. Agradeço também ao meu pai Alceu, que sempre torceu para que eu conquistasse novos voos, e pudesse contemplar a vida da melhor maneira possível. Amo vocês além da vida.

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, razão pela qual eu sempre busco ser um ser humano melhor. Vocês são minha base, não consigo imaginar minha vida sem os abraços “amassados” que recebo em todos os nossos encontros. Amo vocês minhas vidinhas.

A minha família, minhas raízes, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. Obrigado pela compreensão, pela força e pelo sustento. Agradeço por estarem presentes nos dias difíceis. Através de vocês eu sempre posso compreender o significado da palavra casa.

Aos membros da banca e aos professores da UMESP. Os grandes mestres deixam marcas eternas na vida de seus alunos, e essa marca carregarei para sempre. Obrigado por todo incentivo, pelas orientações e percepções apontadas para que esta pesquisa pudesse ter um norte.

Aos colegas do curso. Pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foram a melhor experiência da minha formação acadêmica. Agradeço a Deus por cada um, agradeço pelos momentos de partilha, pelos risos, choros, congressos, churrascos, almoços, passeios, e por toda vida compartilhada.

A Ana Fonseca, um anjo que o Senhor colocou em minha vida. Obrigado por todo carinho, zelo, conversas, aventuras que desbravamos juntas, trocas de experiências e amizade. Sua vida abençoou a minha de todas as formas possíveis. Você é um presente especial para mim.

As secretarias do programa Camilla Silva, Regiane Silva e Priscila Roger. Pessoas que pude contar com apoio, fidelidade e eficiência. Todo trabalho de vocês foi sensacional. Obrigado por todos esses anos de companheirismo, cumplicidade e amizade.

A Igreja Presbiteriana Independente do Ana Jacinta, local onde pude dividir minha vida nos últimos vinte e quatro anos, onde aprendi a refletir e duvidar, e nunca encarar a realidade como pronta. Obrigado Pastor Luís Espinhosa por dividir o púlpito e ministério comigo, me ensinando e caminhando comigo nesta jornada linda. E obrigado irmãos, cada oração me fortaleceu, cada ligação tornou meu dia incrível, cada abraço me curou, e cada sorriso me deu motivos para continuarmos nossa caminhada. Agradeço por todo tempo dedicado a mim em suas orações, sem elas o caminho teria sido bem difícil.

Aos amigos da casa dos estudantes, Flávio, Naile, Altierrez e Sue'hellen. Estes foram aqueles com quem pude dividir o último ano de moradia, através destes quero agradecer todos aqueles com quem pude compartilhar momentos incríveis. Pessoas que

amo partilhar a vida. Com vocês me senti viva de verdade. Obrigado pelo carinho, paciência e pela capacidade de me trazer paz na correria desta etapa final. Valeu cada encontro, cada passeio, cada caminhada de final de tarde, todos esses momentos foram essenciais para minha vida.

Aos queridos colegas Danielle, Martin, Naile e Élcio, que me abençoaram na correção e formatação deste trabalho. Obrigado por todas as leituras e pelos apontamentos, o trabalho de vocês foi incrível.

Ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião que me possibilitou trilhar mais esse sonho, mais uma conquista especial. Um lugar especial na minha caminhada da educação.

À CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio e incentivo à pesquisa.

“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

Antoine de Saint-Exupery

*“Quando Cristo disse “sede perfeitos”, quis dizer isso mesmo. Ele quis dizer que temos que entrar no tratamento completo. Pode ser duro para um ovo se transformar em um pássaro; seria uma visão deverás divertida, e muito mais difícil, tentar voar enquanto ainda se é um ovo. Hoje nós somos como ovos. Mas você não pode se contentar em ser um ovo comum, ainda que decente. Ou sua casca se rompe ou você apodrecerá”.*

*“O amor ao conhecimento é um tipo de loucura”.*

*C. S. Lewis*

## RESUMO

Esta tese visa abordar a temática da magia no mundo mediterrâneo durante o período do cristianismo primitivo. Visto que a magia se apresenta como uma manifestação de relação das pessoas com o universo sagrado, místico e fantástico. Desta maneira, buscamos distinguir as práticas mágicas em um nível conceitual da religião, baseando nossos conceitos em autores clássicos e contemporâneos para desenvolver nossa análise. Na antiguidade a magia fazia parte do cotidiano das pessoas, que buscavam por realizações de seus anseios e desejos, mesmo que sua eficácia não fosse comprovada. A magia estava nas curas, evocações, orações, exorcismos, unções, transes, rituais, ressurreições, etc. Sendo estas práticas violadoras do curso normal da natureza. Por seu caráter sobrenatural, a magia desperta interesse do ser humano em relação ao sagrado, ao mesmo tempo em que sua prática como religiosidade popular desperta medo e tensão, por falta de compreensão do tema. Portanto destacaremos os elementos mágicos que constituem as narrativas, buscando compreender por que esta prática foi valorizada e rejeitada ao mesmo tempo, principalmente pelo cristianismo nascente que desejavam não ter suas ações comparadas com a magia, visto que havia perseguições seguidas de morte aos seus praticantes. Partindo destes preceitos, o presente estudo destina-se a com base na literatura apócrifa dos *Atos de Paulo e Tecla* e dos *Papiros Mágicos Gregos*, analisar a cultura, as práticas de magia no Mundo Antigo, e sua inserção nas comunidades cristãs nesse ambiente vital. Trazendo a figura principal do apóstolo Paulo como acusado de “executor de magia”, a qual seduzindo as mulheres para que estas se desviassem da doutrina imposta em sua época e se filiassem a uma nova religião e paixão. Abordaremos a temática com os textos canônicos, a modo que possamos compreender os elementos comuns do imaginário cristão primitivo, destacando a figura do apóstolo Paulo como mago e homem divino.

**Palavras chave:** Magia, Atos de Paulo e Tecla, Papiros Mágicos Gregos, Magia de Amor, Mago e Homem Divino.

**Área de concentração:** Linguagens da Religião

**Linha de Pesquisa:** Literatura e religião no mundo bíblico

## ABSTRACT

The thesis regards the magic in the Mediterranean region during the period of early Christianity. Since magic presents itself as a manifestation of people's relationship with the sacred, mystical and fantastic universe. There is a need to distinguish magical practices on a conceptual level and religion, basing our concepts on classical and contemporary authors to develop our analysis. In ancient times magic was part of people's daily lives, who sought fulfillment of their yearnings and desires, even if its effectiveness was not proven. The magic was present in healings, evocations, prayers, exorcisms, anointings, trances, rituals, resurrections, etc. This being practices violating the normal course of nature. For its supernatural character, magic arouses human interest in relation to the sacred. Meanwhile, its practice as a popular religiosity arouses fear and tension, for lack of understanding of the topic. So we will highlight the magic elements that make up the narratives, seeking to understand why this practice was valued and rejected at the same time, mainly by nascent Christianity who wished not to have their actions compared to magic, since there were persecutions followed by death upon their practitioners. From these precepts, this study is intended to, based on the apocryphal literature of the *Acts of Paul and Tecla* and the *Greek Magical Papyri*, to analyze culture, practices of magic in the Ancient World, and their insertion in Christian communities in this vital environment. Bringing the leading figure of the apostle Paul as accused of “the executor of magic”, which seduced women so that they deviated from the doctrine imposed long that historical period and joined a new religion and passion. We will approach the theme with the canonical texts so that we can understand the common elements of the early Christian imaginary, highlighting the figure of the apostle Paul as magician and divine man.

**Keywords:** Magic, Acts of Paul and the Key, Greek Magic Papyri, Magic of Love, Magician and Divine Man.

**Concentration Area:** Languages of Religion

**Research Line:** Literature and religion in the biblical world

## RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo abordar el tema de la magia en el mundo mediterráneo durante el período del cristianismo primitivo. Dado que la magia se presenta como una manifestación de la relación de las personas con el universo sagrado, místico y fantástico. De esta manera, buscamos distinguir las prácticas mágicas en un nivel conceptual de La religión, teniendo como punto de partida para el análisis de nuestros conceptos, presupuestos teóricos de autores clásicos y contemporáneos sobre el tema. En la antigüedad, la magia era parte de la vida cotidiana de las personas, quienes la buscaban para el cumplimiento de sus anhelos y deseos, aún cuando su efectividad no fuera comprobada. La magia estaba en las curaciones, evocaciones, oraciones, exorcismos, unciones, trances, rituales, resurrecciones, etc. Siendo practicas modificadoras del curso normal de la naturaleza. Por su carácter sobrenatural, la magia despierta el interés del humano en relación con lo sagrado, al mismo tiempo que su práctica como religiosidad popular despierta miedo y tensión, por falta de comprensión entorn al tema. Por tanto destacaremos los elementos mágicos que componen las narraciones, tratando de entender por qué esta práctica fue valorada y rechazada al mismo tiempo, principalmente por el cristianismo naciente, que no deseaba tener sus acciones en comparación con la magia, ya que hubo persecuciones seguidas de muerte sobre sus practicantes. A partir de estos preceptos, Este estudio tiene como objetivo, con base en la literatura apócrifa de los *Hechos de Pablo y Tecla* y los *Papiros Mágicos Griegos*, analizar la cultura de las prácticas de la magia en el Mundo Antiguo, y su inserción en comunidades cristianas en este ambiente vital. Se trae como figura principal al apóstol Pablo como acusado de “el ejecutor de la magia”, y seductor de mujeres para que se desviarán de la doctrina impuesta em la época y se unieran a una nueva religión y pasión. Abordaremos el tema con los textos canónicos para que podamos entender los elementos comunes del imaginario cristiano primitivo, destacando la figura del apóstol Pablo como mago y hombre divino.

**Palabras clave:** Magia, Actos de Pablo y Tecla, Papiros Mágicos Griegos, Magia del Amor, Mago y Hombre Divino.

**Área de Concentración:** Lenguajes de la Religión.

**Línea de investigación:** Literatura y religión en el mundo bíblico.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AP	Atos de Paulo
APT	Atos de Paulo e Tecla
AAA	Atos Apócrifos dos Apóstolos
PGM	Papiros Mágicos Gregos

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1 - MAGIA E AS PRÁTICAS MÁGICAS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO.....	22
INTRODUÇÃO .....	22
1.1 A BASE DO PENSAMENTO CLÁSSICO SOBRE MAGIA .....	24
1.2 MAGIA E CONTEMPORANEIDADE.....	34
1.3 MAGIA E RELIGIÃO .....	39
1.4 PRÁTICAS MÁGICAS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO .....	45
1.5 HOMEM MAGO OU DIVINO .....	48
1.6 ESCRITOS E LITERATURA .....	53
1.6.1 Papiros Mágicos Gregos.....	54
1.6.2 Atos Apócrifos Dos Apóstolos.....	55
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	57
CAPÍTULO 2 - AS MAGIAS AMOROSAS E ERÓTICAS NOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS .....	59
INTRODUÇÃO .....	59
2.1 OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS .....	61
2.2 A IMPORTÂNCIA DOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS .....	65
2.3 AS MAGIAS AMOROSAS E DE AMARRAÇÃO .....	67
2.4 A TEORIA ESPIRITUAL DAS AMARRAÇÕES .....	69
2.5 ESTRUTURA DOS FEITIÇOS NOS PGM .....	70
2.5.1 Explicação de Referências e Sinais Textuais dos PGM.....	72
2.5.2 Palavras Mágicas - <i>Voces Magicae</i> .....	73
2.5.3 Invocações e Evocações .....	77
2.5.4 Oferendas.....	79

2.5.5 Insônia .....	81
2.5.6 Formulação Mágica.....	82
2.6 GÊNERO DOS USUÁRIOS E VÍTIMAS DOS PGM .....	85
2.7 OS DEUSES RELACIONADOS ÀS MAGIAS AMOROSAS.....	88
2.8 A RELIGIÃO DOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS .....	91
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	93
CAPÍTULO 3 - ACUSAÇÃO DE MAGIA AOS CRISTÃOS NOS ATOS DE PAULO E TECLA .....	95
INTRODUÇÃO .....	95
3.1 OS ATOS DE PAULO E TECLA.....	96
3.2 ESTRUTURA E ENREDO DOS APT .....	97
3.2.1 Chegada de Paulo a Icônio/Pregação do Apóstolo - Capítulos 1 - 6.....	99
3.2.2 Tecla é atraída pela mensagem de Paulo / Traição de Dimas e Hermógenes – Capítulos 7 - 14 .....	100
3.2.3 Paulo é Condenado ao tribunal / Primeiro Martírio de Tecla - Capítulos 15 - 22.....	100
3.2.4 O Jejum de Paulo e Onesíforo / Reencontro de Paulo e Tecla - Capítulos 23 - 25.....	102
3.2.5 Tecla em Antioquia: Segunda condenação – Capítulos 26 - 29.....	102
3.2.6 Lutas contra as feras / Batismo de Tecla – Capítulos 30 - 35 .....	103
3.2.7 Salvação de Tecla / Conversão de Trifena – Capítulos 36 - 39 .....	104
3.2.8 Morte de Tamiro / Tecla Pregadora – Capítulos 40 - 43.....	105
3.3 CRONOLOGIA E AUTORIA DOS APT.....	105
3.4 GÊNERO LITERÁRIO DO APT .....	110
3.5 PERSONAGENS DA NARRATIVA DOS APT.....	116
3.6 ANÁLISE DA MULTIDÃO (ὄχλος) NOS APT .....	126
3.7 ACUSAÇÃO DE MAGIA E O SISTEMA PATRIARCAL NOS APT .....	131
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	138
CAPÍTULO 4 - PAULO – MAGO OU DIVINO.....	140
INTRODUÇÃO .....	140
4.1 PAULO DE TARSO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO .....	141
4.1.1 Judeu, Grego e Romano .....	144

4.1.2 As viagens missionárias do Apóstolo Paulo.....	146
4.2 OS ATOS APOSTÓLICOS APÓCRIFOS E A RELIGIOSIDADE POPULAR .....	147
4.3 CRISTIANISMO PRIMITIVO E PRÁTICAS MÁGICAS.....	149
4.4 PAPIROS MÁGICOS GREGOS E ATOS DE PAULO E TECLA – A MAGIA DE AMARRAÇÃO.....	151
4.5 A REJEIÇÃO DOS MAGOS E A CONDENAÇÃO DA MAGIA NO MUNDO ANTIGO.....	156
4.6 ATOS DOS APÓSTOLOS E ATOS DE PAULO E TECLA – <i>THEIOS ANER</i> .....	159
4.7 APÓSTOLO PAULO – DIVINO E MAGO.....	162
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	164
CONCLUSÃO .....	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	171
ANEXOS.....	184

## INTRODUÇÃO

Ao aprofundarmos nosso conhecimento no cristianismo primitivo e suas relações culturais encontramos inúmeras questões e debates desde os mais variados pontos de vista científicos. As dificuldades e os desafios de estudos que encontramos ocorrem em virtude da complexidade de acesso a esse “mundo antigo”, visto que o material que possuímos ainda encontra-se muito fragmentado. Embora as pesquisas nos campos da arqueologia tenham se desenvolvido em larga escala, os documentos escritos ou imagéticos catalogados, ainda buscam decifrar as heranças de seus conteúdos que revelem uma dimensão histórica, capaz de abranger os mais variados aspectos da sociedade. Por haver muitas lacunas nestas documentações é que surgem as mais diversas teorias e debates sobre conflitantes assuntos, inclusive a magia.

Portanto, como uma delimitação dessas temáticas, nossa pesquisa visa um estudo através da cultura das comunidades presentes na antiguidade tardia, analisar se as comunidades cristãs estavam inseridas as práticas culturais de outras etnias como os egípcios, romanos, gregos etc. Dentre estas culturas, buscamos investigar em específico as práticas mágicas, de forma a reconstruir por essas atividades os fenômenos culturais praticados neste aspecto, que levou figuras do cristianismo como Jesus e Paulo, a serem comparados com magos e homens divinos.

A realidade da magia, como uma prática diversificada, encontra-se em culturas diferentes em todas as épocas da evolução humana. O ser humano em virtude de sua insegurança e fraqueza, sempre buscou por meio de rituais, influenciar os acontecimentos através de forças de um mundo invisível, onde as relações são estabelecidas no tempo e no espaço.

Sabendo que as culturas inseridas no mediterrâneo atuavam consideravelmente no campo da magia, por que então não aceitarmos que as comunidades cristãs também compartilhavam destas mesmas realidades culturais? Por que não acreditarmos que em sua origem, o cristianismo experimentou e interagiu com essas culturas? Por que não

concordar que os cristãos praticavam magia, e isso para eles era uma prática comum? Era o apóstolo Paulo um praticante de magia, ou um homem divino?

O cristianismo primitivo descrito no Novo Testamento estava envolto num universo de homens sagrados, curandeiros, profetas, exorcistas, deuses, anjos, demônios etc. Nos relatos canônicos encontramos diversas práticas consideradas mágicas, como ressurreição de mortos, expulsão de demônios, amuletos mágicos, manipulações da natureza para promover curas, ou até mesmo a utilização de roupas para esse mesmo processo.

Nestas mesmas narrativas canônicas encontramos pagãos e judeus acusando Jesus e seus seguidores de serem executores de magia. Assim como Jesus, também temos o relato nos textos apócrifos sobre a figura de Paulo, como réu em um julgamento, cuja alegação principal era de que ele seduzia virgens para que estas não se casassem, “Prendam o mago, Pois está corrompendo nossas mulheres” (PIÑERO, 2005, p. 747). Teoclía a mãe de Tecla (a enfeitiçada), levanta a acusação de que a filha estava presa à janela como uma aranha, ouvindo as palavras de Paulo. Ela alega que a filha está dominada por um novo desejo e uma terrível paixão. Portanto, esta acusação descreve Paulo como um “executor de magia erótica”. Paulo também é acusado de privar as jovens de seus possíveis maridos, para que permaneçam castas, sem manchar suas carnes e, assim conservando-se puras. É acusado de seduzir as pessoas à doutrina do cristianismo (ser cristão) e, por fim, de ser um estrangeiro que prega palavras brilhantes e enganosas.

A hipótese a ser apresentada neste trabalho, será de que, a partir da figura de Jesus, bem como os seus seguidores e lideranças do movimento cristão, como o apóstolo Paulo, eram praticantes de magia, pois esta prática estava enraizada nas comunidades. Nosso propósito será demonstrar através dos textos, que a utilização de palavras, a invocações, os atos e feitos ocorridos são originários de ações mágicas.

Baseados nestas perspectivas, propomos para o estudo no primeiro capítulo de nossa tese, uma abordagem sobre as práticas mágicas no cristianismo primitivo, considerando através de referenciais teóricos e clássicos da antropologia uma elaboração do conceito de magia no mundo antigo, de forma que possamos compreender seu papel e atuação nas sociedades cristãs.

Ao apontar os conceitos de magia e religião, visamos compreender a relação de ambos os termos e a realidade social que os compõe, pois o que percebemos é que desde o início da humanidade os homens buscam compreender uma fase religiosa dominada

pela magia, ou o inverso disso. Porém não encontramos possibilidades onde estas se distanciaram, e não existiram juntas em um mesmo período na mesma sociedade.

Abordaremos também os conceitos de mago e homem divino, através dos pontos de vista destas comunidades, como eram vistos e definidos. Pois desta forma poderemos elencar as características essenciais e compara-las com nosso personagem principal, o Apóstolo Paulo.

Propomos a análise dos documentos que se referem ao período em que o cristianismo surge até a sua constituição como religião oficial do império no ano de 313 d.C. (NOGUEIRA, 2018, p. 39), visto que os textos produzidos neste período trazem informações importantes sobre as comunidades cristãs, mesmo estes textos não sendo aceitos como oficiais no Cânon religioso.

Os textos que serão abordados nesta pesquisa são datados do século I e II d.C. que são os *Papiros Mágicos Gregos* e os *Atos de Paulo e Tecla*. Em ambos é possível perceber elementos da magia em seu contexto, destacando como está prática era disseminada pelas comunidades.

Propomos para o capítulo segundo, a apresentação dos *Papiros Mágicos Gregos*, demonstrando qual sua origem, datação, e utilização entre as comunidades. Estes textos são um conjunto de receituários onde podemos observar que as práticas mágico-religiosas foram utilizadas em diversos aspectos religiosos, místicos e espirituais. Seu conteúdo consiste em orações, transes, exorcismos, evocações, manipulações de símbolos, magia de amarração, invisibilidade, curas, etc.

Através dos *Papiros Mágicos Gregos*, podemos perceber que as mais diversas religiões buscaram meios de preservarem suas práticas e seus rituais, estes que muitas vezes se confundem com a própria religião. Estes textos são fontes primárias em nossa pesquisa, de forma que o mesmo apresenta o intercâmbio cultural que ocorria no mundo mediterrâneo sobre as práticas mágicas em diversas sociedades do mundo Greco-romano.

Sobre esta perspectiva poderemos trabalhar a figura do mago, bem como compreender as estruturações dos feitiços, suas composições, e as formulações mágicas. Os feitiços destacados nesta pesquisa referem-se aos relacionados com o amor e amarração, e ao estudarmos estes feitiços poderemos compreender sobre quem eram os praticantes da magia, quais eram as suas vítimas e quais são os objetivos e precauções dos feitiços sobre as vítimas.

As divindades abordadas, também serão comparadas, e será possível percebermos um conglomerado sincrético das mais variadas religiões, sendo invocadas em um mesmo

feitiço, de maneira a realizar os mais diversos pedidos, desde que estes atendam aos desejos da humanidade.

O capítulo terceiro traz como objetivo apresentar a fonte principal da nossa pesquisa, os *Atos de Paulo e Tecla*. De igual modo também apresentaremos sua datação, composição, abordagens principais, relatos e narrativas sobre o texto. Nesta composição poderemos perceber uma das construções da imagem de Paulo no período do cristianismo primitivo.

Ao abordar a magia neste texto, poderemos compreender os fatores que ocasionaram a negatividade da prática e sua rejeição. Pois no momento em que um grupo percebe-se ameaçado, por práticas que deslegitimem seus conceitos fundamentais ou divindades, este grupo passa a agir contra os responsáveis por estas mudanças, de forma que possam excluí-los de seu meio.

Este capítulo também explanará os personagens, de forma a ligar o texto apócrifo com o texto canônico, apontando a importância que estas narrativas alcançaram no período em que foram compostos. Assim como compreender o ambiente cultural que os cristãos estavam imersos neste período, levando em conta a tensão, o conflito e a simultaneidade que existia entre o tratamento da temática no texto canônico e as mais diversas possibilidades de vozes nas entrelinhas dos textos e em textos complementares.

No quarto capítulo será abordado o enfoque final da pesquisa. Através das análises dos contextos das narrativas dos *Papiros Mágicos Gregos* e os *Atos de Paulo e Tecla*, podemos aplicar um conjunto de atributos à pessoa de Paulo, e lhe propormos o papel de mago, mas devemos perguntar se realmente o apóstolo utilizou técnicas mágicas ou se essa figura do mago foi cuidadosamente elaborada por um autor e existe apenas nas páginas de seu texto, com pouca ou nenhuma semelhança com as atividades de um indivíduo real e histórico.

As conotações do comportamento desviante que a magia carregava no mundo antigo garantiram que os oponentes de um movimento buscassem associar seu líder à prática da magia e prejudicando a reputação do mesmo e de seus seguidores. Se as representações de Paulo como um mago que aparecem dentro dos textos polêmicos são suportadas pela hostilidade e malícia que foi dirigida aos primeiros cristãos, então é altamente provável que a figura de “Paulo o mago” seja uma criação literária e, conseqüentemente, evidências extraídas dessas fontes não podem ser consideradas para representarem uma imagem historicamente precisa da vida do apóstolo. No entanto, existe também uma forte possibilidade de que esses textos representem uma perspectiva

alternativa sobre as atividades de Paulo e os primeiros cristãos, que foi suprimida pelo cristianismo primitivo e, portanto, é igualmente aceitável que essas fontes preservem os detalhes das atividades históricas rejeitadas pelos primeiros cristãos.

Uma vez que os materiais dentro desta tese serão extraídos de fontes não cristãs (*Papiros Mágicos Gregos e Atos de Paulo e Tecla*), e de fontes canônicas (como os Evangelhos Sinópticos), não podemos assumir, portanto, que o Apóstolo Paulo só pode ser discernido com as características positivas que compreendemos na atualidade. Do mesmo modo, devemos estar conscientes de que os autores dos textos canônicos podem estar inclinados a inserir material apologético e embelezar seu material favoravelmente para endossar a figura de seus personagens, distorcendo de modo semelhante a nossa percepção e criando uma figura literária que não tem semelhança à figura histórica.

## CAPÍTULO 1

# MAGIA E AS PRÁTICAS MÁGICAS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

## INTRODUÇÃO

O presente capítulo analisa a relação entre magia e práticas mágicas no cristianismo primitivo, de forma a considerar os pontos de crítica e desdobramentos a partir de referenciais teóricos clássicos da antropologia. Através dos desenvolvimentos teóricos, apresentaremos o conceito de magia de forma que possamos definir e fundamentar nossa pesquisa e nosso objeto de estudo.

Sobre a magia no Cristianismo Primitivo, nossa pesquisa abrangerá como foco de análise o período da antiguidade tardia: dos primórdios do cristianismo até a sua constituição como religião oficial do Império Romano (313 d.C.).

Selecionamos este período tendo em vista que os textos que trabalharemos nesta pesquisa se referem aos séculos I e II d.C., quais sejam: os *Papiros Mágicos Gregos* e os *Atos de Paulo e Tecla*. Em ambos os textos encontramos elementos de conteúdo mágico, demonstrando que, no período de formação das comunidades cristãs, a prática da magia era comum e muito disseminada na sociedade.

Também definiremos os conceitos de magia e religião, partindo do princípio de que uma não existe sem a outra. Ao invés, o que acaba prevalecendo são nossas definições

que visam distinguir esses termos, sendo que, na realidade, tanto a magia quanto a religião são compostas as mesmas dinâmicas sociais.

Após problematizar os conceitos de magia e religião, analisando suas fronteiras nebulosas e escorregadias, que resistem às definições rígidas e apressadas, partiremos para uma análise da cultura que regia o mediterrâneo no período Greco-romano, pressupondo que a população daquela região no período mencionado tenham vestígios e registros que foram integrados em nossas memórias e fomentaram as crenças e tradições das quais somos herdeiros ainda hoje. No âmbito religioso, percebe-se uma queda do interesse social pelos cultos oficiais dos deuses das *polis*, levando a um crescimento no interesse pelas forças do destino, que podem aliviar e determinar a vida dos homens. Ocorre uma intensificação da procura de fenômenos maravilhosos, visando o encontro com operadores de prodígios e milagres, que desenvolvem fama com rapidez neste período.

A tendência de acreditar que existam poderes e entidades que superam as forças humanas leva os cidadãos a interpretar, discernirem e influenciarem estas forças a seu favor. Como resultado, percebemos o crescimento da procura pelas práticas mágicas em geral.

Nossa proposta visa a uma indagação do imaginário social das sociedades neste período que leve em conta a materialidade da relação entre magia e religião a partir da cultura material. Pois, desta forma, poderemos dimensionar até que ponto o cristianismo fora sugestionado por relações fronteiriças com outras religiões, a ponto de assumir características de diversas outras tradições durante o processo de formação de seus dogmas e crenças.

Outro tópico que será abordado neste capítulo é a conceituação do “mago” e do “homem divino”, elencando suas características principais, seus pontos negativos e as definições de suas funções. Através desta análise, atribuiremos as características e pontuaremos quais delas podem circunscrever a figura de Jesus, considerando-lhe como referência inicial do cristianismo primitivo. Por meio das formulações de seu personagem, poderemos caracterizar também seus discípulos e seguidores, incluindo o apóstolo Paulo – objeto central de nossa pesquisa – que será caracterizado como “mago” ou “homem divino”.

## 1.1 A BASE DO PENSAMENTO CLÁSSICO SOBRE MAGIA

Ao longo dos anos, tem-se desenvolvido pesquisas sobre a temática da magia que inquietam os antropólogos com a seguinte questão: por que as pessoas acreditam na magia?

Por mais que existem diversas respostas a essa pergunta, a antropologia clássica definiu, no final do século passado, que “a crença na magia nada mais era do que uma tentativa, ilusória e falsa, de intervir na ordem do mundo” (MONTEIRO, 1990, p.5). Monteiro aponta ainda que o homem primitivo, ignorante das leis da natureza e se achando impotente diante dela, passou a lhe atribuir um significado mágico em seus fenômenos, pois, deste modo, esse homem poderia produzir sobre a natureza os efeitos que desejava.

Quando analisamos etimologicamente a palavra magia, percebemos que é necessária a investigação dos primeiros momentos da história humanidade e da civilização. Porém, a permanência das práticas mágicas até os dias atuais é creditada à força do passado e da tradição que, através de estruturas culturais sólidas mantiveram estes conceitos, transmitindo-os de geração a geração, de modo que as práticas mágicas sempre fossem aperfeiçoadas e atualizadas. Lembramos, porém, que desde o seu surgimento tais práticas foram temidas e negadas. Mesmo assim, continuaram sendo praticadas em grande escala e das formas mais ambiciosas.

Ao recorrer à magia, o homem desejava descobrir tudo o que fugia de sua compreensão racional, buscando desvelar aquilo que lhe era oculto, e procurando, por diversos meios e para o seu empedramento pessoal, uma base para acreditar que possuía controle sobre todas as coisas. Como relata Ribeiro, “o homem teve a tendência de acreditar e de aceitar o insólito, no qual ‘não se pode crer, senão crendo’” (RIBEIRO JUNIOR, 1939, p.11). Ou seja, era preciso acreditar que ele poderia ir além daquilo que estava ao alcance de sua visão, desbravando horizontes que povoavam suas mais complexas imaginações. Desta forma, por muito tempo a magia só esteve em poder daqueles que conseguiam interagir com os segredos da natureza e sua relação com os homens, visando desenvolver as atividades espirituais e ocultas do homem, até que outros pudessem obter esse mesmo autocontrole.

A origem etimológica da palavra magia provém da língua persa – “magos”, “mago”, “mágico”, “*ma geia*”, “magia”, “*mapeou*”, “praticar a magia”. Segundo

Heródoto, os verdadeiros magos eram um clã sacerdotal da Média que entrou em contato com os gregos por volta de 540 a.C. Quando Ciro, rei dos Medos e Persas, conquistou as cidades gregas da Ásia Menor, os Magos eram originalmente medos que se tornaram sacerdotes do Império Persa (SMITH, 1978, p.185). No dicionário Houaiss, encontramos a seguinte definição para o vocábulo “magia”:

arte, ciência ou prática baseada na crença de ser possível influenciar o curso dos acontecimentos e produzir efeitos não naturais, valendo-se da intervenção de seres fantásticos e da manipulação de algum princípio oculto supostamente presente na natureza, seja por meio de fórmulas rituais ou de ações simbólicas (HOUAISS, 2009).

Optaremos pela utilização dos termos “magia” e “mágico” neste trabalho. Embora cientes de que abrem um leque extenso para fundamentar todos os aspectos etimológicos, os termos abrangem a nossa pesquisa e ajudam a fundamentar nossa explanação sobre a temática.

As diversas acepções da palavra ‘magia’ nos sugerem que a credulidade em suas práticas e efeitos está intimamente relacionada com a impotência humana diante de incertezas e hesitações. Fossem agraciados com a sorte ou dispusessem de condições e aptidão para satisfazerem suas necessidades, os indivíduos, talvez, não estivessem tão propensos a recorrer à prática da magia

Os estudos sobre o conceito de magia se intensificaram a partir do século XIX, quando o tema passou a ser analisado cientificamente. Um dos pioneiros na temática foi o antropólogo Edward Burnett Tylor (1832-1917), autor das obras “*The Religion of Savages*” (1866) e “*Primitive Culture*” (1871). Tylor influenciou pensadores de diversos campos de estudos. Para ele, a magia e a religião não se assemelhavam, mas a magia continha práticas que se originam comportamentalmente em comunidades primitivas. O autor ainda defende que estas comunidades não possuíam uma religião própria, mas comportamentos e aspectos de religiosidades. Embora não possuíssem uma estrutura de religião, havia uma noção de divindade e adoração, levando a uma compreensão de que a natureza possuía uma força sobrenatural gerada por entidades (VILLAR, 2016).

Com base nos fundamentos de Tylor, James George Frazer produziu uma coletânea de doze volumes intitulada de “*The Golden Bough: a Study in Magic and Religion*” (1890). A partir dos estudos de Frazer, a problemática em torno da magia teve maior repercussão e a temática passou a ser analisada com muito mais critério. O autor acreditava que a magia vem antes mesmo da religião. Sua fundamentação baseia-se na

suspeita de que, antes dos ritos mágicos ineficientes, uma revolução é provocada na mente dos homens, que passam a ter noção de sua fraqueza e falta de compreensão das leis do mundo. Portanto, o homem descobre que não é forte o bastante para superar as forças da natureza e, diante dessa impotência, surgem às crenças religiosas (FRAZER, 1944, p. 57). Frazer acredita que na magia o praticante tenta controlar o mundo e os seus acontecimentos através de técnicas, enquanto na religião ele requisita o auxílio de espíritos e divindades. No primeiro caso, o homem está ligado à natureza e aos elementos naturais; no segundo, ele é projetado às crenças em direção ao abstrato e só posteriormente a isso passa a pensar cientificamente.

Em sua obra, Frazer define a magia a partir dos princípios lógicos, os quais resume em dois pontos:

Primeiro, que o semelhante produz o semelhante, ou que um efeito se assemelha à sua causa; e, segundo, que as coisas que estiveram em contato continuam a agir umas sobre as outras, mesmo à distância, depois de cortado o contato físico (FRAZER, 1982, p. 83).

Referente ao primeiro ponto, o mesmo é semelhante à lei da similaridade, segundo a qual o mago pode produzir qualquer efeito através da imitação. No tocante ao segundo ponto, todos os atos praticados sobre um objeto material surtirão efeito em pessoas que entrarem em contato com esse objeto, sendo parte de seu corpo ou não. Frazer nomeia as ações baseadas na lei da similaridade de “magia homeopática” ou “imitativa”, porque o mago imita os atos que ele deseja que ocorram, como, por exemplo, soprar fumaça aos céus para que nuvens se formem, gerando a lei de que o semelhante produz o semelhante. As ações baseadas no contato são nomeadas como magia de “contágio”, visto que tudo o que se fizer a um objeto afetará a pessoa a quem este pertence ou que possui uma ligação com ele. Neste tipo de magia são utilizados pertences pessoais como cabelos, roupas, unhas etc. Neste caso, por exemplo, um amante poderia conquistar sua amada lançando um encantamento utilizando seus cabelos.

O autor ainda destaca que o termo “homeopático” é o mais preferível, porque “imitativo” sugere a participação de um agente imitador consciente, o que limita a expressão. Porque o mago, de forma implícita, acredita que os mesmos princípios aplicados à sua arte também regulam as operações da natureza inanimada, ou seja, para ele, as “leis da similaridade e do contato são de aplicação universal e não limitadas apenas às ações humanas” (FRAZER, 1982, p. 84).

Através dessa forma de pensar e analisar a magia, Frazer a define como um guia enganoso de comportamento, pois a magia estaria baseada em suposições erradas e não

empíricas, o que a diferenciaria da ciência. A magia leva o homem a falsas noções, sendo uma forma primitiva de pensar cientificamente, pois a ciência é argumentada por uma série de leis de casualidade, que são previstas ou não, mas que agem de acordo com elas. O antropólogo destaca que a magia é mais que um conjunto de crenças, são técnicas para atingir certos fins. Portanto, o mago desenvolve um papel importante no processo, pois cabe a ele, como agente mágico, a eficácia sobre as suas ações, pois o mesmo deverá saber o momento certo para se utilizar de suas práticas para fazer valer a magia: se ele deseja chuva, a sua tentativa deverá ocorrer em um momento em que a mesma possa realmente acontecer, e não em um período de seca. O mago conhece a magia em seus aspectos práticos e não a partir de seus princípios abstratos.

O nome de Frazer foi, por muito tempo, consolidado como uma referência intelectual sobre a magia, tendo sua obra alcançado disciplinas que não eram relacionadas à sua área, até mesmo fora de seu país (PIRES, 2010, p.99). Com base em seus apontamentos, muitos autores debateram suas pesquisas, concordando com elas ou não, sempre lançando novas perspectivas e argumentações sobre o assunto.

Malinowski também é um autor que busca argumentar sobre a magia através de estudos sobre sociedades primitivas. Ele possui duas obras sobre a temática e seus escritos provocaram uma revolução na literatura antropológica. Os livros “*Argonauts of the western pacific*” (1922), e “*Magic, Science and Religion*” (1948) analisam os princípios de magia em uma sociedade trobriandesa<sup>1</sup>, considerando que a magia está presente em tudo o que é importante para a vida, assim como em outras sociedades. Ele lida principalmente com uma fase da cultura do povo papuo-malanésio chamada de “*Kula*”<sup>2</sup>, uma cerimônia que consiste na troca de pulseiras e colares de discos de conchas.

Malinowski apresentou todo o seu relato de vivência do “*Kula*”, demonstrando o seu cenário e ambiente cultural. Nesta cerimônia ocorre um intercâmbio cultural, pois as

---

<sup>1</sup> As Ilhas Trobriand são atóis coralinos que formam um arquipélago de aproximadamente 440 km<sup>2</sup> ao longo da costa oriental da Nova Guiné. A grande maioria de seus habitantes (± 12.000) vive na ilha principal: *Kiriwina*. Esta é, também, o local da sede governamental, Losuia. Outras grandes ilhas do arquipélago são: *Kaileuna*, *Vakuna* e *Kitava*. (<https://educalingo.com>).

<sup>2</sup> O “*Kula*” é um sistema de expedições marítimas utilizadas para uma forma de comércio primitivo empregado pelos nativos que navegam em suas embarcações de fabricações próprias. Essas expedições são feitas em círculos que percorrem as ilhas com tribos que pertencem ao sistema. Nestas visitas, trocam-se presentes entre os homens que visitam e os homens visitados, não tendo mulheres nesta expedição. Os itens de valor são comparados a ouro por sua preciosidade, mas na realidade do “*Kula*” são colares e braceletes de corais com fabricação própria. As transações de troca são realizadas por dois parceiros, e sua realização é vitalícia. A regra que consta é de que se você recebe um presente de alto valor, ou vários presentes, será necessário que se retribua, e essa retribuição não tem prazo para acontecer, mas deverá ocorrer (MALINOWSKI, 1978, p.62).

relações internacionais estão envolvidas no processo, e todas as tribos participam, independente de falarem ou não o mesmo idioma. Muitas das ilhas do extremo leste da Nova Guiné participam dessa troca cerimonial, formando o anel “*Kula*”. Ao longo deste anel vão se movendo os colares de casca vermelha no sentido horário e as conchas brancas dos braços na direção oposta, ambos são trocados e vice e versa. Quem recebe esses itens não permanece para sempre com eles, pois sempre deverão ser trocados, mesmo que não haja um período exato para essa troca. A magia está sempre presente nesse processo e Malinowski apresenta as fórmulas, os fatos e diversos dados, demonstrando que a magia é importante na cultura Trobriandesa, para não falar de sua importância preponderante nas transações “*Kula*” (GIFFORD, 1923, p.102).

Malinowski defende que tudo o que é essencial para a sociedade deve ser abordado pela magia (MALINOWSKI, 1978, p.56). Ao fazer essa afirmação, o autor demonstra que a tradição é importante no desenvolvimento da magia, pois ela está presente desde a civilização primitiva, apresentando rituais e cultos mágicos. Percebemos que a tradição permite ao homem contar sua história de formação, desenvolvimento e de como ele se desenvolveu no processo de se tornar família ou clã, mas essa história não demonstra sua real origem. Pois, no que concerne à magia, esta nunca se “originou” e nunca foi inventada: “Toda magia simplesmente ‘era’ desde o início um complemento essencial de todas as coisas e processos que interessam vitalmente ao homem e, no entanto, iludem seus esforços racionais normais” (MALINOWSKI, 1948, p.55).

Assim, segundo Malinowski, toda magia foi herdada dos tempos dos primórdios humanos, sendo originalmente recebida, e não inventada. O autor defende que a crença na existência natural primitiva da magia é universal. E conclui alegando “convicção de que só por transmissão absolutamente inalterada e imaculada é que a magia pode manter a sua eficácia. A menor alteração ao padrão original pode ser fatal”. (MALINOWSKI, 1948, p.27). No pensamento do autor, toda tradição, em toda mitologia, a magia sempre está em posse e conhecimento do homem. Desta forma, cabe ao mago o desempenho da coisa a ser encantada, como a forma de encantar.

Malinowski explica que a magia não é humana apenas na sua personificação, mas também em seu objeto, pois ela está presente nas principais atividades humanas, como caça, pesca, jardinagem, doenças, mortes, comércio, amor etc. Na perspectiva do autor, os efeitos da magia são um produto da natureza que foi influenciada pelo feitiço, um conjunto realmente mágico, pois a natureza não pode produzir a magia, apenas possuí-la, a ponto de ser manifestada e manipulada.

O autor também pontua que o rito, a fórmula, e a condição de executar são aspectos essenciais na prática mágica e que, mesmo estabelecendo regras e tabus desnecessários, os nativos tomam-lhes como essenciais para o sucesso de suas atividades. Por mais que a magia esteja sempre presente, a técnica também é de extrema importância. Os trobriandeses sempre discutem os processos técnicos de construção de suas canoas, mesmo possuindo habilidades tanto para sua construção quanto para a navegação.

Todo o processo de construção de uma *waga* é permeado de pequenos ritos mágicos e de tabus que devem ser observados pelo *toliwaga*, sendo que qualquer quebra desses procedimentos implica em uma canoa vagarosa, instável, pouco resistente e ruim no *kula*. No entanto, magia e técnica se complementam, sendo ambas imprescindíveis ao sucesso do empreendimento. Não é possível compensar uma canoa malfeita com magia, e isso os trobriandeses expressavam claramente em seu discurso. Portanto, existem vários rituais para dotar a canoa de velocidade e protegê-la em sua viagem, mas a qualidade técnica da construção ainda é essencial (PIRES, 2010, p.109).

Um fator interessante neste exemplo da magia da canoa é que os feitiços somente são pronunciados pelo construtor da canoa com a ajuda de alguns homens, e não pelo proprietário. O proprietário da canoa é chamado de “*Toliwaga*”, e como forma de pagamento aos seus trabalhadores lhes dá alimentos e presentes. Neste processo de construção devemos compreender que cabe ao *Toliwaga* escolher um feiticeiro, que será o responsável pela construção e por toda a magia que ampara a fabricação da canoa, desde o corte da árvore, a preparação do tronco para deixá-lo oco, as ataduras e pinturas, sempre lançando os feitiços nos processos.

A velocidade da canoa depende totalmente da magia: praticamente todos os feitiços se preocupam que uma canoa seja veloz. Alguns encantamentos antecedem a partida das canoas, pois quando os nativos se despedem de suas esposas, estas recebem encantos para não receberem a visita de outros homens, pois, caso haja adultério, a canoa onde seu esposo está ficará lenta.

O ritual da “*waga*” só é executado em seu processo de construção, não em processos de reforma (MALINOWSKI, 1978, p.322). Dessa forma, a magia para Malinowski complementa o conhecimento prático, de tal forma que sua utilização também garante a eficácia do processo junto com a perfeição da técnica. Por mais que a magia seja eficiente, ela não compensa uma construção ruim. Cada uma destas práticas possui a sua própria função.

Pires (2010), analisando os textos de Malinowski, aponta que os acontecimentos mitológicos demonstram aquilo que a magia pode produzir e que os poderes

extraordinários que os homens possuem derivam de seus conhecimentos mágicos, sendo a magia antiga dos mitos tida como a mais poderosa. Entretanto, o mito é um relato sobrenatural que para os nativos trobriandeses já não pode mais acontecer, pois a magia mais poderosa já se perdeu:

Se a magia pudesse ser recuperada, os homens poderiam novamente voar em suas canoas, rejuvenescer, desafiar os ogros e realizar os muitos feitos heroicos de que eram capazes nos tempos de outrora. Dessa forma, a magia, bem como os poderes que ela confere, constituem realmente o elo entre a tradição mítica e a atualidade (MALINOWSKI, 1978, p.228).

A magia não representa um aditamento inútil, ela exerce influência psicológica sobre os nativos, que confiam a ela o êxito de seu esforço, dando-lhes uma espécie de líder natural. Desta forma, na construção da canoa as ações são divididas: de um lado, a divisão das funções do especialista e seus ajudantes e, do outro, o trabalho da magia.

Outro fator importante para Malinowski refere-se ao fator linguístico. O autor demonstra que as palavras possuem poder em si mesmas, não havendo agentes intermediários: “A voz do recitador transfere a virtude” (MALINOWSKI, 1978, p.228). Portanto, ao citar as fórmulas, as palavras mágicas são atraídas pela repetição do mago. Sua compreensão surge durante seu trabalho de pesquisa de campo, ao notar que, na concepção dos nativos, a mente do indivíduo reside em algum lugar da sua laringe.

Na “*nanola*” (mente), está concentrada toda a inteligência, poder de discriminação, capacidade de aprendizado das fórmulas mágicas e qualidades morais. Desta forma, o homem que não fala, por motivo de deficiência, é considerado igual aos que possuem deficiência mental. A memória, entretanto, reside na barriga, como se fosse um receptáculo porque, por mais que o homem possua uma boa “*nanola*” e possa adquirir muitas fórmulas, estas são armazenadas na profundidade de sua barriga: “todo mundo carrega sua mágica no abdômen” (MALINOWSKI, 1978, p.229).

A magia deste povo, solidificada através das fórmulas mágicas, é carregada pelos homens através de seus corpos. Como uma cápsula que contém seu tesouro de maior valor. Portanto, a magia que reside no homem só pode ser evadida através de sua voz.

Nos textos traduzidos dos feitiços dos nativos trobriandeses são encontradas palavras que não fazem parte do discurso comum destes indivíduos. Malinowski as classifica como “arcaísmos, nomes míticos e compostos estranhos, formados de acordo com regras linguísticas incomuns” (MALINOWSKI, 1978, p.338). Embora possa haver um emprego de tempo para a análise destas palavras, existe uma dificuldade em vincular

seus significados. Desta forma, o autor destaca que a magia não é constituída por um estilo narrativo; ela não serve para comunicar ideias e não pretende conter um significado que seja consistente e consecutivo. Ao contrário disso, a magia é um instrumento destinado a propósitos especiais, destinada ao poder específico do homem sobre as coisas, e seu significado somente poderá ser compreendido em correlação com esse objetivo.

A dificuldade em ler essa produção traduzida se encontra justamente neste aspecto de falta de uma compreensão lógica. Portanto, esta lógica da mágica deve ser de conhecimento daqueles que a executam, pois devem possuir conhecimento específico para que se executem os feitiços com confiança e competência. Desta forma, a magia se dá nos objetos ou eventos da natureza através da repetição dos encantos até que haja modificação no mesmo, conforme o que foi solicitado.

Todos os tipos de magia executados na tribo, sejam de doenças, casos de amor, desejos, cerimônias e outras manifestações similares no organismo humano e na mente, são produtos de feitiços e rituais. A magia não é uma força universal que reside em todos os lugares e flui para onde e como quiser. Ao contrário disso, a magia é “um único poder específico, uma força única de seu tipo, que reside exclusivamente no homem, solto apenas por sua arte mágica, jorrando com sua voz, transmitida pela expulsão do rito” (MALINOWSKI, 1948, p.56).

Stanley Tambiah, em seu artigo “*The Magical Power of Words*”, discorda do ponto de vista de Malinowski sobre o poder da palavra e a inutilidade em comunicar ideias não contendo significados. Para o autor, o ritual é, ao mesmo tempo, uma junção de poder e ações combinadas, em vez de serem simplesmente “comportamento estereotipado que consiste em atos não-verbais e manipulação de objetos” (TAMBIAH, 1968, p. 175 - tradução nossa). Ele acredita que os rituais são complexos e envolvem “a exploração de diferentes formas verbais organizadas em sequência ordenada que sobreponham ações específicas” (TAMBIAH, 1968, p. 176 - tradução nossa).

Em seu campo de pesquisa, Tambiah analisou uma cerimônia de exorcismo cingalesa para compor seu argumento. Neste processo de observação, ele identificou três formas verbais que complementam os atos cerimoniais. Eles são chamados de *mantra*, *kannalavva* e *kaviya*. Para Tambiah, o uso desta variedade distinta de formas verbais se constitui o ritual.

Tambiah chama de feitiço o que é considerado o “mantra cingalês”. Esse mantra consiste de um discurso esotérico que não deverá ser ouvido e nem compreendido por ninguém além do próprio mágico, que possui este conhecimento secreto. Ele não possui

uma prosa, nem estrutura poética, mas possui uma característica de iniciação e término de ritual.

A cerimônia começa com a recitação deste mantra, que convoca os demônios responsáveis pela doença. E a linguagem de comando é acompanhada por uma linguagem de súplica e persuasão. O exorcista compreende que este mantra é uma linguagem dos demônios e não uma linguagem humana. O mantra incorpora “um *design* sutil que usa a noção de uma hierarquia de línguas” (TAMBIAH, 1968, p. 177 - tradução nossa).

Na invocação dos deuses hindus, a linguagem utilizada no mantra é uma versão distorcida do sânscrito, porém, no momento em que o mito da criação é recitado, ocorre na linguagem literária clássica do cingalês, e quando os demônios são abordados e ordenados “as palavras são uma mistura poliglota e, portanto, ininteligível, sendo compostas de cingalês, tâmil, pali, sânscrito, malaiala, télugo, bengali e até persa” (TAMBIAH, 1968, p. 176 - tradução nossa). Os mantras também possuem mitos abreviados que lançam bases para a próxima fase do ritual, chamada de “*kannalavva*”.

O “*kannalavva*” deve ser cantado em voz alta e possui uma prosa rítmica de linguagem comum e inteligível. Esta parte deve ser compreendida pelos participantes. Segundo Tambiah, é aqui que começa o aspecto público da cerimônia (TAMBIAH, 1968, p. 177 - tradução nossa). Neste momento, o ritual indica por que a cerimônia está acontecendo e descreve a situação e aflição do paciente, pedindo a benção da cerimônia para as divindades e aos demônios para agirem com misericórdia e removerem a doença. Geralmente estes pedidos são acompanhados de oferendas de alimentos.

Na sequência do ritual ocorrem os “*kaviya*” (versos) que ocupam a maior parte. Estes são compostos por versos poéticos na língua clássica cingalesa dos séculos XVI a XVIII, “perfeitamente inteligível, mas distinto da linguagem cotidiana contemporânea” (TAMBIAH, 1968, p. 177 - tradução nossa). Estes versos são gravados em textos e sua apresentação ressalta que devem ser cantados em voz alta para que se acompanhe a música e a mímica.

A cerimônia é concluída com o mantra que representa a pulsação do próprio demônio e o feitiço termina da seguinte maneira: “Assim como deus agiu de certa maneira, por uma determinada ação subjugou tal demônio, por esse poder o paciente pode superar a doença e o demônio ser subjugado” (TAMBIAH, 1968, p. 177 - tradução nossa).

Tambiah demonstrou através deste ritual de exorcismo que a linguagem é central para os ritos mágicos, possuindo força de igual modo às ações. Para ele, as próprias palavras são atos mágicos no contexto do ritual. Em seu exemplo podemos perceber uma

hierarquia de posições entre deuses e demônios e um estilo de linguagem próprio para cada um. Portanto, ambos possuem sentido e demonstram que não foram inventados, pelo contrário, demonstram uma sofisticação de lógica.

O feitiço convoca os demônios, invoca e suplica aos deuses, canta e dramatiza os mitos em forma de versos, e termina com um comando de exorcismo. Desta forma, é possível analisar como o feitiço foi construído, demonstrando através das formas verbais que ele possui duas dimensões. Para Tambiah, a primeira forma sugere que o feitiço está ligado a um panteão de deuses e espíritos; e numa segunda dimensão, o feitiço se relaciona com o ofício da comunicação, no qual um paciente e os participantes do ritual passam pela experiência da doença para a cura.

O autor procura demonstrar que em rituais de comunidades primitivas existe um complexo de palavras e ações, e as evocações que ocorrem ao longo do feitiço são um ritual. Portanto, as palavras ritualísticas não podem ser tratadas como uma categoria diferenciada. Tambiah aponta que mesmo a linguagem do ritual não tendo função de comunicação, ela sempre comunica algo, o que contradiz Malinowski:

A linguagem da magia não é qualitativamente diferente da linguagem usual; as mesmas leis de associação que se aplicam à linguagem em geral estão presentes na magia, como metáforas e metonímias, mas na magia o objetivo é transferir uma qualidade ao recipiente. Então, apesar de ser menos compreensível do que a língua ordinária, sua essência é a mesma. Não se compreende as palavras, mas se compreende o rito e sua função (PIRES, 2010, p. 110).

Pires destaca dois pontos de críticas entre os autores Tambiah e Malinowski. No tocante ao primeiro ponto, Tambiah compreende o rito como anti-intelectual e não explicativo, sendo apenas ferramentas de trabalho da prática diária. Já Malinowski diverge desta posição, compreendendo que a magia é um produto de limitações humanas de pensamentos, que resultou de falhas no conhecimento empírico.

No segundo ponto, Tambiah afirma que o ritual visa integrar e reestruturar as mentes e emoções dos participantes, combinando técnicas verbais e não verbais à linguagem que evoca imagens e comparações, o que leva a uma imitação de eventos reais reproduzindo atos técnicos e mostrando uma lógica sofisticada. Isto contraria o pensamento de Malinowski, para quem os rituais são vazios de sentido e indiscriminadamente conotados.

Sobre o processo de vocalização do ritual, concordamos com Tambiah, no sentido de que existe uma gramática complexa de gestos e sinais físicos que são incorporados e utilizados com frequência pelo praticante da magia. Também se nota o uso de incensos e

perfumes específicos, além de que a mente do ritualista está o tempo todo focada nas várias atividades que ele deve desenvolver ao longo do processo do ritual. Todos os elementos no ritual possuem uma camada diversificada de significados, sendo importante observar todo o processo, pois todos estes elementos, juntamente com o conhecimento que o ritualista possui sobre cada um deles é o que faz do ritual uma experiência subjetiva e eficaz para o praticante. Portanto, devemos igualar o valor do poder das palavras e as ações do ritual mágico nestes eventos de práticas mágicas, pois ambos são de grande importância no processo.

Através dos tempos, a magia vem sendo conceituada de diversas formas, mas acima de tudo a magia é um produto da elaboração humana: “É produto não só de sua razão, como de um sentimento natural de resistência humana frente às influências adversas do mundo” (RIBEIRO JUNIOR, 1939, p.10). Está embutida nas funções humanas, embora só se manifeste em ocasiões especiais. A magia é essencialmente uma questão antropocêntrica, faz parte do homem e de todo o seu conhecimento.

Ribeiro Junior (1939) aponta que à medida que o homem é desperto para as práticas mágicas, ele deixa de ser limitado, superando o plano empírico e contingente, unindo-se a todas as coisas, pois, quando o homem olha pra dentro de si, passa a superar todas as verdades, adquirindo o poder de dominar, sendo que uma nova dimensão lhe é revelada e ele jamais voltará a ser como antes. A partir deste novo conhecimento, o homem poderá então extrair tudo aquilo que ele puder e quiser, porque o universo todo é percebido como uma matéria viva. Neste estado de consciência do universo e do próprio eu é que o homem se torna um mago/mágico, pois a energia crescente internamente lhe permitirá explorar as entrelinhas da complexidade do mundo que lhe rodeia a fim de dominá-lo.

## **1.2 MAGIA E CONTEMPORANEIDADE**

Ao iniciar o estudo sobre a magia na antiguidade, tornou-se evidente que a nossa compreensão popular e contemporânea de magia é diferente do uso de seu termo no mundo antigo. A palavra “magia” sofreu distorções significativas em seu significado. Um dos principais motivos para isso é a falta de familiaridade com os sistemas de crenças na visão do mundo antigo. Para reconhecer o significado total que a palavra “magia” teria

tido na antiguidade, principalmente no período dos primeiros cristãos, o leitor moderno precisa desconsiderar sua própria concepção geral do comportamento mágico e tentar apreciar a perspectiva de sua ocorrência no primeiro século. Em seguida, tentaremos construir um modelo de trabalho de um mago no mundo antigo a partir das várias fontes religiosas, mágicas e literárias que fornecem evidências das características tipicamente associadas a magos que operaram na antiguidade.

Marcel Mauss é um estudioso da arte mágica. Em seu trabalho intitulado “*Esboço de uma Teoria Geral da Magia*”, ele afirma que: “Mágico é todo indivíduo que efetua ações mágicas, mesmo não sendo um profissional que possui os conhecimentos necessários”, ele também descreve que “as representações mágicas são as ideias e as crenças que correspondem aos atos mágicos; quanto aos atos, em relação aos quais definimos os outros elementos da magia, chamamo-los ritos mágicos”. (MAUSS, 2003, p.55).

A argumentação do autor se baseia nas ciências sociais. Para ele, “magia é uma crença coletiva, unânime, e é a natureza dessa crença que faz a magia poder facilmente transpor o abismo que separa seus dados de suas conclusões” (MAUSS, 2000, p.131).

Mauss afirma que não podemos definir um fenômeno como mágico apenas por este ter sido assim considerado por meio de uma interpretação subjetiva. A comunidade toda precisa considerar o que é mágico e não apenas uma fração dela. Além disso, para uma prática ser considerada magia deve envolver agentes, atos e representações. Os atos ritualísticos são repetidos por tradição. E tal repetição é necessária para serem considerados atos mágicos, assim como a crença, de toda a comunidade, na eficácia dos ritos.

O autor define a magia não como um produto religioso, nem como especulação, mas sim como uma forma de pensamento humano, e este é o ponto para compreender tudo o que é considerado mágico. A magia é uma função social que analisa as condições individuais e coletivas (MAUSS, 2000, p.174).

Susan Greenwood define que a “magia é parte integrante da vida humana, mesmo que tenha sido desvalorizada, suprimida e conduzida no subsolo de modo que se manifeste no que pode parecer ser formas inesperadas” (GREENWOOD, 2009, p.4). A autora retrata ainda que a consciência mágica ocorre de diversas maneiras em diferentes indivíduos, contextos culturais e período de tempo.

As diversas práticas mágicas religiosas eram utilizadas com intuito espiritualista e místico. Elas consistem de orações, exorcismos, simpatias, curas, transes, unções, rituais

de iniciações, rituais festivos, evocações e projeção astral. Segundo a crença de antigos povos, o homem poderia comandar os deuses utilizando a magia das palavras, mas esses deuses seriam, na verdade, os poderes ocultos e latentes da natureza. A magia teve grande interferência no mundo grego ao longo de sua existência, mas seu maior destaque ocorreu em torno dos séculos III e IV a.C.

Gabrielle Cornelli também produz uma definição de magia. Para ele:

A magia é talvez a forma de resistência mais radical e profunda no âmbito religioso, e, ao mesmo tempo, a mais pacífica e cotidiana possível. Ela é muito difícil de ser controlada pelas instituições religiosas oficiais. E, ao mesmo tempo, em situação normal, não se põe abertamente em contraste com a religião oficial. Aliás, usa muitas vezes das mesmas tradições, das mesmas fórmulas, mas ao mesmo tempo dispensando os canais oficiais, as mediações deputadas, para chegar a Deus. Esta última observação vale, sobretudo, para a magia popular, ligada à prática dos magos e curandeiros populares (CORNELLI, 2007, p.68).

Para Cornelli, a magia e a religião se contrastam, mas uma não pode controlar a outra, pois ambas possuem suas diversidades que foram construídas ao longo do tempo através de histórias de diversas denominações e formas de resistência, mas ambas se utilizam das mesmas práticas e tradições.

Magia é a religião do outro, diferente não pela diversa natureza do sagrado (não demonstrada), mas enquanto expressão ideológica de algo estranho, e potencialmente perigoso na ordem do poder simbólico, ao mundo do dominador (CORNELLI, 1998, p.72).

A magia é uma das primeiras manifestações da razão humana. Através dela, outras atividades como a cultura, a técnica, a ciência se originaram: “Em termos axiológicos, o desaparecimento da magia significaria a dissolução da própria cultura, a negação de sua forma fundamental” (RIBEIRO JUNIOR, 1939, p.10).

Para os cientistas, não existe uma compreensão lógica de como um conjunto de rituais, fórmulas e práticas é capaz de dar ao homem a compreensão de um mundo físico, que exerce influência em diversas fases da sua cultura. Não haveria superstição, se o homem pudesse dirigir suas atividades por um conjunto de regras ou se contasse apenas com a sorte, pois as regras são frágeis e existe muita credulidade em contar com a sorte.

Deste modo, o mundo se dividiu em duas esferas. Em uma parte, o mundo pode ser controlado de tal modo que o ser humano pode satisfazer suas necessidades; do outro lado, a capacidade para realizar feitos é insuficiente para garantir êxito. É nesta segunda esfera que a magia assume seu papel: “Através dos tempos, a magia tem sido considerada

como arte e como ciência. Arte, porque requer dons especiais; ciência, porque exige conhecimento especializado (RIBEIRO JUNIOR, 1939, p.11).

A arte e a magia são produtos elaborados pelo homem, não somente por sua razão, mas por um sentimento natural. A magia dá ao espírito humano um instrumento de certeza filosófica e religiosa que transforma a fé na inteligência em fatores absolutos:

A magia encerra, pois, numa mesma essência, o que a filosofia pode ter de mais certo e o que tem a religião de infalível e de eterno. Ela concilia perfeita e incontestavelmente estes dois termos que, à primeira vista, parecem opostos: fé e razão, ciência e crença, autoridade e liberdade (LEVI, 1924, p.12).

Levi descreve que a razão suprema não vacila diante dos entendimentos humanos, pois existe uma verdade incontestável, um método infalível de conhecer a verdade, e através desta verdade os homens que a assumem como regra transformam a sua vontade em uma potência soberana que os tornará senhores de todos os seres inferiores e de todos os espíritos erradios, o que os torna reis do mundo.

Entretanto, a magia é um fenômeno complexo. Ela não é apenas um conjunto de práticas, cerimônias e ritos que busca interferir no curso natural dos acontecimentos com a ajuda de forças sobrenaturais. Ela também representa uma visão completa do universo, uma regra de vida. Por isso, ela é uma filosofia de vida que postula princípios fundamentais e que estão relacionados sistematicamente, buscando explicar o homem, o universo e deus.

A magia é considerada uma hiperfísica (RIBEIRO JUNIOR, 1939, p.20). Sua intenção é ultrapassar o domínio das energias físicas, ou seja, a energia da natureza. Ela se apresenta como uma nova física, qualificada como sobrenatural. Portanto, cabe ao mago aprender a controlar as energias ocultas da natureza para que, desta forma, atinja os agentes hiperfísicos, ou sobrenaturais, aprendendo a manipulá-los e submetê-los à sua ordem. Isso não significa que a lei do universo será alterada. O que se pretende é dispor das energias existentes na ordem natural.

A magia não depende de que nela acreditem aqueles sobre os quais ela é praticada. Uma vez que a magia entra em ação, pela intervenção de determinados processos, não tem importância que a pessoa a quem se dirige a prática mágica tenha ou não consciência disso – ou a força existe e atua, ou não; o acreditar apenas nela não basta para o seu êxito (RIBEIRO JUNIOR, 1939, p.11).

Através da magia, o homem busca conservar a ilusão do seu livre arbítrio, pois existe a sensação de que ele conduz, ao invés de ser conduzido, e não está mais submetido às leis inflexíveis que comandam a matéria, restando-lhe apenas o inevitável.

Betz aponta que a magia é a arte de fazer as pessoas acreditarem que alguma coisa está sendo feita por sua vida, principalmente em momentos que todos sabem que não podem fazer nada: “A magia é a arte que faz com que as pessoas que a praticam se sintam melhor, em vez de pior, que fornece a ilusão de segurança para os inseguros, a sensação de ajuda aos sem ajuda, e o conforto da esperança aos desesperançados” (BETZ, 1985, p. xlviii - tradução nossa).

Portanto, apela-se à magia para escapar do determinismo, dando-lhe liberdade em um contexto opressivo e repressivo. A magia mostra ao homem que as transformações não conhecem limites e que o mundo é maleável, e que, negando esta perfectibilidade, o homem estaria negando a si mesmo.

Diante das características da magia apresentadas nesta tese, propomos a seguinte definição do termo: Magia é uma crença baseada em seus próprios propósitos, sendo que os indivíduos que a manipulam buscam se autobeneficiar, acreditando que interferem e manipulam o mundo como um todo através de práticas mágicas. Esta crença está intimamente relacionada aos desejos humanos de possuir controle social, físico e sobrenatural, de tal forma que intervém nas forças que perpassam a natureza humana. Portanto, a magia é manipuladora e age através de rituais sobre poderes impessoais para se apropriar deles.

Consideramos que a magia concede a um indivíduo um aspecto de confiança sobre seus medos, trazendo-lhe explicações para seus infortúnios e fornecendo bases para as causas humanas que são incompreensíveis. A magia age de forma a diluir tensões que sucumbiriam em lutas e mortes, pois o temor do desconhecido possibilita recuos para que haja compreensão. Desta forma, ela atua como controle social, pois, direcionada contra a acusação de sua prática, motiva o indivíduo a evitar comportamentos antissociais ou desviar-se dos valores estabelecidos e, portanto, promove a ordem na sociedade.

Embora essa forma de pensamento gere problemas, sabemos que pessoas temem profundamente as práticas e ações dos magos e algumas sociedades por muito tempo viveram em constante temor e terror sob o domínio de magos. A magia existe desde o Paleolítico e parece ter sido praticada por todas as sociedades, sempre apontando características essenciais que justificassem sua utilidade. Há, no entanto, um etnocentrismo tênue na forma como pensamos a magia. Essa pode ser a expressão de uma visão de mundo diferente, um modelo do universo com um determinismo maior que o nosso.

### 1.3 MAGIA E RELIGIÃO

A maioria das pesquisas que desenvolvem os conceitos de magia e religião busca averiguar a magia comparando-a com a religião. As diferenças ou semelhanças substantivas entre os temas “magia” e “religião” têm sido tema de investigação acadêmica. Porém, não é suficientemente clara a distinção entre estes conceitos, visto que possuem dificuldades próprias de definições. Quando ocorre um confronto na busca destas definições, o pesquisador parece fazer malabarismos com bolas de água. Frazer, um dos primeiros autores a tentar diferenciar os termos através de estudos comparativos de mitos e folclores em sociedades primitivas, defende a tese de que o pensamento humano passou por uma evolução do estágio mágico para o estágio religioso, e daí para um nível científico (FRAZER, 1982). O autor acredita que, na magia, o utilizador busca controlar o mundo e seus acontecimentos através de técnicas, enquanto na religião ele é auxiliado por espíritos e divindades.

Sua teoria ainda é defendida nos dias de hoje por teóricos, da mesma forma que é rejeitada por outros que buscam mostrar que magia e religião não podem ser separadas, visto que a magia “é uma construção amplamente ocidental imposta a culturas consideradas incivilizadas e irracionais” (INGRAM, 2007, p. 10).

Ingram aponta que os que defendem que não se pode dicotomizar os termos apelam para dois argumentos principais: o primeiro, de que magia e religião são pontos de vista de uma mesma atividade; o segundo sugere que a distinção entre magia e religião é falsa, pois ambas possuem elementos uma da outra.

Marcel Mauss também analisa magia e religião buscando compará-las e, ao mesmo tempo, contrapô-las. Para este autor, existe uma linha muito tênue na divisão imaginária de ambas, o que possibilita que elas sejam confundidas e distinguidas dentro do mesmo campo do sagrado. Em seu trabalho sobre o “*Esboço de uma teoria geral da magia*” (2003), ele destaca a importância de se compreender a religião como um fator social, de modo que se possa lidar com os elementos que são aparentemente opostos e paradoxais, e que estão ligados em essência num mesmo espaço. O autor busca outros elementos do campo sagrado como bases para contrapor a magia e a religião, como o mito e a lenda, a prece e o encantamento, os sacrifícios e ofertas, deuses e espíritos etc.

Sobre os elementos sagrados, o autor é mais detalhado em seu texto intitulado “*Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício*” (2001). Refletindo sobre o sacrifício,

Mauss demonstra que o mesmo é um elemento fundamental da religião e que, quando confrontado com a magia, traz compreensão sobre a religião. Ao tentar confrontar dois temas, ele elabora uma teoria do rito e uma noção do sagrado. O rito tem caráter de imposição para obter um determinado fim. Monteiro, em sua análise sobre o posicionamento do rito elaborado por Mauss, destaca:

A magia, mesmo quando praticada por indivíduos isolados, nunca é criação de um homem só; ela está sempre fundada em crenças coletivas. Qualquer rito ou cerimônia só tem sentido e eficácia porque quem está agindo através do mágico é a própria sociedade. Porque a crença é anterior ao resultado, a operação mágica que fracassa nunca coloca em xeque o sistema. Quando o resultado esperado não vem, refazem-se os ritos, varia-se a técnica e, no limite, substitui-se o mágico. Mas a crença no sistema permanece (MONTERO, 1990, p.12).

O que Mauss quer demonstrar é que a prática da magia e da religião só tem sentido quando estão relacionados com a vida social: “Ambas ocorrem através de rituais e a importância e o sentido do rito não está na prática individual, mas social. Magia e religião são, portanto, fatos sociais que acontecem intermitentemente no âmbito do sagrado” (PEREIRA, 2007, p.143).

Tanto a magia como a religião, para Mauss, possuem noções do sagrado, pois o mágico age sobre forças espirituais, portanto, forças religiosas. Desta forma, a magia também pertence ao campo sagrado, o que a caracteriza também como um fato social.

Ao colocar magia e religião em polos opostos, Mauss afirma que “enquanto a primeira age diretamente sobre o objeto, forçando e obrigando o efeito, a segunda concilia” (MAUSS, 2003, p.55), pois o rito mágico se caracteriza por sua eficácia e capacidade de gerar algo além do esperado. Porém, esta eficácia não é avaliada constantemente, pois a magia possui uma classe distinta de fenômenos que compreendem agentes mágicos, atos, crenças e sistemas de ideias, e que, quando não são repetidos e cuja eficácia não é constatada pelo grupo, não são caracterizados como mágicas. Portanto, a magia tem caráter forte e social, não somente individual. Ela depende do reconhecimento do grupo e não de manifestações individuais. Na concepção do autor, devemos compreender a magia como um fenômeno suscetível, sendo que sua definição não está baseada nem limitada aos seus participantes. Somente quando se analisa os olhares daqueles que estão de fora é que se pode possuir uma compreensão mais abrangente da magia. Para Mauss, “a magia é, portanto, um fenômeno social” (MAUSS, 2000, p. 174).

Cornelli defende a tese de uma concepção sobre a tríade religião, magia e ciência, através de uma visão positiva evolucionista baseada no pensamento de J.G. Frazer. Ele descreve que a magia, por meio da superstição primitiva, regia uma crença de origem, de tipo animista, para a qual as pessoas e as coisas possuíam espíritos, almas e forças dominadoras, o ser humano não possuía um deus próprio e pessoal, portanto não possuía uma ligação com o divino. As forças existentes

podiam ser manipuladas, dominadas, dirigidas para fins especiais através de ritos específicos. Logo, o mágico desvenda-se como *expert* nos espíritos, sendo assim capaz de dirigir a vida das pessoas e da comunidade em geral (CORNELLI, 1998, p.61).

O autor propõe ainda que, posteriormente, com a evolução, os seres humanos passam a compreender que existem fenômenos sobre os quais os ritos mágicos nada podem, pois o mundo possui poderes que o homem não pode coagir. Assim, os magos perdem a influência, dando lugar aos sacerdotes que interpretam a vontade eterna e imutável de deus. A magia é substituída pela religião. Por fim, como último estágio da evolução humana, a divindade se torna inútil, pois tudo acontece segundo leis específicas da ciência, sem precisar de magia nem de religião para isso (CORNELLI, 1998, p.61).

Reconhecemos, assim, como Cornelli, que problemas podem ser encontrados neste esquema, pois a magia e a religião são opostas à ciência, pois divergem no fator da crença. A magia também não é um desejo de poder sobre o sagrado, portanto não se contrapõe à religião. Através da magia, o ser humano busca no transcendente algo que lhe foge à compreensão. Outro problema se refere ao fato de que a magia é, ao mesmo tempo, ciência e religião, pois busca compreender as forças que regem o mundo assim como confia nos espíritos que transformam o mundo, sejam eles bons ou maus.

Toda religião quer-se eficaz na resolução dos problemas (espirituais ou não) das pessoas. Usa assim a magia para isso. Toda ciência, querendo ser eficaz, chega a lidar com o inexplicável, tendo de reconhecer (e usar) forças (que chama de energias) das quais bem pouco pode dizer cientificamente. De novo, a magia é uma parte das outras duas (CORNELLI, 1998, p.62).

O autor conclui seu pensamento afirmando que a magia ocupa espaços seja na religião ou na ciência e que em nenhum momento da história houve vestígios de que uma tenha existido excluindo a outra totalmente.

No século XIX, o conceito de magia passou por mudanças. As ideias de Tylor, Frazer e outros teóricos que compartilhavam da mesma opinião passaram a ser criticadas. Houve a defesa de um conceito de evolucionismo cultural, de acordo com o qual as sociedades evoluíram com o passar dos tempos. Mas, isso não confere com a realidade,

pois, em nossa atualidade, ainda existem tribos e sociedades que mantêm os hábitos que remetem a séculos passados, ou até mesmo a milhares de anos. Se houvesse realmente uma evolução social e cultural determinante, seria necessário que todos os povos tivessem evoluído.

Outro fator ser considerado é o fato da magia não pertencer somente a povos primitivos, pois civilizações consideradas superiores, a exemplo dos egípcios, sumérios, gregos, romanos, persas etc. também se utilizavam da magia. Portanto, baseando-se nestas críticas e na composição da história, da antropologia e da cultura, pode-se observar que o pensamento mágico não é algo originário das e nem limitado às culturas primitivas, mas a magia foi uma concepção que se originou em diversas formas, entre diferentes povos, diferentes culturas ao redor do planeta, e que tem sobrevivido por um longo período (VILLAR, 2016).

Crossan, ao expressar seu pensamento sobre a temática, comparando-a com o cristianismo primitivo, afirma que “a magia está para a religião assim como o banditismo está para a política. Enquanto o banditismo contesta a legitimidade do poder político, a magia contesta a do poder espiritual” (CROSSAN, 1994, p. 342). Para o autor, não existe diferença entre magia e religião, pois as práticas que são legitimadas como religiosas também são rotuladas como magia. Desta maneira, não existe diferença substancial entre religião e magia, entre os milagres e os feitos mágicos. Crossan pesquisa o Jesus histórico e destaca ser interessante ver teólogos cristãos descrevendo Jesus como um milagreiro – e não um mago – para depois tentarem estabelecer diferenças objetivas sobre as duas categorias. Essa necessidade de argumentação ideológica aponta para um caráter tendencioso de proteger a religião e seus milagres da magia. A magia é uma reação das classes subalternas, do povo, pois sua situação de opressão o leva a produzir um tipo de religião que atenda suas necessidades materiais e simbólicas de uma vida de escravidão.

A reação no âmbito religioso deve ser compreendida dentro de um conflito de classes, que alienam as classes subalternas de uma participação política direta e as margeia para uma área que pode ser controlada com mais dificuldade, onde um espaço de liberdade permite a reprodução do mesmo conflito “por dentro de um âmbito simbólico, mas nem por isso menos político” (CORNELLI, 1998, p. 57). Cornelli, ao esclarecer a expressão “reação”, destaca que a magia tem a ver com o povo, com as classes subalternas e com o campesinato Galileu. A magia é um protesto contra a prática religiosa oficial, portanto, ela age como uma expressão de conflito de classe, propondo mudanças no sistema. Weber também aponta a magia como uma religião ilegítima e inferior, mas que,

ainda assim, permanece com o caráter de religião, de igual modo à oficialidade da religião não a coloca como detentora do monopólio sagrado. A magia está muito próxima da religião instituída como oficial, sempre sendo entrelaçada pelos mesmos conceitos.

Antropólogos como David Aune (2008), Levy-Bruhl (1970) e Maurice Blondel (1929) acreditam que não se pode estudar magia e religião como categorias sociais separadas. Levy-Bruhl resume que

a mentalidade primitiva é mística e pré-lógica, fundamentada sobre representações coletivas e ligadas entre si pelo princípio de participação, que é indiferente à contradição. Esse pensamento é dominado pela categoria afetiva sobrenatural. Assim se explicam as crenças e as práticas mágicas, supersticiosas dos povos primitivos, nas quais se veem os seres e as coisas participarem uma das outras, serem ao mesmo tempo eles e um outro (LEVY-BRUHL, 1970).

Blondel destaca que a mentalidade mágica está presente em todos os homens, e que, no pensamento humano, sempre haverá elementos com características místicas, bem como também existem entre todos os primitivos a noção de Deus e de religião.

Na área da sociologia, Durkheim declara que a magia e a religião são compostas por ritos, crenças, dogmas e mitos. Para ele, enquanto a religião está ligada ao funcionamento da sociedade pelo seu sistema de representações simbólicas coletivas, a magia busca fins técnicos e utilitários, focando na realização prática de ações da vida (DURKHEIM, 1996, p. 26). Mauss aprofunda o pensamento e aponta que a religião tende à metafísica e a magia a uma vida mística que visa suprir as necessidades dos leigos. Portanto, a magia tende ao concreto e a religião ao abstrato. A magia, para Mauss, é um “objeto de crença” (MAUSS, 2003, p. 126).

Quando encontramos pessoas com necessidades físicas ou psíquicas que são resultados de manifestações de espíritos maléficos que foram solicitados para esse fim, automaticamente elas são tratadas através de mecanismos mágicos que atuam segundo a mesma lógica de funcionamento: com a manipulação de poderes sobrenaturais. “A crença neste tipo de diagnóstico mágico e de procedimento ritualístico para a solução do problema nos revela uma característica marcante da magia na dinâmica social, a crença precede sua prática” (LEITE, 2010, p. 124). A crença é o que permite ao homem aderir por completo a uma ideia e concede a ele todo significado e intenção necessários para torná-la válida.

Para Malinowski, tanto a magia como a religião surgem e funcionam por situações de estresse emocional como lacunas na vida, crises de existência, iniciações aos mistérios, relacionamentos amorosos e sentimentos de insatisfação com o próximo. Para o autor,

“tanto a magia quanto a religião se abrem e escapam de situações e impasses que não oferecem saída empírica exceto por ritual e crença no domínio do sobrenatural” (MALINOWSKI, 1948, p. 67). Esse domínio, segundo o autor, na religião abrange as crenças em espíritos e fantasmas, pressentimentos primitivos, a providência e os guardiões das tribos; na magia, o que domina é a força primordial e a virtude. Ambas são baseadas em traços mitológicos, milagres e existem numa constante revelação de seu poder de fazer maravilhas.

Concordamos com Durkheim de que é uma medida inválida tentar separar a crença da magia da crença da religião, pois ambas são impactantes na sociedade porque foram geradas nelas para compor as atividades humanas. E destacamos que todas as teorias que pretendem colocar nos inícios da humanidade uma fase de religião dominada pela magia, ou o contrário disso, colocando uma teoria de pré-histórica mágica que é antecede a religião não trazem aprofundamentos científicos. O que podemos ver e compreender, como resultado dos conhecimentos que possuímos atualmente sobre a temática, é que no início da história humana a magia e a religião coexistiam na mesma sociedade, e é claro que elas subsistiram até o fim, pois “cada vez que a religião é marginalizada e negligenciada, a magia ressuscita com renovado vigor” (TERRA, 1985, p. 19).

Magia e religião não têm apenas sua origem na sociedade, mas se identificam com ela, ou seja, a religião se caracteriza nos anseios que a sociedade expressa como relevantes, mesclando aos resquícios da religião os traços fortes de um individualismo religioso, nos quais a magia se evidencia por estar em seu ambiente natural, visto que a magia está caracterizada pelo fazer. Portanto, religião e magia sempre se relacionaram, sendo ambas a face de um mesmo fenômeno.

Almeida, ao explicar sua compreensão com base no pensamento de Crossan, ressalta que é preciso desmascarar a distinção de que uns praticam religião e outros praticam magia, pois os termos utilizados representam somente uma posição ideológica e não uma diferença prática, sendo apenas uma forma de sustentar a religião oficial e desmistificar a religião não reconhecida. Concordamos com o autor em sua definição de que “magia é religião, ainda que uma forma marginalizada, encontrada mais nas fronteiras da semiosfera da religião oficial. Uma forma religiosa que dialoga com outras formas de religião, outros ritos, fórmulas e fontes de poder “oficiais e não oficiais”” (ALMEIDA, 2017, p.31).

## 1.4 PRÁTICAS MÁGICAS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Partindo do princípio de que magia e religião são partes integrantes de um mesmo fenômeno social, seguiremos nossa pesquisa com uma análise do cristianismo primitivo e suas questões culturais, cientes de que diversas questões serão debatidas sobre o ponto de vista científico. Mas estes desafios nos possibilitam compreender as vias de acesso de um mundo antigo que está envolto por camadas estratigráficas dentre as quais pesquisadores através dos tempos estão tentando decifrar nossas heranças e dimensões históricas.

Buscaremos delimitar nosso campo de pesquisa no cristianismo antigo, que estava inserido na cultura antiga mediterrânea e que esteve sujeito a interações com uma infinidade de práticas culturais (CHEVITARESE, CORNELLI, 2007). Ou seja, o cristianismo antigo é uma imensidão cultural, de ambiente diversificado, composto de elementos culturais de diversas sociedades que compunham o mediterrâneo. Um “caldeirão cultural” (JUSTI, 2010, p. 2) ocorre dentro do ambiente onde o cristianismo começa a ser forjado, considerando a experiência religiosa plural dos seres humanos e rompendo a ideia de um cristianismo monolítico.

A proposta principal da nossa pesquisa refere-se às práticas mágicas presentes no século I e II d.C., num ambiente greco-romano onde nasce o cristianismo e ocorre a sua propagação. Nogueira (2018) aponta que até o ano 100 d.C. pode-se referir ao cristianismo originário e que, posteriormente a esse período, para os exegetas perde-se o poder de testemunho apostólico garantido, dando espaço a processos de interferências de tradições populares e sincréticas. Porém, o autor não concorda com essa teoria, visto que devemos compreender o cristianismo como um sistema de linguagens, no qual todo material e documentação produzida “*a posteriori*” são valorosos para a compreensão do cristianismo primitivo. Concordamos com a proposta de consideração de textos posteriores feita por Nogueira, visto que também pretendemos abranger este período como análise de campo de nossa pesquisa, estudando a magia nos *Papiros Mágicos Gregos* (séculos I a V d.C.) e a acusação de magia sobre o apóstolo Paulo nos *Atos de Paulo e Tecla* (século II d.C.).

O Novo Testamento, os escritos dos Pais Apostólicos, a Didaquê, os Textos Apócrifos, as Atas dos Mártires e os Papiros ampliam o conceito de cristianismo primitivo, “entendendo-o com um movimento religioso cujo processo de estabelecimento

se dá em um processo longo, de fluidez identitária e na criação de uma ampla rede textual” (NOGUEIRA, 2018, p. 37-39). Portanto, visando estabelecer uma data limite para estudar a historiografia tradicional do cristianismo primitivo, Nogueira propõe o ano de 313 d.C., com o edito de Milão, pelo qual o Imperador Constantino concederia ao cristianismo o *status* de religião reconhecida pelo império.

Para Nogueira, a origem do cristianismo como religião ocorre de forma intensa com movimentações geográficas, sociais e culturais:

Jesus de Nazaré e seus discípulos eram pregadores itinerantes que tinham como objetivo pregar sua mensagem a todo o povo de Israel. No entanto, eles também causaram escândalo por circular entre grupos sociais considerados marginais e impuros, como os estrangeiros, prostitutas, cobradores de impostos etc. Em algum momento, entre a missão de Jesus na Galileia e os primeiros anos de vida das comunidades, a pregação dos seguidores de Jesus de Nazaré alcançou comunidades judaicas da diáspora de grandes centros urbanos como, por exemplo, Antioquia, capital da província romana da Síria (NOGUEIRA, 2018, p. 33).

Dentro dessa diversidade de possibilidades é possível perceber que as comunidades e culturas antigas estavam completamente submersas no mundo da magia. A religião romana já estava constituída por princípios e formas de cultos gregos e, mesmo que não aceitasse com bons olhos a magia, esta já estava presente entre os judeus, gregos e romanos. Assim, não podemos negar que o judaísmo também estava inserido em um contexto mágico dentro de suas circunstâncias históricas.

Ao pesquisar o cristianismo primitivo e o papel da magia em suas origens, a figura principal e ser destacada é Jesus. Embora nossa pesquisa seja constituída sobre o apóstolo Paulo, é necessário compreender o emprego da magia na figura de Jesus, para que, desta forma, possamos desenvolver o mesmo pensamento para categorizar o apóstolo, tendo em vista que nos *Atos de Paulo e Tecla*, o apóstolo é acusado de magia, pois seduz as virgens para que elas não se casem. Portanto, partindo dessa acusação traçaremos uma análise do contexto e da imagem de “mago” ou “homem divino” para atribuí-la ao apóstolo Paulo, pois compreendemos, assim como Nogueira (2018), que as apresentações dos apóstolos nos livros dos *Atos dos Apóstolos* e nos *Atos Apostólicos Apócrifos* também os retrata como poderosos taumaturgos e milagreiros, visto que suas performances são caracterizadas como maravilhosas.

Partindo deste princípio, destacamos que, para alguns pesquisadores, Jesus é considerado um homem sábio, um homem divino (*θεῖος ἀνὴρ/Theios Aner*) (THEISSEN, MERZ, 2004, p. 329), um milagreiro, um mágico e até mesmo um xamã

(CHEVITARESE, CORNELLI, SEVATICI, 2006, p. 2). Embora sua maneira de ensinar por parábolas também tenha lhe rendido o título de poeta, não é possível dissociar lhe da fama de milagreiro (ALMEIDA, FUNARI, 2017, p. 57). Os principais autores que interpretam Jesus como um mago são J. D. Crossan (1994), Morton Smith (1978) e Gerd Theissen (2004). Suas pesquisas buscam diversos aspectos para essa caracterização.

Os milagres foram explicados como ações sobrenaturais pela tradição da Igreja, como intervenções de Deus no curso da natureza. Os milagres e a profecia pertenciam aos mesmos argumentos que alicerçaram a fé cristã (ALMEIDA, FUNARI, 2017, p.55), mas, segundo os autores, nos tempos modernos, os milagres deixaram de ser um dos pilares básicos da apologética para se tornar seu objeto. Segundo Almeida, a teologia moderna tende a se desculpar pelos relatos de milagre nos evangelhos, enxergando neles um problema.

A tradição dos milagres nos evangelhos, de acordo com a bem documentada síntese de David Aune, contém relatos de seis exorcismos, dezessete curas e oito dos chamados milagres da natureza. De menor importância são as descrições gerais do programa de prodígios de Jesus, menções de milagres realizados pelos seus discípulos, referências a milagres específicos que não são narrados e vários feitos de Jesus onde ele parece exercer poderes sobrenaturais. Finalmente, há o que parecem ser acusações feitas contra o Jesus histórico, segundo as quais ele praticaria magia (THEISSEN, MERZ, 2004, 341-372).

Essa forma de pensar parece estabelecer um mecanismo de defesa tendenciosa e ideológica que protege a religião e seus milagres, jamais permitindo que a mesma seja comparada com qualquer forma de manifestação da magia. Mas, de acordo com o pensamento da época, o termo “mago” não possuía uma designação pejorativa tal como observamos em alguns contextos contemporâneos. Embora muitas ações possam ser descritas como charlatanismos e enganos, ao falarmos dos milagres de Jesus como uma prática mágica, não se pretende com isso desmerecer seus feitos.

Sabemos que, na atualidade, o termo “magia” não agrada muito as pessoas que se dizem “politicamente corretas” entre os cristãos, pois a ortodoxia parece situar a magia em um ambiente de acontecimentos negativos. Porém, a magia está na mesma categoria de milagres. Concordamos com Theissen quando afirma que assim como o reino de Deus está no centro da pregação de Jesus, as curas e exorcismos são o centro de suas atividades.

Por certo, Jesus não fez apenas milagres. São igualmente características dele suas ações simbólicas: a escolha dos Doze, envio dos discípulos, a confraternização à mesa com coletores de impostos e pecadores, a entrada em Jerusalém, a purificação do templo e a última ceia. Mas foi sobretudo com os milagres que Jesus impressionou e provocou seus

contemporâneos. Todavia, nos pesquisadores histórico-críticos predomina a irritação. De um lado, os milagres são atestados em tantas camadas antigas da tradição que não se pode duvidar de seu fundo histórico. De outro, eles nos parecem um “*glamour*” não histórico, nascido da nostalgia e da poesia, que se associou à figura histórica de Jesus. Alguns argumentam que, se já existem relatos inacreditáveis num período tão inicial (em Mc e na Fonte dos Ditos), então as fontes em geral não são fidedignas. Outros argumentam de forma inversa: como a atestação dos milagres é comparável à atestação dos ditos de Jesus, então se deve supor também para eles um grau bem maior de historicidade que geralmente se admite (THEISSEN e MERZ, 2004, 305-306).

Ao descrever Jesus como um “mago”, a sua caracterização é de um “*Theios Aner*”, ou seja, um “homem divino”. Theissen apresenta esse termo para destacar um modelo de ser humano considerado divino, que possui forças miraculosas de cura, através de oráculos e presciência. A partir dos próximos tópicos analisaremos os conceitos de “*Theios Aner*” comparando-lhe com o “mago”, de forma que fundamente nosso argumento sobre as práticas mágicas exercidas pelos primeiros cristãos no início do cristianismo.

## 1.5 HOMEM MAGO OU DIVINO

O debate sobre os conceitos de “mago” ou “homem divino” é uma questão antiga, pois desde os primórdios do cristianismo já existe a disputa em torno da compreensão destes termos. Cornelli apresenta definições e considerações a respeito de algumas utilizações referentes ao “mago”. Para o autor, a palavra γόης é a mais utilizada no período de Jesus, sendo traduzida como “charlatão”, “bruxo”, “mago”, “encantador”. A prática atrelada ao γόης é chamada de γόητείá , ou seja, “viagens ao inferno”, “mediunidade”, “necromancia”, “maldições” e simpatias, e “persuasão oculta” (CORNELLI, 1998, p. 81). Esse termo não possui sentido negativo, diferente do termo γόητες, que eram considerados mendigos importunos, perseguidos e aprisionados com pena perpétua. Para o autor, era evidente que nem todos revelavam o pior lado da definição negativa de γόητες, mas corriam o risco de serem avaliados todos de igual modo.

Outro termo que Cornelli menciona é o μάγος, que, assim como vimos nas definições de magia, era o termo utilizado para os autores de magia, remetendo à sua

origem persa. Este termo aparece em escritos do século V a.C. e é mencionado pelo historiador Heródoto num sentido crítico, pois o autor destaca que, além de interpretar sonhos, os magos também praticavam a endogamia, o que os levou a serem considerados como uma seita esotérica e secreta (CORNELLI, 1998, p. 82).

Um ponto que devemos considerar nos apontamentos de Cornelli é a conotação negativa do γόητες, pois, embora o termo “mago” não possuísse um sentido negativo, ele deveria ser assim chamado como forma de depreciação. Porém, o mesmo termo mago, embora não tivesse conotação tão positiva quanto o “homem divino”, gozava *de status* semelhante, pois seus amigos da classe alta se referiam a ele desta forma.

Para *θεῖος ἀνὴρ/Theios Aner*, Smith propõe como tradução a expressão “homem santo” (SMITH, 1978, p. 109). Porém, concordamos com Cornelli na opção por “homem divino” (CORNELLI, 1998, p. 80), por ser mais literal com a tradução do grego. No tocante à atuação dos homens divinos, esta temática por muito tempo foi discutida por teólogos e historiadores, justamente pelo fato de Jesus ser considerado um homem divino.

Marco Fernández indica como significado para o termo a descrição “do homem divino – homem santo – é entendido como aquela pessoa – inclusive de ambos os sexos, “pessoas santas” – de especial “carisma”, que foram percebidos por uma série de correligionários com a capacidade de relacionar-se com o sobrenatural”, é uma figura chave, sem a qual, não é possível entender a evolução da história das religiões (FERNÁNDEZ, 2016, p. 12). Ludwig Bieler qualifica como homem dotado de poderes divinos, que realiza atos sobre-humanos (LUDWIG, 1967, p. 12); e Gerd Theissen complementa que o uso destas forças são constituídas “seja por meio de curas, seja por meio de oráculos e presciência” (THEISSEN, 2002, p. 329). O fato de as descrições dos termos “mago” e “homem divino” serem muito próximas levou alguns pesquisadores a fazer comparações, indagando sobre qual seria, na realidade, a prática adotada por estes homens.

Estes homens que exerciam o carisma se tornaram transcendentais durante o período da antiguidade tardia. Fernández relata a existência de homens divinos em diversas sociedades como, por exemplo:

personagens pagãos – Plotino, Sosípatra, Mar Qardagh etc. – Os cristãos – Antonio, o grande; Macrina, o jovem; Pacômio etc. – Rabinos judeus e, logo depois, muçulmanos – o próprio Muhammad, Ibrahim Bin Adham, Sari al-Saqati. Indivíduos que representavam modelos, modelos no estilo do herói clássico; eram padrões espirituais que consolidavam a identidade de sua respectiva comunidade religiosa (FERNÁNDEZ, 2016, p. 12).

Embora o termo “*Theios Aner*” indique um homem semideus, um deus encarnado num sujeito humano, Flávio Josefo (37-100) considera que homens como Moisés, Salomão e Abraão possuíam esse título, mas não essas características (CORNELLI, 1998, p. 84).

Autores como Justino (100-165), através de literaturas da época que comparavam Jesus com outras figuras de homens divinos, suspeitaram da ação demoníaca destes homens/deuses/cristãos, ao mesmo tempo em que também perceberam semelhanças entre Jesus e o “mago” (CHEVITARESE, SELVATICI, CORNELLI, 2006, p. 61).

Morton Smith, em sua obra “*The Jesus Magician*”, faz uma descrição das semelhanças entre Jesus e Apolônio de Tiana como magos e homens divinos, afirmando que ambos, nos estágios iniciais de suas carreiras, foram para o deserto e encontraram demônios, possuíam milagres de renome, e, no fim de suas vidas, Apolônio escapou milagrosamente de seu julgamento; enquanto Jesus, executado, ressuscitou milagrosamente dos mortos. Ambos, então, viveram algum tempo com seus discípulos, ascenderam ao céu e tiveram suas aparências modificadas. Um fator importante que Smith destaca é que as duas figuras acreditavam serem filhos de deus, possuíam poder sobrenatural e foram acusados por seus inimigos de magia (SMITH, 1978, p. 85). Estas são apenas algumas das semelhanças apontadas por Smith em seu trabalho.

Embora a tese de Smith fosse muito debatida, a ideia de Jesus como mago teve sua origem no filósofo e crítico Celso – que teve seu pensamento refutado pelo apologista cristão Orígenes – que afirmava: “Foi por magia que ele pôde operar os milagres que pareceu realizar; e prevendo que outros, sabedores dos mesmos segredos, fariam a mesma coisa gloriando-se de realizar isso pelo poder de Deus, Jesus os expulsou de sua sociedade” (ORÍGENES. CONTRA CELSO Livro I, 1.6). Betz observa que “mesmo Jesus de Nazaré foi implicado em que ele era considerado louco ou um mágico possuído por Satanás” (BETZ, 1994, p. 1–25). E Hoffmann atesta que “a missão cristã foi promovida por uso de magia” (HOFFMANN, 1987, p. 53).

Devemos lembrar que nesta época da antiguidade tardia, as pessoas estavam em busca de novidades no campo espiritual. Havia caminhos alternativos diante dos declínios tradicionais que estavam ocorrendo e aqueles que demonstravam ser dominadores de forças ocultas recebiam destaques e eram adorados, pois eram considerados como intermediários entre os homens e os deuses. No caso das culturas judaico-cristãs e pagãs, ainda tinham como propostas os fatores de segurança, identidade e salvação (ANDERSON, 1994, p. 8-11). Desta forma, as figuras que foram esculpidas na simbiose

que ocorreu neste encontro com a tradição grega já herdada de θεῖος ἀνὴρ e a figura messiânica judaico-cristã produziram grande número de modelos públicos exemplares, do espiritual ao secular.

É preciso caracterizar estes homens divinos levando em consideração o contexto histórico-cultural, que representava essa mistura que estava ocorrendo no mundo greco-romano, sempre levando em consideração o fato de que, neste período, “o paganismo, o judaísmo e o cristianismo nunca evoluíram isoladamente. Todas essas formas de religião [evoluíram] práticas mágicas que seduziam os membros humildes da população e as classes mais abastadas” (VIEGAS, 2008).

Toda essa discussão sobre a possibilidade de Jesus ser um mago causou interferências sobre os conceitos de “milagre” e “magia”. Percebemos que todos os milagres de Jesus são caracterizados como magia, pois a diferença entre ambos é apenas uma questão de rótulo. Concordamos com a definição de Crossan de que “por meio dele se mostra o poder de definição da sociedade ou dos grupos dominantes: magia é o milagre que eles repudiam, e milagre a magia que eles aceitam” (CROSSAN, 1994, p. 198-236). Crossan sugere que Jesus seja um mago, que se utilizou da magia como uma forma de protestar socialmente, sendo considerada uma ação positiva.

Portanto, ao referenciar magia e milagres, consideramos ainda as contribuições de Almeida, no tocante ao fato de que a magia é a técnica que, por meio de palavras ou ações, pode atingir aquilo que é desejável. Através destas ações, o mago irá se utilizar de seu material próprio para atrair as forças que lhe saciarão suas vontades (ALMEIDA, FUNARI, 2017, p. 59). Assim, “se a técnica, por si só, consegue superar uma força hostil, então, trata-se de um ato de magia. Se isso é encarado como uma intervenção do deus ou dos deuses, então, trata-se de um milagre” (KEE, 1986, p. 183).

Ingram apresenta outros elementos que apontam Jesus como um mago. Ele aparece no Evangelho de Marcos como uma figura sombria, se retira das multidões para dar instruções secretas a seus seguidores, envolve-se em orações secretas e ordena ao público que mantenha suas atividades secretas sempre que testemunham suas habilidades de trabalho milagroso, conhecia espíritos e demônios, além de distribuir alimentos enfeitados de modo que aqueles que comem se unam em amor (INGRAM, 2007, p.125). Essas características são típicas das artes mágicas no mundo antigo. São idênticas, assim como outra característica abordada pela autora de que os magos também rejeitavam o culto organizado e comunal e tentavam manter suas atividades longe da especulação pública.

Um detalhe que devemos perceber ao listar as características de “magos” e “homens divinos” é a possibilidade de qualquer indivíduo se aventurar na realização de tais práticas, mesmo sabendo que, como punição para estes feitos, poderia morrer por suas ações. Assim sendo, a presença da magia neste período do cristianismo primitivo é certa e, para que haja uma compreensão mais clara nas definições dos conceitos, concordamos com Fernández sobre as características que devem ser avaliadas no quesito de considerar um homem “mago” e “divino”:

1) o místico – que inclui principalmente todos os tipos de conexão íntima com a divindade e sua aplicação a vários campos; 2) o ascético – e a renúncia ao mundano e às exigências primárias do corpo em busca da perfeição espiritual; 3) o mágico – a suposta virtude de violar ou forçar leis naturais com objetivos pessoais de diferentes profundidades; 4) o social – os três anteriores terão como corolário o surgimento de uma série de discípulos e a criação de escolas religioso-filosóficas de maior ou menor importância e se interessarão especialmente pelo prestígio social do homem santo; 5) o político – houve poucos homens divinos que influenciaram mais altas esferas da hierarquia social do Império Inferior, como bispos, sofistas ou remadores com uma aura de santidade (FERNÁNDEZ, 2016, p.24).

Através da utilização destes instrumentos de definição, poderemos optar por conclusões mais válidas para caracterizar homens e mulheres que se destacaram na antiguidade tardia a ponto de serem considerados como seres humanos diferenciáveis e destacáveis por seus feitos. Entretanto, devemos compreender que, ao utilizar as práticas mágicas em seus feitos, os cristãos não desmereciam sua religião, que estava em formação neste período. Pelo contrário, isso não foi fator para diminuir o crescimento de seus adeptos (KNAPP, 2011, p. 23).

Portanto, vinculamos nosso pensamento com os autores Smith, Theissen e Cornelli, sob o ponto de vista de que Jesus era um “mago” e “homem divino”. Os textos que defendem uma posição contrária não conseguem aferir com precisão o fato da não utilização da magia por parte de Jesus e seus discípulos. Ao constituirmos as características de um homem divino, encontramos as mesmas características presentes nas ações dos magos, o que fortalece as duas imagens. De certo modo, também fortaleceu aqueles que buscavam nestes homens a satisfação de seus desejos e os remédios para seus males.

## 1.6 ESCRITOS E LITERATURA

Antes do surgimento da escrita, a comunicação ocorria por meio da oralidade e dos gestos. Porém, a escrita surge para suprir a necessidade que o homem tinha de controlar o seu ambiente social. A escrita trouxe consciência mais ampla e profunda sobre os fatos e criou a possibilidade de que os pensamentos fossem organizados.

Como o conhecimento era passado de geração em geração, muito de seu arcabouço acabou se perdendo no decorrer tempo. Porém, os registros que temos nos possibilitam compreender elementos altamente necessários para aprendermos sobre nossa história como seres humanos. A escrita possibilitou o *registro* das ações e pensamentos humanos, de forma que se desenvolveu ao longo dos anos.

Por meio destes registros, foi possível que se chegasse até nós informações importantes, cujos materiais e conteúdos poderemos analisar nos próximos capítulos de nossa tese.

Embora desde já destaquemos duas fontes como principais para nosso trabalho, a saber: os *Papiros Mágicos Gregos* e os *Atos de Paulo e Tecla*. Iremos comparar nossas fontes com outros textos, para alcançar maior relevância para nossa pesquisa. Pois, como pudemos analisar neste capítulo, a magia foi preservada e transmitida sob a forma de manuscritos, papiros, óstracos, *defixiones* etc. Através do estudo de sua notação, podemos construir uma imagem de seus artistas, instrumentos e públicos.

Demonstraremos uma coleção de manuscritos mágicos que são frequentemente citados no estudo acadêmico da magia no mundo antigo: os *Papiros Mágicos Gregos*. Embora a maioria desses textos seja posterior ao período do Novo Testamento, eles são considerados valiosos para o estudo da magia antiga, pois é altamente provável que eles incluam material de fontes anteriores, talvez datando de antes do primeiro século. Isto é amplamente apoiado pela observação de que erros foram cometidos quando os textos foram copiados, uma série de variantes textuais é observada nos próprios textos e alguns textos são modelos nos quais o operador inserira seus próprios detalhes.

Com os textos apócrifos, também poderemos analisar a utilização e prática da magia nas comunidades cristãs. Os textos dos *Atos de Paulo e Tecla* datam do século II d.C., ou seja, assim como os papiros, também são documentos importantes que contextualizam as comunidades cristãs em sua origem.

### 1.6.1 Papiros Mágicos Gregos

Mediante aos intercâmbios culturais que ocorriam no mundo greco-romano, é possível observar o desenvolvimento de uma religião híbrida, composta de tradições mágicas egípcias, práticas mágicas dos povos orientais e de mistérios do mundo grego. Diante desse cenário, uma inestimável coleção de textos foi escrita; estes textos receberam o nome de *Papiros Mágicos Gregos*.

Este material foi compilado por H. D. Betz (1986), em seu trabalho intitulado de “*The Greek Magical Papyri in Translation, Including the Demotic Spells*”. Os textos são datados do primeiro ao quinto século d.C., ou seja, posteriores à época de Jesus. Eles são compostos por fórmulas, rituais, mágica, hinos, encantamentos, orações e conjuros, numa mescla de misturas religiosas egípcias, gregas, judaicas e babilônicas (BETZ, 1986, p.24). Essa documentação é fundamental para estudos da magia no Império Romano. Smith constitui uma democracia divina para designar a forma uniforme em que as divindades aparecem nestes textos (SMITH, 2015, p. 210).

Os *Papiros Mágicos Gregos* são composições de manuais de magia, contendo rituais e fórmulas mais variadas possíveis, destinadas às mais diferentes finalidades, tais como atrair um homem ou uma mulher, obter satisfação sexual, previsões do futuro, curas, exorcismos, invisibilidade, servidão da própria sombra, vitórias, simpatias e até a imortalidade (GARCIA MOLINOS, 2015, p. 32). Sempre colocando diante dos olhos um fascínio que combina anseios e preocupações dos solicitantes. É surpreendente a confiança que estes textos refletem no poder da palavra de persuadir os deuses e submeter a natureza a seus zelos e caprichos.

Soares (2017) explica que estes manuais de magia eram o suporte escrito mais prático para a organização de todo um repertório mágico-religioso. Em seu conteúdo havia relatos das tradições mágicas do Oriente Próximo, conjugadas com elementos greco-latinos e judaicos. A autora ainda destaca que:

É sabido que os manuais de magia adquiriram notável popularidade no Mundo Antigo, graças à grande quantidade de papiros mágicos encontrados e às informações como as de Paulo de Tarso, Suetônio e Amiano Marcelino, que mencionam a destruição de numerosos livros de magia em contextos de intolerância religiosa (SOARES, 2017, p. 150).

Como manuais de magia, os *Papiros Mágicos Gregos* nos fornecem um mundo religioso diverso. Neles encontramos divindades de diversos panteões, inclusive com elementos das divindades judaicas: “Diversos testemunhos disso estão nas inscrições dos

vasos aramaicos. É também o caso de invocações dirigidas ao arcanjo Miguel, ao deus *Sabaoth* e até trechos do pai nosso” (CORNELLI, 1998, p. 104).

Devemos atentar para o fato de que as evidências arqueológicas e literárias encontradas na época romana, como os amuletos, *defixiones*, gemas mágicas e os manuais de magia nos indicam que no império havia inúmeros praticantes dos mais variados tipos de magia. Concordamos com as afirmações de Soares de que esses expressivos repertórios de papiros provenientes do Egito, datados a partir do século I d.C. podem explicar a crescente popularidade dos “homens divinos” (*Theios aner*), como magos, filósofos teurgos e adivinhos: “Todos os homens sábios, conhecedores dos saberes esotéricos, convertidos em taumaturgos, capazes de feitos maravilhosos, como produto da revelação divina, por meio do conhecimento que possuíam das artes mágicas” (SOARES, 2017, p. 151).

Esses fatores são relevantes para nossa pesquisa, pois são possibilidades de que um mago poderia incorporar um deus, invocando que esse espírito viesse ter com ele e, por vezes, entrasse nele, a ponto de mago e deus serem somente um. O mago ou homem divino deveria possuir um caráter irrepreensível, de modo a se estabelecer próximo ao mundo das divindades através de poderes sobrenaturais, para que, desta forma pudesse desfrutar daquilo para o que solicitava auxílio.

No próximo capítulo de nossa tese, iremos aprofundar a temática dos *Papiros Mágicos Gregos*, com uma análise das magias amorosas e eróticas, pois, com a compreensão desse universo mágico, será possível conciliar a temática da magia com nossa fonte primária: os *Atos Apócrifos de Paulo e Tecla*.

### **1.6.2 Atos Apócrifos dos Apóstolos**

Os Atos Apócrifos dos Apóstolos são uma coletânea de textos escritos nos séculos II e III d.C. Nestes textos, encontramos relatos das narrativas de ações dos apóstolos Pedro, Paulo, André, Tomé e Felipe em suas viagens missionárias por diversas regiões do Império Romano.

Estes textos, em determinados períodos da história, causaram confusão nas comunidades cristãs, visto que seus conteúdos possuem doutrinas que não compactuam com todos os critérios da ortodoxia cristã. A maioria das narrativas é vinculada a personagens bíblicos, o que, de certa forma, pode ter sido uma estratégia para garantir a

validade de seu conteúdo. Sob este aspecto, alguns livros foram cogitados a fazer parte do Cânon, mas sua autoridade apostólica sempre foi questionada. São exemplos desta lista: *Clemente aos coríntios*, a *Didaquê* e *O Pastor de Hermas*. Mas é importante ressaltar que em algumas regiões estes livros possuíam autoridade apostólica (SARAVÍ, 2017, p. 2).

Embora por um longo período estes textos fossem silenciados, nas últimas décadas, a partir dos anos oitenta, a temática voltou à tona com todo vigor. Nogueira aposta que “existe uma geração de pesquisadores que considera os Atos Apócrifos dos Apóstolos como fonte privilegiada para reconstruir o discurso do cristianismo no século 2” (NOGUEIRA, 2016, p. 13). Nossa pesquisa se inclui neste rol, tendo como fonte principal os *Atos de Paulo e Tecla*, considerado como uma das três partes que compõem os *Atos de Paulo*.

Através dos *Atos* podemos perceber como as comunidades cristãs narravam suas histórias e descreveram suas identidades de forma a dialogar com o mundo mediterrâneo. Com ênfase em conteúdos criativos, estranhos, miraculosos, monstruosos e fantásticos, demonstram um novo conceito de visão de mundo. Estes textos são de alta relevância para nossa pesquisa, pois apresentam a compreensão das comunidades cristãs revelando seu cotidiano através das narrativas.

Estas obras também são consideradas como gênero literário de romance, pois são semelhantes aos romances gregos:

Nos quais personagens apostólicos são figuras heroicas, apresentadas com potencialidades sobrenaturais, taumatúrgicas, enviadas aos diversos lugares do Mediterrâneo, muitas vezes passando por peripécias e enfrentando lideranças locais e imperiais, compostos ao longo de uma extensão geográfica (Grécia, Ásia Menor, Síria) no segundo e início do terceiro séculos (TERRA, 2016, p. 30).

Em cada obra é possível encontrar, através das narrativas, as expectativas e realidades das comunidades do cristianismo primitivo, o que representa uma riqueza de conteúdo histórico para nossa pesquisa. Abordaremos mais detalhes dos *Atos Apócrifos dos Apóstolos* no capítulo três de nossa tese, pois, assim como já apresentamos, nosso enfoque será constituído sobre a narrativa de Paulo como um agente de magia nos textos de *Atos de Paulo e Tecla*.

## CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Neste capítulo buscamos apresentar uma análise do conceito e definições de magia. Recorrendo às contribuições de antropólogos, pensadores, historiadores, filósofos, e sociólogos, podemos analisar a forma de pensar de cada um, elencando as possibilidades de compreensão de ações mágicas no cristianismo primitivo. A compreensão da forma de pensar a magia nas sociedades antigas nos remete à conclusão de que a magia sempre esteve presente naqueles contextos. Mesmo que muitos não consigam explicar como ela surgiu ou como começou a se pensar na temática, a sua essência já constituía as mais primitivas sociedades.

Assim como a magia, a religião já estava presente nestas mesmas sociedades. Portanto, não é possível analisar a magia sem analisar a religião, pois ambas se constituem de forma semelhante.

Através dos textos produzidos na antiguidade tardia, essa caracterização passa a ser mais bem compreendida, pois fica claro que os cristãos foram praticantes de magia, e muitos receberam a acusação de serem magos. Autores como Cornelli (1998) e Smith (1978) defendem que Jesus foi um mago muito reverenciado e, por esta razão desta prática, foi condenado e morto. A magia fazia parte do imaginário comum das sociedades, assim como os magos que também foram considerados como homens divinos, por supostamente possuírem poderes divinos. Embora tenhamos destacado que houvessem charlatões que se utilizavam de práticas enganosas para persuadir o povo, existiam aqueles que realmente eram aclamados pelos povos como magos e divinos.

O principal objetivo deste capítulo foi proporcionar uma emersão da cultura greco-romana, para que, desta forma, pudéssemos compreender os elementos principais pelos quais a magia e as práticas mágicas se constituíram e contribuíram para a formação do cristianismo primitivo, possibilitando, através de uma análise da cultura, permitir maior compreensão dos textos, de tal forma que pudemos vislumbrar magia e religião na cultura dos primeiros cristãos, inclusive compreendendo Jesus tanto como “mago” quanto “homem divino”.

A partir deste ponto de partida, poderemos compreender as ações sobrenaturais e maravilhosas dos seus seguidores e discípulos, com ênfase na figura de Paulo, buscando comparar os feitos de Jesus com os feitos do Apóstolo.

No próximo capítulo serão apresentados os *Papiros Mágicos Gregos*, quando abordaremos as práticas mágicas difundidas entre os séculos I e V d.C. através destes escritos que foram preservados (mesmo que alguns apenas em pequenos fragmentos) até os dias de hoje. Poderemos, assim, compreender como foi disseminada e praticada a cultura mágica no Mediterrâneo.

Estes textos também foram acessados pelos cristãos que tiveram a oportunidade de praticar e experimentar a magia, de forma a beneficiá-los ou não. Um verdadeiro caldeirão de divindades, à disposição do povo.

## CAPÍTULO 2

# AS MAGIAS AMOROSAS E ERÓTICAS NOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

### INTRODUÇÃO

“A magia, como a música, foi gravada sob a forma de manuscritos e, através do estudo de sua notação, podemos construir uma imagem de seus artistas, instrumentos e públicos” (INGRAM, 2007, p.6). Esta afirmação de Helen Ingram define a proposta para o segundo capítulo de nossa tese.

O conteúdo dos “*Papiros Mágicos Gregos*” é importante para nossa pesquisa pois apresenta um intercâmbio cultural no mundo greco-romano. Através de seus textos, poderemos analisar as tradições mágicas de diversos povos que residiam no Egito e compreender como eram praticadas as magias em relação ao amor, para que, desta forma possamos investigar as práticas mágicas na acusação de Paulo como mago.

Através dos “*Papiros Mágicos Gregos*” é possível observar o desenvolvimento de uma religião híbrida, composta de tradições mágicas egípcias, práticas mágicas dos povos orientais e de mistérios do mundo grego. Diante desse cenário, uma inestimável coleção de textos foi escrita, recebendo o título de *Papiros Mágicos Gregos*.

Ao longo de nossa pesquisa, buscaremos compreender a magia e suas práticas no mundo antigo, por meio da análise da coleção de textos dos *Papiros Mágicos Gregos*. Estes textos têm sua origem no Egito, e datam do período que se estende do século II a.C. até o século V d.C. Embora a maioria destes textos seja posterior aos escritos do Novo

Testamento, eles são valiosos para o estudo da magia, pois é provável, como veremos a seguir, que eles possuam resquícios de materiais e fontes anteriores ao seu período de escrita.

Embora os papiros sejam constituídos por diversos tipos de feitiços, tais como de invisibilidade, memória, amuletos, revelações oraculares, curas, exorcismos, prosperidade etc., nosso enfoque recairá sobre os feitiços relacionados ao amor, como, por exemplo, a amarração amorosa, feitiços de separação, feitiços para causar inimizades e ódio de mulheres por homens, induzir sono e para que ocorra a paixão durante o ato sexual.

Nosso estudo visa compreender como ocorre o processo do feitiço através das técnicas da manipulação de materiais mágicos e solicitações para as entidades e divindades.

A partir desta análise, demonstraremos as estruturas dos feitiços, apresentando sua formulação mágica, referências e sinais textuais, utilização de vozes mágicas, o papel do mago e as imprecizações decorrentes dos feitiços. Neste sentido, será possível oferecer um olhar mais sistematizado para compreender como os feitiços eram praticados e quais fatores são determinantes para sua eficácia.

No tocante à temática do gênero dos praticantes dos feitiços dos *Papiros Mágicos Gregos*, abordaremos a discussão sobre a igualdade de gêneros. Porém, nosso objetivo é compreender quem realmente praticava a magia neste contexto de escritos mágicos, quem eram as pessoas que se utilizavam destes feitiços, quem eram suas vítimas, e qual era o objetivo do feitiço.

Outro aspecto que será abordado se refere aos deuses solicitados para estes encantos, pois os *Papiros Mágicos Gregos* demonstram em seu conteúdo características importantes da vida religiosa do antigo Mediterrâneo. Eles nos fornecem variáveis das tradições religiosas através das divindades, entidades, heróis, seres espirituais, que relacionam as crenças religiosas com as crenças mágicas. A magia neste universo helênico é um conglomerado sincrético de diversas religiões, o que nos permite encontrar em seu conteúdo uma variedade de divindades egípcias, gregas e judaicas, que são invocadas ao mesmo tempo para que realizem os mais diferentes pedidos e atendam às necessidades humanas.

Por fim, abordaremos o tema da religião nos *Papiros Mágicos Gregos*, pois esta coletânea nos fornece a possibilidade de ultrapassar fronteiras, apresentando uma infinidade de feitiços de uma sociedade que buscava, através da magia, resolver os seus

mais variados males, assim como conquistar seus desejos e vontades. Uma sociedade que estava disposta a encarar os mais diversos desafios para obter aquilo que era de seu interesse, independente do que esses feitiços pudessem resultar para suas vidas.

## 2.1 OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

Os *Papiros Mágicos Gregos* (do latim *Papyri Graecae Magicae* – PGM<sup>3</sup>, em grego *Ελληνικοί Μαγικοί Πάπυροι*) são um conjunto de textos escritos na língua grega (mas também contendo feitiços em copta e egípcio demótico).

Seu conteúdo se refere a diversas fórmulas mágicas, encantamentos, feitiços, hinos e rituais, que foram encontrados originalmente nas regiões egípcias de Tebas, Fayum e nas proximidades do deserto do Egito, datados do século I ao século V d.C.<sup>4</sup>. A maior parte destes documentos pertencia a coleções particulares até a sua descoberta científica no século XIX, quando acabaram sendo vendidos a diversos museus europeus.

Esse material, de acordo com Betz, é “apenas uma parte do corpo de um material de feitiços que existiam” (BETZ, 1985, p.41), pois, além dos papiros, também foram encontrados outros materiais utilizados nas práticas mágicas, tais como inscrições em pedras preciosas, óstracos, tábuas de argila, ouro e chumbo, dentre outros materiais.

Os papiros refletem como ocorria o sincretismo mágico religioso no Egito Greco-romano e, provavelmente, eram similares às práticas mágicas de outras regiões do Império. Eles se constituem como fontes de feitiços recolhidos na antiguidade e sua descoberta foi importante para as pesquisas sobre a temática, mesmo com parte deste material se perdendo no transcorrer do tempo, ou tendo sido destruído como resultado de uma sistemática supressão.

O episódio sobre a queima dos livros mágicos em Éfeso nos *Atos dos Apóstolos* (Atos 19,10) é bem conhecido e típico de muitos desses casos. De acordo com Suetônio, Augusto ordenou 2.000 pergaminhos mágicos para ser queimados no ano de 13 a.C. Na verdade, os primeiros

<sup>3</sup> De agora em diante, usaremos a sigla PGM para abreviar o título dos *Papiros Mágicos Gregos* quando necessário.

<sup>4</sup> Datação sugerida de acordo com os papiros apresentados por Hans Betz Dieter, visto que alguns manuscritos datam do século I d.C, como por exemplo o PGM LXXII, In: *The Greek Magical Papyri in Translation, Including the Demotic Spells*. The University of Chicago, 1986, p. xxiv.

séculos da era cristã viram muitas queimas de livros, muitas vezes de livros mágicos, e não poucas queimadas, que incluíam os próprios magos (BETZ, 1985, p. 42 - tradução nossa).

Em virtude do risco de perseguição seguida de morte, muitos magos passaram a viver clandestinamente. Eles mantinham os papiros em segredo, porém a destruição sistemática deste material por um longo período de tempo ocasionou o desaparecimento da maior parte dos textos originais. Os PGM que temos acesso na atualidade são importantes para compreensão de fenômenos de magia no mundo mediterrâneo na antiguidade, porque as crenças e práticas mágicas nos levam a um entendimento da vida diária das pessoas e suas comunidades. Percebemos, através dos papiros, que as práticas religiosas eram semelhantes às práticas mágicas, sendo que devemos destacar que as distinções e definições claras de “igreja”, “religião”, “culto”, “magia” que possuímos hoje, não existiam na antiguidade.

Uma das grandes conquistas acadêmicas ao acharem esses papiros está no fato de que, mesmo que tardios, em muitos casos, eles se referem a tradições mais antigas, transmitidas em sua origem de maneira oral. E, ainda, as pesquisas avançaram porque foram relativizadas as conclusões, a respeito do mundo religioso mediterrâneo, alcançadas pelos dados da literatura da elite e do que sobrou arqueologicamente dos cultos oficiais dos estados e das cidades. Assim, com os PGM a vida religiosa mais popular e cotidiana se abre aos pesquisadores, mostrando as práticas de cidadãos comuns da Antiguidade. Como, também, nos ajuda entender o mundo religioso do Mediterrâneo no período final do judaísmo do Segundo Templo e dos cristianismos das origens, tão importantes para a exegese (SOUZA, TERRA, 2008, p.77).

Uma parte do material foi salva por filósofos, teólogos e alquimistas que conseguiram guardar os livros de magias que ainda estavam disponíveis. Mas a maior parte foi destruída, restando apenas citações referentes a estas obras. O papiro mais antigo listado por Betz refere-se ao PGM CXXII 1-50, um texto escrito no século I d.C., onde encontramos trechos de diversos encantamentos, tais como o encantamento com maçãs, magias de amor, magias para engravidar, dormir e curar dor de cabeça (BETZ, 1985, p.xxviii). Cardoso apresenta uma explicação de que os papiros foram escritos por um período de quase oitocentos anos e abrangeram os períodos ptolomaicos e romano no Egito (CARDOSO, 2016, p.10).

Betz relata que a descoberta dos papiros é tão importante para as religiões greco-romanas quanto a descoberta de *Qumram* para o judaísmo e a biblioteca de *Nag Hammadi* para o gnosticismo (BETZ 1996, p. 42).

No ano de 1827, no Egito, um colecionador e representante diplomático na corte de Alexandria, conhecido pelo nome de Giovanni Anastasi adquiriu os papiros. Os textos ficaram conhecidos como “Tesouro de Tebas” e continham o *Papiro de Estocolmo* e o *XV Papiro de Leyden* (escritos alquímicos). Estes papiros contêm observações importantes sobre o início da história da química. Caley explica que:

Os dois papiros são complementares e, juntos, fornecem uma excelente visão transversal das operações e dos objetivos da tecnologia química nos séculos iniciais da Era Cristã. Eles são os únicos documentos originais de laboratório que chegaram até nós a partir desse período e, portanto, seu grande valor para a história da química, especialmente por causa da luz que lançam sobre o início da alquimia (CALEY, 1927, p.979 - tradução nossa).

Esses manuscritos só foram revelados em 1828, quando Anastasi vendeu a maior parte de sua coleção para o governo holandês. Nesta aquisição constava o *Leyden Papyrus X*, que se tornou público em 1885, pois acreditavam que este era o único documento original relacionado à tecnologia química datado já no século III d.C.

Entretanto, no ano de 1913, o filósofo Otto Lagercrantz publicou uma tradução em alemão e um comentário extenso de um papiro químico muito semelhante, e descobriu-se que a fonte do papiro também era Anastasi, que havia fornecido o papiro à Academia Sueca de Antiguidades, em Estocolmo, no ano de 1832. Portanto, o papiro passou despercebido por mais de 80 anos, até ser transferido para o Museu Victoria, em Upsala, na Suécia, no ano de 1906, quando chegou às mãos de Lagercrantz, que lhe deu o título de “*Papyrus Graecus Holmiensis*”, ou seja, “Papiro de Estocolmo”.

Os papiros foram analisados minuciosamente e, no que se refere ao conteúdo, idioma e símbolos, fora constatado que “os dois papiros foram escritos no mesmo período e, de fato, em parte, pelo menos, pelo mesmo escritor desconhecido” (CALEY, 1927, p.980 - tradução nossa). O *Papiro de Leyden* lida com metais e ligas e faz pouca menção a algumas das outras fases da química técnica. Porém, o *Papiro de Estocolmo*, por outro lado, lida relativamente com metais e ligas e enfatiza as artes do tingimento, imitando pedras preciosas e outras operações. O conjunto de papiros forma um livro de receitas técnicas das artes químicas, com descrição de suas práticas e costumes ocorridos por volta do terceiro e quarto séculos da era cristã.

Posteriormente, esta coleção foi enviada para a Europa, sendo leiloada para diversas bibliotecas. O PGM III foi adquirido por outro diplomata, Jean-François Mimaud, e pertence atualmente à *Bibliothèque Nationale de France*.

Estes papiros foram reunidos e traduzidos no século XX pelo estudioso alemão Karl Preisendanz, que publicou sua pesquisa em dois volumes, em 1928 e 1931. Existiam materiais para que um terceiro volume fosse publicado, com novos textos e índices, mas, durante o bombardeio de Leipzig na Segunda Guerra Mundial, este conteúdo foi destruído. Novos textos foram publicados e incorporados ao volume II, após a morte de Preisendanz. Contudo, este material foi pouco divulgado, circulando apenas entre estudiosos com poucas cópias.

A maior parte dos textos e páginas dos papiros são trechos fragmentados de segredos místicos, encantamentos, receitas, fórmulas e oração, com uma diversidade de palavras mágicas, por vezes de forma abreviada e fórmulas comuns. Os encantos possuem conjurações a deuses e demônios malignos, assim como invocações de deuses e deusas gregos e egípcios. Por esta razão, encontramos nos papiros a divindade judaica invocada como IAO, ADONAI ou SABAOTH em diversos encantamentos (SOUZA, TERRA, 2008, p.77).

Nos papiros apresentados por Betz, encontramos diversos encantamentos, para atuação em diversas áreas, assim como feitiços de amor, feitiços de invisibilidade, feitiço de memória, feitiço de revelação, amuleto contra os demônios, encantos de transe, revelações oraculares, feitiço para obter um demônio assistente, para endurecimento da mama e testículos inchados, feitiços para obter amigos, feitiços para diversas curas, exorcismos e feitiços para prosperidade.

Encontramos nos PGM conceitos astrológicos, usos medicinais, química, astrologia, invocações de demônios etc. Desta forma, podemos perceber que os PGM se utilizam de todas as práticas mágicas possíveis para garantir a eficácia em seus objetivos. Porém, é notável que a maioria dos papiros traz encantos de cura e magias de amor.

Em muitos feitiços, as frases e palavras formuladas são similares às encontradas em tabuletas de maldições ou amarrações, conhecidas como *defixiones* (κατάδεσμοί<sup>5</sup>, em grego), ou também em óstracas, utilizadas como formas de amuletos.

---

<sup>5</sup> *KATÁDESMOI* se caracterizam por serem finas lâminas de chumbo (metal frio e maleável) que traziam gravadas, além do desejo do solicitante e dos nomes das pessoas que desejava prejudicar, os nomes de divindades ctônicas, deuses que tinham contato com o Mundo Subterrâneo – lugar dos mortos, com a terra, a vegetação.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

Os PGM são textos antigos que possuem informações variadas sobre as práticas mágicas pagãs, bem como relatos de práticas abraâmicas, e são predecessores textuais de textos e tradições que se perpetuaram até os dias atuais, como a tradição de Grimório Salomônica e Cipriânica. A edição de Betz (1996) se destaca como a tradução mais importante, pois inclui feitiços em demótico e copta, o que foi omitido por Preisendanz. Os papiros não se definem como um livro, no sentido literal da palavra. O conjunto é descrito como uma coleção de feitiços e rituais, organizados por diversos curandeiros, magos e feiticeiros que viveram no Egito helenizado entre os séculos I a.C. e V d.C.: “A sua classificação justapõe textos cuja redação é diversificada e heterogênea, parecendo mais um manual, ou melhor, um caderno de anotações de um mago” (CHEVITARESE, 2007, p.84).

Estas magias são compilações de compilações anteriores, o que sugere que o texto possua uma antiguidade mais extensa da transmissão oral, o que torna essa coleção valorosa em seu conteúdo histórico.

De acordo com a tradição, essa coletânea provavelmente viera de uma biblioteca privada ou do túmulo de um mago em Tebas, mas o maior tesouro se refere aos anos acumulados de práticas e rituais documentados de uma tradição mágica que persistiu e prosperou ao lado de outras culturas como, por exemplo, a grega, romana, egípcia e semítica.

Nos feitiços, encontramos nomes de deuses e deusas familiares, mas a forma como estas divindades são retratadas é o que traz um diferencial aos textos, como Betz sugere:

Neste material mais antigo, os deuses gregos estão vivos e bem. Mas Zeus, Hermes, Apolo, Artemis, Afrodite e outros são retratados não como helênicos e aristocráticos, como na literatura, mas como caprichosos, demoníacos e até perigosos, como no folclore grego (BETZ, 1986, p. xlv. tradução nossa).

Betz explica que os PGM preservam tradições comuns folclóricas do antigo mediterrâneo e representam mais as crenças, cultos locais domésticos e práticas de pessoas do que as mitologias do Estado. Enquanto na mitologia os deuses principais são reconhecidos como parte de um processo e de uma vasta paisagem espiritual, nos papiros as petições nem sempre são direcionadas às divindades principais, muitos deuses e patronos têm papéis menores e até adversários aos das religiões na antiguidade tardia.

Como exemplo, podemos sugerir a figura de Tifão, um gigante da mitologia, filho de Gaia e Tártaro, que se proclamava pai dos ventos velozes e furiosos, mas nos PGM surge como uma divindade primordial de força mágica bruta e companheiro de Apolo. Eles são mais venerados nos papiros do que no mito olímpico, onde é retratado como um rebelde demonizado. Outro exemplo crucial é da feiticeira Hécate, que reina como divindade feminina conduzindo os espíritos dos mortos inquietos e se destaca como mãe ancestral de todos.

Não encontramos nos papiros um panteão organizado de divindades, com deuses aristocráticos que se vestem de branco, sugerindo uma sociedade estratificada. A paisagem que os textos demonstram é de espíritos viscerais e voláteis, uma paisagem de feitiçaria e magia, que direciona e manipula energia em todos os sentidos.

Os espíritos denominados de *angelo* (do grego ἄγγελος) são mensageiros dos presságios dos deuses para a humanidade, enquanto os espíritos denominados de *daemon* (do grego δαίμων) trabalham em função dos mágicos, trazendo mensagens no sentido oposto – da humanidade aos deuses e aos mortos. Portanto, não existe um senso moral de bom e mau entre *angelos* e *daemons*, pois na crença dos papiros ambos são indiferentes aos nossos códigos morais e éticos. Nos papiros, os espíritos desenvolvem um papel importante e estão por toda parte: nos sonhos, visões, nas paixões, na proteção das pessoas, habitações e até nas maldades causadas aos seres humanos.

Estes espíritos não são invocados de qualquer maneira. Existe uma regra de abordagem correta para as conjurações, assim como um momento e local exato para que o ritual seja apropriado e garanta a potência do feitiço. Através dos papiros, percebemos que estes espíritos e deuses foram invocados e solicitados mediante as oferendas e encantamentos. Os sacrifícios de sangue e ritos misteriosos são realizados em locais que causam aversão, pois geralmente ocorrem em cemitérios, encruzilhadas, margem de rios. Também é requisitado que ocorram em locais onde houve mortes de formas violentas e geralmente sua realização é nas horas mais escuras.

Os papiros nos remetem a um encontro de culturas romanas, egípcias e gregas em desenvolvimento a partir do século I. Isto nos permite situar a magia dentro de um campo complexo de confluências religiosas entre estas sociedades supracitadas, o que nos leva a compreender a importância da reflexão sobre este encontro cultural. Segundo Betz:

Muito do que estamos acostumados a ver classificado como “sincretismo tardio” é, antes, a religião popular antiga e original, profundamente arraigada, vindo à tona quando a pintura de escritores e

artistas “clássicos” começou a se destacar (BETZ, 1986, p. lii - tradução nossa).

Analisando os PGM, percebe-se que não é a religião do Estado e sua ordem social que é encontrada, pelo contrário, se descobre a origem popular de tradições mágicas, as tradições ancestrais das pessoas comuns. Os papiros não representam uma religião ou um sistema de crenças; em vez disso, compõem-se de registros abrangentes de práticas mágicas que transcendem os meios em que se encontram, sejam eles culturais, raciais e étnicos.

As práticas de iniciações, conjuramentos, símbolos mágicos, jornadas espirituais, sonhos, oferendas, fetiches e uma infinidade de técnicas, possuem significados em quase todas as tradições de magia da face da terra, são verdades universais e estão enraizadas nas matrizes culturais de diversas culturas. Assim, o que os PGM compartilham é a própria feitiçaria tradicional, as tradições espirituais, o xamanismo, ou seja, a própria magia. Um mundo onde não há separação do humano e do espiritual, onde o sucesso depende da capacidade de quem o pratica, sendo necessário firmar alianças com deuses e seres espirituais, pois são os espíritos que habilitam a magia. Este é o fio condutor que liga os magos dos PGM a um sistema de magia coeso e prático e que liga o passado ancestral às tradições vivas de hoje.

### **2.3 AS MAGIAS AMOROSAS E DE AMARRAÇÃO**

Na antiguidade, as magias relacionadas ao amor, eram realizadas por especialistas nesta área, também denominados de magos. Geralmente, os interessados buscavam os melhores especialistas que sabiam manipular os objetos, os *katádesmoi*, os encantos e seus filtros. Através da magia, buscava-se fazer com que a pessoa amada correspondesse ao amor do solicitante e, em casos de separações, a volta desse. Também havia feitiços utilizados para vingança, quando o amor oferecido fosse desprezado (SANTOS, 2012, p.171).

Por mais que os feitiços apresentassem uma característica de destruição, Faraone descreve que as imprecações amorosas raramente causavam o mal (FARAONE, 1999, p.8).

Os objetos utilizados nas práticas mágicas de amor e os seus feitiços geralmente eram enterrados próximos a tumbas e, durante a sua ação mágica, recitavam-se longas litanias.<sup>6</sup> A língua utilizada geralmente era a grega, mas por vezes havia uma “espécie de não linguagem que consistia em séries de palavras mágicas” (CHEVITARESE, 2007, p. 92).

Uma diversidade de divindades era utilizada nas orações que visavam à conquista amorosa, entre elas divindades demoníacas, pagãs e bíblicas. Em muitas orações buscava-se encantar o ser amado, em outros exemplos eram recitados encantamentos de invocações tanto ao céu como ao inferno para que os resultados fossem positivos. As citações geralmente eram acompanhadas por cruces feitas com os pés e mãos.

Encontramos uma prática similar ao *voodoo* nos PGM – veja, por exemplo, o PGM IV 296-466 – que descreve que para a sua realização seria utilizado um boneco de cera, representando um homem ou uma mulher com os braços amarrados (SANTOS, 2012, p. 171). Treze estacas semelhantes a ferro deveriam ser escolhidas para perfurar o boneco enquanto o encanto fosse proferido:

eu estou perfurando este prego no cérebro de NN, enterro dois nos seus ouvidos, dois nos seus olhos e um na sua boca... dois em seu peito... um em sua mão, dois eu enterro na sua genitália e dois nos seus pés. Eu enterro estes pregos em cada uma das suas partes NN, para você não se interessar por ninguém, mas somente por mim, só pense em mim (BETZ, 1986, p. 44 – tradução nossa).

O solicitante da magia sabia dos seus riscos quando decidia procurar alguém para realizá-la, portanto, a figura de um especialista era exigida. Este deveria mostrar todo o seu conhecimento e capacidade de realização do ato, pois isso trazia a ele prestígio, sucesso e, por vezes, retornos financeiros. Em processos que eram atendidos pedidos de morte, o mago acreditava adquirir mais poder, pois as almas dos indivíduos mortos antes do tempo determinado pelas Moiras/Parcas/Destino estariam à sua disposição (CÂNDIDO, 2004, p. 84).

Sobre o processo de amarração amorosa, Santola define que:

A Amarração é um processo místico com o qual é possível “amarrar” uma pessoa a outra seja amorosamente, emocionalmente ou mesmo de forma puramente sexual. A tradição oculta ensina que por meio de alguns processos pode-se invocar entidades espirituais que vão atuar na vida de uma certa pessoa, de forma a influenciá-la a apegar-se completamente à pessoa destinada pelo trabalho (SANTOLA, 2009, p. 488).

---

<sup>6</sup> Lítania = O termo vem do latim *litania*, derivado do grego *lite*, e significa oração ou súplica. Em virtude de ser um conjunto de preces, a litania é um tipo de oração intercessória. Ex: Ladainha de Todos os Santos da Igreja Católica.

O autor descreve que o nome de “amarração” refere-se ao fato de que nas receitas antigas utilizadas nos rituais, era utilizada uma corda do tamanho da pessoa para quem o feitiço seria feito e uma série de laços e nós eram realizados enquanto se recitavam os pedidos aos deuses. E destaca que esta tradição sobrevive até hoje, em diversas partes do mundo. Santola apresenta um encantamento divino relatado no Alcorão, que foi criado contra ataques ocultos de amarrações:

Em nome de Deus o Clemente, o Misericordioso, digo: Procuo refúgio junto ao Senhor da Alvorada, Contra o Mal das criaturas que Ele criou, Contra o Mal das trevas quando se estendem, Contra o Mal das feiticeiras quando sopram sobre seus laços, Contra o Mal do invejoso quando inveja – A Alvorada Surata 113 (SANTOLA, 2009, p. 488).

Os objetivos dos encantamentos de amarração é que uma pessoa fique com outra, mesmo que não compreenda a razão pela qual realize esta ação. Os feitiços realizados permitem a conquista de uma pessoa sobre a vida da outra.

## **2.4 A TEORIA ESPIRITUAL DAS AMARRAÇÕES**

O resultado de uma amarração se dá em virtude de ações espirituais que agem em torno da pessoa amarrada; é despertado nela um desejo e vontade que a levam a cooperar para que o trabalho seja realizado com sucesso.

Santola apresenta uma lista de cinco efeitos que ocorrem na vida de uma pessoa para quem o trabalho foi solicitado: 1- Os espíritos e divindades passam a agir e murmurar o tempo todo sobre a pessoa amarrada, o que causa uma tortura invisível, aborrecimentos, infelicidades, dores, problemas, até o momento em que esta pessoa fique com a pessoa que solicitou a amarração; 2- Os espíritos e divindades despertam na pessoa uma luxúria e desejos sexuais irresistíveis; 3- Ocorre um bloqueio das atividades na vida da pessoa a quem o trabalho foi solicitado, fazendo com que seu espírito fique fraco e desmotivado; 4- Estas entidades agem de modo que o espírito da pessoa amarrada seja torturado, para que ela ceda aos desejos aos quais foi solicitado. Por esta razão, encontramos constantemente nos encantamentos as solicitações de “que fulano tal não coma se não estiver ao meu lado; que fulano tal não durma se não estiver ao meu lado; que fulano tal sofra todos os mais cruéis tormentos se não estiver ao meu lado; que fulano tal não tenha nenhuma felicidade se não estiver ao meu lado etc...”; 5- E, por fim, estas entidades

podem agir através de sonhos, pelos quais são capazes de provocar tormentas, instabilidades mentais e espirituais (SANTOLA, 2009, p. 490).

Estes efeitos do trabalho na vida da pessoa amarrada permitem que se abra uma lacuna que possibilita a conquista de quem fez a solicitação e, por fim, esta saia vitoriosa em seus desejos.

Através de textos como os PGM, encontramos os vestígios das magias praticadas no início do século II, bem como uma descrição de como estas ações faziam parte do cotidiano das pessoas com uma grande frequência em suas utilizações.

As evidências da magia demonstram um mundo permeado por desejos, onde os deuses invocados para as realizações dos rituais geralmente eram ctônicos<sup>7</sup>, ou seja, entidades habitantes do submundo que contestavam as ordens impostas vindas dos céus, pelos deuses do Olimpo.

O uso da magia com as forças alternativas de poder, independente de preceitos da lei e éticos da comunidade pertencente, era a solução encontrada por pessoas para reaverem o que consideravam seu por direito, ou até mesmo conseguirem aquilo que não os pertencia.

## **2.5 ESTRUTURA DOS FEITIÇOS NOS PGM**

Nos PGM listados por Betz, podemos encontrar uma variação de 513 encantamentos. Para nossa análise, destacamos os papiros relacionados a magias de amor onde foi possível destacar 98 encantamentos com ênfases em ligação de amor, feitiços de amor, feitiços de separação, feitiços para mulheres odiarem homens, feitiços para causar inimizades e ódio de mulheres por homens, feitiços para mulher revelar o homem que ama, feitiços para amarrar amante, induzir sono, e feitiço para que a mulher se apaixone durante o ato sexual. (Veja Anexo B, p. 234).

---

<sup>7</sup> Ctônico: Na mitologia grega, o termo ctônico designa ou refere-se aos deuses ou espíritos do mundo subterrâneo, por oposição às divindades olímpicas. Por vezes são também denominados “telúricos”. A palavra grega χθών é uma das várias que são usadas para “terra”, e refere-se tipicamente ao interior do solo, mais do que à superfície da terra ou à terra como território. Evoca, ao mesmo tempo, a abundância e a sepultura (EDUCALINGO. Dicionário On-Line. Disponível em <https://educalingo.com/pt/dic-pt/ctonico>. Último acesso em 01 jun 2019).

Conforme nossa tabela de análise<sup>8</sup>, foi possível destacar os feitiços, seu período de escrita, feitiços que se utilizam de invocação e evocação, feitiços que utilizam oferendas, os gêneros dos solicitantes dos feitiços e as divindades invocadas em cada encantamento.

Em nossa contagem também constam os feitiços que não possuem invocações ou evocação diretas, mas que são constituídos por elementos mágicos manipulados que, em contato com os órgãos genitais, reproduzem o encantamento, gerando desta forma a atração.

Destacamos dois PGM como amostras de feitiço com invocações e oferendas, e um feitiço simples de amarração.

*Feitiço com invocações e oferendas*

PGM VII, 467-77 – (Sem título) Feitiço Amor da atração

\* Pegue uma concha do mar e desenhe nela com tinta de mirra a figura de Typhon dada abaixo, e em círculo escreva seus nomes e jogue-a no banho de aquecimento. Mas quando você o jogar, continue recitando essas palavras gravadas em círculo e “atraia para mim ela, NN, que NN suportou, neste mesmo dia, a partir desta hora, com sua alma e coração em chamas, rapidamente, rapidamente; imediatamente, imediatamente”.

A imagem é a abaixo. Mas ao recitar o feitiço, diga o seu começo: “Este é o deus dos destinos, ÕKĒSĒ EĒRINIARE MIN / ENTĒNTAIN PHOOU TŌNKTŌ MNĒ SIETHŌN OSIRI ENABŌTH PSANOU LAMPSOUŌR IEOU IŌ AI ĒI EI AI EI AŌ, atraia para mim ela, NN, cuja mãe é NN”, e o resto. Esta é a figura: \* Tr.: E. N. O’Neil. (BETZ, 1986, p. 130 – tradução nossa).

*Feitiço simples de amarração*

PGM VII, 191-92 – Feitiço para a ligação de um amante

\* Feitiço eterno para agradar um amante: esfregue um pouco de galha de javali, sal de rocha, mel de sótão e esfregue a cabeça do seu pênis.

\* Tr.: E. N. O’Neil. (BETZ, 1986, p. 120 – tradução nossa).

Para maior compreensão das estruturas dos feitiços, descreveremos os itens citados acima com uma explanação mais detalhada das temáticas. Destacamos que todos os papiros analisados estão traduzidos conforme o Anexo A, p. 185.

---

<sup>8</sup> Nossa tabela foi constituída baseada na apresentada por Eleni Pachoumi, em “*The Erotic and Separation Spells of the Magical Papyri and Defixiones*” (2013). Porém como veremos adiante na pesquisa, pontuamos outros critérios para avaliação de nossa tese, como por exemplo os gêneros dos usuários. Assim como contemplamos os papiros fragmentados e os papiros demóticos.

### 2.5.1 Explicação de Referências e Sinais Textuais dos PGM

Para entender as estruturas e sinais textuais dos feitiços apresentados, utilizaremos as principais descrições das referências apresentadas por Betz para analisar como os feitiços são formulados (BETZ, 1986, p. xxxii).

**\***: Um asterisco introduz um feitiço independente ou um feitiço que contém a maioria das partes constituintes necessárias para efetuar todo encanto.

**Tr.:** Esta sigla significa “tradutor” e “transcritor” (se o texto não contém palavras reconhecíveis que podem ser traduzidas).

**FEITIÇO DA VITÓRIA:** Frases definidas em negrito referem-se a títulos gerais de encantos que normalmente ficam no início do período e que muitas vezes são seguidos por uma ou mais legendas. Muitas magias não possuem um título, seja por causa de uma omissão de escriba ou porque ele foi perdido em uma lacuna no texto.

**IAO SABAOTH ADONAI:** Letras maiúsculas indicam nomes mágicos (*voces magicae*) que geralmente são intraduzíveis e muitas vezes sem sentido para o leitor. Em alguns casos, pequenas letras maiúsculas preservam palavras gregas, egípcias, ou semitas reconhecíveis que merecem atenção especial.

[Feitiço]: Colchetes encerram palavras e indicam que as palavras não são preservadas no texto original. Estes incluem (1) sugestões de restaurações de lacunas; (2) expansões editoriais do texto para esclarecer o sentido da língua original; e (3) frases tradicionalmente dadas por suportes.

**“Venha até mim...”**. : Aspas envolvendo palavras indicam material que é falado (ou destinado a ser falado) ou escrito (ou destinado a ser escrito). O material que não está entre aspas geralmente se refere a partes de um formulário que contém instruções e orientações para além do material a ser escrito ou falado.

**NN:** Nos formulários mágicos, esta abreviatura significa um nome ou nomes a serem inseridos pelo leitor, os nomes das pessoas contra ou para quem a magia será realizada. No caso de “(a) a matéria NN”, o leitor compreende que os pedidos específicos são para ser chamados neste ponto.

### 2.5.2 Palavras Mágicas - *Voces Magicae*

Uma característica presente na utilização da magia são as palavras mágicas, também conhecidas através da expressão grega *voces magicae*. Estas palavras não possuem uma especificidade, pois são envoltas por um aspecto de mistério e não contêm um sentido gramatical conhecido. Na antiguidade as *voces magicae* também costumavam ser organizadas por formas como quadrados, triângulos e palíndromos<sup>9</sup> eram bastante comuns.

ABRACADABRA  
 ABRACADABR  
 ABRACADAB  
 ABRACADA  
 ABRACAD  
 ABRACA  
 ABRAC  
 ABRA  
 ABR  
 AB  
 A

A palavra Abracadabra é atribuída à virtude de curar moléstias, afastar a peste e banir demônios e má sorte. Partindo do A inicial até o último A, é possível ler a palavra 1024 vezes.

Fonte RIBEIRO JUNIOR, 1985, p. 8

Compreender as palavras mágicas é importante, pois na maioria dos feitiços, encantamentos e invocações percebemos a sua utilização e como este fator-chave exerce influência para que a magia funcione.

Em seu sentido mais básico, a magia é um esforço para controlar ou coagir as forças naturais ou sobrenaturais para fazer a oferta do homem. Não sabendo a causa real de muitos acontecimentos cotidianos, as pessoas nas sociedades anteriores acreditavam que a repetição de certas palavras mágicas ou encantamentos, ou a realização de algum ritual, poderia trazer certos efeitos desejados (RUSSELL, 1990, p. 77 – tradução nossa).

Considera-se que as palavras mágicas, quando são utilizadas, geram resultados positivos; o seu efeito é sobrenatural, de tal modo que em diversos resultados e aquisições de ações mágicas, a ciência não consegue explicar seus efeitos. Percebemos que, no mundo moderno, as principais religiões se dizem não praticantes de magia, mas são notáveis as ações mágicas em cultos, cerimônias e rituais. O mesmo acontece na prática das orações. Um exemplo principal da utilização desta ação ocorre com os cristãos, pois quando o resultado é positivo, atribuem sua causa e efeito a Deus, mas o resultado obtido poderia ter ocorrido por qualquer outro fenômeno sobrenatural. Não é possível comprovar

<sup>9</sup> Palíndromo: do grego *palin* (de novo, novo) e *dromo* (percurso, direção, sentido). É uma palavra, expressão ou frase que pode ser lida tanto no sentido convencional das línguas ocidentais quanto inversamente. Exemplos: “A sacada da casa” e “Luz azul”. (www.recantodasletras.com.br)

os acontecimentos, mas a oração não é apenas sobrenatural, como também é mágica. Para as pessoas que fazem parte do mesmo círculo de crenças, o fenômeno será baseado no seu credo, mas, para aqueles que estão fora deste círculo, a interpretação dos resultados sugerirá ceticismo ou magia ou magia. Não existe diferença entre as palavras mágicas da oração e qualquer outra forma de palavra mágica.

É importante destacar a importância da transmissão oral como fonte inesgotável para os narradores tanto quanto da própria narrativa como uma forma artesanal de comunicação, como um ofício artístico. A narrativa do aspecto mágico está presente em todas as esferas da vida social, especialmente na economia camponesa. Narrar o mágico constitui um dos procedimentos que fazem parte das operações técnicas necessárias tanto para o plantio e a colheita dos produtos como para a criação de animais. Narrar é agir, pois toda palavra é também um ato: “Para dominar as coisas, é preciso conhecer as palavras” (MALINOWSKI, 1966, p. 215).

Na questão de manipulações de objetos, a linguagem da magia é envolta por uma força, pela qual as palavras utilizadas transferem vida aos objetos, o que os tornam capazes de manipular o meio e influenciarem diretamente nas ações. O estudo da linguagem da magia analisa as orações, mágicas, fórmulas mágicas, pois estas lidam com uma linguagem especial de efeito sobre os objetos.

Todas as elocuições têm um efeito sobre as coisas, desde a insistência dos espectadores de futebol até os pronunciamentos dos políticos, mas enunciados mágicos podem ser distinguidos e classificados de acordo com a maneira como o enunciado é formulado e os papéis desempenhados pelos participantes na interação. Por exemplo, enunciados destinados a abrir uma porta podem ser mágicos ou não mágicos. Abra a porta é o imperativo usual dirigido para outra pessoa. Se eu disser: “Maria, abra a porta”, esse enunciado só se tornará mágico se Maria fosse a Virgem Maria, ou uma Maria que estivesse ausente. Da mesma forma, a porta aberta é mágica porque o agente da ação é inanimado. Este último enunciado, como “abra-te, Sésamo”, emprega um uso especial da linguagem. Uma identificação ou magia depende de um reconhecimento tênue do que é (cientificamente) possível: regar as plantas é uma maneira de estacar e crescer, o que não é mágico, cantar canções sobre elas é (MUECKE, 2013, p. 94 – tradução nossa).

Quando se nomeia um objeto, passa-se a possuir controle sobre o mesmo, de igual modo quando nomeamos as ferramentas que utilizamos em nosso cotidiano, sua localização e utilização esta interligada com seu nome.

Muecke (2013, p. 93) relata que a razão para que isso ocorra está no “significado” ou “significativo” das palavras que utilizamos normalmente, pois faz sentido para nós, mas na magia ocorre o contrário, pois não é necessário um domínio e nem um sentido

sobre as palavras, as mesmas apenas fluem. O autor exemplifica que, quando algum mal nos ocorre, logo culpamos as forças malignas, pois existe uma necessidade de enquadrar a experiência com uma palavra que conhecemos e utilizar isso na magia é uma manobra perversa, pois sugestiona as experiências a uma linguagem da estrutura e da função, afastando a singularidade da experiência.

Concordamos com o pensamento do autor, pois a linguagem da magia está além de uma linguagem social. Existe um ritual simbólico para um índio que faz uma dança para que a chuva lhe abençoe sua plantação, e colhe daquilo que plantou. Este índio acredita em sua ação prática e nas palavras pronunciadas, o que, para um cientista social, este ritual significaria apenas uma construção social. Um possui um olhar de crença, o outro um olhar de pesquisa. Se a análise seguir através deste viés, percebemos um erro comum, que é o de caracterizar enunciados pelas suas ações, como, por exemplo, se o enunciado fazer com que o objeto ruim desapareça, este é nomeado de exorcismo; se um objeto ruim aparecer, é nomeado de maldição; se um objeto bom aparecer, é benção. As ações boas são tradicionalmente comparadas à magia branca, enquanto as ações ruins são comparadas à magia negra. O autor classifica desta forma o feitiço e a oração. Para Muecke, estes termos são escolhas significativas realizadas através de um processo contínuo de julgamento e reflexão no qual existem várias possibilidades (MUECKE, 2013, p. 96).

Cardoso, em sua tese “*Voces Magicae: O poder das palavras nos Papiros Gregos Mágicos*” (2016) relata que a etimologia contribui para o entendimento das palavras mágicas, mas sempre retorna à questão do sentido, sendo que aquelas palavras nem sempre são possíveis de traduzir suas expressões, e validar uma autoridade, devido à obscuridade que compõe estas *voces magicaes*. A autora propõe, então, uma análise das

palavras mágicas através de seu contexto, e não de seu significado. Utilizando critérios formais de caráter sintático e semântico para descrever o contexto em que as *voces magicae* são encontradas e, a partir disso, observar tendências de uso e possíveis funções dessas palavras (CARDOSO, 2016, p. 17).

Através de uma análise sintática e semântica, a autora estabelece critérios formais para classificar as palavras mágicas e, desta forma, tendenciar o uso e possível função dessas palavras nos feitiços, em especial os de amarração. Portanto, compreender a importância das palavras mágicas é fundamental, pois, embora sejam “palavras sem sentidos”, elas são fundamentais nas práticas mágicas e devem ser pronunciadas corretamente para que o seu resultado seja eficaz.

Nas invocações mágicas, de acordo com Betz, também se baseiam sons de letras e vibrações herméticas que alinham o praticante dos feitiços com os princípios metafísicos da operação. As vozes mágicas são concebidas de acordo com a vibração do próprio princípio em questão; em alguns casos, os sons podem ter sido projetados para imitar os elementos da natureza, como, por exemplo, o som do vento (PPP SSS PHRE) ou o som da água (OOO AAA EEE). No papiro da *Liturgia Mithras* (PGM IV, 475-829) podemos perceber estes aspectos:

Primeira origem de minha origem, AEHIOYΩ, primeiro começo de meu começo PPP SSS PHRE, espírito de espírito, o primeiro do espírito em mim, MMM, fogo dado por deus a minha mistura das misturas em mim, o primeiro do fogo em eu, EY EIA EE, água da água, a primeira da água em mim, OOO AAA EEE, substância terrena, a primeira da substância terrena em mim, YE YOE... (BETZ, 1992, p. 48).

Em outros textos dos PGM também percebemos as permutações das sete vogais (AEHIOYΩ) e de nomes de divindades repetidos com frequência como IAΩ e IEOU. Em outros, como as várias permutações das sete vogais (AEHIOYΩ) e os nomes divinos, os sons de vogais eram a fórmula mágica usada para invocar o poder dos “sete Deuses Imortais do Universo” (BETZ, 1992, p. 48-50).

Maciel destaca que sete é um número mágico que rege a criação humana. São sete os dias da semana, sete notas musicais, sete cores do arco-íris e sete dimensões de *chakras* principais do ser humano. Portanto, a vocalização correta das sete vogais da natureza gera um alinhamento entre homem e natureza, e cria uma frequência de sons perfeita para a manipulação dos feitiços. Tudo que rege o mundo está em movimento e todos os organismos possuem uma nota chave, que sustenta as demais células. Assim, esse encontro de mundos permite que ocorra uma harmonia entre homens e natureza (MACIEL, 2017).

Vilar (2017) destaca a importância do uso correto das palavras mágicas, pois quanto mais se avança nas pesquisas sobre as palavras intraduzíveis dos PGM, mais nítida a importância que o escriba dedicou a preservar as fonéticas das “palavras de poder” egípcias e semíticas sobre seu significado traduzido. Esta ação retrata a importância que os magos davam à pronúncia correta na execução das fórmulas mágicas para que houvesse sucesso nos ritos mágicos.

Embora a reconstrução completa dos sons das fórmulas mágicas seja impossível, ainda existe muito conhecimento prático a se desenvolver, pois não só descobrimos novos significados quando examinamos os sons, mas também buscamos estudos que

aprofundam e investiguem as ciências e conhecimentos que foram utilizados pelos magos dos PGM, e isso é importante para o desenvolvimento das pesquisas em torno da magia.

### 2.5.3 Invocações e Evocações

Do termo latim “*vocare*” que significa “chamar”, se originam duas outras palavras. A primeira palavra é “invocação” e está recebe o acréscimo do prefixo “in”, que resulta no significado de “chamar para dentro” (chamar para descer sobre alguém) (RIBEIRO JUNIOR, 1985, p. 23), “chamar por alguém”, “ato de invocar”, “chamamento” (EDUCALINGO, 2019). Ela ocorre nas práticas mágicas quando seus executores se investem de seus atributos para invocar poderes, energia, aparência, personalidade, sensações etc. Dentro do processo, é permitido que qualquer coisa possa ser invocada, seja um deus, um conceito, um elemento, personagens místicos entre outros. Após o processo de invocação é possível ao mago agregar traços de entidades solicitadas à sua personalidade, o que lhe resulta em benefícios próprios e aproveitamentos específicos de atributos especiais.

A segunda palavra é o termo “evocação”, que recebe o prefixo “e”, e seu significado é “gritar”, “chamar de dentro para fora”, “fazer aparecer entidades sobrenaturais, espíritos, almas de finados” (EDUCALINGO, 2019). Enquanto na invocação temos a ideia de uma entidade externa ser convidada a penetrar no corpo e mente do mago, na evocação ela é manifestada externamente e ocorre por meios de pactos e exorcismos.

Na evocação ocorrem práticas comuns da magia, que incluem pronúncias de fórmulas, cerimônias particulares, necromancia, trabalhos com espíritos, e até criação de servos. A “finalidade é atrair e obrigar entidades invisíveis a prestarem sua ajuda ao evocador” (RIBEIRO JUNIOR, 1985, p. 23).

De modo geral, as evocações ocorrem para conquistar favores, que podem ou não ser retribuídos com pagamento de outros favores e oferendas, ou podem ser ocasionados por ameaças de torturas. Um espírito quando evocado manipula a realidade objetiva, o que lhe permite transmitir conhecimento aos participantes da cerimônia, concedendo-lhes aquilo que lhe foi solicitado.

Ambos os termos são definidos como conjuros, ou seja, uma chamada. Para que os conjuros sejam perfeitos, é necessário conhecer os nomes que serão pronunciados, pois

esta ação é parte fundamental das operações mágicas, e conhecer as entidades é essencial para que a magia ocorra. Quando se conhece bem a entidade sabe-se de qual modo a mesma deve ser chamada, reverenciada e conduzida. Por esta razão, encontramos línguas mortas como o grego, latim, hebraico e o sânscrito nos feitiços e encantamentos.

Nos papiros analisados de Amor, encontramos conjuros em 68 deles, sendo que em 40 ocorrem ofertas às divindades. É notável o fato de haver diversos elogios a seres solicitados, uma espécie de conjuro elaborado, com dizeres lisonjeiros. Também existem casos nos quais as divindades são evocadas simplesmente pelos nomes, sem abordagem específica, mesmo que ocorra na minoria dos casos.

ADŌNAI, Que esconde as estrelas, que controla o céu brilhantemente brilhante, o senhor do mundo. PGM IV, 296-466 (BETZ, 1986, p. 44 - tradução nossa).

Você que é mestre acima da terra e abaixo da terra, / que olha para o oeste e o leste e olha para o sul e o norte, ó mestre de tudo, Aion de Aions! PGM IV, 2145-2240 (BETZ, 1986, p. 76 - tradução nossa).

Ao reverenciar as entidades, o conjurador demonstra um sinal de respeito, bem como garante que a entidade responda à sua solicitação, pois atribuindo suas características com precisão, o mesmo demonstra que conhece para quem está solicitando e direcionando sua petição, evitando assim equívocos e erros em seus feitiços. Em alguns dos feitiços ocorre um exagero de epítetos direcionados para as divindades, como no caso do PGM IV, 2708-2784, em que Hécate, Kore e Perséfone são invocadas por uma lista longa de atributos.

O uso de listas de atributos ou atos da divindade – ou “a enumeração e a exigência de perfeição” com o objetivo de “a abordagem completa da personalidade da divindade” – é um elemento que caracteriza fortemente os feitiços de amor nos papiros mágicos (BJÖRKLUND, 2015, p. 42 – tradução nossa)

O que fica perceptível, é que nos casos de feitiços de amor, evidenciar e bajular os atributos das entidades revela o grau de interesse do solicitante, portanto, quanto mais ele adula as entidades, melhor será ele retribuído e atendido.

Em nossa análise, podemos perceber que os feitiços não seguem um padrão sobre as entidades que serão chamadas (embora nos casos de amor algumas divindades sejam mais solícitas); em alguns feitiços encontramos os nomes de anjos, dentre outras entidades ctônicas, entidades celestiais e até mesmo personalidades bíblicas, como o caso de Abraão e Adão. Porém, em feitiços como o PGM III, 1-164 e o PGM IV, 296-466, podemos encontrar diversos deles sendo conjurados ao mesmo tempo:

Realize para mim a ação do NN, porque eu o conjuro pelo deus IAO, pelo deus SABAOTH, pelo deus ADONAI, pelo deus MICHAEL, pelo deus SOURIEL, pelo deus GABRIEL, pelo deus RAPHAEL, / pelo deus ABRASAX ABLATHANALBA AKRAMMACHARI, pelo deus senhor, IAIOL, pelo deus senhor CHABRA (CH) PHNESKER PHNESKER PHICHRO PHNYRO PHOCHOBOCH AEEIOYO OYOIEEA; você que ilumina o dia, NETHMOMAO; a criança / o que sobe, OROKOTOTHRO, aumentador de fogo e de muita Luz, SESENGENBARPHARAGGES (BETZ, 1986, p. 18 – tradução nossa).

Eu confio este feitiço de ligação para você, deuses ctônicos, HYESEMIGADŌN e KORĒ PERSEPHONE ERESCHIGAL E ADONIS E BARBARITHA, infernal HERMES THŌOUTH PHŌKENTAZEPSEU AERCHTHATHOUMI / SONKTAI KALBANACHAMBRĒ e poderoso ANUBIS PSIRINTH (BETZ, 1986, p. 44 – tradução nossa).

A estrutura básica das orações e feitiços consiste em um primeiro ato de abordar as entidades e a realização de uma invocação, depois o procedimento de descrição dessa entidade e uma evocação. A evocação pode empregar uma lista de atributos ou ações da divindade. E, por fim, uma repetição da invocação e uma chamada para a ação – “faça isso por mim, faça o que eu mando, eu ordeno isso a você”. O elemento chave no verso mágico, então, é a obrigação da divindade a agir em nome do adorador.

Faça com que ela, NN, me ame - PGM VII, 462-66 (BETZ, 1986, p.130 – tradução nossa).

Por isso, traga-a para mim, inflamada com paixão, submissa. Que ela não encontre sono até que ela venha a mim – PGM VII, 593-619 (BETZ, 1986, p. 135 – tradução nossa).

#### 2.5.4 Oferendas

As oferendas são caracterizadas como presentes. São dádivas oferecidas a deuses, divindades e santos (EDUCALINGO, 2019). Geralmente são banquetes, presentes, cantos, frutas, elementos da natureza, velas etc., porém existem grupos que se utilizam de sacrifícios de animais e rituais com sangue como oferenda às suas entidades e divindades. As oferendas servem para manter uma conexão com mundo espiritual, um ato de depositar elementos e elevar o pensamento aos seres de outro plano espiritual.

As oferendas possuem energia própria e essa troca de energia é utilizada pela entidade em tal qualificação da oferenda. Por esta maneira, as oferendas devem ser algo em específico que seja do gosto da entidade (BJÖRKLUND, 2015, p. 42 – tradução nossa). Os espíritos não se alimentam das oferendas dedicadas a eles, até mesmo porque

estão em outro plano espiritual, mas eles extraem as energias dos elementos e reverte essa energia para o trabalho solicitado.

Dentro dos 98 papiros de amor analisados, encontramos ritos de oferendas em 40 deles. Embora haja diversas oferendas diferenciadas, percebemos que as oferendas vocais são mais presentes que as oferendas físicas. Entretanto, é preciso destacar que, na religião grega,

a oferenda de gordura e ossos do animal sacrificado aos deuses era uma parte essencial de qualquer ritual, sem mencionar os dons físicos votivos dados às divindades como reconhecimento do cumprimento do contrato entre o adorador e a divindade e que os presentes formam uma parte significativa dos rituais de cumprimento entre os seres humanos através das culturas, essa é uma questão central (BJÖRKLUND, 2015, p. 44 – tradução nossa).

Ainda de acordo com Björklund, nas práticas mágicas o cenário compartilhado era de relacionamento entre o adorador e a divindade, por esta razão as oferendas vocais ocorriam com mais frequência, visto que para um ritual mais elaborado haveria uma pressão maior por parte de protocolos que eram seguidos pela prática da religião oficial.

Entre os presentes oferendados encontramos nos papiros um gato: “[Pegue um] gato e [faça] um Esiès [submergindo] seu corpo em água” (PGM III, 1-164); flores: “você coloca isso, quando o sol está se pondo, ao lado do túmulo de alguém que morreu inoportunamente ou violentamente, colocando ao lado dele também as flores sazonais” (PGM IV, 296-466); incenso: “Se você deseja conquistar uma mulher que é bela, seja puro por três dias, faça uma oferenda de incenso, / e invoque este nome sobre ela (PGM IV, 1265-1274); pão: “Diga o feitiço sobre os pedaços de pão e jogue-o sobre o local” (PGM IV, 1390-1495), mirra: “Encanta o feitiço de atração sobre a mirra que é oferecida: Enquanto a oferece sobre carvões, recita o feitiço” (PGM IV, 1496 -1595); elementos da natureza: “A oferenda benéfica, então, é: incenso sem cortes, louro, murta, fruteira” (PGM IV, 2622-2707); também encontramos outros elementos como ratos, abutres, pombos, musaranhos, carvão, madeira, enxofre, estorax, sangue e gordura.

Oferendas especiais geralmente são queimadas e consistem de ervas, especiarias, alimentos e animais pequenos, como no caso do PGM IV, 1716-1870 e do PGM IV, 2145-2240.

A oferta queimada / que dota Eros e todo o procedimento com alma é esta: maná, 4 tambores; estorax, 4 doses; ópio, 4 doses; mirra, [4 doses;] incenso, açafraão, bdella, / meio dose cada. Misture o figo seco rico e misture tudo em partes iguais com o vinho perfumado, e use-o para o desempenho. No desempenho, primeiro faça uma oferta queimada e /

use-a dessa maneira PGM IV, 1716-1870 (BETZ, 1986, p. 69 – tradução nossa).

Queime o alho e a pele de uma cobra como uma oferenda e escreva em uma placa de lata: “NEBOUTOSOUALĒTH BEU ERBĒTH PAKERBĒTH e ŌNOUPH; derrubá-lo, NN, e seu / companheiros. PGM IV, 2145-2240 (BETZ, 1986, p. 69 – tradução nossa).

Nos papiros também encontramos misturas especiais e por vezes não queimadas como partes de corpos, argilas, sangue de animais, ervas e plantas.

Oferecendo à estrela de Afrodite: sangue e gordura de uma pomba branca, mirra não tratada e absinto ressecado. PGM IV, 2891-2942 (BETZ, 1986, p. 92 – tradução nossa).

Pegue os olhos de um morcego e solte-o vivo, e pegue / um pedaço de massa não cozida ou cera não derretida e molde um cachorrinho; e coloque o olho direito do morcego no olho direito do cachorrinho, implantando também da mesma maneira o esquerdo no esquerdo. E pegue uma agulha, enfie-a no material mágico e cole-a nos olhos do cachorrinho, para que o material mágico fique visível. E coloque o cão em um novo recipiente para beber, prenda uma tira de papiro e feche com seu próprio anel, que tem crocodilos com a parte de trás da cabeça presa e / coloque-o em uma encruzilhada depois de marcar o local para que se você desejar recuperá-lo, pode encontrá-lo. PGM IV, 2943-2966 (BETZ, 1986, p. 94 – tradução nossa).

Pegue mirra / incenso masculino, coloque-os em um copo e adicione uma essência de vinagre; e, na terceira hora da noite, coloque-o na tomada da sua porta e diga o feitiço 7 vezes. PGM XXXVI, 134-160 (BETZ, 1986, p.272 – tradução nossa).

### **2.5.5 Insônia**

Na época atual sempre é possível encontrar propostas do tipo “trago seu amor de volta rastejando”, “devolvo a pessoa amada em 7 dias”, “amarração 100% garantida”, e em anúncios mais recentes “trago seu amor em 3 horas”. As perspectivas em torno de magias de amor e amarração são constantes e cada vez apresentando soluções mais rápidas, de modo a demonstrar que nada pode impedir um coração apaixonado de possuir seu objeto de desejo.

Embora no mundo espiritual esse tipo de feitiço traga sérios danos e consequências tanto para quem solicita como para quem o realiza, pois é um tipo de feitiço que influencia no livre arbítrio das pessoas, pois as mesmas estão se relacionando com outras pessoas sem ser de interesse próprio, ainda encontramos diversos executores de tais práticas.

Nestes feitiços ocorre uma ultrapassagem de limites, pois, quando é solicitada uma amarração, a pessoa amarrada se torna cega por aquele que solicitou o encanto. Desta forma, a vítima sofrerá torturas mentais, influências negativas, forte desejos sexuais, infortúnios, bloqueio em sua vida, além de sofrer com sonhos eróticos, pesadelos, visões e perda de interesse pela vida, até se encontrar com o seu algoz e amá-lo.

Esse tipo de solicitação também ocorre nos PGM. Infortúnios, doenças e insônia são constantemente solicitados como punições para as vítimas até o momento em que se rendam ao desejo que lhes consomem.

Encontramos a solicitação de insônia em 18 dos papiros analisados, sendo alguns exemplos:

Eu conjuro três vezes por Hécate PHORPHORBA BAIBŌ PHŌRBŌRBA, que ela, NN, perca o brilho nos olhos ou até / fique acordada sem nada em mente, exceto eu, NN, sozinha. PGM IV, 2943-66 (BETZ, 1986, p. 94 – tradução nossa).

Eu clamo a você, grande deus, THATHABATHATH / PETENNABOUTHI PEPTOU BAST EIËSOUS OUAIR AMOUN OUTHI ASCHELIDONĒTH / BATHARIBATH; deixe que ela, NN, fique acordada a noite inteira e dia até que ela morra, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”. PGM XII, 376-96 (BETZ, 1986, p. 360 – tradução nossa).

Ísis / e Osíris e (*daimons*) do mundo ctônico, ABLAMGOUNCHŌTHŌ ABRASAX, e *daimons* que estão sob a terra, levantem-se, vocês que são das profundezas e façam com que ela, NN, que NN suportou, fique sem dormir. PGM XXXVI, 134-60 (BETZ, 1986, p. 272 – tradução nossa).

Durante toda a noite, não a encontre o sono, mas a busque até chegar diante de seus pés e amá-lo com amor louco, afeto e relação sexual. Pois amarrei seu cérebro, suas mãos, seus intestinos e seus órgãos genitais, e seu coração para me amar. PGM CI, 1-53 (BETZ, 1986, p. 307 – tradução nossa).

Além de insônia, também são características típicas destes feitiços que a pessoa não coma, não beba, tenha sensação de queimação, sofra de amor, abandone amigos e família, que seja atormentada e não ame outra pessoa a não ser quem solicitou o encanto.

### 2.5.6 Formulação Mágica

As formulações mágicas geralmente são formadas por frases ou palavras, sendo seu significado de difícil compreensão e entendimento. Constantemente são substituídas

por outras falas e escritas. Embora estas palavras não possuam um significado específico, a sua utilização é comum nos feitiços dos PGM, tendo como objetivo compor os ritos de fala. Quando analisadas minuciosamente e separando algumas palavras, podemos encontrar dentro de uma formulação alguns conceitos e nomes de entidades e divindades em sua composição. Entretanto, o seu agrupamento demonstra uma importância significativa de valor para o sistema espiritual utilizado.

- **Fórmula ABERAMEN**: está fórmula abreviada representa um palíndromo longo, ABERAMENTHOOUTHLETHEXANAXETHRELTHUOOTHNRMAREBA, um nome mágico que ocorre várias vezes no PGM. Embora o nome da divindade Thoth possa ser lido em seu contexto, o palíndromo não possui uma decifração significativa (BETZ, 1986, p. 331). Nos feitiços também encontramos o termo associado à divindade Typhon, e Flowers endossa que o termo “parece na maioria das vezes ser um nome tifoniano” (FLOWERS, 1995, p. 275).

Como eu o chamo, IO ERBETH [IO] PAKERBETH IO BOLCHOSETH IO APOMPS IO PATATHNAX IO AKOUBIA IO ABERAMENTOHLERTHEXANAXETHRELTHYOOOTHNEMAR EBA. Execute a ação NN (adicione o usual). PGM III, 1-164 (BETZ, 1986, p. 18 – tradução nossa).

-**ABLANATHANALBA**: Esse palíndromo representa um nome do “deus deste mundo”, (FLOWERS, 1995, p. 275). É considerado comum na literatura mágica e por vezes é acompanhado dos termos SHSENGENBARPHARANGES e AKRAMMACHAMAREI. Geralmente invocado para resultados benéficos, esse nome mágico não foi explicado adequadamente, embora tenha sido sugerido que o nome contenha hebraico (BETZ, 1986, p. 331 – tradução nossa).

(Para feitiços por compulsão: “ABLANATHANALBA AKRAMMACHAMAREI EEE, que foi postado por necessidade, IAKOUB IA IAÕ SABAÕTH ADÕNAI ABRASAX”).  
A qualquer hora / você desce às entranhas dela, NN, deixe-a me amar, NN, por todo o tempo de sua vida. PGM VII, 643-51 (BETZ, 1986, p. 136 – tradução nossa).

- **BAINCHÕÕCH**: [bayn-k'oh'oh'oh-kh]: Uma palavra copta, que invoca o deus cujo nome corresponde a “espírito (alma) das trevas”. Além das magias dos papiros mágicos, o termo também é encontrado em tabletes de maldição.

Assuma / força e vigor contra seus inimigos, eles, NN, porque estou conjurando você por seus nomes, BARBATHIAO BAINCHOOCH NIABOAITHABRAB SESENGENBARPHARARGES. . . PHREIMI; levante-se para mim, ó deus com cara de gato, e faça a ação da NN

(acrescente o habitual). PGM III, 1-164 (BETZ, 1986, p. 18 – tradução nossa).

**-Fórmula ERBETH:** A fórmula “IO ERBETH, IO PAKERTBETH, IO BOLCHOSETH, IO APOMPS” ocorre com frequência em textos mágicos, especialmente em invocações maliciosas. A fórmula está ligada à divindade Set (Seth), que para os egípcios era o deus da guerra do caos e das tempestades. Porém, nos PGM, Set está frequentemente associado à Typhon, o deus-monstro, uma divindade grega que desafiou Zeus, e por esta razão foi lançado no Tártaro. Araújo apresenta as descrições e explicações como nomes secretos de Set. Io = Set; Erbeth = Set, o criador de novas ideias; Pakerbeth = Elevei-me ao nível de Set; Bolchosedth = Baal, o senhor que ataca como Set (ARAÚJO, 2014, p. 182).

IO ERBETH IO PAKERBETH IO BOLCHOSETH IO APOMPS IO  
PATATHNAX IO AKOUBIA IO SETH PHOKENSEPSEU-  
AREKTATHOUMISAKTAI, executar a ação NN (adicione o habitual,  
o que você quiser). PGM III. 1-164 (BETZ, 1986, p. 18 – tradução  
nossa).

**- Fórmula MASKELLI-MASKELLŌ:** Esta fórmula é bem conhecida e se trata de um dos encantamentos mais antigos do mundo antigo. Ela é escrita totalmente como MASKELLI MASKELLŌ PHNOOKENTABAŌ OREOBAZAGRA RHĒXICHTHŌN HIPPOCRTHŌN PYRIPĒGANYX. Dentro dessa fórmula, entre outras coisas, ocorrem quatro palavras que podem ser antigos epítetos gregos: *Oreobazagra*, talvez um epíteto de Hécate ou da deusa da lua; *Rhēxichthōn*, uma palavra que pode ser traduzida como “brotando da terra”; *Hippochthōn*, significando inexplicável; *Pyripēganyx*, talvez “senhor da fonte de fogo” (BETZ, 1986, p. 336 – tradução nossa). Esta formulação também é encontrada em feitiços de coerção, maldições e invocações, que podem ser utilizadas com outras vozes mágicas (VILAR, 2017).

Esta fórmula mágica, segundo Vilar, parece estar associada à Deusa Ananke, que é a personificação do destino, a deusa da inevitabilidade e mãe das moiras. Betz traduz o nome grego da deusa “*Ἀνάγκη*” para Necessidade. O papel da deusa na tradição popular e nos PGM é representado como deusa da morte.

Por esta razão, Ananke por vezes é confundida com Hécate em invocações com as formulações Maskelli Maskello, como no PGM IV, 2785-2890, onde Hécate é invocada pela fórmula: “Vem, Hécate, do conselho flamejante, invoco-o com estes encantamentos. MASKELLI MASKELLŌ... (BETZ, 1992, p. 90 – tradução nossa).

Juntamente com Hécate, esta fórmula está associada aos *Dactyls Idaeanos*, guardiões de Zeus e mestres ferreiros associados a incêndios subterrâneos.

- **Fórmula de AKROUROBORE:** Nesta fórmula, acredita-se que *AKROUROBORE* signifique em grego “cuidador da ponta da cauda”, uma referência aos ouroboros, a serpente que devora a própria cauda; ela simbolizava o ciclo da evolução voltando sobre si mesmo.

Venha a mim exatamente como eu o chamei, / ORTHŌ BAUBŌ  
NOERE KODERE SOIRE SOIRE ERESCHIGAL SANKISTE  
DŌDEKAKISTE AKROUROBORE KODERE SAMPSEI. PGM VII,  
862-918 (BETZ, 1992, p. 141 – tradução nossa).

- **Fórmula IAŌ / SABAŌTH e ADŌNAI:** nesta fórmula encontramos referência ao tetragrama hebraico YHWH, o deus judeu. O termo SABAŌTH (sab-ah-OHT) significa “deus dos exércitos”, o antigo deus da guerra hebraico. IAŌ [ee-ah-oh]: Forma hermética do nome divino hebraico, Yahweh. (FLOWERS, 1995, p. 275). Betz retrata que ADONAI refere-se a uma figura angélica importante no gnosticismo e na magia, cujo nome na designação do Antigo Testamento significa “meu Senhor”. O autor ainda caracteriza que ADONAIOS seria o nome da divindade nos PGM, e que ambos possuem origem judaica (BETZ, 1992, p. 331 – tradução nossa).

Mas quando você diz que tomam copos e os dá para uma mulher, ela o ama, pois esse feitiço tem poder sobre tudo: “ARESKILLIOUS  
THOUDALESAI KRAMMASI CHAMMAR / MOULABŌTH  
LAUABAR CHOUPHAR PHOR PHŌRBAŌ SACHI HARBACH  
MACHIMASŌ IAŌ SABAŌTH ADŌNAI. PGM VII, 619-27 (BETZ,  
1992, p. 135 – tradução nossa).

## 2.6 GÊNERO DOS USUÁRIOS E VÍTIMAS DOS PGM

O embate entre homens e mulheres sempre foi pauta essencial em disputas sobre igualdade de gênero. Na função de conhecimentos e práticas mágicas, esse dilema não fica à parte, pois existe um leque de discussões sobre quem realmente praticava a magia. Nosso objetivo é abranger o período da utilização dos PGM e, em especial, a sua utilização para magias amorosas, compreendendo quem manipulava estes papiros e quem era suas vítimas.

Em sua pesquisa sobre as práticas mágicas em Atenas, Candido situa que o conhecimento das ações mágicas provém da peça de Eurípidés, chamada a “Tragédia

Medeia”, que apresenta uma narrativa de emoções profundas movidas por amor e vingança, e de textos como Andocides, Demóstenes, Hipérides e do filósofo Platão na obra *Leis*. A autora destaca que no período helênico, a evidência seria o autor Teócrito e sua poesia mágica, na qual Samanta, a protagonista, realizava rituais de magia para trazer de volta seu amado (CANDIDO, 2009, p. 4).

Nesta documentação apresentada, as mulheres são apontadas como especialistas de atividades e práticas mágicas, sempre movidas por sentimentos de posse, negando-se a perder tudo que lhe é sinônimo de amor. Candido ainda considera que o conhecimento de ervas e raízes também era de domínio das mulheres, por sua proximidade com a manipulação de alimentos. A autora se baseia em pesquisas de Madeleine Jost, que trabalha a documentação histórica da poesia épica, clássica e helenística que coloca as mulheres míticas como Circe, Calipso, Medéia e Samantha como especialistas e conhecedoras da utilização de ervas como veneno ou remédio (CANDIDO, 2009, p. 5).

Um fator interessante que é apresentado nos textos antigos do discurso dos oradores áticos é as narrativas de processos judiciais que ocorreram em Atenas, e a maioria das vítimas eram mulheres belas, cortesãs, hetairas e mulheres estrangeiras. Muitos homens temiam as ações mágicas, principalmente das cortesãs gregas, pois estas visavam manter seus clientes, realizavam magias com frequência; em muitos casos, por virtude de dosagens erradas ou má manipulação de objetos, causavam danos e até mesmo a morte destes (FARAONE, 1999, p. 2).

Na Grécia antiga, as hetairas eram mulheres belas, educadas e sofisticadas, também eram prostitutas sagradas em nível superior. O termo *hetaira* significa “companheira”, “parceira” (DOVER, 1989, p. 20). Elas acompanhavam os homens em eventos sociais dos quais as esposas eram excluídas tanto por falta de instrução quanto pelos costumes, portanto participavam de assuntos políticos e filosóficos enquanto se divertiam e desfrutavam do banquete, que na maioria das vezes acabava em orgia (VRISSIMTZIS, 2002, p. 93-99).

Embora estes textos apresentem a figura da mulher como destaque da prática mágica, não podemos afirmar que somente elas eram detentoras destes conhecimentos que na maioria das vezes traziam danos aos seus inimigos. Pois o acesso aos magos era livre e todo cidadão poderia consultá-los, desde que fosse pago um alto preço por seus serviços. Estes magos agiam de forma a atender as solicitações a eles indicadas, independente do pedido, seja para prejudicar pessoas, trazer curas, eliminar inimigos, aproximar amantes etc.

Todo cidadão movido por seus sentimentos e paixões poderia recorrer às práticas mágicas, mesmo que de forma ilegal, pois quando não encontrava na justiça uma solução viável para seus problemas, recorria à magia para encontrar conforto e garantir que não fosse lesado, ou em casos de amor, quando não conseguia por espontaneidade, recorria à força para obter o amor de outro.

Quanto ao uso da prática mágica de modo geral, não é possível definir qual gênero seria o detentor da magia, mas nos PGM conseguimos distinguir que nos feitiços relacionados às amarrações amorosas e eróticas, os que mais praticavam estas ações eram os homens que buscavam mulheres moças e virgens.

Pachoumi elaborou um estudo sobre os feitiços eróticos e de separação nos PGM e *defixiones* encontrados no mesmo período. Embora sua pesquisa se concentre nos papiros, a autora utiliza as *defixiones* como material comparativo, pois estas eram frequentemente inscritas em pequenos tabletes de chumbo, perfuradas com prego e colocadas em tumbas, santuários ctônicos, ou poças subterrâneas, também utilizados para magias de erótica e amorosa. A autora revela que de forma esmagadora os usuários dos feitiços analisados eram homens (PACHOUMI, 2013, p. 314), o que de modo geral, nesta afirmação da autora, está em contradição com os documentos das literaturas gregas e romanas que descrevem as mulheres como principais agentes da manipulação da magia amorosa. Podemos perceber que havia um interesse massivo por parte dos homens em atrair vítimas mulheres para atender às suas necessidades sexuais.

Embora uma parte da pesquisa de Pachoumi revele que também existem papiros nos quais é utilizada a fórmula  $\delta\epsilon\iota\nu\alpha$ , que, em geral, é um termo flexível, podendo ser aplicado tanto a homens como a mulheres, os feitiços nos quais os gêneros são revelados demonstram o interesse por parte dos homens.

Baseado na tabela apresentada por Pachoumi, em “*The Erotic and Separation Spells of the Magical Papyri and Defixiones*”(2013). Elaboramos uma tabela mais detalhada sobre os feitiços de amor dos PGM, incluindo os papiros fragmentados e os papiros demóticos. Desta forma constatamos em nossa análise que 70 feitiços dos 98 analisados foram solicitados por homens, 2 feitiços por mulheres, 2 feitiços com caráter homossexuais e 24 feitiços sem descrição de gênero. O que reforça a pesquisa de Pachoumi de que os homens eram os que mais solicitavam os feitiços no que se constitui os PGM. A autora descreve ainda que, no tocante ao perfil destas mulheres, elas eram moças donzelas, bem protegidas e vigiadas, e de boas famílias. Estas mulheres também

eram ativas sexualmente, com alto nível de liberdade e experiência sexual e, por vezes, mulheres casadas (PACHOUMI, 2013, p. 315).

Podemos concluir que, diante dos feitiços analisados, ambos os sexos poderiam se utilizar das práticas mágicas, embora em nosso contexto eles fossem solicitados em sua maior parte por homens e estes desejavam saciar seus desejos sexuais, sem compromisso de casamento ou relacionamento duradouro. O objetivo era a magia erótica e a união sexual, sendo essa união descrita como paixão erótica, amor, relação sexual, afeto.

## 2.7 OS DEUSES RELACIONADOS ÀS MAGIAS AMOROSAS

Os PGM demonstram em seu conteúdo uma fonte de acesso à vida religiosa da antiguidade do Mediterrâneo. Eles apresentam uma variação destas tradições religiosas, através de suas divindades, seres celestiais, espirituais e heróis místicos, o que inclui aspectos religiosos e também as crenças e práticas mágicas.

Luck destaca que “a magia helenística é um conglomerado sincrético, com origem em distintas regiões e que tomou forma no Egito” (LUCK, 1995, p. 21). Portanto, o que encontramos nos PGM é uma variedade de divindades gregas, egípcias, judaico-cristãs, além do próprio deus dos hebreus, que são invocados em conjunto e realizam os mais diversificados encantamentos e feitiços para satisfazerem as vontades humanas: “Astrologia, demonologia, uso de ervas mágicas: os PGM lançam mão de todas as práticas mágicas conhecidas no Mundo Antigo para cumprir com seus objetivos” (CHEVITARESE, CORNELLI, 2007, p. 88).

Os deuses que são invocados nos PGM de rituais mágicos de amor geralmente são os ctônicos. Entidades antigas ligadas à terra e aos habitantes do submundo, estes deuses estão ligados à ideia de justiça e de vingança. Os pedidos e os objetos utilizados nas magias amorosas geralmente eram enterrados nas tumbas e em locais de mortes violentas. Nestes lugares, foram encontrados diversos objetos de cera ou de chumbo, envoltos a fios de cobre com o nome de *Abraxas*.

Este é um deus pouquíssimo conhecido em nossos saberes, e dotado de profundo mistério: *Abraxas*. Representado por gemas e amuletos que

circulavam pelo mediterrâneo oriental como um deus zoomórfico dotado de corpo de homem, cabeça de galo e pernas de serpente, *Abraxas* era uma divindade inserida no contexto sincrético dos papiros e comumente invocada junto a outros deuses e anjos para a realização de operações mágicas (DIBLASI, 2015, p. 135).

O nome de *Abraxas*, de acordo com Diblasi, é descrito em pelo menos vinte fórmulas mágicas nos PGM. O seu nome é associado e invocado com anjos como Gabriel, Miguel e Rafael (PGM II, 64-184; PGM III, 187-262), e também com deuses gregos e egípcios, como Hermes, Atená, Zeus, Osíris e Ísis (PGM I, 262-347; PGM VII, 643-51; PGM XXXVI, 134-60) (DIBLASI, 2015, p. 137). *Abraxas* atua em aspectos que alternam entre feitiços de amor, exorcismos, proteção, ataques a inimigos, dom da profecia e proteção.

Em diversos feitiços podemos perceber a invocação de diversos deuses, uma mistura de crenças e práticas mágicas na qual não existe uma religiosidade específica. O que ocorre é uma busca pela solução imediata dos problemas pessoais de cada um. De acordo com Souza e Terra, quem recorre a estas divindades:

Utilizam-se das divindades comuns das religiões que permeiam o imaginário religioso antigo. Não importando quem seja, o que importa é o problema ser resolvido. Claro que cada um tem suas especialidades, mas a pessoa da divindade e o seu culto ficam em segundo plano, pois o importante é a solução concreta (SOUZA, TERRA, 2008, p. 80).

No PGM VII, 643-51 – Feitiço do Copo (feitiço de amor) podemos ver claramente essa junção de diversas divindades, pois são evocados no feitiço: IAKOUB IAO SABAOTH, ADONAI e ABRASAX.

O que podemos perceber é que nos PGM a busca é para que ocorra uma manifestação dos deuses através dos seus poderes, para que os feitiços se realizem. Para Souza e Terra (2008, p. 81), nos PGM as imagens das divindades das religiões oficiais são utilizadas de maneira muito pouco dogmática ou sistemática. Estes deuses não justificam a realeza ou o sacerdote oficial, mas resolvem os problemas e dificuldades do cotidiano.

Os autores utilizam a teoria de Michel de Certeau para justificar o uso e costumes nas práticas cotidianas nas quais ocorre este sincretismo. Nesta teoria, o ser humano não possui o poder de fabricar seus próprios produtos, mas sim de consumir a partir dos seus registros. Quando se utilizam de bens culturais fabricados pelos dominantes, os dominados modificam lhe os registros de tal modo que possam se utilizar de suas próprias práticas e serviços para si mesmo e para os outros.

Outra divindade bastante utilizada nos encantos de magias amorosas é Hécate, uma padroeira fidedigna da magia e da feitiçaria, e deusa da liminaridade. Hécate era uma deusa que mantinha soberania sobre a terra, céu e mar, mas seu governo e reino foram substituídos e ela passou a emergir como deusa Ctônica do submundo, sua imagem foi associada a oráculos dos mortos e às práticas da necromancia. No século II d.C., o papel de Hécate é novamente fundido com a tradição metafísica dos oráculos caldeus; ela se torna uma entidade super cósmica, com aspectos femininos e governante do destino e salvação dos homens (VILAR, 2015).

Nos PGM, podemos perceber que Hécate é retratada como uma deusa formidável e misteriosa pelos magos e feitiçeiros. Ela é confundida diversas vezes com outras divindades como Artemis, Selene, Perséfone que, assim como Hécate, possuem autoridade sobre os reinos celestiais, terrestres e ctônicos. Nos textos, ela é retratada como celeste, bela, infernal e divina, descrita de forma tríplice e com três cabeças, mas em algumas invocações ela é apresentada com a cabeça de touro, uma de cobra, uma de cavalo e uma de cão, como nos fragmentos caldeus.

Hécate é saudada como “toda poderosa”, “toda educada”, “dona de tudo” e “vigia”, que ecoa ainda mais sobre a influência dos caldeus, mas ela não perde o seu domínio do submundo e seus terrores sombrios. Ela é uma deusa enigmática e que possui várias formas e nomes, encontrada em quatorze encantamentos dos PGM, entre estes, feitiços de amor, afeições de amantes, necromancia, difamações, produção de sonhos e visões e envio de doenças.

No papiro PGM IV, 1390-1495, encontramos um feitiço realizado em um ambiente necromântico, onde é solicitada a ajuda de “aqueles que morreram de forma violenta”. A invocação é realizada por ela mesma (também como Hécate-Perséfone) durante três dias, enquanto se realiza ofertas iniciais no local da morte. Neste feitiço também são invocadas outras divindades ctônicas para ofertas secundárias (BETZ, 1986, p. 64).

O papiro PGM IV, 2765 - 2784, intitulado como “outro feitiço de amor”, também apresenta Hécate associada a elementos da tradição abraâmica:

THENÔB TITHELÊB ÊNÔR TENTHÊNÔR. Um de muitos nomes, KYZALEOUSA PAZAOUS. Portanto, KALLIDÊCHMA e PSAB, de fogo incessante, e Orion e Michael, sentados em cima. Você que tem poder sobre as sete águas e a terra, convocador da grande serpente AKRODÊRE MOUISRÔ CHARKAR ADÔNAI, ZEU DÊ DAMAMAMENEU, KYNOBI EM EZAGRA.

IÔ todo-dominador e IÔ-todos-protetor. IÔ um todo-educador. ZÊLACHNA e SAAD SABIÔTH NOUMILLON NATHOMEINA sempre KEINÊTH, valente THÈSEUS ONYX, DAMNAMENEUS prudente, vingadora teia de fiação, Senhora dos mortos (Nekuia), Pérsia, SEBARA AKRA (BETZ, 1986, p. 90).

Nesta invocação também encontramos diversas *voces magicæ*, e invocações a Miguel e posteriormente o nome do deus hebraico Adonai. Estas inclusões de divindades em textos mágicos retratam as primeiras raízes politeístas da religião semítica, quando as figuras divinas poderiam ser empregadas ao lado de outras divindades gregas, egípcias e babilônicas.

## 2.8 A RELIGIÃO DOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

Os PGM nos trazem um idioma capaz de atravessar fronteiras, apresenta uma verdade inegável de ritos e feitiços experimentados por uma sociedade que buscava se complementar no amor, resolver problemas de relacionamentos mal sucedidos, e até mesmo afastar aqueles que desejavam acabar com estes relacionamentos; uma sociedade que buscava a cura através de métodos rápidos e não se importava com as consequências que as imprecações poderiam causar. Uma sociedade que buscava resultados rápidos para os males de seu cotidiano. Contudo, são nos “tópicos de cura e das simpatias de amor que os PGM gastam mais tempo”. (SOUZA, TERRA, 2008, p. 83).

É possível perceber nos PGM uma abrangente estrutura de técnicas e fórmulas mágicas nas quais as petições específicas que colorem os feitiços são reveladas e demonstram que variáveis podem ser conectadas e retiradas de acordo com a intenção do praticante.

No contexto dos PGM, magia e religião não se distinguem, pois a eficácia das ações estaria na crença e no poder de atender os desejos solicitados. Enquanto os sacerdotes se dirigiam aos deuses, os profissionais mágicos buscavam resultados nas forças do universo e nas divindades sobrenaturais ctônicas.

Ocorre um sincretismo nos PGM e as manifestações populares também são expressas com magias, o que forma uma mistura de elementos e conceitos de tradições diferentes. Chevitarese explica que a helenização das culturas mediterrâneas foi um fator

fundamental para que esse ecumenismo fosse formado, de tal maneira que vários deuses possam ser invocados, mesmo que aparentemente sejam distantes. O autor ainda sugere que, nos papiros, encontramos uma nova religião, denominada de “popular e mágica”, mas que não se distancia da religião helênica, mesmo possuindo as suas próprias características (CHEVITARESE, 2007, p. 95). Desta forma, podemos, sim, misturar e solicitar a providência dos mais variados deuses, deusas, seres celestiais e demoníacos, entidades e objetos, pois o universo dos PGM não precisa necessariamente corresponder à religião do Estado.

Como já observamos anteriormente, nestes rituais dos PGM o que se busca são as soluções imediatas para os problemas pessoais, e os ritos e mitos não ocorrem na mesma forma que nas religiões tradicionais. Portanto, não importa quem irá solucionar os problemas, mas sim que eles sejam resolvidos, e da forma mais “rapidamente, rapidamente, imediatamente, imediatamente” possível, como ocorre nas solicitações da maioria dos feitiços: “Como numa democracia: decisivo aqui não é quem tem o poder, mas como vai usá-lo para gerir os problemas da vida de todos, da coisa pública” (CHEVITARESE, 2007, p. 96).

Existe claramente uma diversidade cultural que atinge as fronteiras religiosas na antiguidade, pois os PGM nos apresentam uma diversidade de divindades que são utilizadas em uma mesma experiência de fé.

Isso nos deixa claro que os cristãos da antiguidade professavam estes mesmos costumes e contatos culturais, inclusive professavam as mesmas crenças nas práticas mágicas das religiões do Mundo Antigo.

A presença das divindades judaicas exerce destaque em meio aos conjuros, o que demonstra aspectos da tradição cristã envolta no universo dos PGM e da magia. Essa diversidade de deuses e deusas egípcias, coptas, gregas, sendo invocadas com as divindades judaicas em um mesmo feitiço. Até mesmo a presença de figuras importantes da religião, como no caso do nome de Jesus, encontramos nos encantamentos.

Para Chevitarese, isso ocorre porque o material judaico não provém de tradições rabínicas, de literatura judaica pseudoepígrafa ou veterotestamentária, e nem diretamente de tradições heréticas (cristã, a gnóstica ou a samaritana), portanto, não existe uma tradição específica que pareça reorganizar os materiais para seus fins doutrinários (CHEVITARESE, 2007, p. 100).

Assim, a prática da magia conota um esforço para controlar e coagir as forças sobrenaturais, sempre visando à obtenção de uma recompensa. Isso é diferente da religião,

que não visa uma ação individual, mas recorre à existência de uma comunidade constituída. Na magia, o homem busca solucionar seus males de amor, dinheiro, saúde e profissão, tentando resolver assuntos que, por meios comuns, não encontram definição favorável e encontrando na forma espiritual uma maneira de deliberar sua necessidade.

Não é preciso que haja uma relação como “divino”, porque a religião popular resulta da expressão de liberdade dos indivíduos e de sua cultura, não sendo privada por nenhuma instituição, não existem credos nem dogmas. Até mesmo os conflitos de bem e mal não perpetuam a discussão, pois, mesmo que na religião, esta seja uma característica comum, nas tradições mágicas não é esse o fio condutor da relação, e o conceito de religião e salvação não acontece nesta cultura. O homem é livre para recorrer àquilo que deseja.

## **CONCLUSÃO DO CAPÍTULO**

Quando transgredimos o classicismo e adentramos nos PGM, podemos descobrir as origens das tradições mágicas com a ancestralidade das pessoas comuns e não nas religiões do Estado que celebram a ordem social e a estratificação através de um panteão. Encontramos nos PGM uma literatura transcultural, que nos apresenta uma diversidade de ideias diferentes dos padrões de sua época.

Os papiros não se consolidam em uma religião unida e formada por um sistema de crenças. Ao contrário disso, eles são compostos de registros e escritos que abrangem as práticas mágicas e transcendem qualquer conceito de religião, país, idioma, credo ou raça.

As diversas práticas de iniciações, invocações, palavras de poder faladas, símbolos mágicos, jornadas espirituais, incubações de sonhos, fetiche, oferendas para espíritos e uma infinidade de técnicas e deveres são pertencentes a todos os magos. Técnicas estas originárias de tantas culturas e épocas que trazem aos nossos olhos uma forma de atuação diferenciada, porém já existente em um passado remoto. A tradição mágica existente é um reflexo do que encontramos nos papiros.

Um mundo onde o espiritual não pode ser separado do natural, as técnicas são fundamentais e os sucessos dos feitiços dependem da capacidade e poder do praticante em se comunicar e formar pactos com entidades específicas.

Os PGM não são apenas mais uma coleção de feitiços e rituais ou outro “paradigma mágico”. São o vínculo com a própria tradição mágica viva através de símbolos culturais familiares. Ao praticar a magia dos papiros, efetivamente toca de volta a essa tradição primordial de magia e interação com o mundo espiritual que faz parte da história humana desde tempos imemoriais.

Ao analisar os papiros percebe-se que as fronteiras culturais da antiguidade são tenras e permitem uma circularidade de culturas. Essa ação possibilitou que as tradições mágicas se desenvolvessem e permitissem uma mescla de divindades que pudessem ser experimentadas em uma mesma experiência de fé. Esse relacionamento personalizado também permitiu a mistura eclética de divindades greco-romanas tradicionais com egípcias e judaico-cristãs.

Abordamos, portanto, neste capítulo os pontos mais importantes dos testemunhos literários e arqueológicos que nos revelam a grande difusão da religião mágica no mundo helenístico. Um lugar que podemos comparar a um coração de mãe, “onde sempre cabe mais um”. E, por esta possibilidade, houve contribuições de outras culturas, sociedades, tradições e interesses políticos, religiosos e econômicos, resultando em uma grande sociedade sincrética.

No próximo capítulo, trabalharemos os *Atos de Paulo e Tecla*, aprofundando a questão da magia presente no texto. Nesta narrativa, o apóstolo Paulo é condenado por magia e sentenciado por esta prática. Sua acusação o descreve como um sedutor de virgens, pois uma jovem prometida abandona seu noivo para seguir os ensinamentos de Paulo.

## CAPÍTULO 3

# ACUSAÇÃO DE MAGIA AOS CRISTÃOS NOS ATOS DE PAULO E TECLA

### INTRODUÇÃO

Neste terceiro capítulo, o nosso objetivo é apresentar e analisar a fonte principal do nosso trabalho: os *Atos de Paulo e Tecla*, demonstrando sua composição, datação, formação, descrição por parte dos pais da igreja, e principalmente abordar a temática da magia que compõe os *Atos*, percebendo como a imagem de Paulo foi retratada nessa Literatura cristã.

O capítulo também visa explicar uma descrição dos personagens, explicando a ligação dos mesmos com os textos canônicos, e também destacar a importância que estes escritos tiveram no contexto da época, fortalecendo a comunidade de mulheres celibatárias para que se empoderassem e assumissem o controle de suas vidas, renunciando às crenças impostas pela sociedade de sua época – principalmente o patriarcado.

No texto dos *Atos de Paulo e Tecla*, o apóstolo Paulo é acusado de praticar magia e, através desta arte, seduzir mulheres virgens para que não se casassem. A acusação rende ao apóstolo uma sentença de açoites e o leva a ser expulso da cidade de Icônio. Os ensinamentos de Paulo estimulam uma postura de quebras de princípios, pois a forma de viver em castidade corrompe a instituição do casamento que fundamentava o patriarcado e esse entendimento leva a população a criar um êxtase de tensão e medo, associando os

ensinamentos de Paulo às práticas mágicas, rejeitando qualquer explicação que o apóstolo pudesse sugerir.

Tecla também sofre martírios por aceitar os ensinamentos de Paulo. Ela é a personagem principal da narrativa, e quem gera a revolta da população, pois Tecla é noiva e desiste de casar para ter uma vida casta e consagrada a Cristo.

No presente capítulo, perceberemos os fatores principais que ocasionaram a acusação de magia e, principalmente, buscaremos entender as suas fundamentações e possíveis soluções. Também visamos analisar o comportamento da multidão, que rejeita a conduta de Tecla, e acusa Paulo de magia. Influenciada pelo noivo Tamiro, a população toma partido do noivo abandonado, porém, ao longo da narrativa, a multidão de mulheres toma partido ao lado de Tecla e passa a defendê-la das acusações. Muitas destas mulheres, através do testemunho de Tecla, se convertem aos seus ensinamentos.

O texto dos “*Atos de Paulo e Tecla*” é a base de nossa pesquisa, porque o mesmo contém relatos da memória Paulina no segundo século. Através de suas narrativas, poderemos perceber o processo de diálogo com a cultura popular na qual os cristãos estavam inseridos e, a partir disso, traçar um paralelo com o contexto da magia presente neste período.

### 3.1 OS ATOS DE PAULO E TECLA

O texto dos *Atos de Paulo e Tecla* (APT)<sup>10</sup> é datado no período do segundo século e apresenta a figura de uma mulher no papel principal da narrativa, juntamente com o apóstolo Paulo, descrevendo as ações miraculosas dos martírios e atos salvíficos da protagonista.

Os APT, também são conhecidos como *Atos de Tecla* ou o *Martírio da Santa Tecla Protomártir*, e foi inserido posteriormente nos Apócrifos de Atos de Paulo (AP)<sup>11</sup>. Ao final do século XIX, existiam três fragmentos conservados como uma parte dos AP;

---

<sup>10</sup> De agora em diante, usaremos a sigla APT para abreviar o título do pseudoepígrafo *Atos de Paulo e Tecla*, quando necessário.

<sup>11</sup> De agora em diante, usaremos a sigla AP para abreviar o título do pseudoepígrafo *Atos de Paulo*, quando necessário.

são eles: *Atos de Paulo e Tecla*, *Terceira Epístola aos Coríntios*, e o *Martírio de Paulo*, os quais foram encontrados de forma independente e, posteriormente, incorporados à obra original. O texto, em sua versão original, está escrito em grego, embora constem traduções em línguas eslava, armênia, etíope, copta, árabe e siríaco (ARAÚJO, 2015, p.19).

Este texto foi atacado pelos pais da igreja por defender o direito das mulheres de pregarem e de batizarem. Tertuliano, em seu texto chamado “*De Baptismo*”, enfatiza que o texto foi escrito por um presbítero que idolatrava a figura de Paulo e que sua fraude foi reconhecida por volta de 160 d.C. (BARRIER, 2000, p. 44). Assim, ele havia sido punido por tal atitude e, por esta razão, foi removido de suas funções por tamanho erro. A ação de Tertuliano foi para inviabilizar que outras pessoas se utilizassem dos textos e do exemplo de Tecla, reivindicando o mesmo direito. Este contexto revela que havia uma tradição de oralidade na transmissão dos textos e que até o início do século terceiro a narrativa de Tecla era conhecida na região da África do Norte, sendo utilizada por contadores que destacavam com ênfase os ministérios cristãos femininos.

No texto, Paulo assume uma narrativa encratista, propondo um ideal de vida cristã através da virgindade. Em seu discurso existe desconfiança e desprezo a tudo o que se refere à vida sexual e material. Ao ouvir este discurso, Tecla se encanta com suas palavras e assume o desejo de pertencer àqueles que se juntam a Paulo para ouvi-lo, passando a rejeitar a vida que lhe era imposta. O texto descreve que Tecla fora seduzida por Paulo e, por esta suposta sedução, Paulo sofre a acusação de ser mago. Como sentença, fora punido com açoites e expulso de Icônio.

### **3.2 ESTRUTURA E ENREDO DOS APT**

Os APT nos apresenta uma estrutura baseada nos relatos de martírio da jovem Tecla. Na narrativa, podemos perceber pontos altos e de tensão, como os conflitos em que a personagem é levada à quase morte, através dos seus martírios, e momentos nos quais a intensidade da narrativa diminui, como em seu retorno para Icônio, onde dá testemunho dos problemas e dificuldades que enfrentou. Porém, é certo que a estrutura do texto gira em torno dos dois relatos de martírios da jovem, pois eles possuem diversas similaridades.

Dividiremos o capítulo em dois blocos, seguindo como base os martírios para essa divisão. A primeira parte consistirá em apresentar os capítulos de 1 a 25 dos APT; a segunda parte se incumbirá dos capítulos 26 a 43, de acordo com a tradução apresentada por Piñero e Del Cerro nos *Hechos Apócrifos de los Apóstoles II* (2004). Os autores utilizam a edição dos papiros publicada por Lipsius, que possui onze manuscritos gregos e foi utilizada como base para as traduções latinas, siríacas, eslavas e árabes. São eles:

- A. Códice gr. 520 da Biblioteca Nacional de Paris (s. XI). Seu texto já foi compilado por Thilo e Tischendorf.
  - B. Códice gr. 1454 da Biblioteca Nacional de Paris (s. X). Também reunidos pelos mesmos autores.
  - C. Códice gr. 1468 da mesma Biblioteca (s. XI), agrupada também por Thilo e Tischendorf.
  - E. Biblioteca do Vaticano, gr. 797 (s. XI). Colecionado por Augusto Mau.
  - F. Biblioteca do Vaticano, gr. 866 (s. XI). Colecionado igualmente por Augusto Mau.
  - G. Oxford, 180 da Biblioteca Bodleian (século XII). É o utilizado por Ernesto Grabe para a edição de 1698 (Oxford). Este códice expande com dados detalhados as partes de curas realizadas pela santa.
  - H. Oxford, Miscellan gr. 77 (s. XII). Esse códice serviu a Thomas Hearne para preencher uma lacuna em relação à anterior.
  - I. Biblioteca Nacional de Paris gr. 1506 (s. XI).
  - K. Biblioteca Nacional de Paris, gr. 769 (s. XIII).
  - L. Vaticano, Palat. 68 (s. XIII).
  - M. Biblioteca do Vaticano 1190 (s. XIV).
- (PIÑERO & DEL CERRO, 2004, p.728).

Existem duas hipóteses para explicar a estrutura dos APT como dois blocos. A primeira consiste em supor que houve uma fusão de duas lendas diferentes na narrativa, pelo fato de que existem dois relatos de martírios que se repetem nos dois blocos. A segunda hipótese é de que narrar duas possibilidades distintas seriam necessárias para o desenvolvimento dos eventos e pela necessidade de destacar a figura feminina acima do apóstolo Paulo, que desaparece em diversos momentos da narrativa. A presença do martírio em ambas as partes abordam o ponto alto da narrativa, e seria apenas um recurso pra aumentar o drama e o espetáculo da história. (SÁNCHEZ, 2013, p. 86).

Sanches (2013) ainda destaca que em ambos os blocos existe uma estrutura circular. No primeiro bloco, Tecla se encontra com Paulo em Icônio; eles se separam e terminam o bloco com o reencontro após o martírio de Tecla. No segundo bloco, os dois aparecem juntos novamente em Antioquia; eles se separam e se encontram em uma nova cidade, Mira. Com base nesta divisão de dois grandes blocos, estabelecemos uma nova divisão mais detalhada em oito tópicos para apresentar a composição dos APT. A seguir, apresentaremos um resumo dos oito tópicos que compõem os 43 capítulos de APT, com

base na tradução de Piñero e Del Cerro (2004). Esse resumo nos dará uma compreensão dos *Atos* e, partindo dele, poderemos dialogar com seu conteúdo posteriormente.

### **3.2.1 Chegada de Paulo a Icônio/Pregação do Apóstolo - Capítulos 1 - 6**

No início da narrativa, encontramos Paulo a caminho de Icônio, após fugir de Antioquia. Junto com o Apóstolo encontram-se Dimas e Hermógenes, que lhe acompanham nesta peregrinação, mas ambos estão cheios de hipocrisia e se juntaram a Paulo fingindo amor por ele. O Apóstolo não faz nenhum mal a eles, pois sua intenção é ensinar-lhes os ditos do Senhor e os ensinamentos do Evangelho sobre a ressurreição e as grandezas de Cristo.

Onesíforo havia ouvido falar de Paulo através de Tito e, sabendo que Paulo chegaria a Icônio, foi com sua família esperar por ele na estrada real. Como nunca tinha visto o apóstolo, ele observava a todos os que passavam pelo local, atentando para as características que Tito lhe descreveu. Então ele viu Paulo se aproximando, “um homem pequeno de estatura, careca, pernas arqueadas, vigoroso e de sobrancelhas unida, nariz saliente, mas cheio de graça. Às vezes ele parecia um homem, outras tinha o rosto de um anjo” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 735 – tradução nossa).

Paulo é recebido pela família de Onesíforo, que solicita ao apóstolo que se hospede em sua casa e ministre os seus ensinamentos acerca do encratismo e da ressurreição. Paulo atende ao pedido, mas Dimas e Hermógenes se sentem ofendidos por não receberem o mesmo tratamento dirigido ao apóstolo. Como resposta, Onesíforo lhes diz que não vê neles o espírito de justiça, mas que se eles a possuíssem, também poderiam repousar na casa dele.

Na casa de Onesíforo, partilharam do pão e houve grande alegria. Paulo pregou sobre a continência e a ressurreição, apresentando uma série de bem-aventuranças que enfatizavam estas temáticas, destacando a importância da pureza do corpo para que Jesus fosse glorificado.

### **3.2.2 Tecla é atraída pela mensagem de Paulo / Traição de Dimas e Hermógenes – Capítulos 7 - 14**

Enquanto Paulo ministra sobre as bem-aventuranças na casa de Onesíforo, Tecla, que é vizinha do local, ouve atentamente de sua janela dia após dia, e sente o desejo de ser digna para estar na presença de Paulo juntamente com outras virgens, para ouvir os seus ensinamentos. Tecla era filha de Teoclía e prometida em casamento a Tamiro, um homem importante da cidade, mas os ensinamentos de Paulo despertaram nela uma alegria excessiva em fé.

Teoclía, preocupada com a filha, avisa ao noivo que Tecla havia permanecido por três dias e três noites junto à janela de sua casa, sem comer nem beber, “apegada a um estrangeiro que prega palavras brilhantes e enganosas, que eu me assombro de como uma virgem modesta pode ser tão terrivelmente perturbada” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 741- tradução nossa).

A mãe ainda avisa o noivo que este homem diz que existe somente um Deus que deve ser adorado e é necessário viver em castidade. Teoclía descreve que Tecla está “na janela, agarrada como uma aranha às suas palavras, e dominada por um novo desejo e uma terrível paixão” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 741- tradução nossa).

Assim, Teoclía e Tamiro tentam de todas as maneiras persuadi-la a desistir dessa nova realidade, mas não obtêm sucesso. Ambos choram amargamente, Tamiro porque perdeu a noiva, Teoclía sua filha; além deles, os servos da casa choram pela sua dona.

Tamiro sai desesperado pela rua e encontra-se com Dimas e Hermógenes que, ao serem questionados, alegam que não sabem quem é Paulo, mas que este priva as jovens de seus maridos, dizendo que não haverá ressurreição para aqueles que não são castos e puros, e que não mantêm sua carne sem mancha. Tamiro os corrompe facilmente e, por comida e dinheiro, ambos recomendam que Tamiro denuncie Paulo ao governador, sob a acusação de ser um cristão. Esta acusação levaria Paulo a julgamento imediatamente.

### **3.2.3 Paulo é Condenado ao tribunal / Primeiro Martírio de Tecla - Capítulos 15 - 22**

No outro dia, logo pela manhã, Tamiro, cheio de inveja e ira, se dirigiu à casa de Onesíforo, com os magistrados e disse a Paulo que ele estava corrompendo as mulheres

para que não se casassem. Portanto, deveria ir com ele perante o Governador Cestílio. A multidão acusa Paulo de ser um mago que corrompe mulheres e as convence a ir contra os costumes. Paulo é interrogado e questionado sobre os seus ensinamentos; discursa sobre suas crenças ao procônsul, que ouve atentamente e decide manter Paulo preso para um interrogatório mais preciso.

Durante a noite, na prisão, Tecla suborna o carcereiro com joias para que possa se encontrar com Paulo. Ela passa a noite aos seus pés, ouvindo seus ensinamentos sobre a grandeza de Deus, o que aumentava a fé de Tecla a ponto de beijar as algemas que o prendiam.

Mas Tecla era procurada por seus parentes e por Tamiro, pois desejavam saber aonde ela se encontrava. Um dos companheiros do porteiro confessou que ela havia saído à noite. Interrogaram o porteiro e este lhes disse que ela fora ao encontro do estrangeiro no cárcere. Tamiro encontra a noiva onde o carcereiro havia indicado, “acorrentada pelo amor”. Paulo é novamente levado a julgamento, aos gritos de ser um mago, e Tecla permanece onde ele estava na prisão, rolando no chão no local onde Paulo a instruíra.

O governador pede que ela também seja trazida a ele; ouve Paulo mais uma vez, dando a Tecla uma nova chance para se arrepender e voltar para sua família, o que ela não responde, permanecendo imóvel, com os olhos fixos no apóstolo. Esta atitude gera revolta em sua mãe, que deseja que a filha seja queimada para servir de exemplo às outras mulheres. O governador, com grande sofrimento, manda açoitar Paulo e o expulsa da cidade. À Tecla ele sentencia à fogueira, como fora desejado por sua mãe: “queimem esta ímpia, queimem esta inimiga do matrimônio em meio ao teatro, para que se atemorizem todas as mulheres que recebem ensinamentos deste homem” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 751- tradução nossa).

Como um cordeiro procura pelo pastor em meio ao deserto, Tecla procura por Paulo em meio à multidão, enquanto caminha para o seu martírio. Olhando para as pessoas, ela viu o Senhor na figura do apóstolo e continuou firmemente com um olhar direcionado a ele, até que ele subiu aos céus.

Os jovens trazem lenha para queimar Tecla e, quando a desnudam, o governador cai em lágrimas, admirando a força que havia nela. Após fazer o sinal da cruz, Tecla é colocada na fogueira, mas o fogo não a atinge, nem mesmo as grandes labaredas. Deus, comovido por ela, provocou um terremoto e fez chover granizo, pondo em risco a vida de quem assistia seu martírio e, assim, livra Tecla do fogo.

### **3.2.4 O Jejum de Paulo e Onesíforo / Reencontro de Paulo e Tecla – Capítulos 23 - 25**

Paulo estava reunido com a família de Onesíforo e jejuavam em uma tumba ao ar livre. Como havia passado alguns dias, eles estavam com fome, mas não tinham dinheiro, pois Onesíforo deixara tudo para seguir Paulo. O Apóstolo, então, dispôs de sua capa e disse a um dos filhos de Onesíforo que a vendesse e comprasse pães. Quando o menino saiu, encontrou Tecla, sua vizinha, e a levou ao encontro de Paulo que, após seis dias de lamento, jejuava e rezava por ela.

Quando chegou à tumba, Tecla ouviu Paulo intercedendo por ela, para que Cristo a livrasse do fogo. Com um grito de alegria, ela agradeceu a Deus por levá-la do fogo e levá-la ao encontro de Paulo.

Paulo agradeceu a Deus, dizendo: “Deus, que escuta os corações, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, te bendigo porque se apressou em ouvir o que eu havia pedido” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 755 - tradução nossa).

Dentro do sepulcro, celebravam com um grande espírito de amor e alegria. Tecla diz a Paulo que irá cortar seus cabelos para segui-lo por onde ele fosse. Ele respondeu que ela era muito bonita e os tempos eram maus; sendo assim, ele temia que lhe ocorresse outra tentação, pior que a primeira, e ela não resistisse. Tecla suplicou pelo batismo e Paulo pediu que ela esperasse com paciência e receberia a água.

### **3.2.5 Tecla em Antioquia: Segunda condenação – Capítulos 26 - 29**

A família retorna a Icônio e Paulo e Tecla seguem para Antioquia, onde um sírio chamado Alexandre, cidadão importante, tenta comprar Tecla, mas Paulo alega que não a conhece. Alexandre, por ser poderoso, abraçou Tecla no meio da rua e ela, não suportando seus atos, grita, enquanto procura por Paulo: “Não forces uma estrangeira, não forces uma serva de Deus” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 757 - tradução nossa). Tecla alega ser uma pessoa importante em Icônio e que havia sido expulsada da cidade por ter recusado se casar. Alexandre agarra a moça, que entra em luta corporal com ele. Ela rasga sua capa e derruba sua coroa, o que faz de Alexandre motivo de riso diante da multidão.

Diante de tamanho insulto, Alexandre leva Tecla perante o governador, que a condena a lutar contra as feras. Tecla confessou sua ação, mas as mulheres gritavam aterrorizadas no tribunal que estava ocorrendo uma sentença injusta.

No período durante o qual aguarda sua sentença, Tecla é protegida por Trifena, mulher rica e que havia perdido a sua filha chamada Falconilia. Os animais selvagens são levados ao desfile junto com Tecla, que recebe um letreiro com a acusação de “Sacrílega”, mas uma leoa feroz protege Tecla e lambe seus pés. A multidão de mulheres, acompanhadas de seus filhos, grita novamente: “Oh Deus, esta cidade está executando uma ímpia sentença” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 759 – tradução nossa).

Ao retornar para a custódia da casa de Trifena, esta recebe a filha em sonho, que pede à Tecla para rogar por ela, de modo que possa ir para um lugar dos justos. Tecla atende ao pedido, rogando para que Deus concedesse que a menina vivesse para sempre. Após a oração, Trifena se entristece por pensar que tamanha formosura seria jogada às feras.

### **3.2.6 Lutas contra as feras / Batismo de Tecla – Capítulos 30 - 35**

Na manhã seguinte, Tecla é novamente levada aos jogos. Alexandre a conduzia pelo caminho, pois era ele quem custeava os jogos. Mas a multidão permanecia aos gritos contra eles.

Trifena se pôs a gritar, e dizia: “um segundo duelo por Falconilia se abete sobre minha casa, e não há nada que pode me ajudar: nem minha filha, pois está morta, nem parente, pois sou viúva. Deus de minha filha Tecla, socorre-a” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 763 – tradução nossa).

O governador enviou soldados para que buscassem Tecla, e Trifena a acompanhou até a arena. Tecla chorou amargamente e clamou a Deus para que Trifena fosse recompensada pela compaixão que teve por ela, e por mantê-la pura.

Houve um grande tumulto, pois uma parte da plateia clamava para que a sacrílega fosse jogada às feras, enquanto outra parte das mulheres continuava aos gritos de que a cidade estava cometendo uma injustiça, um triste espetáculo.

Tecla foi despida e colocaram nela uma cinta, lançando-a novamente às feras. Ursos e leões foram soltos, porém a leoa feroz a defendia, matando os animais e também morrendo em sacrifício à sua protegida. A multidão das mulheres permanece aos gritos

de desaforos. Após este episódio, outros animais são soltos e Tecla, elevando suas mãos aos céus, lança-se em um tanque com animais ferozes, dizendo que havia chegado o momento de batizar-se. Assim ela o faz, em nome de Jesus Cristo. As mulheres clamavam para que ela não se lançasse na água e até mesmo o governador derramou lágrimas porque as focas devorariam tal formosura. Então, ela lançou-se na água e as focas do tanque viram o resplendor de um raio e caíram mortas. Ao redor de Tecla surge uma nuvem de fogo, que encobre sua nudez e lhe protege de outras feras. Outras feras são lançadas, mas as mulheres, aos gritos, jogavam vagens verdes, nardos, cássia e bálsamo em grande quantidade para que as feras adormecessem.

Alexandre disse ao governador que possuía touros ferozes e que os amarrasse em Tecla. O governador se entristeceu, dizendo que ele poderia fazer o que quisesse. Nos touros, foram colocados ferros incandescentes em suas genitais, o que fez com que ficassem mais furiosos, mas o fogo queimou as cordas com as quais Tecla havia sido amarrada, livrando-lhe como se nunca tivesse sido presa.

### **3.2.7 Salvação de Tecla / Conversão de Trifena – Capítulos 36 - 39**

Trifena, ao ver estas cenas de horror, caiu desmaiada a ponto de seus criados gritarem que a rainha havia morrido. O governador, então, interrompe o espetáculo e Alexandre pede que Tecla seja liberta, pois a rainha é parenta de César e este poderia causar grande mal à cidade. As mulheres louvaram em uma só voz pela liberdade de Tecla, abalando as bases da cidade com suas vozes.

O governador questiona Tecla sobre quem ela é e ela lhe dá seu testemunho:

sou serva do Deus vivo, o que me protege, e ao meu redor está a fé que tenho no filho de Deus, em quem Ele se satisfaz. Por Ele, não me tocou nenhuma fera, porque somente Ele é a fronteira da salvação e o fundamento da vida imortal. Ele é o refúgio para quem pune a tormenta, o descanso para os oprimidos, a proteção para os desesperados e, em uma palavra, se alguém não crer Nele, não viverá, mas morrerá eternamente (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 769 – tradução nossa).

Tecla é liberta e as mulheres gritam e comovem a cidade, alegando que existe somente um Deus e que este havia salvado a vida de Tecla. Ela volta para a casa de Trifena e passa mais oito dias ali, ensinando a palavra de Deus a todos os moradores da casa, inclusive às servas.

### 3.2.8 Morte de Tamiro / Tecla Pregadora – Capítulos 40 - 43

Após este período, ela procura novamente por Paulo, sendo indicada de que o apóstolo estava em Mira. Transvestida com roupas de aparência masculina, leva consigo roupas, ouro e alguns jovens. Tecla encontra Paulo em Mira, conta-lhe tudo o que ocorrera no período em que estavam distantes e muitos creem em seu testemunho. Relata que recebeu o batismo, pois aquele que a conduzia no evangelho também lhe havia ajudado no batismo.

Tecla disse a Paulo que iria para Icônio e ele lhe respondeu: “vá e ensine a palavra de Deus” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 771 – tradução nossa).

Antes de partir, ela deixa com ele roupa e ouro, para que ajude no trabalho com os pobres. Tecla retornou para Icônio, entrou na casa de Onesíforo e se prostrou ao chão onde Paulo havia sentado e ensinado a palavra de Deus. Depois, encontrou Tamiro morto, mas pode testemunhar sobre sua vida para sua mãe, partindo em seguida para Selêucida. E, depois de iluminar a muitos através da palavra de Deus, ela dormiu um doce sono.

### 3.3 CRONOLOGIA E AUTORIA DOS APT

A narrativa esquematizada dos APT sugere uma datação do final do segundo século. O que torna esta datação mais possível é o testemunho de um dos pais da Igreja, Tertuliano.

Em sua obra intitulada “*De Baptismo*”, entre os anos de 196 e 206 d.C., Tertuliano menciona os APT e destaca que iria reparar um erro que houvera sido cometido por “certa mulher gnóstica ou Marcionita da seita Cainita, cujo argumento era o de que o batismo não era um sacramento necessário da fé cristã” (ARAUJO, 2015, p. 33). No capítulo 17 de seu texto, Tertuliano afirma:

Mas o descaramento daquela mulher que usurpou o direito de ensinar não a levará a arrebatá-lo também o direito de batizar, a menos que surja uma nova besta semelhante à anterior, como a que foi administrada no batismo, de tal maneira que qualquer outro o administra a si mesmo. Mas, se certos Atos de Paulo, que são falsamente assim chamados, alegam o exemplo de Tecla para permitir que as mulheres ensinem e batizem, que os homens saibam que na Ásia o presbítero que compilou o documento, adicionando o seu próprio pensamento como sendo a reputação de Paulo, foi encontrado, e ele professava ter feito isso por amor de Paulo, foi deposto de seu cargo. Como podemos acreditar que

Paulo deveria dar um poder feminino para ensinar e batizar, quando ele não permitiu que uma mulher aprendesse por seu próprio direito? Guardem silêncio, ele diz, e peçam aos seus maridos em casa (BARRIER, 2008, p. 44).

Este texto de Tertuliano destaca pontos importantes de seu pensamento. O primeiro refere-se à crítica ao direito de uma mulher pregar e batizar. Em sua descrição, fica evidente que o exemplo de Tecla não deve ser seguido. Ele faz questão de enfatizar que o presbítero que escreveu o texto foi punido por ter feito estas considerações.

Os APT circularam de formas independentes e, provavelmente, muitas mulheres se apropriaram de suas narrativas para exigirem o mesmo direito. Estas se inspiravam em Tecla como modelo de vida a ser seguido, dando a elas a mesma independência conquistada pela mártir. Tertuliano descreve que mulheres cartaginesas solicitaram o direito de batizar e de instruir, portanto, por esta razão o texto precisaria ser anulado diante das circunstâncias e proporções que ele havia tomado (SÁNCHEZ, 2013, p. 25).

De acordo com Tertuliano, estas mulheres violaram as compreensões de gêneros fundamentais, pois, para ele, algumas atribuições são divinamente ordenadas e atribuídas aos homens.

Na visão de Tertuliano, que seria amplamente compartilhada, ensinar, disputar, exorcizar demônios, curar e batizar eram práticas inerentemente masculinas, envolvendo atividade, autoridade, expressão e desempenho público. Precisamente porque são por natureza masculinos, são proibidos, ele insiste, às mulheres (KRAEMER, 1948, p.2 – tradução nossa).

Em segundo lugar, no momento em que Tertuliano cita os APT, ele também cita os AP, o que demonstra que, neste período, os textos já estavam reunidos em uma mesma obra. Moraldi enfatiza que no momento em que Tertuliano escreve seu “*De Baptismo*” os *Atos* já circulavam juntos em segurança (MORALDI, 1971, p. 1061). *De Baptismo* é apresentado aos governadores da província do império no ano de 197, juntamente com outras obras apologéticas significativas. A partir desta datação, podemos situar os APT no segundo século.

Por fim, Tertuliano justifica a falsificação dos APT e utiliza as próprias palavras de Paulo na Primeira Carta aos Coríntios 14,35, pelas quais ele proibiu as mulheres de falar durante as celebrações cristãs, recomendando que deveriam manter suas preocupações com a privacidade da casa e permanecerem caladas, e caso houvesse dúvidas que as remetesse aos seus maridos para saná-las. Em nenhum momento Tertuliano se preocupa em esconder a sua falta de afeição e estima pelo gênero feminino.

No mesmo texto, ele enfatiza que o batismo é um sacramento que deve ser ministrado apenas por homens:

O direito de administrar este sacramento pertence a todo sumo sacerdote, que é o bispo. Os sacerdotes e diáconos também podem conferi-lo, mas não sem a permissão do bispo para respeitar a igreja em sua cabeça e manter a paz por esta subordinação. O resto do laicato também, por vezes, recebe o poder de administrar o batismo. Então, quando ele é solicitado, ou bispo, ou padre, ou diácono, não devem esconder o dom do Senhor. Como resultado, o batismo é um dos bens que Deus distribui para os homens, sem exceção (TERTULIANO, *De Baptismo* XVII, 1-5 - tradução nossa).<sup>12</sup>

Apesar de todos os esforços para manter os APT fora do alcance das sociedades, os efeitos foram inversos, pois validaram ainda mais a narrativa. O texto do APT não foi considerado um trabalho herético, mas foi reconhecido e valorizado entre os primeiros eclesiásticos. Em todos os casos, uma validação precisa da história seria difícil, pois, mesmo com a argumentação de ser uma farsa, de acordo com os comentários de Tertuliano, o texto possui diversos fatores e elementos de caráter sobrenatural e lendário.

Oscar Cullmann, em seu estudo sobre os Textos Apócrifos, em especial o evangelho da infância, destaca que “sempre que a literatura biográfica mostra lacunas, a lenda geralmente surge, na falta de informações confiáveis, para suprir a deficiência” (CULLMANN, 1991, p. 415). O autor defende que os apócrifos revelam sobriedade e, acima de tudo, buscam uma ligação estreita com a cristologia, mesmo quando empregam materiais estranhos nas narrativas. É necessário que ocorra uma ligação típica das lendas e ciclos maiores com os elementos seculares, mas, principalmente, que ocorra uma conexão com figuras e personagens de destaque dos textos canônicos. Ele assegura que a maioria dos textos apócrifos se desenvolvem a partir de personagens secundários, que não desenvolvem uma atenção especial, mas são contados como narrativas independentes, principalmente nestes escritos que possuem elementos sobrenaturais e que se destacam consideravelmente.

Nos APT podemos perceber vínculos de personagens secundários de textos paulinos do Novo Testamento como, por exemplo, Dimas e Hermógenes, Onesíforo e Trifena, bem como o relato da peregrinação do apóstolo Paulo. Mas, de qualquer maneira,

---

<sup>12</sup> BIBLIOTECA LATINA INTRATEXT - Quintus Septimius Florens Tertullianus. *DE BAPTISMO* XVII – Catálogo de obras de Tertuliano – disponível em <http://www.intratext.com/Catalogo/Autori/AUT369.HTM>. Acesso em 02 jun 2019.

os APT sugerem a elaboração de um texto ficcional literário, com uma protagonista mulher. Texto este que é transmitido fortemente pela oralidade até se tornar escrito.

É difícil traçar com precisão uma reminiscência histórica dos APT, visto que a tentativa de provar a existência dos fatos não traz acréscimos à narrativa. Mas podemos perceber que em toda narrativa a figura feminina é exaltada: até as fêmeas dos animais que entram em combate com a personagem principal recebem destaque e honra. Davis (2001, p. 10) afirma que estas narrativas demonstram questões sobre a importância histórica do papel social das mulheres no início do cristianismo, pois todo o texto ressoa características positivas e favoráveis às ouvintes do sexo feminino. Tecla se une a outros núcleos de mulheres, como na casa da rainha Trifena e seu núcleo familiar, e com os animais na arena.

Todos os homens são desvalorizados neste texto: o noivo Tamiro; Dimas; Hermógenes; Alexandre; o governador de Icônio e Antioquia; Paulo e os animais da arena. Desta forma, Davis opina a favor da possibilidade de que esses fatos teriam atraído o público feminino pelo contraste gritante da caracterização moral dos gêneros – todos conspiram contra o compromisso de Tecla com a castidade.

A figura do apóstolo é negativa no primeiro momento, quando lhe nega o batismo, pois, quando ela solicita que seja batizada, Paulo alega que ela é muito bonita e que não suportaria as tentações futuras. Em outro lugar, quando Alexandre tenta comprar e seduzir Tecla, Paulo nega que lhe conhecesse e desaparece, permitindo que ela seja atacada por Alexandre em plena praça pública.

Ruiz Montero (2006, p. 33-36) considera que estes textos eram utilizados como entretenimento de classes mais educadas e não necessariamente formadas somente por mulheres. Mas Bremmer refuta esta teoria, alegando que a maioria dos leitores dos Atos Apócrifos seria de mulheres. O pesquisador chega a esta conclusão destacando a importância das personagens femininas na estrutura dos trabalhos, os testemunhos como o de Tertuliano, e os próprios missionários que se dirigem principalmente ao público feminino (BREMNER, 2001, p. 82). Compartilhamos a hipótese do autor, pois a presença e a força feminina são nítidas nestes textos e nos retratam as preocupações cívicas dos cotidianos e da sociedade deste público de modo geral.

Tertuliano demonstra que estes textos eram acessados por mulheres, que reivindicavam através deles o mesmo direito que Tecla possuía. Ele ainda fornece evidências sobre o contexto social de recepção destes textos nas comunidades de mulheres. Os APT foram inspiradores para essas mulheres, pois o fato de terem uma

heroína como exemplo de liderança na missão cristã primitiva aumentou o desejo de se tornarem iguais à Tecla.

Sobre a redação do texto, Tertuliano é o único que faz menção sobre sua autoria, afirmando que fora escrito por um presbítero na Ásia. Porém, os estudos sobre a utilização do apócrifo demonstram que mulheres também eram assíduas nas tradições orais e exerciam papel de destaque como contadoras de histórias e não apenas como ouvintes (SÁNCHEZ, 2013, p. 29). Desta forma, o presbítero poderia ter reeditado o texto que já estava disseminado nas tradições orais contadas pelas comunidades de mulheres.

Neste mesmo período, surge o montanismo<sup>13</sup>, movimento no qual duas mulheres profetisas chamadas Priscila e Maximila são protagonistas e que possuía ênfases do profetismo e apocalipcismo. Ambas também haviam abandonado seus respectivos maridos. O montanismo também é um movimento ascético e o único elemento que não iguala suas duas líderes à Tecla é o fato de elas não terem sido mártires (SÁNCHEZ, 2013, p. 69).

Davis (2001, p. 16) cita o texto do *“Asno de Ouro”*, de Lucio Apuleio, para destacar a presença feminina no romance. No texto de Apuleio, uma senhora consola uma mulher jovem que havia sido sequestrada de seu casamento e a forma de lhe consolar é contando histórias. Esta ação também é descrita em 1 Timóteo 4,7, onde o autor solicita que os leitores evitem os contos de mulheres de mais idade: “rejeitem as fábulas profanas de velhas caducas”; na sequência do texto também são citadas as viúvas que falam coisas que não lhes convêm.

Para o autor, os APT descrevem marcas da tradição oral, que incluem características de movimento na sua trama, assim como apresentam cenários típicos. Existem muitas evidências sobre histórias de mulheres na antiguidade, sempre apresentando seu caráter social, desempenho nas funções pública e privada, riquezas, e contextos domésticos, onde surge o ato de contar histórias (DAVIS, 2001, p. 16).

---

<sup>13</sup> O Montanismo foi um movimento extático e de forte inspiração pneumatológica, protagonizado por mulheres e responsável por gerar debates polêmicos e intensos durante o segundo século da era cristã, como atestam os escritos de Tertuliano, por exemplo na Igreja Cristã. Montano pretendia transferir para o Cristianismo o culto entusiástico de sua seita de proveniência: os montanistas viviam em contínua agitação à espera da eminente volta do Cristo. Esses acreditavam que o Espírito Santo Paráclito estava dando-lhes nova revelação, especialmente a respeito da moralidade cristã. Eles adotaram o nome “Nova Profecia” para seu movimento. O nome “montanismo” vem de seu fundador e líder, em seus primeiros anos, Montano. Ele tinha duas profetisas para ajudá-lo no trabalho, Priscilla e Maximilla, ambas tendo deixado seus maridos para servir ao Senhor (ABBAGNANO, 2007, p. 682).

As referências de histórias femininas na antiguidade atraíram preconceitos às mulheres que contam histórias, pois a principal alegação era de que estas eram incapazes de possuir estudo e seriam preguiçosas com seus afazeres domésticos. Mesmo diante de tal preconceito que distorce a realidade, ainda nos é permitido vislumbrar a ação e cotidiano das mulheres na antiguidade tardia, principalmente a importância da preservação da tradição oral.

No século II, muitas mulheres viúvas estavam associadas às virgens por seu compromisso com uma vida de abstinência. Inácio de Antioquia se refere a virgens que buscavam o *status* de viúvas mesmo sem terem casado. E Tertuliano também se refere a uma jovem virgem que foi incluída na ordem das viúvas mesmo sem possuir casamento. Estas evidências nos mostram um cenário de comunidades de viúvas celibatárias que contam histórias e que possivelmente estariam por trás das narrativas do APT.

### 3.4 GÊNERO LITERÁRIO DO APT

Os APT são constituídos pelos mesmos recursos do romance ou novela grega, pois ambos os gêneros abrangem o mesmo período na história. Hagg (1983, p. 160-161) considera os APT com um romance cristão, sob a argumentação de que o cristianismo sincretiza em alguns dos textos apócrifos do Novo Testamento as mesmas características de protótipos do romance grego como “*Habrócomes e Antia*”, e que além de aspectos narrativos comuns, esses textos se destacam por serem desenvolvidos em um ambiente popular. Como veremos a seguir, concordamos em classificar os APT pelo mesmo esquema narrativo compartilhado com os romances do período.

O romance foi inventado durante a segunda sofística, um período da história greco-romana marcado por sua relação com outras categorias como a literatura, a história, a filosofia, a política e com as questões culturais do Império.

Para uma compreensão mais ampla, é necessário descrever o que é o romance e quais são suas similaridades com Atos Apócrifos Apostólicos. As principais características do romance são a tentativa de apresentar histórias de pessoas comuns e seus cotidianos dentro de seu contexto social, descrevendo seus feitos, problemas, soluções, casos de amores, tristezas, crises etc., sempre buscando uma cumplicidade e

similaridade com o leitor. Davis argumenta que os “Atos Apócrifos compartilhavam com a ficção helenística o caráter de histórias populares destinadas tanto a instruir quanto a entreter uma clientela” (DAVIS, 1980, p.12), ou seja, as narrativas contavam histórias do povo para o próprio povo.

Outro autor que reflete sobre o romance é Bakhtin. Em sua análise sobre o romance, em especial o de aventura, caracteriza o enredo com os jovens amantes que se apaixonam, mas são separados e enfrentam uma série de circunstâncias e obstáculos, sendo que o jovem tenta salvar sua amada a todo custo, sofrendo danos e perigos de aventuras de todas as formas possíveis, até que, ao final da trama, possam se reencontrar puros e castos para enfim viver seu amor através do matrimônio (BAKHTIN, 1988, p. 211).

No caso de Tecla, também é possível analisar a preocupação da narrativa com o lado social das mulheres cristãs antigas, em especial as preocupações com o ascetismo, viagens de mulheres em missões e suas necessidades com as comunidades estabelecidas. Neste ponto, a caracterização de Tecla pode fornecer uma visão histórica dos valores sociais das primeiras comunidades que promoveram sua lenda.

No tocante à questão de textos para o público feminino, Soder (1932, p. 148) destaca que os romances antigos buscavam atender as necessidades deste público, mas não eram exclusivamente voltados a ele. Segundo a autora, nos *Atos* havia um estilo de vida relacionado à questão da salvação, sendo que, para ser salvo, era necessário que houvesse uma união conjugal com Cristo, o que ocasionou a metáfora da noiva e do noivo cristão. Portanto, se o noivo está comprometido com Cristo, este deveria se opor a qualquer avanço de todos os outros pretendentes, mesmo aqueles que houvessem contraído o matrimônio “terrestre”, pois as relações conjugais seriam consideradas como adultérios. A fidelidade é uma questão primordial declarada e este valor também está presente na estrutura dramática dos romances gregos antigos de amor. Soder conclui que, dos possíveis tipos de romances, o romance amoroso é mais parecido com os *Atos*.

Quão grande é a relação [dos Atos] com o romance é evidenciado pelos traços decididamente típicos que são quase sempre empregados: menção constante de beleza, amor à primeira vista, repúdio do primeiro amante socialmente aprovado, mudança de roupas, o ciúmes e lamentos do amor do amante abandonado, visitas à prisão com a tentativa de subornar os guardas, os motivos do amor rejeitado que se transforma em ódio e se expressa (a) contra o amado anterior ou (b) contra o rival; de atraso e subterfúgio, firmeza contra lisonja, ameaça e até resistência contra violência brutal, escravos fiéis etc. Dentre esses *topoi*, cada um dos quais é empregado por antigos romances de amor, são construídos

os contos eróticos nos Atos apócrifos (SODER, 1932, p. 148 – tradução nossa).

Concordamos com Davis, que complementa o pensamento de Soder, alegando que os *Atos* e os romances amorosos possuem uma ligação estranha, visto que nos Atos Apócrifos os ensinamentos possuem uma fundamentação ascética e casta como no romance, mas o que diferencia ambos é o tempo em que este ascetismo dura, pois, nos romances, eles ocorrem apenas enquanto os amantes estão separados e no apócrifo ele dura o todo tempo, pois “o objetivo real era a união com Cristo” (DAVIES, 1980, p. 85).

A proposta do romance é ser um gênero novo, sua intenção é criar várias tendências, o que originou uma forma literária aberta que gerou implicações em sua recepção e desinteresse crítico (REARDON, 2006, p. 229).

Para Brandão, o romance é uma espécie de gênero narrativo que apresenta formas cambiantes, híbridas e em constante mutação (BRANDÃO, 2005, p. 32). De acordo com Bakhtin, o romance está “em formação constante diante dos nossos olhos” (BAKHTIN, 1988, p. 397). Bakhtin também identifica a origem do gênero nos romances de cavalarias medievais, pois, neste contexto, existem as tramas de aventuras, descrição de lugares e espaços e, principalmente, a narrativa de um amor que configura a história. As ações são essenciais à vida dos heróis e trazem consigo um significado biográfico.

Outro aspecto comum entre as narrativas de romance e os Atos Apócrifos referem-se ao fato de que em ambos os textos a narrativa ocorre em um ambiente popular. Miralles (1996, p. 11) relaciona o casal Paulo e Tecla como protagonistas de uma novela grega, mesmo que na narrativa se perceba uma ausência de amor no sentido mais estrito, ainda existem elementos que caracterizam o romance, como as violências e crueldades sofridas por Tecla em seu martírio, destaque da heroína, sequestros e falsas mortes. Percebemos que a comparação entre as personagens femininas dos romances gregos e Tecla também demonstra que todas sofrem perseguições, mas permanecem castas e firmes em seu propósito; mesmo que o martírio ocorra para que desistam de sua fé, a intenção de sua crença é maior que o sentido de sua vida ou seu amor.

Ipiranga também demonstra aspectos interessantes do romance grego, com bases nos fundamentos e princípios de Bakhtin, destacando:

- a) o elemento aventureco, que dimensiona aspectos temporais e espaciais da narrativa, em que o desvio ou o acontecimento excepcional e repentino serve como uma espécie de marcação para a intriga; b) o elemento retórico, quase onipresente nas obras, a partir de que, não apenas os discursos dos personagens são forjados, mas também a própria estruturação das cenas, a exemplo daquelas montadas como

situação de julgamento ou ambientadas nos espaços públicos da assembleia ou do tribunal; c) o elemento vinculado às provas por que a heroína e o herói precisam passar e superar; aqui ocorre uma sucessão de etapas transpostas à maneira de rituais, ocasionando os momentos de reversão da fortuna e a ascendência, a despeito do que teoriza Bakhtin, a um novo *status* social e existencial ao final da narrativa; d) o elemento biográfico, em que ficam evidenciadas as distintas fases da vida e, mormente, os momentos cruciais, como a conversão a um novo modo de vida e o momento singular da morte, o qual tem muitas vezes como função prefigurar a vida do protagonista como modelo, positivo ou negativo, a ser referenciado pelos leitores (IPIRANGA JUNIOR, 2014, p. 47).

O autor destaca que, no romance, não é o erótico que se destaca, mas sim a ação da *Tykhe*. Citando Brandão, ele alega que:

este aspecto que sinaliza a presença do imprevisto e do acaso, mas que também se refere à coincidência de vários planos narrativos (a partir da situação e dos sentimentos de cada um dos protagonistas, das ações de adversários e rivais, de fatos que acontecem à revelia de todos, como guerras e tempestades, da interferência dos deuses, os quais muitas vezes se manifestam como expressões da própria Fortuna) (IPIRANGA JUNIOR, 2014, p. 52).

A busca pela *Tykhe* se caracteriza pelo não previsível e não casual, e isso determina a dinâmica da narrativa, pois ela ocorre através da curiosidade do herói que o leva às situações mais inusitadas e, no mais das vezes, adversas. A *Tykhe* se diferencia da *páthos erotikón* (paixão amorosa), pois, neste sentido, a paixão ocorre de forma mais avassaladora e súbita entre os protagonistas.

Ipiranga descreve que os cinco Atos Apócrifos dos Apóstolos (*Atos de João, de Paulo e Tecla, de Pedro, de André e de Tomé*), os quais foram compostos ao longo da segunda metade do séc. II d.C e início do séc. III d.C, possuem similaridade com os *Atos do Apóstolos* canônicos de Lucas, mas, enquanto este último é considerado pela crítica como pertencente ao gênero da monografia histórica, “os Atos Apócrifos dos Apóstolos, desde cedo, foram comparados aos romances em vista de suas semelhanças explícitas” (IPIRANGA JUNIOR, 2014, p. 57).

O autor faz referência à parte da narrativa onde Tecla ouve de sua casa o discurso de Paulo sobre a castidade e a crença em Cristo e não se move da janela, ficando em um estado de extremo regozijo e êxtase, para justificar a tendência erótica do texto:

Como também visse mulheres e virgens sendo inseridas no convívio de Paulo, ansiava igualmente por ser considerada digna de postar-se face a Paulo e ouvir a palavra de Cristo. De fato, ainda nem tinha visto a figura de Paulo, mas apenas escutado seu discurso. No entanto, como não deixasse a janela, sua mãe manda chamar por Tamiro; chega ele, então, todo animado, como que esperasse já recebê-la em casamento.

Disse então Tamiro a Teoclía: “Onde está a minha Tecla, para que eu possa vê-la?” E disse Teoclía: “Tenho um novo e inesperado relato para te fazer, Tamiro. Com efeito, por três dias e três noites Tecla não se alça da janela, nem para beber nem para comer, mas, com um olhar fixo como que de encantamento, de tal modo se assujeita a um homem estrangeiro, o qual ensina por meio de discursos enganosos e artificiosos, que me espanta como o sentimento de pudor da virgem possa estar tão molestamente perturbado” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 741 – tradução nossa).

Tecla é arrebatada por uma afeição que lhe impede de agir. A mãe é quem interpreta que a filha está apaixonada por outro homem e nesta ação se evidencia o erótico. No entanto, Tecla não vê Paulo; ela se apaixona pelo seu discurso. Assim como em outros *Atos*, nos quais as mulheres são atraídas pelo discurso dos apóstolos, o que ocorre é uma paixão oitiva. Ao longo da narrativa, a personagem conquista sua liberdade, abandona sua sexualidade e adota uma vida ascética, o que vai contra os padrões da sociedade. O *páthos erotikón* ocorre no âmbito do discurso e é o que relaciona o herói e a heroína (IPIRANGA JUNIOR, 2014, p. 58).

O romance busca barrar histórias de pessoas comuns, dentro do seu âmbito social, e descreve problemas e relatos do cotidiano em geral, o que assemelha suas histórias à vida de outras pessoas, dando a elas crédito, assim como ocorre nos dias de hoje. O público que lê a narrativa se identifica com o personagem, mesmo que seja nos casos de amor, desafeto, crises, tristezas, não importa: sempre haverá cumplicidade entre o leitor e o personagem.

As formas variadas de escrita do romance nada mais são do que estes relatos da vida comum dos indivíduos. Existe uma diversidade social de linguagens organizadas, o que faz com que o romance se aproxime ainda mais da descrição da vida real (ARAUJO, 2015, p. 66).

Esta identificação com os textos traz outra característica importante para o gênero do romance. Ele permite que o leitor se identifique com os valores morais embutidos nos textos através da vida dos personagens. A moral leva o público a absorver, ou não, a possibilidade de uma lição útil para sua vida.

O mundo do romance é, sem dúvida, um mundo de aparências, não como deficiência de substância, mas na linha da mais autêntica tradição grega que só consegue pensar a realidade enquanto objeto visual, cuja realização depende de ser visível e ter quem a contemple (BRANDÃO, 2005, p. 238).

Por meio da descrição de Brandão, podemos perceber que a inserção no romance de procedimentos e regras só obtém êxito se houver quem o contemple e admire, pois somente através desta ação o leitor pode adquirir tal virtude.

Também é importante destacar que os romances valorizam os textos através de narrativas ficcionais. Muitos destes textos possuem um autor anônimo, que descreve uma história baseada em algum fato que lhe foi contado ou baseado em outra história. Com a possibilidade de ausentar-se da responsabilidade de autoria do texto, o romance se caracteriza com um feitiço de realidade e criava a impressão no leitor de que ele conhecia este fato, pois esta história já havia sido contada em seu meio comum, o que levava a se aproximar dos personagens e trazia realidade aos fatos. Mas também encontramos nos romances ações que realmente aconteceram em períodos que antecederam a escrita do texto. Isso também conferia realidade aos argumentos baseados em fatos históricos.

Nos romances, não podemos discernir o que pode ser ficcional daquilo que é uma interpretação real, pois a realidade retratada sempre se mistura com objetos imateriais. Castello destaca que “tudo o que temos são partes da verdade, isto é, realidades parciais ou em potência. Ficções: eis tudo o que temos” (CASTELLO, 2015, p. 3). Sempre que o homem é convidado a retratar sua vida, ele busca preencher as lacunas, os vazios, as incoerências, com alguma ficção. O homem é o único ser capaz de produzir ficção, pois nenhuma outra espécie cria meios para enganar a si e aos seus semelhantes.

É importante dizer que a ficção não significa mentira, mas, ao invés de mentir, o ser humano inventa novas maneiras de dizer as coisas do real. Os escritores são apenas mais sensíveis a isso e se destacam na forma de transmitir essas ações para as novelas. Concordamos com Castello, no tocante a definir se uma narrativa é ficção ou história verdadeira. Para ele, a verdade depende daquele que faz a afirmação porque, dependendo do relato, a ficção pode ser verdadeira e fiel à realidade, enquanto, em outros casos, o escritor poderá ser mais fiel do que o próprio historiador.

Concluimos que, através das comparações e descrições apresentadas, os APT se estruturam semelhantemente a um romance grego, assim como também se caracterizam como uma ficção, salientando que ficção não significa mentira e que o texto poderia, sim, retratar a realidade vivida pelas comunidades no momento em que ele foi escrito. O texto dos APT aborda temas como o papel das mulheres nas igrejas e seu papel como autoridade; as igrejas domésticas; a função do casamento e nuances teológicas sobre o ascetismo. Isso permite que o leitor alcance indicativos sociais e históricos dentro do texto, situando-se com a realidade social e histórica vivida (BARRIER, 2000, p. 30).

### 3.5 PERSONAGENS DA NARRATIVA DOS APT

Em todo o contexto da narrativa dos APT, a personagem principal que se destaca é a figura de Tecla, uma protagonista absoluta. Mas devemos observar as características individuais e coletivas de cada um dos personagens para uma análise da situação do contexto da narrativa e apresentar as divergências e possibilidades de um diálogo com o texto.

O primeiro personagem a analisar é a figura do apóstolo Paulo, que se destaca como uma figura de importância dentro do cristianismo. Muito da história que possuímos hoje nos textos canônicos se baseiam na sua pessoa e nos seus atos. Na narrativa dos APT, Tito fizera uma descrição da pessoa de Paulo para que Onesíforo pudesse reconhecê-lo:

Onesíforo caminhou ao longo da estrada real que leva a Listra e ficou ali, esperando por ele, comparando todos aqueles que vieram com a descrição de Tito. Viu, então, que Paulo se aproximava, um homem pequeno de estatura, careca, de pernas arqueadas, vigoroso, com uma sobrancelha unida, nariz saliente, mais cheio de graça. Às vezes ele parecia um homem, outras tinha o rosto de um anjo (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 775, tradução nossa).

Sánchez indica uma semelhança de Paulo com o mártir Estevão, descrito nos *Atos* canônicos mediante ao adjetivo *χάριτος πλήρη* (cheio de graça) e a sua semelhança na descrição de “aparência de um anjo” (SÁNCHEZ, 2013, p. 88). Ambas as características encontramos nos dois personagens. Destaco, como já apresentamos anteriormente, que os *Atos* nos remetem a personagens principais ou secundários dos textos cristãos.

Embora as características pareçam ser negativas, o que se diferencia das representações artísticas dos dias atuais, é importante ressaltar que o apóstolo não se habituava a um padrão comum dos homens da época, visto que já havia sofrido diversos flagelos em sua missão evangelística. Portanto, através desta descrição, entendemos que não é necessariamente uma apresentação negativa do apóstolo, mas, sim, uma descrição de como era sua aparência real.

Quando recorremos aos textos canônicos, encontramos descrições da vida e cotidiano do apóstolo:

São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em perigo de morte, muitas vezes. Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em

perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas (2 Coríntios 11.23-29).

Precisamos levar em consideração que Paulo já havia sido sentenciado diversas vezes com prisões, açoites, castigos e as condições de suas viagens não eram luxuosas, pelo contrário, sempre a situação era agravante e depreciadora, principalmente em suas viagens marítimas, durante as quais, em todos os casos, o barco afundou. Nos APT podemos encontrar estes vestígios de personalidade apresentados em 2 Coríntios, uma descrição detalhada do apóstolo, enfocando seus traços físicos. Uma característica importante que devemos mencionar é que os traços apontados na descrição tornam Paulo um estereótipo judeu, principalmente pela descrição do nariz grande.

Bremmer (1996, p. 1) enfatiza que em nenhuma outra narrativa sobrevivente, seja canônica ou apócrifa, existe uma descrição tão detalhada de um personagem. Nem mesmo a figura de Tecla é apresentada desta maneira; ela apenas é citada pela sua beleza física e corporal, mas não com precisão de detalhes.

É possível relacionar os traços de personalidade do apóstolo com aspectos de sua fisionomia, principalmente quando partimos das descrições apresentadas no texto de 2 Coríntios. Sánchez, em sua apresentação do apóstolo Paulo, traça paralelos com os aspectos apresentados por Bullok, pois, a partir de adjetivos físicos, os autores nos apresentam preceitos da personalidade de Paulo:

- 1- A fraqueza corporal de Paulo (*ἀσθενής*) (2 Co 10,10; 11,29-30; 12,5 e 9,10) corresponde ao “homem de estrutura baixa e careca” (*ἄνδρα μικρὸν τῷ μεγέθει, ψιλὸν τῇ κεφαλῇ*).
- 2- Sua astúcia (*πανοῦργος*) (2 Co 12,16) equivale ao “nariz comprido” (*ἐπίρρινον*).
- 3- A referência que eles (os apóstolos) vivem para o seu corpo (*κατὰ σάρκα περιπατῶν*) (2 Co 10,2) se manifesta através das pernas arqueadas do apóstolo (*ἀγκύλον ταῖς κνήμαις*), embora este aspecto possa estar relacionado com a crença popular de que Paulo estava a cavalo quando se diz que a luz divina apareceu para ele a caminho de Damasco (At 9,1-4).
- 4- A sua insensatez (*ἄφρων*) (2Co 12,11) corresponde à sua aparência saudável (*εὐεκτικόν*).
- 5- Sua timidez (*ταπεινός*) (2Co 10,1) também está relacionada às suas pernas arqueadas.

6- Por fim, a falta de compaixão (*οὐ φείσομαι*) (2Co 13,2) manifesta-se na forma corporal das sobrancelhas peculiares (*σύννοφρον*) (SÁNCHEZ, 2013, p. 88).

É notável que essa descrição da aparência de Paulo está além das representações artísticas. O apócrifo nos oferece um detalhamento de informações que é completamente diferente das imagens e pinturas que temos hoje. Por outro lado, não encontramos esta riqueza de detalhes dedicada nem mesmo à personagem de Tecla.

Voltando para a análise dos personagens do texto, Paulo chega a Icônio como um missionário itinerante, que desenvolve uma missão cristã, acompanhado de Dimas e Hermógenes. Na descrição, Onesíforo não os trata com a mesma gratidão com que trata a Paulo, pois não reconhece neles “o fruto da justiça” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 737). Os companheiros de Paulo são representados como dissidentes, mas pertencentes ao universo paulino no qual a lenda teria se desenvolvido.

Encontramos os dois personagens nas passagens de textos canônicos. Dimas é citado nos textos de Colossenses 4,14; 2Timóteo 4,10 e Filemon 1,24; embora considerado um colaborador do apóstolo Paulo, ele é citado como uma pessoa que “amou mais o presente século” (2Tm 4,10) e que se acovardou, possivelmente porque nesta época havia perseguições aos cristãos e, então, ele teria se afastado, mas isso também é uma possibilidade, não existindo relatos sobre o seu real afastamento. Hermógenes também é retratado com um caráter negativo em 2 Timóteo 1,15, onde também abandona Paulo, deixando o apóstolo triste por este fato.

Percebe-se que tanto no texto canônico como no texto apócrifo os dois companheiros de Paulo possuem aspectos negativos quanto às suas ações. Nos textos canônicos, ambos abandonam Paulo e se desviam de seus caminhos. No texto apócrifo, são destacados como traidores. Assim que Tamiro oferece uma quantia em dinheiro e um banquete em sua casa, eles prontamente entregam todas as acusações possíveis que Tamiro poderia usar contra Paulo, principalmente destacando pontos da doutrina ensinada por Paulo e seu posicionamento religioso.

Traga-o ao governador Cestílio sob a acusação de que seduz as pessoas com a nova doutrina dos cristãos. Isso fará com que ele pereça e você terá Tecla como tua mulher. Vamos te mostrar sobre esta ressurreição que ele diz que acontecerá, mas já aconteceu para nossos filhos. Nós seremos ressuscitados se conhecermos o Deus verdadeiro (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 745, tradução nossa).

Diga que ele é um cristão, e assim você o arruinará (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 747, tradução nossa).

Mesmo que exista esta incompatibilidade de ideias entre Paulo e seus companheiros, analisamos que existe um contraste sobre a fidelidade ao apóstolo na narrativa, pois a família de Onesíforo representa justamente o oposto da traição, eles permanecem fiéis a Paulo e seus ensinamentos, até mesmo após a partida do apóstolo. Onesíforo aparece nos relatos canônicos no texto de 2Timóteo 1,16-18 e 2Timóteo 4,19, que diz:

Que o Senhor seja bondoso com a família de Onesíforo, pois muitas vezes ele me animou e não teve vergonha de mim por eu estar na cadeia. Pelo contrário, logo que chegou a Roma, ele me procurou até me encontrar, que o Senhor dê a ele a certeza de que naquele dia ele receberá sua misericórdia! E você sabe melhor do que eu o quanto ele me ajudou em Éfeso (2Timóteo 1,16-18).

Onesíforo é um dos primeiros cristãos a serem citados no Novo Testamento. Ele havia procurado Paulo na prisão, pois os cristãos estavam sendo perseguidos por Nero, e Paulo elogia-o pela sua hospitalidade, coragem e bondade, contrastando-o com outros fiéis que o haviam abandonado na Ásia.

O contraste das narrativas é que no texto canônico a residência de Onesíforo é em Éfeso, enquanto nos APT ele reside em Icônio. Em nosso texto também é informado sobre os nomes da família de Onesíforo – Lectra sua esposa; Símiás e Zenon, seus filhos. Em ambos os textos, o personagem Onesíforo é um homem bom, íntegro e fiel. Ele permanece sempre ao lado de Paulo e adere aos seus ensinamentos, tornando sua casa um local de estudo e propagação da mensagem anunciada pelo apóstolo. Notamos que ele é uma exceção à negatividade masculina apresentada no texto, mesmo sendo um personagem secundário; sua figura é retratada de uma maneira positiva, pois, assim como Tecla, ele recebeu a mensagem cristã e se converteu.

Retornando à personagem principal, Tecla, existem características básicas que devem ser analisadas sobre a protagonista. O texto nos aponta que ela era uma mulher nobre, de família tradicional em Icônio e de origem pagã. Quando ela sofre o atentado violento em Antioquia, suas palavras reforçam esta afirmação: “Não forces uma estrangeira, não force uma serva de Deus. Sou cidadã nobre em Icônio, e por não querer me casar com Tamiro eu fui expulsa da cidade (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 757, tradução nossa).

Algumas características das mulheres dos Atos Apócrifos devem ser observadas, pois, assim como Tecla, encontramos outras mulheres fortes e com características semelhantes, como Maximilla, nos *Atos de André*; Drusiana, nos *Atos de João*; e

Migdonia, nos *Atos de Tomé*. São mulheres com personalidades que desafiam a autoridade de seus maridos e da sociedade em que vivem. Elas agem com o apoio dos apóstolos e com garantia nas Escrituras e seu perfil representa a valorização social destas mulheres nos aspectos de liberdade e dignidade.

Tecla é apresentada como uma virgem de elite, que se casaria com um homem da classe dominante. Percebe-se que as mulheres dos contos pertenciam a famílias de governantes, sendo filhas ou esposas, e geralmente não possuíam crianças. Kraemer observa que estes textos continham descrições de mulheres de destaque para formular uma teoria de atração a outras mulheres no início do cristianismo primitivo. Portanto, destacavam o celibato, incluindo o repúdio ao casamento e à maternidade (KRAEMER, 1948, p. 5 – tradução nossa).

Del Cerro (2003) faz uma importante análise destas mulheres e destaca os aspectos comuns que possuem: 1- São mulheres de alta sociedade, casadas ou relacionadas com pessoas importantes. Este detalhe revela que a alta sociedade está envolvida nos novos métodos de vida que os apóstolos pregam. 2- São mulheres bonitas e capazes de despertar as paixões e desejos por parte dos homens. Embora saibamos que as mulheres apreciam suas belezas, nos *Atos* se percebe que a beleza para elas está em segundo plano, o que realmente importa é a virtude que estas mulheres carregam e lhes garante uma vida plena e feliz. 3- Todas se convertem ao Cristianismo, em sua maior parte se tornando castas graças à pregação do apóstolo. Esta ação traz consequências a estas mulheres, pois sofrem violência, especialmente por parte de seus cônjuges. Ainda assim, elas não permitem que o medo as desvie de seus objetivos e buscam sempre proteção para manterem sua vida de continência. 4- Nenhuma delas possui filhos. Nos relatos, percebe-se que o embate é entre marido e mulher, e esta como praticante de uma vida de continência. Embora haja crianças nas narrativas, os textos não retratam a postura de mães e filhos, mas, sim, o papel do marido com seu aspecto de poder e amor. 5- Embora castas, são mulheres generosas, piedosas e discretas. Elas buscam apoio dos céus, apoiadas no discurso dos apóstolos para garantirem sua generosidade. Os valores que desejam são os valores eternos, por isso não poupam esforços com os valores terrenos. 6- As protagonistas possuem caráter mais forte e consistente que seus maridos; somente em Tecla a sua história é baseada na renúncia de um casamento, mas em todos os outros casos vimos mulheres com mais vigor, determinação, aspectos temperamentais fortes, força e autoridade que seus cônjuges.

Também encontramos referências de exemplos de mulheres pobres, doentes, viúvas, personagens secundárias, mas que demonstram o valor das mulheres na sociedade cristã da época. Assim como nos Evangelhos, a atividade taumatúrgica ou pastoral dos protagonistas é dirigida às mulheres dos mais diferentes estratos sociais.

O fator da renúncia sexual também é um elemento que devemos considerar. Nos APT, Tecla recebe o apoio de uma viúva, chamada Trifena, uma rainha que gerenciava sua riqueza, bens e inclusive escravos na época da narrativa. Como vimos anteriormente, o termo “viúva” era desejado por jovens virgens, por causa do destaque que estas mulheres possuíam. Sobre a renúncia sexual, este era um passo importante para que conquistassem o poder sobre suas vidas e principalmente sobre o seu corpo. Esse pensamento fortaleceu a criação das comunidades de mulheres celibatárias, pois a mensagem era atrativa e transcenderia a “divisão de papéis entre os sexos” (SALISBURY, 1995, p. 16). A prática do ascetismo já era comum no segundo século e muitas mulheres já haviam adotado este estilo de vida, integrando-se a estas comunidades celibatárias, integradas a ordens das viúvas e virgens (ARAUJO, 2015, p. 122).

Outro ponto a ser considerado se refere à questão do ponto de vista social que a renúncia de Tecla com a ruptura do casamento gera ao modelo familiar tradicional imposto pela sociedade do Império da época. Assim, esta rejeição do casamento desconstrói modelos sociais habituais que são aceitos por todos, causando revolta, pois ela está quebrando padrões e assumindo o controle da própria história. No texto, podemos perceber que ela cresce ao longo da narrativa. No início, Tecla é apresentada como uma *παρθένος* (virgem), depois recebe o título de *μάρτυς* (mártir) e, ao final da narrativa, ela recebe autoridade máxima do apóstolo Paulo, que lhe atribui a categoria de *ἀπόστολος* (apóstola).

Tamiro, o noivo, é outro personagem que possui caráter negativo nos APT. Somente Teoclía, sua sogra, o aprova na trama, o que também é uma temática recorrente dos romances. Tamiro representa o papel do poderoso chefe que é contrariado em virtude de uma nova fé, ao mesmo tempo em que ele seria a principal vítima da conversão de Tecla, pois ela rompe o contrato de casamento com ele. Tamiro é citado como primeiro cidadão de Icônio e ordena que Tecla volte para ele e tenha vergonha da postura frente à sociedade, por causa de sua devoção aos ensinamentos de Paulo contra o casamento. Ele apela dizendo: “Tecla, minha noiva, por que você está sentada assim? Que paixão te mantém encantada? Volte para seu Tamiro e envergonhe-se” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 743 – tradução nossa).

O noivo torna-se o principal rival de Paulo na disputa pelo amor de Tecla. Por meio das informações que recebe contra Paulo, Tamiro desenvolve o papel de acusador perante as autoridades romanas. Esse papel é fundamental para o enquadramento da perseguição no texto, o que refletirá no martírio. Sua presença no texto demonstra a oposição entre o paganismo e a fé cristã, vivida no início do cristianismo primitivo. A nova doutrina estava crescendo em números de adeptos e a crença praticada por eles em diversos sentidos ia contra as doutrinas praticadas pela sociedade da época. Nos APT, a questão da virgindade e do encratismo é a base do discurso de Paulo, e essa ação fere os interesses pessoais e morais do Império Romano.

Quando confronta Paulo, Tamiro alega que ele está corrompendo as mulheres para que não se casem e por este motivo deverá prestar esclarecimentos ao governador. Diante desta denúncia, Paulo recebe da multidão a acusação de ser um mago, devendo ser retirado da cidade. Esta é a primeira ocorrência da acusação de praticar magia que o apóstolo recebe na narrativa, o que traz a ele complicações, porque deverá comprovar perante o tribunal a sua defesa.

O Governador Cestílio também representa uma figura masculina positiva no texto. Durante o julgamento de Paulo, ele trata o acusado de forma amigável. Em um primeiro momento, quando a multidão exaltada clama para que o “mago” seja punido, ele se dirige ao apóstolo e, sem formar um juízo sobre sua figura, questiona quem é Paulo e o porquê de sua acusação. Após Paulo explicar sua doutrina, o governador decide prorrogar o julgamento, para que possa interrogar Paulo com mais calma.

Em outro momento da narrativa, o governador Cestílio chora. Quando Tecla é colocada nua na fogueira, ele derrama lágrimas por tal beleza e força serem destruídas. Piñero e Del Cerro destacam que esta atitude por parte do governador demonstra uma humanização do poder romano, possivelmente um olhar conciliatório por parte das comunidades cristãs em relação às autoridades imperiais. O autor apresenta as autoridades com uma luz favorável, “é um apelo indireto à sanidade em tempos de perseguição” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 747 – tradução nossa).

O último personagem a ser analisado nesta primeira fase da narrativa é o filho de Onesíforo. O menino desenvolve um papel importante quando encontra sua vizinha Tecla no mercado, após o seu primeiro martírio, e a leva ao encontro de seus familiares e de Paulo. Após este encontro, o bloco com a primeira parte da história se encerra. Mesmo não possuindo um destaque na narrativa, tendo um papel secundário, este encontro

possibilita que Tecla volte aos cuidados de Paulo para que a história avance, com os personagens principais seguindo viagem para Antioquia.

O segundo bloco da narrativa contém menos capítulos do que o primeiro bloco, possuindo apenas 17 capítulos. Porém, possui descrições de cenas importantes, como o segundo martírio e livramento de Tecla, o seu autobatismo, a conversão da casa de Trifena e o retorno à sua pátria.

O bloco começa com o primeiro capítulo demonstrando Paulo abandonando Tecla quando Alexandre a assedia em praça pública. Através deste abandono, podemos perceber que o texto nos direciona à interpretação de que a protagonista deverá passar por mais provas para seguir firme com seu propósito e objetivo de se manter casta e pura. Mas esta negação por parte de Paulo, ao afirmar: “Não conheço esta mulher de quem falas, pois ela não é minha” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 757 – tradução nossa), deixa apóstolo com uma caracterização vergonhosa e negativa, sendo utilizada como um argumento para os defensores dos APT como um texto direcionado para mulheres. Concordo com a opinião de Sanches quando sugere que esta consideração adaptada no texto explicaria uma intenção de tornar o sofrimento de Tecla mais incrível, ao mesmo tempo em que desconfigura o papel masculino no texto (SÁNCHEZ, 2013, p. 93).

Alexandre é um algoz de Tecla nesta segunda parte do texto, mas podemos observar semelhanças entre os personagens apresentados, como Tamiro, por exemplo. O amor e desejo de ambos por Tecla os tornam rivais de Paulo, pois, de igual modo, ele está presente na vida de Tecla nos momentos em que ela recusa a ambos. O que diferencia Tamiro de Alexandre é o fato de que Tamiro era noivo de Tecla e Alexandre usa de força e violência para obtê-la como objeto de seu prazer. A ação de ambos os personagens ao tentar possuir a virgem traz consequências graves para ela, pois, por causa do noivo, ela também é levada ao tribunal e sentenciada à fogueira como punição por não cumprir com os padrões impostos pela sociedade e rejeitar o casamento; e, no segundo momento, por lutar por sua honra e castidade, ela envergonha um homem nobre e acaba sendo levada para o tribunal por tamanha desonra, sendo sentenciada a lutar contra as feras nos jogos da cidade. O desejo dos homens pela jovem casta sentenciam a inocente aos seus martírios.

A figura do governador também se assemelha com a primeira parte da narrativa; percebemos a dualidade destes personagens. No primeiro bloco, temos a presença de Tamiro e o Governador Cestílio; no segundo, Alexandre e o Governador. Assim como o primeiro Governador demonstra amor por Tecla somente em seu martírio, o segundo governador também demonstra afeição pela jovem. O envolvimento pessoal é uma das

características que harmonizam a ação dos governadores. Este segundo também demonstra seus sentimentos publicamente, mostrando sua tristeza com a sentença destinada a Tecla. Embora ele fosse o governador e tivesse autoridade sobre a cidade, é importante destacar que Alexandre também é um homem de poder, pois, em meio às lutas enquanto a protagonista estava vencendo seus martírios, ele sempre apresentava novas propostas para executá-la e o governador apenas permitia, dizendo: “faz o que queres” com grande tristeza por suas ações (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 765). Posteriormente na narrativa, o governador pede que Tecla seja trazida a ele, quando é questionada sobre quem ela é e porque nenhuma fera a tocou. Depois disso, ele ordena que ela seja vestida e liberta.

Uma personagem feminina cuja representação é forte e positiva nesta segunda parte do texto é a rainha Trifena, que adota Tecla como filha e tenta defendê-la por desenvolver uma afinidade com a jovem. Embora nosso objetivo seja apresentar os personagens com um enfoque em seus atos, demonstrando a importância de cada um na narrativa, alguns autores como Piñero e Del Cerro buscam afirmar a existência destes personagens relacionando os mesmos com personalidades descritas em histórias verdadeiras da tradição cristã. O nome de Trifena também é citado nas narrativas canônicas na Carta aos Romanos 16,12. Embora o texto não descreva exatamente quem seja Trifena, apresenta uma referência de Paulo a ela, saudando-a juntamente com Trifosa, pois ambas “trabalham no Senhor”. O verbo grego “κοπιωσας” carrega a ideia de um trabalho de exaustivo e fadigado, que ambas trabalhavam até o cansaço (STRONG, 2002, p. 1598). Tal feito fez com que Paulo as cumprimentasse respeitosamente, pois é provável que exercessem funções na igreja e que o fizessem com zelo.

Historicamente, Trifena aparece em uma moeda, em cujo verso está o rei Polemon II. Rolffs relata que havia uma relação de Trifena com o poder imperial e desenhou sua árvore genealógica, a partir da qual a rainha é descrita como bisneta de Marco Antonio e sobrinha do imperador Claudio, neto de Marco Antonio (ROLFFS, 1924, p. 377-378). Trifena foi considerada filha de Polemon I, cuja família possuía laços com mais de setenta e cinco famílias reais (SÁNCHEZ, 2013, p. 94).

Uma característica importante de Trifena na narrativa faz referência ao asilo e proteção que a rainha oferece a Tecla, destacando a questão do patronato no texto. Weg define que a relação entre Tecla e Trifena possui aspectos enigmáticos, e que Trifena adotou Tecla como substituta de sua filha morta. Embora esta explicação não descreva a

verdadeira relação destas mulheres, a generosidade da rainha reflete “uma forma cristã primitiva do fenômeno cultural generalizado de patronagem” (WEG, 1996, p. 17).

No início do cristianismo primitivo, o sistema de patronos era comum na sociedade mediterrânea, pois se manifestava como uma rede altamente complexa e hierarquicamente organizada que controlava os recursos em todos os tipos de níveis da sociedade. Além disso, a “patronagem funcionou como um importante meio de controle e legitimação da ordem social e para reproduzir as principais instituições sociais de poder” (WEG, 1996, p. 18). O seu regimento era baseado em trocas de serviços, relações voluntárias e comerciais, nas quais não havia contratos e os clientes poderiam escolher seus patronos, pois as relações eram fidelizadas em concepções de obrigações pessoais e de honra.

Embora a patronagem funcionasse como uma via de mão dupla, o sistema promovia desigualdade, pois o povo recebia benefícios em favor de honrar o patrono, e este continuava cada vez mais poderoso e rico. No caso de Trifena, podemos perceber que as mulheres também ocupavam estas funções, porque o gênero não era fator dominante, mas sim a riqueza e a classe social. Muitas mulheres se tornaram importantes quando houve decadência econômica e a vida municipal passou a depender de seus financiamentos para continuar existindo. Porém, este fator não possibilitou que as mulheres alcançassem poder político e comercial nas cidades (WEG, 1996, p. 19). Trifena é um modelo ideal de patrona: ela recebe uma estranha e cristã sob sua custódia, permitindo que sua honra e castidade fossem mantidas, pois “Tecla pediu ao Governador para permanecer pura [...] e certa mulher rica chamada Trifena [...] a recebeu em custódia” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 759 – tradução nossa).

Trifena protege Tecla durante seu martírio e, quando finge morrer, ela salva Tecla de mais aflições e angústias que poderiam levá-la à morte, restituindo assim a sua liberdade. Ao final, permite que Tecla viva de forma autônoma e independente, doando-lhe parte de sua riqueza, o que possibilita a Tecla dividir seus bens com Paulo e os pobres. Portanto, Trifena é benfeitora de Tecla e, conseqüentemente, da comunidade cristã. Como o patronato é um sistema de reciprocidade, Tecla ora para que a filha de Trifena ocupe um lugar no mundo dos justos, recompensando Trifena por suas ações.

O patronato foi fundamental para as comunidades cristãs. Através deste sistema, muitas comunidades foram construídas, houve assistência aos pobres e viúvas, e muitas ações de caridade, dando importância e prestígio às estratégias de sobrevivência e expansão do cristianismo primitivo. Weg conclui seu pensamento destacando esta relação

de Trifena e Tecla, pois, através delas se inicia um modo de vida no qual a generosidade implica muito mais do que relações assimétricas entre desigualdades sociais.

### 3.6 ANÁLISE DA MULTIDÃO (ὄχλος) NOS APT

Nos APT, encontramos a presença marcante de um conglomerado de pessoas com aspectos diferenciados que se unem coletivamente em diversas partes da narrativa. Strong traduz “ὄχλος” como “multidão”, “turba desordenada de pessoas”, “grande número”, “tumulto”, “alvorço” (STRONG, 2002, p. 454).

Nos APT, percebemos que a multidão possui características dominantes, e principalmente, ela possui voz. Sempre quando é destacada a presença de multidões, estes clamam, gritam, ululam, choram, ficam indignados e bramam o tempo todo. Mangogna apresenta uma fundamentação importante sobre o “ὄχλος”. A autora indaga que:

Nesta seção da narrativa, a multidão que desempenha um papel de liderança em toda a composição emerge notavelmente. A multidão de fato age como se estivesse em segundo plano, permitindo assim que os protagonistas adquirissem cor e personalidade em contraste. A multidão aparece como uma massa indistinta e uniforme que se move de forma paralela em relação aos personagens principais, mas condiciona parcialmente suas ações, especialmente se considerarmos as cenas marcadas nos tribunais e os processos judiciais (MANGOGNA, 2006, p. 112).

O papel da multidão de maneira geral seria um papel sem destaque, mas, assim como constata a autora, nos APT ela dá vida ao texto, trazendo movimento e cor, mesmo que em caráter secundário em relação aos personagens principais, mas não sem menos importância.

Percebemos que em diversas partes do Evangelho, bem como nos *Atos dos Apóstolos*, o termo também é empregado principalmente para designar um grupo de pessoas, ou uma multidão, sem muita tonalidade. Mangogna comenta que o termo por diversas vezes é utilizado como sinônimo de “ἄσμος” (povo), de modo que sua oposição teria desaparecido quase que completamente. Um texto importante que menciona uma multidão no Novo Testamento refere-se à prisão de Jesus, descrita em Mateus 26,47: “E, estando ele ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo”.

Esta mesma descrição também é apresentada em Marcos 14,43: “E logo, falando ele ainda, veio Judas, que era um dos doze, da parte dos principais dos sacerdotes, e dos escribas e dos anciãos, e com ele uma grande multidão com espadas e varapaus”. Nestes textos, Jesus é abordado e preso por uma multidão de pessoas e soldados que o prendem, levando-o para o ser julgado. Nos Atos Apócrifos de João, André e Tomé também encontramos relatos de multidões, assim como nos *Atos de Paulo*, *Martírio de Paulo*, *Martírio de Pedro* e *Martírio de André*.

Analisando os APT, a primeira multidão que encontramos no texto se forma na casa de Onesíforo. Ela é constituída por mulheres e virgens que se reúnem para ouvir as mensagens do apóstolo Paulo, enquanto Tecla observa tudo de sua janela, desejando estar presente junto àquelas pessoas: “vendo que muitas mulheres e virgens chegaram a Paulo, ela também queria ser considerada digna de estar na presença de Paulo” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 733-739 – tradução nossa).

Esta primeira multidão é formada por pessoas que são convertidas ou estão em processo de conversão ao cristianismo. Elas apoiam o apóstolo e muitas passam a segui-lo após a sua expulsão da cidade de Icônio; mas, em contraponto, outra multidão é formada, uma multidão que toma partido pelo noivo de Tecla, sendo considerado um coletivo rival, que acompanha Tamiro em seu trajeto até a casa de Onesíforo para render Paulo e levá-lo para ser julgado. Esta multidão estava armada com paus:

ὁ δὲ Θάμυρις ἀκούσας παρ’ αὐτῶν ταῦτα, καὶ πλησθεὶς ζήλου καὶ θυμοῦ ὄρθρου ἀναστὰς εἰς τὸν οἶκον Ὀνησιφόρου ἀπῆλθεν μετὰ ἀρχόντων καὶ δημοσίων καὶ ὄχλου ἰκανοῦ μετὰ ξύλων (ATh 15,1).

Tamiro, depois de ouvir estas palavras, levantou-se de manhã, cheio de inveja e raiva, e foi até a casa de Onesíforo com magistrados, oficiais de justiça e pessoas armadas com bastões (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 747 – tradução nossa).

Podemos perceber os traços e elos desta parte da narrativa com a narrativa da prisão de Jesus nos canônicos, onde uma multidão acompanha um personagem principal, para prender e levar a julgamento um possível rival. No Novo Testamento, a multidão acompanha Judas, enquanto nos APT a multidão segue Tamiro. O termo “ὄχλος” aparece em ambos os textos, com o complemento “ξύλων” (madeira, pau). Estas multidões são caracterizadas por atitudes de agressão e vingança, sendo formadas para um propósito e tendo sentido negativo.

Um aspecto que diferencia estas multidões se encontra no fato de que, nos APT, a multidão clama por Paulo, acusando-lhe de ser um mago que corrompe mulheres:

καὶ πᾶς ὁ ὄχλος ἔλεγεν · ἀπάγαγε τὸν μάγον · διέφθειρεν γὰρ ἡμῶν πάσας τὰς γυναῖκας, καὶ συνεπέεθεσαν οἱ ὄχλοι (ATh 15, 2).

Toda multidão dizia: Tire o mago do caminho, porque ele corrompeu nossas mulheres. E (o resto das) pessoas concordaram (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 747 – tradução nossa).

Sanches chama a atenção para a utilização do termo no singular “ὁ ὄχλος” que destaca a multidão que acompanha Tamiro comparada com o plural “οἱ ὄχλοι” que parece designar toda a população de Icônio. A acusação de mago por parte da multidão que acompanha o noivo caracteriza este grupo como supersticioso, que temem as práticas mágicas e encantamentos, portanto, se utilizam do argumento de que Paulo está causando um mau a toda massa social, inclusive às mulheres da cidade (SÁNCHEZ, 2013, p. 97). Sanches também destaca que Tamiro possui uma posição dominante de liderança, pois, na cena seguinte à da prisão, quando Tecla aparece aos pés de Paulo, a multidão o acompanha novamente e o termo aparece no plural “τοὺς ὄχλους” para referir-se à multidão: “Eles saíram de lá, arrastaram as pessoas e disseram ao governador o que aconteceu” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 747 – tradução nossa).

Na sequência do texto, o governador ordena que se trouxesse Paulo à sua presença no tribunal e Tecla permanece na cela onde Paulo a estava ensinando. Novamente a multidão entra em cena com a acusação de magia: “É um mago. Tirem do nosso meio” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 751 – tradução nossa). Após esta acusação, o governador sentencia que Paulo seja açoitado e expulso da cidade por ter corrompido as mulheres da sociedade icônia e condena Tecla, por ter sido seduzida por suas vãs doutrinas.

O grito é constante na narrativa e a acusação de Tecla parte de sua mãe, que grita para que a filha seja queimada: “Queimem esta ímpia, queimem a esta inimiga do matrimônio no meio do teatro, para que se atemorizem todas as mulheres que receberam ensinamento deste homem (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 751 – tradução nossa). O desejo da mãe é que todas as mulheres não sigam o exemplo de sua filha e temam serem também queimadas vivas por cometerem tamanha atrocidade. Teoclía revela o mesmo interesse da multidão, demonstrando um paralelismo entre coletivo e individual.

Uma nova referência a “ὄχλος” surge no martírio de Tecla, quando ela está procurando por Paulo em meio à multidão e vê o Senhor refletido nele: “Como um cordeiro anda procurando o pastor no deserto, assim buscava Tecla a Paulo. Olhando entre o povo, viu o Senhor sentado na figura do apóstolo” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 753 – tradução nossa). A multidão neste ato é justificada para destacar a grandeza de

Deus em meio à mediocridade da população. Tecla distingue Paulo em meio a esta multidão, mesmo que seja numa visão, mas a população continua com um caráter negativo, pois é justamente essa multidão que se destaca neste primeiro bloco, sendo a causadora das sentenças que provocam o açoite de Paulo e o martírio de Tecla.

No segundo bloco dos APT, a presença da multidão também se torna marcante e de grande importância. É possível perceber que o povo se reúne em diversas cenas para contrapor a fé cristã e as leis impostas pelos governantes. Na cidade de Antioquia, Tecla luta com Alexandre para manter sua honra e castidade, o que faz de Alexandre um motivo de piada. Sua ação faz com que ela seja condenada às feras, pois Alexandre era um homem importante de Antioquia. A multidão que se forma neste segundo bloco é, em sua maior parte, constituída de mulheres e crianças, destacando o poder do universo feminino no texto.

A primeira multidão é formada por mulheres que ficam horrorizadas com a sentença imposta a Tecla e gritam no tribunal: “Mau sentença, injusta sentença” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 759 - tradução nossa). É importante destacar que Alexandre tinha um caráter sacro, e Tecla, por ridicularizá-lo publicamente, havia cometido um sacrilégio. Esta era a sinalização inscrita em sua placa no desfile com as feras: “Sacrilega” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 759 - tradução nossa). Embora fosse condenada e punida, o motivo que levou Tecla a ser julgada não foi avaliado, pois Alexandre tentou violá-la em praça pública, tomando-a pelos braços e trazendo para perto dele. Por esta razão, Tecla entra em luta corporal com Alexandre, resultando em rasgar sua capa e tirar sua coroa. Portanto, as mulheres demonstram sua solidariedade com Tecla, pois consideram que o julgamento foi perverso.

Durante o desfile, o termo “ὄχλος” destaca a multidão que acompanhava o cortejo e testemunhou a leoa, que deveria combater Tecla, lambeu seus pés em sinal de reverência. As mulheres em coro novamente gritam contra a sentença proferida:

ἡ δὲ λέαινα ἐπάνω καθεζομένης Θεέλης περιέλειχεν αὐτῆς τοὺς πόδας, καὶ πᾶς ὁ ὄχλος ἐξίστατο αἱ δὲ γυναῖκες μετὰ τῶν τέκνων ἔκραζον ἄνωθεν λέγουσαι· ὦ θεέ, νοσία κρίσις γίνεται ἐν τῇ πότει (ATh 28, 1-2).

Mas a leoa lambeu os pés de Tecla, que cavalgava sobre ela, e todas as pessoas ficaram chocadas. A razão de sua sentença, inscrita sobre ela, dizia “sacrilega”. Mas as mulheres, acompanhadas por seus filhos, gritaram novamente: - Oh Deus, nesta cidade uma sentença impiedosa está sendo executada (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 759 - tradução nossa).

A presença das mulheres exerce um forte poder nesta parte da narrativa. Elas buscam interromper a qualquer custo a sentença, por esta razão gritam o tempo todo, na busca de fazer com que suas vozes sejam ouvidas e atendidas. Percebemos um contraste com a primeira parte da narrativa, na qual a multidão busca que os personagens sejam condenados, mesmo sob acusações inconstantes e infundadas. Neste segundo bloco, a multidão se reúne em favor da vida e liberdade de Tecla.

Também podemos destacar o contraste do coro singular e o coro da multidão, assim como Teoclía grita para que a filha seja queimada, fazendo de sua voz a voz da multidão, nesta parte do texto Alexandre almeja que Tecla seja morta pelas feras, o que é rejeitado pela multidão de mulheres.

Iniciado o martírio, começa a fase das lutas com as feras, e um novo confronto é realizado pela multidão. Neste ato, um semicoro é formado, pois existe a multidão que está na arena para assistir os jogos e a multidão de mulheres que se inserem nesta primeira multidão, sendo favorável a Tecla. Estas mulheres vão acompanhá-la até o final dos jogos, sempre intercedendo por ela. O termo “ὄχλος” nesta fase está acrescido de “τῶν γυναικῶν”, ou seja, refere-se a uma “multidão de mulheres” que se entristecem pela vida da jovem e sofre por ela, e que, de certa forma, a veneram por suas ações. Estas mulheres não desistem de lutar para proteger o seu objeto de idolatria, e em cada ato vão atuar com gritos e lamentos. Porém, após a cena de autobatismo de Tecla, quando novas feras são soltas na arena, as mulheres participam ativamente da ação, porque lançam para os animais uma grande quantidade de vagens verdes, nardos, cássia e bálsamo, que fez com que as feras dormissem. Este grupo permanece fiel a Tecla até o final de seu martírio, quando podem ouvir o testemunho da virgem sobre o Deus vivo que age em favor de sua vida, livrando seus caminhos de todo mal e possibilitando salvação e vida eterna.

Ao final da narrativa, encontramos uma última multidão de pessoas. Estas seguem Tecla em sua peregrinação. Isto diz respeito aos servos e servas que Trifena disponibilizou para acompanhar Tecla em sua jornada. Esta multidão é positiva, assim como a multidão de mulheres. Ao vê-la chegando com a multidão, Paulo pensou que Tecla estava passando por outra prova, mas ela, percebendo a angústia do apóstolo, acalmou-lhe e contou-lhe sobre seus feitos e, principalmente, sobre seu batismo.

Estas últimas multidões têm como função principal testemunhar as ações e maravilhas de Deus em favor da virgem. Elas a acompanham e visualizam de perto os milagres ocorridos em favor de sua vida e, no caso da multidão que acompanha, ainda

testemunham aquilo que ela passa a dividir com outras pessoas, sendo garantia de suas histórias, o que caracteriza ainda mais a figura de Tecla como uma mártir.

Consideramos a importância da multidão no texto dos APT, pois o termo “ὄχλος” nestas narrativas parece sugerir um entrosamento e uma relação entre os ouvintes, gerando um senso de compartilhamento social, pois é como se os ouvintes estivessem ouvindo suas próprias histórias. Esta ação é típica das tradições de contar histórias orais, principalmente no período da nossa narrativa.

A multidão que sempre apoia a heroína poderia claramente representar os cristãos que estavam se organizando neste período, uma classe de pessoas que estavam se unindo e convertendo a novas doutrinas e novos costumes e, desta forma, sofria perseguições por sua nova crença. Assim, essa multidão se torna um personagem cuja representação é identificada pelos ouvintes.

Estas possibilidades de incluir ações cotidianas nas narrativas gera o entretenimento do público, de forma que o envolve mais ativamente nos textos, demonstrando assim o alcance que as narrativas orais conquistavam no período em que não havia tecnologia tão presente, pois a possibilidade de ter suas experiências compartilhadas despertava grande interesse na população, principalmente nos grupos cristãos. Essa popularidade alcançou maior proporção posteriormente, com os textos escritos, quando as histórias eram lidas e recontadas.

### **3.7 ACUSAÇÃO DE MAGIA E O SISTEMA PATRIARCAL NOS APT**

Como podemos perceber, dentro da análise apresentada, em dois momentos da narrativa dos APT o apóstolo Paulo recebe a acusação de ser um praticante de magia. A primeira ocorrência está nos APT 15,2: “Toda multidão dizia: Tire o mago do caminho, porque ele corrompeu nossas mulheres. E (o resto das) pessoas concordaram” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 747 – tradução nossa). A acusação neste episódio parte da população, que demonstra o seu medo diante de uma ação que poderia ser associada com uma prática mágica, mas não havia provas suficientes, portanto, Paulo é levado até o tribunal para ser interrogado por suas ações.

A segunda acusação está nos APT 20,1: “É um mago. Tirem do nosso meio” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 751 – tradução nossa). Assim como na primeira

acusação, está também parte da população. Neste momento, Tecla havia subornado o carcereiro e passado a noite aos pés de Paulo, ouvindo seus ensinamentos, e seu noivo, irado por encontrar esta cena, novamente leva Paulo ao tribunal.

Ao longo da narrativa, Paulo também recebe outras acusações, tais como: privar as jovens de seus possíveis maridos, permanecendo castas, sem manchar sua carne e conservando-se pura; seduzir as pessoas para a doutrina do cristianismo (ser cristão); ser um estrangeiro que prega palavras brilhantes e enganosas; e dominar as moças com suas palavras, causando-lhes um novo desejo e uma terrível paixão.

A mãe de Tecla é quem se queixa para o noivo de que a filha está com um comportamento estranho, porque durante três dias e três noites sua filha não se moveu do lugar em que estava sentada na janela, ouvindo a mensagem que Paulo pregava. A mensagem pregada era sobre a palavra de Deus, com ênfase na continência e na ressurreição, sendo apresentada em forma de bem-aventuranças. Teoclía descreve o comportamento da filha como o de uma aranha presa à janela, possuída por um novo desejo e paixão.

Bremmer sugere que o termo “ligada” (*dedemene*) utilizado por Teoclía nesta parte do texto, será repetido posteriormente no momento em que Tamiro encontra Tecla presa a Paulo na prisão (*sundedemenen*); ambos os termos sugestionam uma ligação e vínculo afetivo. Para o autor, estas referências sugeririam um caso de magia erótica e, desta forma, os leitores se situariam no tocante à acusação contra Paulo de ter sido um “executor de magia erótica” (BREMNER, 1996, p. 42).

Para Teoclía, a ação de Paulo traz perturbação a toda cidade, em especial às mulheres e às virgens, com seus ensinamentos sobre um deus vivo e casto. Segundo Bremmer, a pregação de Paulo ainda se refere a um “único e exclusivo Deus”, uma aclamação gnóstica conhecida do período. O Autor ainda destaca que, em Maeonia foram encontradas dedicatórias a uma divindade chamada de “*χεις και μόνος θεός*”, essa divindade está relacionada ao Deus santo e justo, e foi conectada ao judaísmo. Por mais que esta associação pareça ser duvidosa, existem aspectos que aproximam o judaísmo da religião pagã nesta região e que poderiam ter influenciado o crescimento precoce do cristianismo neste período (BREMNER, 1996, p. 42).

A principal queixa de Teoclía é que a filha ignora completamente seus desejos. Ela desobedece a seus pais, seu noivo e, principalmente, vai contra os princípios vigentes da sociedade. Tecla não estava se importando com seus valores morais, ela desejava começar uma nova trajetória de vida, sendo amparada na crença da castidade.

A castidade, de acordo com os valores da sociedade, era destinada ao casamento, e, para Paulo, a castidade deveria ser consagrada a uma vivência plena com Deus; todas as bem-aventuranças pregadas pelo apóstolo reforçam essa consciência.

Percebemos que, de modo geral, nos Atos Apócrifos dos Apóstolos as narrativas compartilham pontos que sugestionam a uma orientação ascética quanto à sexualidade, pois geralmente o apóstolo converte um homem ou uma mulher a uma adoração e pertença a Cristo, e isso ocasiona rompimento e renúncia às práticas sexuais e relações carnis. Quando um dos parceiros decide pela não conversão, este pode retaliar e contrapor com seu parceiro por esta interrupção na vida conjugal, gerando sérias crises. Quando o lado ofendido tem posses e renome, este pode mostrar seu poderio desejando a morte do apóstolo, transformando a narrativa em uma forma de martírio ou paixão. Percebemos esta similaridade com outros Atos Apócrifos dos Apóstolos, como o caso dos *Atos de André*, nos quais a esposa do procônsul também se converte ao cristianismo e opta pelo celibato sem a aceitação ou opinião do esposo, que se revolta com a decisão e faz com que André seja crucificado.

O apóstolo passa a ter um papel de rival ao cônjuge, pois desenvolve adquire a devoção por parte das esposas, já que age na narrativa como um polo de atração. É notável que nestes *Atos* ocorrem um padrão invertido dos romances gregos, visto que a paixão erótica entre o casal, ou entre os amantes e noivos, é testada o tempo todo e vencida por rivais com potencial. O amor erótico entre os amantes, que é privilegiado nos romances, é sistematicamente desvalorizado nos *Atos* por um compromisso religioso oferecido por um apóstolo em favor de sua fé, à qual ele se mantém convicto e, por vezes, disposto a sacrificar a própria vida em favor de sua crença.

Judith Perkins considera que “o viés antissocial dos *Atos* emerge de uma comparação de suas terminações com as conclusões típicas dos romances gregos com o qual eles são contemporâneos e tematicamente relacionados” (PERKINS, 1995, p. 26). Uma leitura minuciosa dos *Atos* nos leva à conclusão de que os cristãos buscavam um sentido somente em seu mundo e não se importavam com o nexos social tradicional, pois buscavam somente a dissolução de categorias sociais e relacionais. Concordamos com Brown, quando afirma que o propósito e a morte destes cristãos apresentavam uma transcendência da sociedade humana, demonstrando um repúdio à sociedade contemporânea (BROWN, 1990, p. 64).

Tecla é atraída pela mensagem de Paulo, não pelo homem Paulo. Lembrando que, na narrativa, a descrição da aparência do apóstolo não é positiva e o texto deixa claro que

Tecla é hipnotizada pela mensagem de Paulo. Portanto, se o apóstolo fosse caracterizado como fisicamente atraente, o fascínio da virgem poderia ter outra compreensão, como o de uma atração física. Entretanto, as descrições desviam o olhar para uma direção diferenciada: a doutrina espiritual que Paulo prega.

Esta doutrina leva Tecla a cancelar seu compromisso com o noivo Tamiro, rompendo qualquer relação conjugal e carnal que ela poderia ter com o prometido. Paulo não é um rival de Tamiro, mas a tensão narrativa é gerada por seu compromisso individual com a continência sexual, que por si só age como um perversor das concepções tradicionais do casamento.

Cooper argumenta que a tensão entre o celibato e o casamento é um disfarce para o conflito real na narrativa, que ocorre entre um oficial de alto *status*, como o noivo Tamiro, e o desafio do apóstolo à sua autoridade (COOPER, 1996, p. 55). Quando a sexualidade é menosprezada, assim como nos *Atos*, ela está a serviço de um desafio ao seu estabelecimento. Para os cristãos, esse desafio entre o apóstolo viajante ascético e o senhorio de alto escalão serviu como uma exploração não do ascetismo, mas “da reivindicação do cristianismo a superioridade moral, com a figura do professor ascético representando um desafio desinteressado ao *status quo*” (KONSTAN, 1998, p.17). Cooper sugere, ainda que de forma sutil e elegante, que o desafio do apóstolo para com o senhor é essencialmente um conflito de homens.

Se a luta entre Tamiro e Paulo é sobre autoridade, tendo a renúncia sexual como uma questão substitutiva, ou se a escolha de Tecla de possuir uma vida ascética for o ponto central da temática dos *Atos*, servindo como propaganda para uma manifestação inicial de cristãos encratistas, a intervenção do apóstolo rompe com as estruturas do casamento como uma relação de desejo mútuo. O amor de Tecla é desviado do seu prometido, a quem deveria pertencer por direito, a um ideal abstrato de castidade que busca a pureza além dos prazeres da carne. O desejo de Tecla de ser como Paulo é essencialmente uma metonímia por sua dedicação ao estilo de vida que ele apresenta a ela. Nos APT, a conversão significa desistência de laços humanos em favor de um objeto transcendente de desejo.

É importante destacar que Paulo não destrói os laços de afeição humana, exceto quando estes envolvem necessariamente o sexo. O apóstolo é movido precisamente pelo intenso afeto mortal que um homem pode sentir por uma esposa, pois, ao final da narrativa, Tamiro também é descrito como morto.

De maneira indubitável, os APT apresentam um *corpus* definido, marcado pela presença de um apóstolo milagreiro que viaja em busca de atrair indivíduos a uma forma de cristianismo que recompensa seus adeptos que adotam uma vida de renúncia sexual. O posicionamento encratista encontra expressão e tensão na narrativa quando um dos cônjuges não adota a abstinência, tornando a narrativa contrária à ação principal do romance grego, no sentido de uma união dos amantes movida por desejos mútuos. Ao contrário da ação do herói, o apóstolo não tem afeição especial dos personagens principais, mas a sua devoção a Deus é o que se destaca em seu posicionamento de vida.

A acusação que recai sobre Paulo de ser um mago se refere ao fato de “corromper as mulheres [...] E não permite que as jovens se casem”. Por este motivo, ele é levado ao procônsul. Bremmer ressalta que nesta cena do julgamento existem algumas contradições que precisam ser consideradas. A primeira é que os julgamentos ocorriam apenas nas principais províncias e o procônsul nem sempre estaria disponível, o que levaria o acusado a ter que esperar dias para que seu caso fosse julgado. Mas, nos APT, o procônsul está à disposição para ouvir Paulo. Outra contradição se verifica na acusação de Tamiro, que deveria ser acusatória e não inquisitória. Tamiro deveria acusar Paulo de ser cristão, se ele desejasse que o apóstolo fosse prontamente sentenciado, pois, de acordo com a *Acta martyrum*, a confissão de ser cristão já era passiva de morte. Entretanto, o procônsul questiona Paulo sobre seus ensinamentos: “Quem é você e o que você ensina?” (APT 16,2). A segunda parte do questionamento permite que Paulo expusesse sua fé de tal modo que lhe fora reservada outra audiência para ser ouvido mais atentamente (BREMNER, 1996, p. 47).

Todo o escândalo relacionado ao processo jurídico gira em torno do matrimônio. As relações familiares estão sendo colocadas à prova, gerando uma ameaça real ao patriarcado imposto na época, pois havia a adesão de muitas mulheres a esta nova iniciação, o que resultou na revolta do noivo que conseguiu apoio da população para sua causa. Na sequência dos Atos, o procônsul concede à Tecla a chance de se redimir e voltar ao seu compromisso com Tamiro, seguindo a lei e costume social imposto pela sua constituição: “Por que não te casa com Tamiro, segundo a lei dos Icônios?” (APT 20,2). Ao perceber que a filha não se retrataria, a própria mãe de Tecla pede para que a filha fosse queimada viva, servindo de exemplo para as outras moças que estavam acreditando na mensagem pregada por Paulo: “Queimem esta ímpia, queimem esta inimiga do matrimônio em meio ao teatro, para que se atemorizem todas as mulheres que recebem ensinamentos deste homem” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 75 – tradução nossa).

O abalo das relações matrimoniais e ao sistema patriarcal também é percebido no segundo bloco da narrativa, quando Alexandre tenta tomar Tecla para si, mas, mediante a recusa da virgem e a luta corporal com seu algoz pela sua castidade, acaba se tornando motivo de chacota. Tecla novamente rejeita o fato de pertencer a um homem e, em meio a gritos de fúria e de defesa, ela declara que é “cidadã principal de Icônio” e que foi expulsa de sua casa justamente por “não querer casar com Tamiro” (APT 26,2). Sua negação ao novo relacionamento instaura um novo conflito, e ela é novamente levada ao tribunal, sendo sentenciada às feras nos jogos.

Em meio ao desfile com as feras, Tecla é atada a uma leoa que lambia seus pés, e sobre ela estava escrita sua condenação: “sacrílega” (APT 26,2), uma forma de apresentá-la novamente como inimiga profanadora da ordem social do sistema cultural ao qual ela pertencia.

Como já destacamos anteriormente, este texto provoca a reflexão sobre o universo feminino da época, pois, ao retratar mulheres de classe alta e com independência, poderia causar despertamento por parte das mulheres para sua condição no interior do sistema no qual viviam. Através das conquistas de Tecla, estas outras mulheres buscavam ser como ele, partindo de seu exemplo como meta de vida. Esta ação toma tamanha proporção que Tertuliano precisa intervir e garantir que os textos são invenções de um presbítero e que o mesmo já havia sido punido por seus atos.

As narrativas sobre Tecla tiveram grande potencial libertador para as mulheres, demonstrando que elas poderiam assumir o que desejassem como modelo de vida, pois possuíam riquezas e influência e, portanto, não precisavam seguir as normas e padrões morais impostos pela sociedade para ter uma vida que lhes garantisse a satisfação de seus desejos.

As famílias eram formadas pelo sistema patriarcal, ou seja, toda autoridade era outorgada ao pai, que era considerado o primeiro do lar, conhecido também como senhor da casa. Desta forma, estava destinado a ele desempenhar todas as funções econômicas, morais, sociais e religiosas da família. A mulher não era considerada senhora do lar, mas, sim, parte integrante do homem. O casamento era uma das principais instituições da sociedade romana e seu objetivo era gerar filhos legítimos que herdariam as posses e os estatutos do pai, destacando que o divórcio era aceitável quando as mulheres não podiam gerar filhos. Também tinha como objetivo, entre as classes privilegiadas, a formação de alianças políticas e econômicas (FUNARI, 2003, p. 99).

A coexistência de motivos narrativos distintos confere aos *Atos* uma tensão, pois a escolha da abstinência sexual por parte de homens e mulheres casados ameaça dissolver a família como local de reprodução social, eliminando o eixo da diferença de gênero na antiguidade, ou seja, a função do homem como papel ativo e da mulher com o papel passivo. Halperin escreve que:

A penetração sexual foi tematizada como dominação: a relação entre o parceiro sexual insertivo e receptivo foi tomada como sendo o mesmo tipo de relação que aquela obtida entre superior social e inferior social. A recusa da sexualidade no contexto cristão tem, assim, a consequência de colapsar a estrutura hierárquica dos papéis de gênero na comunhão indiferenciada de irmãos (HALPERIN, 1993, p. 418).

Através destes levantamentos, podemos observar que o texto dos APT se caracteriza como afronta e resistência a este sistema imposto como padrão pela sociedade romana. Tecla é apresentada como parte do sistema, pois possui um compromisso familiar a ser efetivado, mas, com a pregação de Paulo, ela cria uma aversão a este sistema e passa a ser contrária ao matrimônio, indo muito além das expectativas, e possibilitando libertação às mulheres em diversos aspectos sociais.

Portanto, descrever Paulo como praticante de magia daria sentido a este sistema patriarcal, pois seria mais justificável que as mulheres fossem possuídas por forças mágicas e atraídas por feiticeiros viajantes do que aceitar que elas estavam rompendo com o sistema e se declarando independentes do conceito cultural imposto a elas. O cristianismo pode proporcionar a estas mulheres a liberdade que desejavam e o discurso de Paulo serviu como argumento decisivo para que elas pudessem se render ao Cristo pregado por ele, o qual trazia recompensas e bênçãos futuras. Melhor para elas seria possuir uma vida casta e independente – pois tinham posses e riquezas –, do que viver uma vida de dependência e escravidão servindo ao sistema patriarcal e sendo apenas objeto de pertença.

O papel de Paulo se torna marcante do ponto de vista de viabilizar uma melhor compreensão quanto aos gêneros, de forma que se repensassem as questões relacionadas a este tema, promovendo um sentido autêntico de libertação e igualdade para as novas comunidades que estavam surgindo. Fiorenza aponta que Paulo quebrou as lanças em favor da igualdade e reciprocidade das relações sexuais dentro do casamento. Sua condição de solteiro ajudou a trazer libertação às mulheres das amarras do casamento patriarcal (FIORENZA, 1983, p. 258).

Concordamos com a autora no sentido de que a composição final dos APT é menos importante do que as ideias e comportamentos presentes na narrativa. Os APT refletem formas de teologia cristã e desempenhos práticos que reconheceram as reivindicações de mulheres como lideranças, pois as práticas apostólicas foram obscurecidas pela patriarcalização da igreja que ignorou as mulheres na formação do cânon. Autores como Boughton defendem o compromisso de evangelistas e missionários pelos martírios, humilhações e celibato presente nos *Atos*. Para ele, várias atas poderiam ter sido incluídas no cânon, mas foram desconsideradas e excluídas, principalmente aquelas que traziam mulheres no papel de destaque e liderança (BOUGHTON, 1991, p. 362).

Portanto, através da narrativa de Tecla, podemos ver uma líder, virgem e mártir que se tornou apóstola, sendo apresentada e reconhecida como igual à Paulo. Um papel de destaque que apresenta as comunidades de mulheres celibatárias que se formaram no início do cristianismo e buscavam alcançar espaço dentro de um sistema fortemente patriarcal. Espaço este que foi conquistado através da renúncia sexual e do encratismo, de tal forma que puderam exigir que seus desejos também pudessem ter valor, a ponto de assumirem o controle de suas vidas.

## CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Através da narrativa dos APT, podemos perceber a importância dos escritos apócrifos como testemunhos do cristianismo na antiguidade. Como apontamos anteriormente, abrir o leque de possibilidades com conteúdos pós-escritos do Novo Testamento nos possibilita compreender ainda mais este universo que estava em formação.

Ao analisar os APT, é possível compreender as características principais que englobavam esta cultura, bem como averiguar porque textos como estes não foram aceitos com facilidade, justamente por se oporem, em diversos sentidos, aos textos canônicos.

O fato de ter uma mulher como figura principal da narrativa, com enfoque em suas ações, a ponto de legitimar as ações de mulheres da época, fez com que o texto sofresse

tentativa de aniquilação. Porém, a tradição oral demonstrou a resistência e força desses materiais.

Sobre a proposta da multidão, percebe-se a força das pessoas quando estas se unem, mesmo que com aspectos diferentes – tais como acusar Paulo e defender Tecla. Essa multidão possui uma característica determinante: ela possui voz no texto. Dentro desse conceito, a multidão assume um papel de liderança, mesmo que em segundo plano, mas constituindo as bases para que os protagonistas possam se destacar. O apoio e a acusação, por parte da multidão, demonstram as ações cotidianas e interesses coletivos por parte de um povo que, ao compartilhar suas experiências, despertavam o interesse por parte de outros que ainda não haviam sido incluídos em determinados grupos.

Por fim, analisamos a acusação de magia contra Paulo em duas ocasiões, por parte da multidão. Essa acusação leva o apóstolo a ser açoitado, e Tecla condenada à fogueira. O fato de ser um estrangeiro que prega palavras sedutoras demonstra que esse tipo de personagem era um perigo para a sociedade, pois o mesmo desestabiliza as relações sociais e tradicionais, como a quebra do casamento, no caso do nosso texto.

Toda a trama e escândalo se desenvolvem a partir dessa ruptura do matrimônio e as famílias estão sendo ameaçadas, o que representaria o fim do patriarcado, visto que muitas mulheres estão aderindo à mesma causa de Tecla. Portanto, acusar Paulo de magia validaria o sistema patriarcal, pois seria melhor reconhecer que as mulheres foram possuídas do que perder o poder sobre elas.

No próximo capítulo, concluiremos nossa análise sobre a magia, tentando, através dos textos apresentados, avaliar a postura de Paulo e, desta forma, demonstrar a sua caracterização como “mago” ou “homem divino” no contexto do cristianismo primitivo.

## CAPÍTULO 4

### PAULO – MAGO OU DIVINO

#### INTRODUÇÃO

Neste último capítulo, apresentaremos o enfoque final de nossa pesquisa. Através de toda temática discutida nesta tese, percebemos como a figura do apóstolo Paulo foi constituída dentro da narrativa dos “*Atos de Paulo e Tecla*” e, a partir de disso, identificado como “mago” ou “divino”.

Em um primeiro momento, discorreremos sobre quem é o apóstolo Paulo, desde seu nascimento, crescimento, perseguição e aceitação das práticas cristãs, transformação de vida e viagens como propagador do evangelho. É necessário compreender sua formação, para que, desta forma, possamos identificar com mais clareza os processos de construção dos textos concernentes à sua apresentação pessoal.

O capítulo também abordará a importância dos Atos Apócrifos dos Apóstolos, destacando sua disseminação no Mediterrâneo, retratando a forma como a cultura popular foi apresentada através destes textos e como essas descrições são importantes para compreendermos a dimensão de mundo destas comunidades durante o Império Romano.

Abordaremos o conceito de “mago” dos *Papiros Mágicos Gregos* juntamente com os *Atos de Paulo e Tecla*, de forma que possamos compreender as características das magias de amarração e como estas eram praticadas no início do cristianismo primitivo. Partindo destas considerações, também abrangeremos o fator de rejeição dos magos durante esse período, de forma que possamos compreender porque alguns cristãos

buscaram meios de não serem comparados aos praticantes de magia para não sofrerem perseguições.

Este capítulo descreverá, ainda, o conceito de “homem divino”, aplicado a Paulo nos *Atos dos Apóstolos*. Buscando comparações para esclarecer o termo, iremos associá-lo com as narrativas sobre Paulo contidas nos *Atos de Paulo e Tecla*, na tentativa de verificar a complexidade da temática para as comunidades primitivas no que tange às suas práticas e costumes. Nosso intuito é discernir as peculiaridades da cultura no processo formativo dessas comunidades, focando principalmente em suas práticas e representações coletivas. Por fim, através da análise constituída, poderemos trazer luz à compreensão dos conceitos de “mago” e “divino”, verificando a viabilidade de associá-los, ou não, às narrativas sobre Paulo no texto dos *Atos de Paulo e Tecla*.

#### **4.1 PAULO DE TARSO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO**

“Um homem de pequena estatura, calvo, de pernas tortas, vigoroso, com as sobrancelhas unidas e com um nariz grande, cheio de graça, pois às vezes se parecia com um homem, e outras tinha o rosto de um anjo” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 775, tradução nossa).

Este é um retrato falado de Paulo, narrado nos *Atos de Paulo*, no qual Onesíforo, que é seu anfitrião em Icônio, descreve o apóstolo ao vê-lo chegando de longe. Esta apresentação nos mostra um pouco da figura deste homem de Tarso, que viveu por mais sete décadas após os acontecimentos referentes a Jesus. As características descritas no relato retratam a aparência de um homem judeu, principalmente pelo aspecto do nariz grande. De acordo com Bremmer, em nenhum outro texto canônico ou apócrifo é possível encontrar a descrição da aparência de um personagem com tamanha riqueza de detalhes (BREMNER, 1996, p. 1).

A aparência de Paulo é retratada de diversas formas pelos artistas e estas divergências jamais poderão ser eliminadas com certeza. Mas, o fator mais importante de sua vida diz respeito a quem Paulo foi, o que ele ensinava, o que fazia, como transmitia o legado deixado por Jesus e como era sua vida diária. Estes fatores o tornaram o homem

mais influente dos primeiros anos do Cristianismo, mesmo não tendo conhecido Jesus pessoalmente.

Paulo nasceu no ano 6 d.C. e se converteu com a idade de 28 anos. Em sua trajetória de vida, ele anuncia a obra de Cristo e outros assuntos cruciais para a fé cristã. Suas cartas testemunham sua nova paixão e suas convicções de crença e descrevem suas viagens pelo Império Romano, onde dissemina esta mensagem. Paulo fora decapitado por volta de 67 d.C., em Roma (MONTEIRO, 2014, p. 46).

Em diversas partes das narrativas canônicas e apócrifas encontramos pedaços da autobiografia de Paulo. Assim sendo, através destes textos podemos encontrar material para analisar suas crenças, práticas e atividades, o que é fundamental para a apresentação deste trabalho, pois é necessário comparar suas ações para que se defina realmente sua postura e posição em frente ao cristianismo.

Quando Paulo se converteu à nova religião, fazia poucos anos que Jesus havia sido crucificado e a mensagem que ele havia propagado já ecoava pela Palestina, fazendo com que seus seguidores fossem perseguidos e mortos pelos judeus. Os seguidores de Jesus, por muito tempo, foram acusados de praticar heresias e rejeitarem a lei de Moisés. O próprio Paulo foi um perseguidor e algoz de cristãos. Este termo, que designa os seguidores de Cristo, aparece pela primeira vez no texto canônico de *Atos dos Apóstolos* 11,26. Paulo agia sem compaixão, invadindo casas, prendendo pessoas e sentenciando muitos à morte. Mas estas ações não impediam que o cristianismo continuasse a crescer em diversas comunidades, o que levava Paulo a seguir com alguns homens para a cidade de Damasco, a fim de que pudesse “caçar” os hereges “cristãos”. Neste percurso é que sua história segue para um novo rumo, pois uma luz vinda dos céus incide sobre ele, assustando seu cavalo, que o arremessa ao chão. Neste instante, Paulo ouve uma voz que o questiona: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4).

Sem entender o que está acontecendo, Paulo levanta-se, mas não consegue mais enxergar. A cegueira dura três dias e três noites, até que é visitado por Ananias, um discípulo de Cristo, que lhe restabelece a visão, fazendo com que Paulo fique cheio do Espírito Santo, sendo batizado logo em seguida. Após sua conversão, Paulo tornou-se o maior difusor e propagador da palavra de Jesus. Este episódio marca a trajetória da vida de Paulo e, embora não seja possível provar os acontecimentos, os textos bíblicos e apócrifos são as únicas fontes disponíveis para estabelecer e construir a sua história.

A grande maioria dos teólogos atuais concorda em dizer que Paulo foi o personagem fundamental para que o cristianismo fosse difundido nos seus primeiros anos

de existência. O trabalho de evangelização e as suas viagens foram marcantes e, em grande parte, responsáveis pelo doutrinamento universal da nova religião: “Sua mensagem, expressa em cartas enviadas às comunidades que fundava, ainda hoje é considerada o alicerce da jurisprudência, da moral e da filosofia modernas do Ocidente” (BURGIERMAN, 2006, p. 18). Chevitarese relata que “o cristianismo, tal como existe hoje, deve muito à Paulo. Se não fosse o apóstolo, ele provavelmente não teria passado de mais uma seita judaica” (CHEVITARESE apud VASCONCELOS, 2018, p. 3).

O termo “apóstolo” foi aplicado a Paulo por seu ministério evangelizador, mesmo não havendo evidências de um encontro entre Paulo e Jesus. Reily afirma que após a morte e ressurreição de Jesus havia outros que também receberam este título. Paulo reconhecia seu direito, mas não usava isso para seu engrandecimento, entendendo que se Jesus houvesse limitado o número de seus discípulos, ele mesmo estaria fora, o que não seria admissível. Assim, ele rechaçou a exclusividade sugerida pela venerável expressão “doze apóstolos, a qual tem dificultado o ministério feminino, ofuscando suas dimensões no tempo de Jesus e dos apóstolos, e tenta limitar o seu escopo presente” (REILY, 1997, p. 41).

Paulo é um personagem de bastante destaque no período do cristianismo de origem e posterior a ele, sendo considerado um grande pensador. Ele foi considerado como “fundador do cristianismo”; “apóstolo dos gentios”; “fundador de igrejas”; “pai da ‘racionalidade’ cristã” etc., bem como recebeu muitos preceitos éticos e morais formativos das sociedades ocidentais e que repercutem até a atualidade: “legalista”; “homofóbico”; “escravocrata”; “machista” etc. (JUSTI, 2015, p. 25).

O importante é descobrir quem foi essa figura ilustre que conseguiu impressionar a muitos e mereceu tantos rótulos? Como podemos analisar o apóstolo diante destes mesmos rótulos? O que realmente é elaboração religiosa, científica e ficcional, em um mundo em construção e com distintas etnias em conjunto?

Nosso objetivo é analisar, a partir do olhar dessa cultura que estava em crescimento e formação, quem era Paulo, porque seu nome e suas ações geraram tanto desconforto por parte de algumas comunidades, enquanto também suscitaram adoração por parte de outras.

Utilizaremos as classificações elaboradas por Crossan sobre os documentos canônicos para que possamos esclarecer alguns princípios referentes às datações para os textos e tradições paulinas, como se segue:

Atos dos Apóstolos = História (anos 100-120);  
 Romanos, 1 e 2 Coríntios, 1 Tessalonicenses, Gálatas, Filipenses e Filemon = Autênticas (anos 50);  
 Efésios, Colossenses e 2 Tessalonicenses = Disputadas (entre 50-100);  
 1 e 2 Timóteo, Tito = Não paulinas (pós 100) (CROSSAN apud JUSTI, 2015, p.25).

A partir da distinção cronológica, Justi aponta que nesta bibliografia existem quatro “Paulo” distintos:

História (anos 100-120) = Paulo “inventado”  
 Autênticas (anos 50) = Paulo “radical”  
 Disputadas (entre 50-100) = Paulo “conservador”  
 Não paulinas (pós 100) = Paulo “reacionário” ( JUSTI, 2015, p. 26).

O enfoque de nossa pesquisa se refere aos “*Atos de Paulo e Tecla*”, um texto que reivindicava a autoria de Paulo e é datado posteriormente ao ano 100 d.C. Embora haja outros textos na mesma categoria como os *3 e 4 aos Coríntios; Laodiceos; Coríntios a Paulo; Alexandrinos* (Epístolas); *Paulo e Thecla; Pedro e Paulo* (Atos); *Paulo, Copta de Paulo* (Apocalipses); *À Sêneca, o jovem* (Outro) (JUSTI, 2015, p. 25), estes textos possuem valor significativo para se estudar a sociedade representada através deles no início do cristianismo.

Portanto, embora haja diversos textos da tradição paulina, seguiremos o viés da pesquisa, atendo-nos à nossa fonte principal, elencando similaridades com os textos canônicos, para que possamos, desta forma, compreender a figura do Apóstolo Paulo e as características do universo mágico presente nestes textos.

É notável que Paulo reflete o centro destes documentos, o que ocasionou uma variedade de formas de pensar sobre a sua construção, tornando imperativa a tarefa de defini-los, pois, em cada texto apresentado, podemos perceber um “Paulo” em ação. Concordamos com Justi em sua definição sobre as distinções de Paulo e também adotamos sua classificação de Paulo como “inventado” para os “*Atos de Paulo e Tecla*”, pois buscamos pesquisar a tradição por trás desse Paulo, com suas percepções e análises. É com esse olhar que traçaremos os pontos seguintes de nossa pesquisa.

#### **4.1.1 Judeu, Grego e Romano**

Para uma melhor compreensão da origem e construção de Paulo no início do cristianismo, precisamos acompanhar a sua trajetória de vida. O texto dos *Atos dos*

*Apóstolos* nos apresenta alguns detalhes sobre seus relatos de vida. Embora Lucas apresente uma versão romanceada do apóstolo, na qual o mesmo vira um herói e modelo a ser seguido, os *Atos dos Apóstolos* e as cartas Paulinas também nos apresentam informações sobre o Apóstolo. Através destas fontes, Paulo é apresentado como um judeu portador de cidadania romana e criado em um ambiente cultural grego.

Paulo nasceu em Tarso, região onde hoje se localiza a Turquia, na Ásia menor. Mesters cita que a cidade era “bonita e grande, possuindo 300.000 habitantes” (MESTERS, 1991, p. 15). Um importante centro cultural e comercial, dispoñdo de um porto como parte de suas atividades. “Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia” (At 21,39). Esta afirmação nos dá o primeiro fio para tecermos a linhagem histórica de Paulo.

Não existem referências sobre os pais do apóstolo, não se têm relatos, ocupações, sobrenomes; apenas se sabe que eram judeus religiosos e que “Paulo foi criado dentro das exigências da lei de Deus e das tradições paternas” (MESTERS, 1991, p. 16). Os textos canônicos descrevem apenas que ele possuía uma irmã, que residia em Jerusalém: “E o filho da irmã de Paulo, tendo ouvido acerca desta cilada, foi, e entrou na fortaleza, e o anunciou a Paulo” (At 23,16). Tarso era uma cidade fronteiriça, uma encruzilhada que facilitava o comércio marítimo e terrestre, uma cidade autônoma com filosofias e princípios próprios. Nesta cidade, Paulo nasceu e passou parte de sua juventude. Através dos seus escritos, encontramos reflexos da influência que a criação em Tarso exerceu em sua vida.

Outra característica da identidade de Paulo refere-se à sua nacionalidade romana. Em At 22,24-29, Paulo conversa com o tribuno e com o centurião romano. Estes estavam prestes a açoitá-lo, mas ele retrucou: “Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?” (At 22,25). Por causa do apelo à sua cidadania romana, Paulo fora liberado da pena. Isso indica que seu pai ou o seu avô eram cidadãos romanos por mérito ou por compra da cidadania, pois a aquisição de uma cidadania romana também era possível através da compra do título, por recompensa a serviços prestados e por libertação da escravatura.

Ser cidadão romano trazia benefícios especiais e privilegiados, visto que um cidadão romano não poderia jamais ser açoitado e nem crucificado; estes também tinham assento nas assembleias e isenções de impostos. Mas, ainda sob este ponto de vista, muitos judeus não se tornavam cidadãos romanos e os que conseguiam a cidadania não

moravam na palestina. Tendo cidadania romana ou não, Paulo era um homem de influência e, possivelmente, fazia parte da elite.

Sua educação foi de qualidade, ocorrendo, em um primeiro momento, em casa, por seus pais, e em sua juventude foi instruído por Gamaliel, um dos sábios mais respeitados de Jerusalém.

O ódio de Paulo pelos cristãos se manifestou em virtude de presenciar um jovem nazareno chamado Estevão declarar que Jesus era o Messias. Esta afirmação gerou furor entre os estudantes, inclusive em Paulo. Tal revolta levou Estevão a ser condenado à morte por apedrejamento, e Paulo foi testemunha deste assassinato (BURGIERMAN, 2006, p. 18). A partir deste episódio, Paulo, que já era defensor da lei e costumes judaicos passa a ser perseguidor dos seguidores de Cristo, até sua viagem para Síria, quando acontece sua conversão.

#### **4.1.2 As viagens missionárias do Apóstolo Paulo**

As viagens missionárias de Paulo abrangem um período de cerca de dez anos. Esse trabalho ocorreu principalmente em quatro províncias do Império Romano: Ásia, Acaia, Macedônia e Galácia. Paulo visava os grandes centros e cidades-chaves, pois isso lhe possibilitava maior desempenho missionário. Quando havia conversões nestes polos, um novo núcleo se formava nestas comunidades e, através desta estratégia, até mesmo áreas rurais foram alcançadas. Posteriormente, Paulo mantinha contato com essas comunidades através de cartas que eram enviadas por mensageiros.

A primeira viagem de missionária de Paulo está registrada em At 13,1-14,28. O ponto de partida foi Antioquia, um importante centro cristão entre os gentios. A viagem se concentrou na ilha de Chipre, e estavam presentes também Barnabé e João Marcos, que abandonou a missão e retornou para Jerusalém.

A segunda viagem está registrada em At 15,36-18,22. Nesta viagem, Paulo tinha como objetivo visitar as cidades nas quais o evangelho já havia sido pregado. Naquela ocasião, Paulo e Barnabé se separaram, e Silas passa a ser o novo missionário ao lado de Paulo. Esta viagem abrangeu maior dimensão geográfica do que a primeira, estendendo-se até a Europa. A obra também abrangeu a Macedônia e a Acaia.

A terceira viagem missionária de Paulo está registrada em At 18,23-21,14. Durante esse período, Paulo passou pela região da Galácia e da Frígia, prosseguindo para a Ásia e a sua cidade principal, Éfeso.

Em todas estas viagens, o evangelho foi consideravelmente divulgado. Embora o trabalho de Paulo tenha sido árduo, ele possibilitou que mais pessoas pudessem fazer parte da obra e também se destacarem na missão.

O termo cristão (At 11,26), pelo qual são designados os seguidores de Cristo, é encontrado durante a primeira viagem de Paulo, e é durante este período que teria ocorrido a passagem por Icônio: “Depois de serem expulsos de Antioquia, Paulo e Barnabé foram para Icônio” (At 14,1), embora os personagens que acompanham a Paulo sejam diferentes, pois, nos *Atos dos Apóstolos* quem estava junto dele é Barnabé; enquanto nos “*Atos de Paulo e Tecla*” seus companheiros são Dimas e Hermógenes (APT 5,1), em ambas as narrativas eles estão fugindo da Antioquia.

Este seria o único elo do texto apócrifo com a narrativa canônica. Embora, como vimos no capítulo três de nossa tese, alguns nomes são relacionados nos dois textos, as possibilidades de serem as mesmas pessoas divergem em vários aspectos. Porém, essa primeira viagem missionária de Paulo seria a única possibilidade de sua estadia em Icônio, caso se reconhecesse a historicidade do texto – o que não é objetivo desta pesquisa.

Porém, o fato é que Paulo empregou boa parte de sua vida em prol de anunciar o evangelho em boa parte do Império. Estas viagens eram realizadas através de navios, a pé e sempre na presença de outros discípulos. Embora o apóstolo fosse poliglota, sempre encontrava dificuldades em sua comunicação, em virtude dos mais variados dialetos existentes nos territórios do Império.

## **4.2 OS ATOS APOSTÓLICOS APÓCRIFOS E A RELIGIOSIDADE POPULAR**

Os Atos Apostólicos dos Apócrifos são textos importantes para a compreensão do estilo de vida das comunidades cristãs que estavam em formação até o terceiro século. Estes textos revelam o poder de personagens que demonstram sua fé em relação ao mundo na antiguidade tardia. Nogueira explica que “os Atos Apostólicos Apócrifos (AAA) são

testemunhos do cristianismo de muita antiguidade – do segundo e do terceiro séculos – e narram a ação dos apóstolos em diferentes regiões do Império Romano” (NOGUEIRA, 2016, p. 12).

Os *Atos* são considerados romances, em virtude de suas narrativas serem semelhantes aos romances greco-romanos, nos quais os personagens principais são heróis, com poderes sobrenaturais, taumaturgos e missionários viajantes, que enfrentam conflitos com lideranças locais e imperiais na bacia mediterrânea.

Perkins (1995) sugere que estas obras sejam narrativas ficcionais de construção discursiva do mundo, cujo objetivo é demonstrar as comunidades cristãs mediante seus anseios e perspectivas em um universo originário. Nestes textos, encontramos enredos similares de vida e morte dos apóstolos, sempre demonstrando como estes viviam e se relacionavam, bem como descrevendo suas pregações e martírios.

Compreender esse mundo dos *Atos Apócrifos dos Apóstolos* é espetacular, visto que nestas narrativas encontramos uma rica fonte de tradições e lendas a respeito dos apóstolos. Mesmo que estes textos não possuam valor para a doutrina cristã, o seu conteúdo histórico revela correntes ideológicas do período de sua redação.

Terra relata que

as pesquisas mostram que os *Atos Apócrifos dos Apóstolos* entraram na dinâmica cultural da memória ativa, canônica; passiva, arquivo [sic]. Nos primeiros séculos, essas obras revelam uma presença importante na cultura, até mesmo para construção teológica das primeiras comunidades cristãs (TERRA, 2016, p. 34).

A partir destes princípios, Terra (2016) e Nogueira (2016) concordam que os atos são cânons da cultura e ambos possuem múltiplas traduções e recepções, bem como possuem relações intertextuais. Estes textos circulavam nas comunidades e possuíam variadas traduções e versões em línguas diferentes. Mesmo que sua preservação, às vezes, tenha ocorrido por meio de fragmentos, foi possível manter grande parte de seu conteúdo original.

Encontramos muitas citações a respeito dos *Atos* nos textos dos Pais da Igreja, tais como Agostinho de Hipona (354-430), que cita os *Atos de João* (TERRA, 2016, p. 41). Tertuliano cita os *Atos de Paulo e Tecla* em sua obra “*De Baptismo*”, onde se preocupa com a reivindicação das mulheres por seu direito de exercer liderança (ARAUJO, 2015, p.38). “A obra ‘*De Baptismo*’ de Tertuliano é o documento mais antigo que trata a questão do batismo, ela ocupou um lugar de grande destaque na tradição do ocidente e do oriente” (BARRIER, 1993, p. 2).

Ao serem retratados por figuras importantes na formação da história do cristianismo, podemos perceber que os *Atos Apostólicos dos Apócrifos* são textos fundamentais para as pesquisas sobre o cristianismo na antiguidade tardia, e que nos possibilitam acessar o imaginário das tradições, bem como a mentalidade e a forma de compreender o mundo que essas sociedades possuíam. Os textos revelam a identidade cristã apresentada em forma narrativa.

Os *Atos Apostólicos dos Apócrifos* transpassam fronteiras culturais e nos revelam de forma mais ampla como essas comunidades pensavam o mundo. Por isso, defendemos a ideia de que uma análise mais aprofundada dos *Atos de Paulo e Tecla* é necessária para que possamos identificar o universo que engloba o ministério do apóstolo Paulo durante suas viagens missionárias.

#### **4.3 CRISTIANISMO PRIMITIVO E PRÁTICAS MÁGICAS**

Nosso propósito de análise do texto se refere à problematização da temática da magia no contexto do cristianismo primitivo e a relação das práticas mágicas com personagens bíblicos. Pois, como foi possível perceber, existem vários elementos que refletem o ambiente mágico nas comunidades cristãs primitivas, principalmente nos personagens missionários cristãos.

Embora o acesso ao cristianismo primitivo se dê através de análises da arqueologia, de documentos escritos e heranças históricas. Esse acesso de conteúdo possui caráter fragmentário e parcial de fontes, porém revela sociedades aparentemente misteriosas e desconhecidas que deixaram este legado registrado (CHEVITARESE, 2000, p. 5).

O cristianismo estava inserido na cultura antiga do Mediterrâneo e esteve sujeito a interações com uma infinidade de práticas culturais (egípcia, copta, helenística, romana, dentre outras, para deter-se imediatamente nas que são mais diretamente percebidas e estudadas) (CHEVITARESE, CORNELLI, 2007). Assim, como declara Justi, um “caldeirão cultural” (JUSTI, 2010, p. 2) ocorria dentro deste ambiente em que o cristianismo estava em formação e a sociedade vivia experiências religiosas diversas e plurais.

Terra retrata que é possível se verificar uma “magicização maciça do cristianismo” (TERRA, 1985, p. 60), visto que este esteve envolto nas influências gnósticas apocalípticas, nas religiões místicas e no paganismo greco-romano até atingir seu ápice na era constantiniana, quando houve uma completa magicização da instituição cristã. O politeísmo é resultado do fenômeno sincrético, que se inicia “quando combinam umas com outras características de tipos de deuses distintos entre si, apagando as peculiaridades que os separavam” (PRUMM, 1964, p. 1312), ou seja, o povo aplica aos deuses de seu panteão os nomes de divindades de outros povos, o que promove uma interpretação de deuses de diferentes povos. E essa tendência sincrética do paganismo romano também tentou compor o cristianismo com divindades pagãs como “Cristo comparado com Atis e Mitra, e Ísis com a virgem Maria” (TERRA, 1985, p. 78).

Ao olhar para o cristianismo primitivo, tendemos a acreditar que a literatura bíblica é composta apenas por um monoteísmo javista. Por este motivo, temos dificuldades de ver as complexidades que envolvem a compreensão de uma única divindade. Ágabo Souza argumenta que devemos destacar o conceito de religião popular para uma melhor compreensão desta temática. O autor explica que devemos pensar em religião como “um sistema de crenças, bem como de relação e ação” (SOUZA, 2014, p. 245). Nesta perspectiva, devemos compreender que o sistema de ação é dirigido à entidade cuja existência não é questionada e suas ações ocorrem através de rituais. E quanto ao conceito de “popular”, o autor define que devemos pensar em expressões que não estão limitadas à oficialidade religiosa, pois todas as religiões envolvem a sociedade, estabelecendo uma visão de mundo que se expressa de diversas formas (SOUZA, 2014, p. 245). Portanto, ao olharmos para o início do cristianismo, percebemos que havia muitas divindades veneradas, e através das literaturas bíblicas é possível compreender o reflexo da vida de um povo, pelo qual sua história é apresentada, principalmente sua relação com a divindade.

Desta forma, devemos reconstruir através destas características o sistema cultural no qual o cristianismo primitivo estava inserido, observando essa multiplicidade de culturas compostas neste mesmo ambiente da bacia mediterrânea. Dentro das possibilidades elencadas nesta tese, é possível afirmar que o cristianismo estava envolto em um universo de magia, com elementos culturais marcantes, e com cristãos que comungavam da mesma realidade cultural de outras comunidades antigas. Neste ambiente sincrético e plural, o cristianismo teve a sua origem.

A necessidade do ser humano experimentar uma relação com a divindade também nos demonstra que os primeiros cristãos se configuram como uma religião plural em suas práticas primitivas, pois elaboram sua crença monoteísta dentro de uma realidade politeísta. Essa ação se configura como uma experiência vivida no encontro entre cristianismo e a magia, pois, neste período, a prática de se relacionar com o sobrenatural para conquistas próprias também era considerada mágica mesmo quando os fins não eram considerados religiosos.

#### **4.4 PAPIROS MÁGICOS GREGOS E ATOS DE PAULO E TECLA – A MAGIA DE AMARRAÇÃO**

A partir da problematização de nossa tese sobre a questão do cristianismo primitivo estar imerso no campo da magia e de outras culturas, devemos perceber quão delicado é o relacionamento do tema da magia com o cristianismo primitivo. Assim como para os pensadores mais antigos, a tentativa de relacionar os temas nos leva a questionar duas posturas referentes ao assunto. Concordamos com a metodologia de pesquisa proposta por Justi, para quem uma destas posturas se constitui no ato de inserir ou repulsar o tema; e a outra diz respeito ao fato de enfrentar o estudo com compromisso para que, desta forma, possamos trazer compreensão sobre essas temáticas. Para nós, as questões pertinentes a esta temática demonstram que o estudo do campo da magia no cristianismo primitivo sempre foi desenvolvido sem o enfoque adequado. Justi cita, ainda, a importância da “*Religionsgeschichtliche Schule*” [Escola de História das Religiões] que, no século XX, procurou aprofundar a temática, mesmo sendo criticada por teólogos biblistas que se posicionavam contra qualquer interferência no cristianismo primitivo (JUSTI, 2010, p.7).

A partir da definição de magia de Brox, podemos observar o quanto a temática encontrava resistência nos meios acadêmicos: “[magia é] como uma ameaça constante de decadência e presente em toda parte como uma perversão da religião e da fé cristã” (BROX, 1974, p. 157 *apud* AUNE, 1980, p. 1507).

Por mais que houvesse essa retaliação sobre a temática, não devemos ser omissos quanto aos fatos que são apresentados ao longo da história, pois diversos amuletos,

pinturas, pergaminhos e um vasto material catalogado referente ao período da antiguidade tardia em relação ao campo da magia pode ser acessado por todas as pessoas.

(Ωρ, Ώρ, Φωρ, Ἐλωεί, Ἀδωναί, Ἰάω, Σαβαώθ, Μιχαήλ, Ἰησοῦ Χριστέ·  
 Βοήθι ἡμῖν καὶ τούτῳ οἴκῳ. ἀμήν).

“Hôr, Hôr, Phôr, Elôei, Adônai, Iaô, Sabaôth, Michaël, Jesus Christo.  
 Ajude-nos nesta casa. Amém (P.Oxy. VIII 1152 = PGM P6a).

Este amuleto, conhecido como P.Oxy. VIII 1152 = PGM P6a, consiste de uma coleção de objetos da antiguidade tardia. Nele encontramos a justaposição de diversos nomes divinos. Essa ação, de acordo com Boustan, é justificada sem uma metodologia explícita para classificar os elementos em termos de seu contexto linguístico ou cultural “original” (BOUSTAN, 2014, p. 217). Pois um único artefato contendo magia possui elementos judeus e cristãos. Essa relação demonstra a justaposição de divindades, o que enfatiza as diversas origens de elementos presentes nos textos, destacando o grau em que os praticantes que frequentavam várias comunidades religiosas ao final da antiguidade tardia compartilhavam uma cultura mágica.

Assim como a pesquisa dos amuletos é importante, também consideramos fundamental para nossa pesquisa sobre a magia nas comunidades cristãs a utilização dos *Papiros Mágicos Gregos*. Como vimos anteriormente em nossa tese, eles possibilitam um olhar sobre o sincretismo mágico no Egito greco-romano e nas localidades próximas.

Consideramos em nossa pesquisa uma análise sobre os feitiços de amor e de amarração. Na pesquisa realizada por Eleni Pachoumi (2013) foi possível identificar que tanto nos papiros mágicos como nas lâminas de chumbo, o predomínio de gênero aponta para homens em busca de afeição das mulheres. Em nossa pesquisa, apontamos que, dos 98 papiros relacionados com a magia de amor e amarração, 69% dos casos são solicitados por homens.

Faraone (1999) destaca que a questão de gênero é um fator crucial para compreender os feitiços de amor, pois os gregos recorriam aos feitiços para atrair e manter amantes. Por isso, encontramos tantos acessórios referentes a essa causa, como: amuletos, bonecas de vodu, tabletes de maldição etc. O pesquisador destaca ainda que existem dois tipos distintos de magia: encantos usados por homens para torturar mulheres relutantes com paixão ardente e enlouquecedora a ponto de se entregarem sexualmente; e os feitiços de ligação e poções deliberantes geralmente feitos por mulheres para sedar seus maridos zangados, a fim de torná-los mais afetuosos. Para o autor, “as suposições que estruturam esses rituais são de que os homens são naturalmente lascivos e descontrolados e que as mulheres são naturalmente castas e controladas” (FARAONE, 1999, p. 160-171).

Fritz Graf (1991) também concorda com o fato de que os homens se utilizavam da magia para garantir o amor da mulher amada. Porém, concordamos com Pachoumi e Graf, na conclusão de que ambos os gêneros poderiam solicitar as magias de amor (PACHOUMI, 2013, p. 295), mesmo que nossa pesquisa tenha apontado para uma prática mais constante por partes dos homens. A magia fazia parte da sociedade e qualquer um poderia solicitá-la.

Embora não tenhamos os nomes das vítimas, nem informações mais precisas sobre os responsáveis pelos procedimentos, tanto homens como mulheres considerados “feiticeiros” detinham os conhecimentos para a execução da magia, denominados de *magus* e *goetes*. Cândido destaca que o termo “feiticeiro” não existia no período clássico, pelo fato do praticante de magia estar imerso na diversidade de termos encontrados na documentação textual produzida no período helênico, o que fez com que o termo fosse conotado pejorativamente e não alcançasse sentido expresso pela sociedade helênica (CÂNDIDO, 2017, p. 18). A autora ainda aponta que nos dicionários gregos, o termo “feiticeiro” é geralmente substituído por “mago”, o mesmo termo derivado dos persas.

Outra similaridade dos magos e adivinhos é serem caracterizados como agentes de poder, ou seja, no contexto da sociedade greco-romana, esses homens eram vertentes dos “homens divinos” (*Theios Aner*), passando a exercer influência cada vez maior nos campos espirituais e políticos do Império Romano.

Os magos e adivinhos da Antiguidade Tardia, atuando como taumaturgos em suas comunidades, praticavam uma magia vinculada aos cultos de mistério e revelada pelos deuses, o que os capacitava como importantes agentes de poder em suas comunidades (SOARES, 2017, p. 147).

A autora destaca que, com o império de Alexandre e as formações monárquicas helenísticas, a cidade-estado deixou de ser a ocupação principal das dinastias. Em virtude dessa desarticulação da *polis*, em termos de cultos públicos houve um grande esvaziamento e os cultos privados passaram a ser muito mais valorizados, o que abriu caminho para o exercício das práticas mágico-religiosas. Dessa forma, ocorreu uma dispersão de sacerdotes itinerantes com migração de conhecimentos e práticas de rituais para as comunidades onde seus prodígios eram necessitados. “Nesse sentido, afirmamos que os Papiros Mágicos Greco-egípcios (PGM) exprimem o amplo pluralismo religioso e cultural do Egito helenístico” (SOARES, 2017, p. 147).

Ao traçarmos os paralelos dos magos com a prática executada por Paulo nos “*Atos de Paulo e Tecla*”, podemos perceber diversas semelhanças que o caracterizavam como

detentor de magia e homem divino. Ao longo da narrativa, Paulo é acusado de praticar magia, pois, através desta arte, ele estava supostamente seduzindo as virgens para que não se casassem. Em virtude dessa acusação, Paulo sofre uma condenação; portanto, o ambiente já não estava propenso à aceitação das práticas mágicas, embora a magia ainda estivesse presente na sociedade. Paulo é descrito como um professor no texto, ou seja, ele ensina na casa de Onesíforo, e estes se tornam novos praticantes de sua doutrina, obtendo a mesma caracterização de mago e aprendiz ou, no caso do homem divino, “líder e discípulos” (JUSTI, 2010, p. 14): “Quando Pablo entrou em sua casa, houve uma grande alegria. [O povo] caiu de joelhos e havia uma fração do pão e [pregação] da palavra de Deus sobre continência e ressurreição” (APT 5,1).

Posteriormente a esse ensino, teremos Tecla e Onesíforo como novos discípulos e propagadores das doutrinas ensinadas por Paulo.

Estes ensinamentos de Paulo revelam o estímulo para quebra de princípios, pois a castidade corrompia a instituição do casamento que fundamentava o patriarcado. Tecla também sofre consequências de ter aceitado a nova doutrina, e a ação de ambos gera revolta na população, que clama pelo castigo dos dois. Essa multidão é influenciada pelo noivo, ou seja, aqui podemos perceber que não existe uma distinção das classes sociais: a magia estava presente em todos os âmbitos, seja na elite seja nas classes subalternas.

Ingram relata que, quando o réu era identificado como “*magus*”, geralmente era considerado como um charlatão que estava envolvido em atividades de corrupção e imoralidade. No entanto, seus seguidores se defenderiam, alegando que o indivíduo era digno e que moralmente estava sendo submetido a uma propaganda maliciosa de outras culturas. A dificuldade de estabelecer uma distinção clara desses indivíduos foi cada vez maior, como, por exemplo, Philo, que se utilizou do termo “*magus*” para se referir ao padre e ao mago. Embora essa distinção tornasse a vida daqueles que desejavam se distanciar das práticas mágicas bastante problemática, também proporcionava vantagem aos magos que procuravam legitimar suas ações. Ingram cita o exemplo de Apuleius de Madaura (125-180 d.C.) que, ao ser acusado de praticar magia, questionou seus acusadores a respeito de “o que é mago”, sendo-lhe apresentadas três definições do termo: um sacerdote, um professor de artes mágicas e a definição mais vulgar de alguém que, pelo uso de feitiços, pode obter o que ele quer dos deuses (INGRAM, 2007, p. 34).

Paulo traz incômodo à sociedade, seu discurso vai contra aquilo que já existia como moral, sua atitude é caracterizada como uma afronta a um padrão já imposto. Como vimos no capítulo anterior Tecla é parte do sistema e possui um compromisso, mas, ao

aceitar a pregação de Paulo, ela cria uma aversão ao sistema, passando a ser contrária ao matrimônio. Isso lhe resulta em liberdade, bem como para as mulheres em diversos âmbitos sociais. Portanto, estabelecer Paulo como um praticante de magia legitimaria o sistema patriarcal.

É importante destacar que o mesmo aspecto do mago que seduz nos PGM ocorre nos APT, pois em ambos não existe o compromisso com o matrimônio. Nos papiros, a maioria dos feitiços sugerem apenas o desejo de possuir as mulheres virgens e castas, mas não no sentido de casamento; nos APT, a ideia é de uma bem-aventurança com recompensas futuras. Isso reflete que essa ideologia do poder sobre as virgens também já permeava no Mediterrâneo e era motivo de abalo estrutural perante as sociedades.

Em *Atos dos Apóstolos*, capítulo 13, Paulo em um embate com Elimas o mago, tem a possibilidade de pregar o evangelho ao procônsul, que estava desejoso “por ouvir a palavra de Deus” (At 13,7). Nos APT, Paulo também tem a possibilidade de pregar para o procônsul na situação do seu julgamento, “mas o governador escutava com agrado a Paulo, que falava das obras de Cristo” (APT 20,2). Percebemos que os magos possuem autoridade reconhecida, pois conseguem audiência com os procônsules das cidades. Justi escreve que os missionários cristãos são colocados pelos narradores em igualdade de condições com os magos (JUSTI, 2010, p. 17).

Paulo também é um viajante estrangeiro, assim como a maioria dos magos que compunham este território. Esse fator é apontado pela mãe de Tecla, ao afirmar que a filha havia sido encantada. Teoclía afirma que a filha está “apegada a um estrangeiro que prega palavras brilhantes e enganosas, que eu me assombro de como uma virgem modesta pode ser tão terrivelmente perturbada” (PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 741 – tradução nossa).

Ser estrangeiro caracterizava a transposição de fronteiras e, com isso, uma nova interação de culturas. Para as sociedades, isso poderia gerar instabilidades, visto que é justamente o que ocorre nos APT. Paulo desestabiliza as relações sociais e tradicionais. A acusação de magia tem mais aceitação do que o reconhecimento de que o sistema seja corrompido por um novo conceito cultural manifesto em seu interior. Portanto, através deste contexto de helenização, é importante destacar a imagem forte que era constituída pelo apóstolo. Neste caso, a interpretação que temos é que, além de um grande líder cristão, Paulo também era um poderoso mágico. E que estava interagindo com estas culturas mediterrâneas que tinham em seus sistemas de crenças uma predominância

religiosa. Paulo já estava envolto no “caldeirão cultural”; portanto, associá-lo ao universo mágico era perfeitamente possível.

Através da análise e comparações destes textos, podemos ter a percepção de que as concessões culturais promovidas por Paulo em suas missões evangelizadoras também lhe possibilitaram ser associado à figura e ao ambiente mágico pelas sociedades pelos caminhos que percorreu. Também podemos esclarecer que o cristianismo primitivo, em suas bases culturais, históricas e teológicas, também esteve imerso na presença dos elementos mágicos em sua formação primeira. Mesmo que essa ideia cause desconforto, por pensar que os cristãos também praticavam magia, não podemos desconsiderar a associação dos personagens ilustres do cristianismo com as práticas mágicas que eram realizadas no Mediterrâneo na antiguidade tardia. Nosso procedimento deve refletir a figura do apóstolo e modelar as percepções que lhe foram instituídas desde as sociedades antigas, de forma que isso mude nossa forma de pensar na atualidade e desconstrua o imaginário negativo que foi associado à magia nos dias de hoje.

Portanto, independente da crença ou não em realizações sobrenaturais, o que nos importa é que estas narrativas circulavam entre os povos e isso tornava a crença nas práticas mágicas e em homens de poder fatores sobrenaturais possíveis.

#### **4.5 A REJEIÇÃO DOS MAGOS E A CONDENAÇÃO DA MAGIA NO MUNDO ANTIGO**

Como vimos, a palavra magia estava associada às coisas sobrenaturais e ecléticas. O termo que os gregos adotaram foi μάγος ou μαγεία, para os rituais persas dos magos, visto que estes divergiam de suas próprias práticas religiosas e o título “μάγος” tornou-se sinônimo de comportamento exótico ou desconhecido (BUTLER, 1948 p. 20).

Ingram relata que a suspeita em relação aos rituais incomuns dos magos foi intensificada no século V a.C., tanto pelo escritor grego Xanthus de Lydus, que detalhou as práticas suspeitas dos magos aos gregos, e Heráclitos de Éfeso, incluindo os magos em uma lista de indivíduos que promoviam uma visão deturpada dos deuses (INGRAM, 2007, p.31). De acordo com a autora, os magos também foram denunciados por Plínio que, em sua História Natural, alegou que os magos expunham mentiras e que suas artes

foram mantidas por muitas eras. No cânon, encontramos a rejeição dos magos no Novo Testamento com o relato do personagem Simão, descrito em Atos dos Apóstolos 8, 9-24 como um grande mago: “E estava ali um certo homem, chamado Simão, que exercera naquela cidade a arte mágica, e tinha iludido o povo de Samaria, dizendo que era um grande personagem” (At 8,9).

Embora a prática da magia associada a Simão é contestada por teólogos como Haar, que alega que “estudos mais recentes concluíram que nunca houve um significado inequívoco, universalmente aceito de magia no mundo greco-romano” (HAAR, 2003, p. 133). Lima destaca que ocorre uma ambiguidade no que diz respeito à magia que, por sua vez, pode se estender ao mago. Para o autor, o relato de Atos 8 classifica as atividades de Simão como mágicas, portanto, ao classificar suas atividades, também o classifica. Porém, atenta para o fato de que, na narrativa, Simão não aparece sozinho; ele está acompanhado de Felipe e, posteriormente, de Pedro, e todos realizam atividades sobrenaturais. “Simão não é o único a fazer magias” (LIMA, 2017, p. 71). O autor ainda destaca que, de acordo com a história sobre as perspectivas Greco-romanas da magia, Felipe seria o mago, e não Simão.

Mesmo com uma compreensão errônea, Simão receberá a titulação de mago na narrativa canônica, sendo comparado em caráter negativo com as práticas de feitiçaria. Sob este ponto de vista, “Simão não é um mago semelhante aos apóstolos, mas um mago/feiticeiro e uma ameaça ao cristianismo” (LIMA, 2017, p. 71). Concordamos com o autor no que tange à legitimidade de Simão nos eventos posteriores, pois a narrativa coloca Simão como adepto do cristianismo e, desta forma, “Simão é cristão e mago assim como os demais apóstolos, mas é justamente a falta de legitimidade apostólica que descredencia as suas magias” (LIMA, 2017, p. 72).

Mesmo com opiniões negativas neste relato, encontramos outra possibilidade nos textos canônicos, como o aparecimento de magos (sábios do oriente) em Mt 2,1: “E tendo nascido Jesus em Belém de Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém”. Estes magos são considerados habilidosos na arte da astronomia e, embora Mateus retrate estes personagens sob um aspecto positivo, alguns comentaristas alegam que o nascimento de Jesus havia convertido esses magos de suas práticas imorais. Essa interpretação foi adotada por Inácio, Agostinho, Orígenes, Justino Mártir, Irineu e Tertuliano (INGRAM, 2007, p.31).

Ingram ainda constata que a medida que os magos persas sofreram perseguição e condenação, defenderam suas práticas como sacerdotais e embora fosse diferente daquela

praticada pelos gregos, isto não significava que fossem imorais ou ilegais. Porém, o título “*magus*” passou a ser visto como uma ação desviante ou má, pois seus costumes e rituais eram considerados estranhos. E a ação de suspeitos dentro das comunidades, principalmente de estrangeiros ou pessoas com anormalidades psicológicas ou físicas, eram acusados de magia maliciosa.

A tentativa de categorizar as práticas entre religião e magia foram determinadas mais por fatores sociopolíticos dos observadores, visto que eram julgadas de acordo com aquilo que era considerado estranho a partir de suas experiências religiosas e pessoais. Percebemos que, enquanto as pessoas no mundo antigo sofriam seus males e apelavam aos deuses para protegê-las das forças sobrenaturais hostis sendo considerado esse ato um ato religioso, os recursos semelhantes realizados por seus vizinhos poderiam ser vistos como tentativas mágicas de controle e manipulação de espíritos para ganhos pessoais. Essas caracterizações por muitas vezes, nas disputas sobre ações miraculosas, poderiam absolver ou condenar seus heróis oponentes.

Encontramos leis que proíbem a prática da magia desde o Antigo Testamento, em textos como o de Levítico 19,26, que proíbe o augúrio e a adivinhação, e Deuteronômio 18.10-11 que abomina a adivinhação, augúrio, feitiçaria, encantador, médiuns, mágicos e necromantes. Além de ser uma proibição de acordo com as leis judaicas, praticar magia era considerado uma ofensa criminal durante o Império Romano e, na época de Jesus, era garantido que o mago seria repreendido severamente caso suas atividades fossem descobertas.

De acordo com Ingram, a legislação romana conhecida como as *Leis das Doze Tabelas* (composta no século V a.C.) seria um alicerce para as penalidades contra atos mágicos. Nesta tabela, encontramos a proibição de cantos de feitiços malignos e feitiços de outras culturas. Embora com a invasão dos gauleses em 390 a.C. muito desse texto tenha se perdido, é possível encontrar citações dos mesmos em textos posteriores (INGRAM, 2007, p. 36).

Entretanto, na tradição canônica, podemos perceber que indivíduos como Simão, acusados de magia, podiam vagar livremente, demonstrando que estas leis não eram aferidas constantemente. Somente quando havia constatação de práticas mágicas contra as autoridades romanas ou judias esse praticante seria punido em conformidade.

Portanto, ao olharmos para estas perspectivas que regiam a magia e a prática mágica, podemos perceber que os defensores religiosos tentaram a todo custo não serem comparados com os praticantes de magia, mesmo não havendo essa distinção entre magia

e religião no mundo antigo, mas certamente havia muitos indivíduos preocupados em construir uma distinção a fim de evitar perseguições.

#### **4.6 ATOS DOS APÓSTOLOS E ATOS DE PAULO E TECLA – *THEIOS ANER***

Como temos analisado até o presente momento da nossa pesquisa, o estudo das sociedades primitivas no que se refere às suas práticas, costumes e formas de pensar demandam de uma grande complexidade, por razão de que essas sociedades concebiam de forma diferente o mundo no qual viviam, a sua compreensão em relação ao mundo era totalmente diferenciada da que possuímos hoje.

Desta forma, nossa proposta tem sido analisar as principais ideias que norteiam os estudos dessas culturas, principalmente pela sua historiografia, tentando compreender os anseios sobre os conflitos sociais e as formas de compreensão dessas sociedades. Concordamos com Burke (2000) em seu entendimento de que a cultura é um processo em construção de sentidos partilhados em uma sociedade, focando em suas práticas e representações coletivas, cuja história faz com que os homens possam atribuir sentido ao mundo e sua existência.

A História cultural, tal como entendemos, tem como principal objeto identificar determinada realidade social e construída, pensada e dada a ler [...] as representações do mundo assim construídas são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Através dos pensamentos de Burke e Chartier, devemos compreender que é imprescindível conhecer o modelo cultural de diferenciadas localidades, para entender seu contexto de acordo com sua época. Nossa pesquisa tem focado as práticas mágicas no início do cristianismo primitivo, relacionando-as com a construção do apóstolo Paulo neste período de formação da religião cristã na região mediterrânea, durante a antiguidade tardia. Durante esse período, sabemos que haviam diversas possibilidades culturais acontecendo ao mesmo tempo, o que fez com que esses grupos perdessem seus aspectos de singularidade, permitindo-se admitir trocas culturais entre esses povos vizinhos.

Daniel Justi, em sua tese doutoral, faz uma pesquisa sobre “*A construção de Paulo de Tarso como homem divino (thēiōs anēr) em Atos dos Apóstolos*”. Sua pesquisa visa

discutir a figura dos homens divinos na antiguidade, demonstrando o ambiente da magia e a forma de construção histórica de personagens neste ambiente, em especial a figura do apóstolo Paulo. O objetivo do autor é extrair a imagem de homem divino a partir de Paulo, na construção narrativa dos *Atos dos Apóstolos* que, para ele, é uma “construção narrativa que forja uma história do paleocristianismo com elementos certamente históricos, mas tantos outros atribuídos ao caráter criativo e apologético de seu autor” (JUSTI, 2012, p. 13). Neste texto, os personagens são históricos e trazem elementos que constituem essa formação dos primeiros cristãos. Portanto, Justi aponta inúmeros indícios de que a imagem do apóstolo dialoga com figuras contemporâneas de homens divinos, com fins apologéticos e propagandísticos.

Justi chama a atenção para a importância de se situar os textos canônicos e destaca que somente sete textos podem ser atribuídos a Paulo com segurança. São eles: 1 Tessalonicenses, Filemon, Gálatas, Filipenses, 1 Coríntios, Romanos e 2 Coríntios, todos datados entre o início e o fim dos anos 50 d.C. Para esses textos, é possível a compreensão de um “Paulo Autêntico” como personagem principal das narrativas. Já nas Epístolas de Colossenses, Efésios, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo e Tito, compostas a partir do II século d.C., revelam um outro apóstolo, costumeiramente associado ao que se chama de epístolas Dêutero ou Pseudopaulinas; nestes textos, encontramos um “Paulo Inventado” (JUSTI, 2015, p.25). E nos *Atos dos Apóstolos* esse Paulo ocupa a maior parte da narrativa, do capítulo 8 a 28, sendo caracterizado como um “homem divino”. Assim como Justi, nossa pesquisa não busca demonstrar se tais textos são factuais ou não; nosso anseio é perceber como os autores destas narrativas constituíram a figura de Paulo como homem divino, de maneira que essa construção aconteceu com eficácia, considerando que nos dois textos temos o encontro de pregadores cristãos com tradições de magia destacados na região do Mediterrâneo.

Algumas características atribuídas a Paulo no livro de *Atos dos Apóstolos* também podem ser encontradas no Paulo de *Atos de Paulo e Tecla*. Os homens divinos são caracterizados como “teólogos em missão” (JUSTI, 2015, p. 32). Em ambas as narrativas Paulo está em viagem, anunciando o evangelho, incansavelmente em diversos centros urbanos e periféricos. Paulo transpassa fronteiras, sendo considerado o “apóstolo dos gentios” e das nações. Ele é um personagem que vive em completa interação com o ambiente que o cerca, e suas histórias e experiências são produtos dessa realidade histórica da antiguidade tardia. Nos *Atos dos Apóstolos*, Paulo prega nas sinagogas, nas casas, nas escolas, nas comunidades, na prisão, e por onde passou não desperdiçou a

possibilidade de evangelizar e ensinar. Nos APT também encontramos Paulo ensinando na casa de Onesíforo, no tribunal e nas tumbas que rodeavam as cidades, além de ser retratado ensinando nas cidades vizinhas, mesmo após sua expulsão de Icônio.

Sobre as características de um homem divino, Betz retrata que é necessário compreender o conceito sob a perspectiva da antropologia helenística, visto que o homem é divino em seu sentido pleno, portanto, essa humanidade se torna epifania do divino. Esse homem é um ser humano excepcional e repleto de dons em todos os sentidos, possuindo sabedoria e poder divinos para realizar milagres. Betz observa que esse homem divino não é idêntico à divindade, mas pode ser visto como uma mistura de humano e divino, um ser humano elevado (BETZ, 1968, p. 114-116).

Baseado neste conceito de Betz, encontramos nos APT dois relatos nos quais Paulo é comparado à figura de um anjo e a do Senhor. O primeiro ocorre em sua chegada em Icônio, quando ao vê-lo pelo caminho Onesíforo não sabia da aparência de Paulo, pois só o conhecia de relatos, e ao vê-lo de longe descreve “pois às vezes se parecia com um homem, e às vezes tinha o rosto de um anjo” (APT 3,1 - PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 735 – tradução nossa). O segundo relato ocorre durante o martírio de Tecla que, enquanto caminha para a fogueira, procura por Paulo em meio à multidão, e “olhando para as pessoas ela viu o Senhor na figura do apóstolo, e continuou firmemente com um olhar direcionado a ele, até que ele subiu aos céus” (APT 22,1 – PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 753 – tradução nossa).

Justi aponta em sua pesquisa que historiadores como David Tiede (1972) classificam homens divinos através de sua virtude moral e sabedoria, bem como por seus feitos miraculosos (JUSTI, 2015, p. 90). Nos *Atos dos Apóstolos*, Paulo combate Ber-Jesus, o Mago (At 13); cega Elimas, o mago (At 13); exorciza a mulher escrava portadora de um espírito pitônico (At 16); bem como realiza milagres e exorciza demônios. Apesar de nos APT Paulo não realizar milagres, o que seria um atributo para um homem divino, concordamos com Betz (1968) no sentido de que a aplicação do termo helenístico na antiguidade sofre diversas variações, o que possibilita que vários homens sejam classificados como homens divinos mesmo não possuindo todos os atributos. Até mesmo a figura de Jesus, para alguns historiadores, não é considerada como um homem divino por suas narrativas contidas nos evangelhos. Betz reconhece que Jesus não se via como um homem divino, mas muitos de seus atributos o aproximavam desse modelo.

Entretanto, Paulo é visto como um homem grandioso, de muito conhecimento. Teoclía, ao reclamar do comportamento da filha para o noivo, enfatiza que “pois todas as

mulheres e os jovens o procuram para aprender como se deve adorar” (APT 9,1 - PIÑERO, DEL CERRO, 2004, p. 741 – tradução nossa). Tecla também relata que via muitas mulheres e virgens chegando até Paulo e também deseja estar na presença dele para ouvir a palavra de Cristo. Paulo foi um grande sábio e transmitia esse conhecimento sempre que houvesse oportunidades. Como vimos, até em seu julgamento ele não perdeu sua essência e propagou o Evangelho de Cristo ao procônsul.

A partir destas histórias conhecidas nas sociedades do Mediterrâneo, podemos perceber as características de Paulo como um homem divino, um homem diferenciado e com peculiaridades especiais, que o diferenciavam de outros homens comuns. Paulo foi um instrumento de grande potencialidade na propagação do Evangelho de Cristo, uma figura extraordinária, um homem divino, mesmo que alguns de seus atributos sejam destacados em textos que foram atribuídos a sua autoria.

#### **4.7 APÓSTOLO PAULO – DIVINO E MAGO**

Através dos exemplos e comparações que foram apresentados fica perceptível que a figura do Apóstolo Paulo estava em completa interação com culturas distintas, em um ambiente no qual esse cruzamento de ideologias era perfeitamente possível na região mediterrânea. Mediante essas interações e concessões culturais, percebemos que Paulo estava em um ambiente mágico nas sociedades em que esteve presente. Sua figura foi associada a um mago, bem como a um homem divino, de forma que se agregou aos meios estruturais de recepção entre os indivíduos. Essa ação entrou em choque com algumas culturas, mas, ao mesmo tempo, possibilitou a receptividade de novos indivíduos ao cristianismo nascente. Ações como essas que ocorreram com Paulo também ocorrem em nossos dias, pois, em um mesmo ambiente de uma mesma fé propagada, podemos perceber o “caldeirão cultural” presente nestas comunidades, e mesmo com o avanço de estudos e tecnologias atuais, os seres humanos não conseguem precisar e definir em termos simples o que praticam em sua religião. E isso acaba gerando a negação ou aceitação por parte de quem procura.

Os diversos sinais que estão presentes em documentos como os *Atos de Paulo e Tecla* permitem a elaboração de paradigmas indiciários, nos quais não existem problemas

em associar e vincular seus personagens a um ambiente de magia. O que ocorre é justamente o contrário: por meio destas narrativas é que esses homens excedem os personagens já conhecidos naquelas culturas, apresentando feitos mais miraculosos. E através das análises dos campos semânticos dos termos apresentados nesta tese, é possível identificar as ligações das comunidades cristãs com o ambiente da magia, de forma que podemos associar os termos “mago” e “homem divino” ao apóstolo Paulo.

Concordamos com Justi, no sentido de que, no momento em que o cristianismo extrapola as fronteiras da Palestina e convive com outras culturas e experiências religiosas, surge a necessidade de identificar os pregadores cristãos como homens divinos, para que essa tradição também seja embutida na “agenda religiosa das comunidades por onde transitaram essas ideias ‘cristãs’” (JUSTI, 2012, p. 26). Dessa forma, entendemos que os caminhos para a compreensão desses textos são as experiências religiosas plurais que estão inseridas em seus contextos contemporâneos em diálogo com suas culturas, e não podemos dissociar dessa ideia. É necessário compreender a realidade dos agentes históricos inseridos com suas experiências nesta documentação, para entender que esses textos não trabalham somente com hipóteses religiosas, mas, sim, com todo o dado social, econômico e político destas comunidades.

Também concordamos com o pensamento de Nogueira (2016), para quem estes textos não representam um grupo de cristãos marginalizados, esquecidos ou heréticos, mas são escritos por representantes de cristãos comuns do segundo e terceiro séculos, em comunidades em expansão. Nos textos dos APT, é possível identificar como os cristãos articularam suas experiências de fé e de formação de comunidade, a ponto de idealizarem Paulo como um herói, de acordo com os modelos propostos na época.

Em nossa análise dos textos canônicos, dos APT e dos Papiros Mágicos Gregos, focamos na questão da magia e demonstramos as similaridades dos textos com a constituição de homens como magos e divinos dentro de suas práticas e atos. Através dessa percepção, podemos recriar o mesmo modelo e aplicar ao Paulo dos APT, associando seu personagem com outras figuras importantes do mesmo período e, a partir de então, criar uma nova memória de Paulo.

A conclusão que temos é de que a imagem de Paulo é o resultado de um mosaico interpretativo com uma realidade verdadeira. Assim como descreve Justi, Paulo era “um homem douto, comprometido com a causa cristã (muito embora tenha nascido, vivido e morrido judeu!) e amplamente capaz de arrazoados a respeito da crença e doutrina cristã” (JUSTI, 2010, p. 21). Ao tentar criar um cânon, limitando as fronteiras entre o que era

aceito e o que era condenado, esse mosaico foi instituído, o que possibilitou um Paulo com vários aspectos e performances, mas sem perder sua identidade crucial a respeito de sua crença. Portanto, devemos olhar para Paulo sem filtros interpretativos impostos, pois, desta forma, poderemos compreender melhor como as sociedades antigas se formaram com suas ideologias e pensamentos diferenciados dos que possuímos hoje.

## CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Quando nos propomos a estudar a figura do Apóstolo Paulo, não podemos nos desvincular de seu passado e de suas práticas cristãs. Ao buscarmos suas origens, encontramos um Paulo que possui três nacionalidades: é judeu de nascimento, romano de filiação e grego de criação. Um homem ilustre e com uma carreira capaz de causar inveja aos mais destacados dentre os homens.

Paulo foi representado e apresentado das mais variadas formas, por diversos artistas e pensadores, o que permitiu que seu legado chegasse até os dias de hoje com uma riqueza de detalhes. Durante sua vida, passou de perseguidor a perseguido cristão, sendo considerado a segunda figura mais importante do cristianismo e o maior disseminador de sua crença até a sua decapitação.

Paulo recebe diversos títulos e reconhecimentos, mas também é uma figura que desperta a inveja por parte de seus oponentes. Esse misto de aceitação e rechaçamento faz com que seja produzido muito material a respeito de sua pessoa; notas legítimas e falsificadas. Porém, todo esse conteúdo pode ser analisado e estudado nos dias de hoje.

Em suas viagens missionárias, ele conseguiu abranger uma grande área do território mediterrâneo e suas principais províncias. O fato de buscar grandes centros se revela uma estratégia que lhe possibilitou maior desempenho missionário, entretanto, em todas as suas viagens Paulo propagou o Evangelho com êxito.

Nas narrativas apócrifas, também encontramos relatos da vida missionária de Paulo, em especial nos *Atos de Paulo e Tecla*, nosso personagem é acusado de magia, pois seduz as virgens para não se casarem. Neste capítulo, pudemos traçar um paralelo com os Papiros Mágicos Gregos e as magias de amor e amarração. Desta forma, foi possível compreender que a difusão da magia estava em todos os lugares, inclusive no

mediterrâneo; portanto, associar as práticas cristãs com as práticas mágicas não seria algo incomum, nem equivocado. Paulo é considerado como um mago por parte da população que deseja rejeitar a prática, visto que havia condenação para esse tipo de atitude na época. Porém, para os seguidores de Paulo, suas manifestações são caracterizadas como miraculosas.

As práticas mágicas também eram praticadas pelos cristãos, pois encontramos os nomes de suas divindades em diversos feitiços, amuletos, óstracos etc., que compõem o arsenal histórico desse período. Porém, nos *Atos de Paulo e Tecla*, Paulo é açoitado e expulso da cidade por essa acusação de magia, visto que o ambiente já não estava mais propenso a essas práticas.

Ele também fora associado ao “homem divino”. Sendo reconhecido como um homem de sabedoria, que ensina suas práticas e resplandece poder. Embora não possua todas as características apontadas para a composição de um homem divino, foi possível compreender que a dificuldade de uma definição precisa do termo possibilitou que diversos homens fossem conceituados como divinos, mesmo sendo charlatões. Não era necessário que se preenchesse todos os critérios do termo e, mesmo possuindo apenas um atributo, já era possível que alguém fosse caracterizado como “divino”.

Neste capítulo, mediante as interações culturais do início do século, foi possível compreender que, por haver uma imensidade de culturas e práticas, o fio que separava os domínios sociais e culturais não impossibilitou que elas se misturassem. Desta forma, uma sociedade passou a assumir características das outras, tanto em termos positivos quanto negativos; tudo dependia do real interesse da sociedade em acrescentar as possibilidades às suas crenças.

Paulo fez parte dessa mistura e teve sua imagem associada a diversos modos de interpretação. Assim, nossa análise de seu personagem não está baseada em conceitos que temos na atualidade, pois a cosmovisão das sociedades antigas era formada por ideologias e pensamentos bem diferenciados dos que temos hoje. Nos textos pesquisados, encontramos os seguidores de Paulo, que buscavam promover seu herói acima de qualquer circunstância.

## CONCLUSÃO

Ao concluir a pesquisa, desejamos propor um novo olhar em relação às práticas mágicas no cristianismo primitivo. Nossa proposta foi de uma nova concepção para o termo magia, para compreendermos um pouco mais de seus aspectos e ações, sob o ponto de vista das sociedades do mediterrâneo na antiguidade tardia.

Assim, no primeiro capítulo tivemos um olhar mais detalhado sobre as práticas mágicas e a conceituação do termo magia demonstrando que no período do cristianismo primitivo ficaria difícil estabelecer diferenças entre magia e religião para estas sociedades tradicionais, pois os praticantes de magia também se utilizavam de deuses, rituais, e espaços consagrados. Consideramos o apontamento de Candido no que diz:

a magia pertence a uma zona ambígua [...] por outro lado, devemos acrescentar que nem legisladores, nem sacerdotes e nem filósofos conseguiram definir de maneira precisa – quais práticas religiosas eram proibidas e dessa forma estabelecer os limites entre religião e o que se definia como sendo magia (CANDIDO, 2001, p. 3)

A magia tal como reflete a autora era um exercício de poder e de saber presente na vida cotidiana, onde são reapropriados espaços e ritos. Ainda neste capítulo foi possível analisarmos as composições de magia e das práticas mágicas e a forma pela qual se constituíram e contribuíram para a formação do cristianismo primitivo ao ponto de analisarmos os textos e compreender a cultura por eles descrita.

No segundo capítulo analisamos a coleção de manuscritos mágicos que são frequentemente citados no estudo acadêmico da magia no mundo antigo, os *Papiros Mágicos Gregos*. Embora a maioria desses textos seja posterior ao período do Novo Testamento e considerados valiosos para o estudo da magia antiga.

Os papiros não possuem uma religião constituída por crenças e abrangem as mais diversificadas religiões e práticas mágicas em um mesmo composto. Sua utilização não

se limita a um determinado requerente, mas ao contrário disso, qualquer um que desejasse realizar um feitiço poderia solicita-lo ao mago. Todo cidadão que pretendia realizar seus desejos nutrido por um sentimento poderia solicitar mesmo que ilegalmente um feitiço garantindo desta forma o seu objeto de desejo.

Entretanto como nossa pesquisa focou nos papiros relacionados ao amor, através destes pudemos constatar que a maioria dos solicitantes dos feitiços relacionados a esta prática eram do sexo masculino e que desejavam possuir virgens protegidas e de boas famílias. Nestes feitiços não eram solicitados a oficialização de união e só realizações de desejos e experiências sexuais, visto que até mulheres casadas sofriam infortúnios (PACHOUMI, 2013, p. 315).

Por meio do conteúdo dos PGM, foi possível analisar que os papiros correspondem a uma compilação de saberes esotéricos que eram complexos e multiculturais que e os detentores destes saberes eram denominados de magos e também tiveram suas práticas associadas aos homens divinos no contexto da antiguidade tardia, e que não poderiam ser manipulados por qualquer indivíduo.

Era necessário um entendimento profundo das práticas, para conseguir eficácia na realização do feitiço. Apenas os mestres e seus discípulos seriam capazes de interpretar o ritual ao ponto de dialogar os elementos do feitiço com as divindades características dos mesmos. Estes magos gozavam de prestígio social, o que lhes garantia domínio de suas comunidades e seguidores. “Os magos eram os depositários de um saber muito importante que rompia os limites entre o mundo terreno e o sobrenatural e que era reconhecido pela sociedade romana tardo-antiga como extremamente eficiente” (SOARES, 2018, p. 95).

Nos PGM podemos visualizar uma comunidade que buscava nos papiros uma esperança de cura de doenças, proteção dos males, realização no amor, assistência divina, e de melhoria de vida. A prática da magia visava resultados imediatos, e quando estes eram eficazes legitimavam seus oficiantes como representantes das divindades.

No capítulo terceiro trabalhamos os *Atos de Paulo e Tecla*, onde através dos textos apócrifos também foi possível analisar a utilização e prática da magia nas comunidades cristãs. Nesta narrativa o apóstolo Paulo é acusado de magia e Tecla sua discípula é condenada a fogueira. Paulo é destacado como um estrangeiro que prega palavras brilhantes. Como vimos, em virtude de ocorrer uma negativa contra as práticas mágicas, os estrangeiros são acusados de tentarem disseminar seus conceitos na sociedade, portanto silenciar-lo era a melhor maneira.

A pregação de Paulo traz um perigo para a sociedade, pois ela desestabiliza o patronato pregando o celibato, a renúncia sexual e a virgindade como bem aventuranças e recompensas que determinariam a salvação. Isso faz com que muitas mulheres e virgens aceitem essa prática como regra de vida, o que rompe com as relações sociais e tradicionais. E a quebra de um casamento jamais seria aceita neste contexto, visto que isso implicava perda de poder. Ao acusar Paulo de magia, suas palavras seriam deslegitimadas, e desta forma o sistema patriarcal continuaria prevalecendo.

Propusemos nos APT uma análise sobre a multidão presente no texto em diversos momentos da narrativa. E destacamos que essa multidão possui poder de voz, pois em todo tempo essa multidão é consultada, e sua voz prevalece. A multidão lidera as perspectivas da narrativa, mesmo não sendo destacadas como “papel principal”, mas traçando bases para que os protagonistas se destaquem.

A multidão ao apoiar Tecla e acusar Paulo no texto, demonstra o dia a dia vivido por estas sociedades, apontando os interesses e experiências de um povo, que buscava através destas narrativas descreverem suas histórias e anseios.

Por fim, no último capítulo trabalhamos a figura de Paulo como mago e homem divino. Mediante as exposições dos textos que foram analisados nesta pesquisa, pudemos visualizar o apóstolo Paulo, envolto em um ambiente de magia, e associado às práticas, de forma que foi punido por estas ações e expulso da cidade de Icônio. Ao mesmo tempo percebemos o apóstolo sendo divinizado por seus seguidores que buscavam desassociar as práticas mágicas dos seus feitos e ações, sempre pontuando características que trouxessem respeito para a sua crença e a doutrina cristã.

Entretanto percebemos um mundo imerso em diversas práticas, com um misto de ideias e pensamentos dos mais variados imperando em uma mesma sociedade, ao ponto de não haver possibilidade de afastar a comunidade cristã deste universo. Portanto é compreensível que os cristãos também praticavam as artes mágicas, ao ponto de encontrarmos nas narrativas canônicas elementos e citações sobre esse assunto. Com o complemento das fontes não canônicas obtemos a percepção de que Paulo estava completamente imerso em um contexto mágico.

As fronteiras que regem o que é aceito do que foi rejeitado foram sendo formadas à medida que o cristianismo foi sendo fundamentado, deste modo a figura do apóstolo Paulo pode ir se moldando a partir dos filtros interpretativos que a modernidade estabeleceu no estudo de sociedades antigas (JUSTI, 2010, p. 23). Ou seja: A

impossibilidade de estabelecer padrões possibilitou essa migração e comparação do personagem aos diversos títulos, bem como o de mago e de homem divino.

“Toda magia de fato acontece culturalmente dentro de uma particular visão mítica do mundo. O poder que o mago tem de fazer milagres lhe deriva do conhecimento das forças operantes no mundo, as quais são definidas miticamente” (CORNELLI, 1998, p.85). Concordamos com Cornelli no sentido de que a magia acontece em todos os sentidos, e a relevância social da prática do homem divino depende do contexto social cultural em que ele está situado. Desta maneira, mediante as interações culturais que ocorriam no início do cristianismo primitivo, e com uma diversidade de práticas e culturas diferentes, as fronteiras não impediram que as sociedades se misturassem, e adquirissem conceitos de outras sociedades. Tudo o que foi estabelecido como positivo, foi incorporado às práticas das comunidades cristãs, inclusive as práticas mágicas. Mesmo que com o passar do tempo, em virtude das perseguições, os cristãos tentassem negar a prática, considerando-a como negativa, pois aqueles que fossem pegos praticando magia seriam punidos com a morte.

“A magia estava presente na vida religiosa das comunidades cristãs, tanto nos espaços populares, de práticas heterodoxas e cotidianas, como na oficialidade do culto tradicional” (NUENFELDET, 2004, p. 140). A participação das práticas mágicas não foi percebida como uma ameaça em um primeiro momento, somente quando os grupos passaram a sentir-se ameaçados, ou que sua divindade fosse agredida, foi que resultou de ações que excluíssem os magos. Ao condenar as práticas ligadas à magia os estrangeiros e suas práticas também foram condenados. Nuenfeldet sobre estas características aborda que as práticas mágicas foram condenadas pelos profetas, mas outra parte foi incorporada e legitimada no culto oficial.

Paulo pertencia a esse contexto, desta forma suas ações foram sempre comparadas com as práticas que eram realizadas na época, o que o tornou um mago e um homem divino, pois tudo dependia da cosmovisão das sociedades antigas, que já possuía suas ideologias e pensamentos.

“O cristianismo tem conexões profundas com a cultura popular do mediterrâneo” (NOGUEIRA, 2018, p. 18), por está razão também concordamos com Nogueira de que não devemos nos sentir confortáveis em relação ao cristianismo primitivo, devemos buscar estabelecer novos fundamentos nas crenças e valores que estas comunidades praticavam. É preciso buscar nos textos caminhos que não foram trilhados, o que nos

permitirá que novas possibilidades surjam a ponto de reconstruir um novo mundo ao olharmos para o passado.

Concluimos nossa pesquisa destacando nossa hipótese de que Paulo era um mago e um homem divino, pois a constituição do seu personagem se deu em virtude dos mais diversificados pensamentos, ideologias e pontos de vistas das sociedades do mediterrâneo, o que difere muito de nossa forma de pensar hoje.

Desta forma, Paulo foi descrito como herói, mártir, apóstolo, santo, mago e divino. Suas histórias foram contadas por diversos cristãos e até mesmo não cristãos, que retrataram sua imagem em escritos, pinturas, cerâmicas e principalmente na lembrança do povo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### BÍBLIA

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém – nova edição revisada e ampliada*. 7ª edição. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

### BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

BETZ, Hans Dieter. *The Greek Magical Papyri in Translation, Including the Demotic Spells*. The University of Chicago, 1986.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. *Judaísmo, cristianismo e helenismo: ensaios acerca das interações culturais no mediterrâneo antigo*. São Paulo: Annablume, 2007.

FARAONE, C. *Ancient greek love magic*. London: Harvard University Press, 1999.

INGRAM, Helen. *Dragging down heaven Jesus as magician and manipulator of spirits in the gospels*. Department of Theology and Religion School of Historical Studies, The University of Birmingham, 2007.

JUSTI, Daniel Brasil. *A construção de Paulo de Tarso como homem divino (thēiōs anēr) em Atos dos Apóstolos: as culturas mediterrânicas e paleocristãs em perspectiva comparada*. Rio de Janeiro, 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magic, Science and Religion and Other Essays*. Imprensa De Beacon: Boston, Massachusetts, 1948.

NOGUEIRA, Paulo. *Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Acadêmica.

PIÑERO, Antonio. & DEL CERRO, Gonzalo. *Hechos Apócrifos de los Apóstoles. 3. Vols. Edición crítica bilingüe*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2004, 2005.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

ACTA DE LOS MÁRTIRES. Madrid: BAC, 1951.

ARAÚJO, Zeis. *Liber Azerate. O Livro do Caos Colérico*. Frater Nemidial, Publicação de Legion of the Black Dragon, Revisão: Gabriela Paiva, 2014.

AUNE, David E. *Apocalypticism, Prophecy, and Magic in Early Christianity: Collected Essays*. Baker Academic, a division of Baker Publishing Group, 2008.

BAKHTIN, M. M. “*Formas de tempo e de cronótopo no romance. Ensaio de poética histórica*”, in: *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Unesp. 1998.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução A. F. Bernardini e outros. São Paulo: fundunesp/ Hucitec, 1988.

BARRIER, Jeremy W. *Tertullian And The Acts Of Thecla Or Paul? Readership Of The Ancient Christian Novel And The Invocation Of Thecline And Pauline Authority*, Oxford: Clarendon Press, 1993.

BARRIER, Jeremy W. *The Acts of Paul and Thecla - A Critical Introduction and Commentary*. Fort Worth – Texas: Henderson, 2000.

BERGER, Klaus. *Psicologia Histórica do Novo Testamento*, São Paulo: Paulus, 2011

BETZ, Hans Dieter. *The birth of Christianity as a Hellenistic religion: three theories of origin*. The Journal of Religion 74, n.1, p. 1-25. 1994.

BIELER, Ludwig: *Theios aner. An image of the "divine" man in late antiquity and early Christianity*. German: Ed. Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1967.

BOLLOK, J. “*The description of Paul in the Acta Pauli*”. in Bremmer, J.N. (ed.) *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*, Kampen, 1996.

BOWIE, Ewen L. *The Greek Novel*, in: EASTERLING, P.E; KNOX, B.M, *The Cambridge history of classical literature*, Vol I, Cambridge: Cambridge University, 1988.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do Romance*. Brasília: Editora UNB, 2005.

- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Narrativa e mimese no romance grego: o narrador, o narrado e a narração num gênero pós-antigo*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *O narrador no romance grego*. Minas Gerais: Universidade de Aveiro. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 1, 1999, pp. 31-56
- BREMMER, Jan N. *The Apocryphal Acts: Authors, Place, Time and Readership. The Apocryphal Acts of Thomas*. Leuven: Peeters, 2001.
- BREMMER, J.N. *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Pharos, 1996.
- BREMMER, J.N. *The Five Major Apocryphal Acts: Authors, Place, Time and Readership*. in SÁNCHEZ, Ángel Narro. *Orígenes y Desarrollo de la Hagiografía Griega através de la figura de Santa Tecla*. Universidad de Valencia. Facultat de Filologia Clàssica, Programa de doctorado, Valencia, 2013.
- BROWN, Peter. *Corpo e sociedade. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BUTLER, E. M. *"The Myth of the Magus"*. Cambridge: Cambridge University Press, 1948.
- CARLOS, Giovana da Rosa. *Papiros Mágicos Gregos: Entre divindades, símbolos e Práticas de Magia*. In Pesquisa em Ciências Humanas: Caminhos Trabalhados na Graduação / Amanda Basilio Santos; Elisabete da Costa Leal; Juliana Porto Machado; Ronaldo Bernardino Colvero (Organizadores). 1. ed. - Pelotas: Basi Books, 2019.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- CHEVITARESE, André L; CORNELLI, Gabriele; SEVATICI, Mônica. *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume - Fapesp, 2006.
- COOPER, Kate. *The Virgin and the Bride: Idealized Womanhood in Late Antiquity*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- CORNELLI, Gabriele; COUTINHO, Luciano. *Estudos Clássicos IV: Percursos*. Coleção Filosofia e tradição. São Paulo/SP: Editora Annablume, 2018.
- CROSSAN, J. D. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

- CROSSAN, John D. *O Nascimento do Cristianismo: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CULLMANN, Oscar. *Infancy Gospels*, Schneemelcher, W. (Ed.) New Testament Apocrypha: Gospels and related writings, Cambridge, 1991.
- DAVID M. Halperin, *Is There a History of Sexuality?*. In: Henry Abelove, Michèle Aina Barale, and David M. Halperin, ed., *The Lesbian and Gay Studies Reader* (New York: Routledge, 1993.,
- DAVIES, Steven L. *The Revolt of the Widows: The Social World of the Apocryphal Acts*. Carbondale, III: Southern Illinois University Press, 1980.
- DAVIS, Stephen J. *The Cult of Saint Thecla: A Tradition of Women's Piety in Late Antiquity*. New York, Oxford, 2001.
- DOVER, Kenneth J. - *Greek Homosexuality*. Harvard University Press, 1989.
- DURKEHEIM, Emile. *The elementary forms of the religious life: a study in religious sociology*. London: George Allen e Unwin, 1915.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. 24 ed, São Paulo: Perspectiva, 2012.
- ELLIOTT, J. K. *The Apocryphal New Testament. A Collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation Based on M. R. James*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- FABIEN, Jean. *Sociologia da Religião: Estudo comparativo entre Durkheim e Weber*. Universidade Estadual De Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Campinas/São Paulo, 2015.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *In Memory of 'Her*. New York/Londres: Crossroad, 1983.
- FLOWERS. Stephen Edred. *Hermetic Magic: The Postmodern Magical Papyrus of Abaris*. York Beach, Maine, 1995.
- FOXÉ, John. *O livro dos mártires*. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.
- FRAPS, Thomas. *Time and Magic - Manipulating Subjective Temporality*. Project Muse Mission: Subjective Time: The Philosophy, Psychology, and Neuroscience of Temporality, p. 263-286, 2014.
- FRAZER, James George. *O Ramo de Ouro Versão ilustrada*. Tradução: Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

- FRAZER, James. *Magic and religion*. London, Thinker's Library, 1944.
- FRYE, Northrop. *O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Editora Contexto, 2003
- GIFFORD, Edward W. *Argonauts of the Western Pacific. An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*. In: MALINOWSKI, Bronislaw. London: George Routledge e Sons, Ltd. New York: E.P. Dutton e CO, xxxi. BOOK Rewiws: Oceania, American Anthropologist, nº 25, 1923.
- GREENWOOD, Susan. *The Anthropology Of Magic*. First Floor, Angel Court, Oxford, New York, 2009.
- HAAR, Stephen. *Simon Magus: The First Gnostic?* New York: Walter de Gruyter, 2003.
- HÄGG, T. *The Novel in the Antiquity*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1983
- HALPERIN, David M. *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love*. New York: Routledge, 1990.
- HOFFMANN, R. Joseph Celso. *Sobre a verdadeira doutrina. Um discurso contra os cristãos*. Oxford: Oxford University Press, nº3, 1987.
- IPIRANGA JUNIOR, P. *O romance antigo: teorização e crítica*. In: Recife: Eutomia Revista de Literatura Linguística, V.1, nº 14, 2014.
- JANOWITZ, Naomi. *Magic in the Roman World*. London: Routledge, 2001.
- KEE, H.C. *The Origins of Christianity*. London: SPCK, 1980.
- KONSTAN, David. *Acts of Love: A Narrative Pattern in the Apocryphal Acts*. *Journal of Early Christian Studies* 6.1. The Johns Hopkins University Press, 1998.
- KRAEMER, Ross Shepard. *Unreliable Witnesses Religion, Gender, and History in the Greco-Roman Mediterranean*. Oxford University Press, Library of Congress Cataloging in Publication, Oxford, New York, 1948.
- LEVI, Eliphaz. *História da magia*. São Paulo: Editora O Pensamento, 1924.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonauts of the Western Pacific. An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*. London: Routledge, 1978 [1922].
- MARGUERAT, Daniel. *A primeira História do Cristianismo: Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2003.

- MAUSS, Marcel e HUBERT, Henri. Ensaio Sobre a Natureza e a Função do Sacrifício (1899). In; Ensaio de Sociologia, 2º ed., São Paulo, Perspectiva, 2001.
- MAUSS, Marcel. *Esboço de uma teoria geral da magia*. In; Sociologia e Antropologia, São Paulo, Cosac & Naif, 2003.
- MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o evangelho*. São Paulo: Paulus, 1991.
- MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o evangelho*. São Paulo: Paulus, 1991.
- MIRALLES, C. (1996) “*Novela, aretalogía, hagiografía*”, Revista Synthesis 3, p. 3-18, 1996.
- MONTEIRO, Edson. *De Saulo a Paulo, A Saga do Maior Milagre de Jesus: Um Ensaio Histórico Bíblico Sobre Paulo De Tarso, Apóstolo dos Gentios*. 1.Ed - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.
- MONTEIRO, Paula. *Magia e pensamento mágico*. 2ª Ed, São Paulo: Editora Ática S.A, 1990.
- MORALDI, L. *Apocrifi del Nuovo Testamento II*. Torino, 1971.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de L *Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas e ANPTECRE, 2012.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Apocrioficidade: O Cristianismo Primitivo para além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial. 2015
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *O judaísmo antigo e o cristianismo primitivo em nova perspectiva*. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; FUNARI, Pedro Paulo A.; COLLINS, John J. (orgs.). *Identidades fluídas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2010.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Religião de Visionários: Apocalíptica e Misticismo no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ORÍGENES. *Contra Celso/Orígenes*; Tradução Orlando dos Reis; Introdução e notas Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004.
- PERKINS, Judith. *The Suffering Self: Pain and Narrative Representation in Early Christian Era*. London/NewYork: Routledge, 1995.

- PIÑERO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo. *Hechos Apócrifos de los Apóstoles: Hechos de Andrés, Juan y Pedro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.
- REARDON, B. *The ancient novel at the Time of Perry*, In: BYRNE, S., CUEVA, E., ALVARES, J (eds.) *Authors, authority, and interpreters in the ancient novel*, Groningen: Barkhuis, Groningen University Library, 2006.
- REILY, Duncan Alexander. *Ministérios femininos em perspectivas históricas*. São Paulo: CEBEP, 1989.
- RISSI, Lúcia Helena. *Frutas, Legumes, Verduras, Condimentos e Chás*. São Paulo: Clube dos Autores, 2019.
- ROLFFS, E. “*Paulusakten*”, in Hennecke, E. (ed.) *Handbuch zu den neutestamentlichen Apokryphen II*, Tübingen, p.358-395, 1924.
- RORDORF, W. (1985) “*Tradition et composition dans les Actes de Thècle*. État de la question”, *ThZ* 41, p.272-283. 1986.
- RUIZ MONTERO, C. *La novela griega*, Madrid: Editorial Síntesis, 2006.
- RUSSELL, Charles Taze. *Mankind’s Search for God - Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania*, Warwick, Nova York, 1990.
- SALISBURY, Joyce. *Pais da Igreja, Virgens Independentes*. Brasília: Scritta, 1995.
- SANTOLA, Edy. *O Livro Mestre De Feitiços & Magias*. Joiville/SC: Clube de Autores, 2009.
- SMITH, Morton. *Jesus the Magician*. Trad. Carlos G. F. da Silva Magajewski. Harper & Row, San Francisco, 1978.
- SMITH, Morton. *Studies in the Cult of Yahweh*. Studies in Historical Method, Ancient Israel, Ancient Judaism, Columbia: University in New York City, Volume: 130/1, 2015.
- SÖDER, Rosa. *Die apokryphen Apostelgeschichten und die romanhafte Literatur der Antike*. Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1932.
- STOOPS, Robert F. *The Apocryphal Acts of the Apostles in Intertextual Perspectives*. Semeia 80. Society of Biblical Literature, 1986.
- TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. *Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva*. Tradução de Lilia Loman. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. (Coleção Antropologia).
- TERRA, J.E. Martins. *Religião e Magia*. São Paulo: Edições Loyola, 1985
- TERTULIANO. *O Sacramento do Batismo – Teologia Pastoral do batismo Segundo Tertuliano*. Petrópolis, Editora Vozes. 1981.

- THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- THEISSEN, Gerd. *As Histórias de Milagres da Tradição Cristã Primitiva*. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus Histórico. Um Manual*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- VRISSIMTZIS, Nikos A. *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga*. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus, 2002.
- WEG, M. Misset-van de. *A wealthy woman named Tryphaena: patroness of Thecla of Iconium*. In: BREMMER, J.N. *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Pharos, 1996.

## REVISTAS E PERIÓDICOS

- ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrada; FUNARI, Pedro Paulo A. *Milagre ou Magia na cura do cego de nascença (Jo 9, 6-7): Uma Epistemologia*. Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos, n.º.9, p. 51-64, 2017. ISSN 2318-9304.
- ANDERSON, G.: *Sage, Saint and Sophist. Holy Men and their associates in the Early Roman Empire*. London / New York, Routledge, p. 8-11, 1994.
- BJÖRKLUND, Heta, “*Invocations and Offerings as Structural Elements in the Love Spells in Papyri Graecae Magicae,*” *Journal for Late Antique Religion and Culture* 9 (2015) 29-47; ISBN: 1754-517X. Website: <http://www.cardiff.ac.uk/clarc/jlarc>
- BOUSTAN, Ra‘anan. “*Mediterranean Jews in a Christianizing Empire,*”. In *The Cambridge Companion to the Age of Attila*. ed. Maas, Michael; Cambridge: Cambridge University Press, p. 217-240, 2014.
- BURGIERMAN, D. *A Arte na Super*. Revista Super Interessante, n.º.227, p.18, jun/2006.
- CÂNDIDO, M. R. *A magia na Grécia Antiga: No apogeu da civilização grega os rituais de feitiçaria desafiavam o poder da lógica e da razão dominantes*. Revista Leituras de História, 2009. In <http://historianovest.blogspot.com/2009/08/magia-na-grecia-antiga.html> - Acesso em jun 2019
- CÂNDIDO, Maria Regina. “*A Feitiçaria na Atenas Clássica.*” Rio de Janeiro: Letra Capital/FAPERJ, 2004.

- CANDIDO, Maria Regina. *Atenas e a Materialidade do ofício de aprendiz de feiticeiro*. Romanitas – Revistas de Estudos Grecolatinos, nº 9, p. 16 - 25, 2017. ISSN: 2318-9304.
- CÂNDIDO, Maria Regina. *Vida, Morte e Magia: ontem e hoje*. In: CÂNDIDO, Maria Regina (org.). *Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro, NEA/UERJ, 2008.
- CARVALHO, J. Jairo de. *Oralidade Africana e Bíblia: pressupostos da gênese do texto bíblico a partir de Hampaté Bâ*. São Leopoldo: Identidade! v.18 n. 2. jul./dez. p.239-248, 2013. ISSN 2178-0437X
- CASALEGNO, Alberto. *Evangelização e práticas mágicas nos Atos dos Apóstolos*. Persp. Teolo. 24, p.13-28, 1992.
- CASTELLO, José. *Ficção e realidade*. São Paulo: A literatura na poltrona. In <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/ficcao-e-realidade/>
- CHEVITARESE, André. “*Paulo: o homem que inventou Cristo*”. In: VASCONCELOS, Yuri. São Paulo: Revista Super Interessante, Janeiro, 2018. <https://super.abril.com.br/historia/o-homem-que-inventou-cristo/> - Acesso em Nov 2019.
- DEL CERRO, G. *Las mujeres de los Hechos Apócrifos*, Madri, p. 23-26, 2003.
- DIBLASI Neto, Ítalo. “*Quando meus lábios sacerdotais disseram palavras secretas: Abraxas, magia e política nos papiros mágicos gregos*”. Romanitas, n. 5, p. 131-146, 2015.
- FERNÁNDEZ, Marco Alviz. *El Concepto De Θεios Aner en la Antigüedad Tardía*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distância, Serie II, Revista Espacio, Tiempo Y Forma - História antigua, N.º 29, 2016. ISSN 1130-1082.
- GARCIA MOLINOS, A. *Sobre los recursos para persuadir al lector en los papiros mágicos*. In: SUAREZ, E; BLANCO, M; CHRONOPOULOU, E. *Los papiros mágicos griegos: entre lo sublime y lo cotidiano*. Madrid: Dykinson, 2015, p. 31-44
- GORDON, Richard L. (Immünster), “*Maskelli Maskello*”, em: *Der Neue Pauly*, Herausgegeben von Hubert Cancik, Helmuth Schneider (Antike), Manfred Landfester (Rezeptions- und Wissenschaftsgeschichte). <[http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347\\_dnp\\_e725800](http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347_dnp_e725800) - Acesso em Mai 2019

- IPIRANGA, Pedro. *O páthos das narrativas cristãs dos primeiros tempos*. In: Simpósio de Estudos Clássicos da USP. São Paulo: Humanitas, p. 59-78, 2009. ISSN 1981-7827.
- IZIDORO, José Luiz. *Linguagem e Literatura Sagrada como Memória e Sentidos das Comunidades Cristãs Primitivas*. Anais do Congresso ANPTECRE, v. 05, 2015, p. GT 2018.
- JACOBS, Andrew S. *A Family Affair: Marriage, Class, and Ethics in the Apocryphal Acts of the Apostles*. Journal of Early Christian Studies, Volume 7, Number 1, Spring 1999.
- JUSTI, Daniel Brasil. “*Imposição e negociação de fronteiras nos cristianismos originários: a magia dos homens divinos e dos apóstolos paleocristãos*”. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Revista Jesus histórico, nº 8, p.11-31, 2012.
- JUSTI, Daniel Brasil. *Magia no mundo antigo e práticas mágicas entre os primeiros cristãos*. Revista Jesus Histórico, v.5, p.1-23, 2010.
- LEITE, Lucas Farias de Vasconcelos. *A dimensão mágica da vida religiosa contemporânea: conceitos e contextos*. Revista Paralellus, Universidade Católica de Pernambuco, Ano 1, N. 2, jul./dez, p. 119-140, 2010.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Os Atos Apostólicos Apócrifos e a religiosidade popular do Mediterrâneo*. São Paulo: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA), nº 73, 2016. ISSN: 1676-3394.
- OGDEN, Daniel. *Encadernação de feitiços: maldição de tabuletas e bonecos de vodu nos mundos grego e romano*. Feitiçaria e magia na Europa: Grécia e Roma antigas. Imprensa da Universidade da Pensilvânia, 1999. ISBN: 0812217055.
- PACHOUMI, Eleni. *The Erotic and Separation Spells of the Magical Papyri and Defixiones*. Jour Greek, Roman, and Byzantine Studies, volume 53, p. 294–325, 2013.
- PEREIRA, José Carlos. *A Magia nas intermitências da Religião - Delineamentos sobre a magia em Marcel Mauss*. Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade. São Paulo: Revista Nures, nº 5 – Janeiro/Abril 2007 – <http://www.pucsp.br/revistanures> - Acesso em Fev 2018
- PIRES, Pedro Stoeckli. *O Conceito de magia nos autores clássicos*. Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar, v.2, n.1, jan.-jun., p.97-123, 2010.

- SARAVÍ, Fernando D. *A formação do cânon do Novo Testamento*, São Paulo, 2017.
- SOARES, Hariadne da Penha. *A atuação dos magos e adivinhos como theioi andres no Egito tardo-antigo: práticas e rituais de adivinhação nos Papiros Mágicos Gregos* (séc. III e IV). *Romanitas – Revista de Estudos Greco-latinos*, n. 9, p. 147-161, 2017. ISSN: 2318-9304.
- SOARES, Hariadne da Penha. *O Uso de Amuletos Apotropaicos Segundo os Papiros Mágicos, no Egito Tardo-Antigo (Séc. III-IV D.C.)*. Núcleo de Estudos da Antiguidade-NEA, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade, Volume X, Número I, 2018. ISSN 1982-8713
- SOUZA, Ágabo Borges de. *É possível estudar a religião popular judaica com base na literatura bíblica?:* In SILVA, Eliane; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira. *Estudos das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2014.
- SOUZA, Carlos Cesar Borges Nunes de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *“Usos” e “consumo”: a religião na antiguidade testemunhada nos papiros mágicos gregos*. *Domus on line: rev. Teor. pol. soc. Ciudad de Salvador*, v. 5, p. 75-86, jan./dez. 2008.
- TAMBIAH, S. J. *The Magical Power of Words*. Source: *Man*, New Series, Vol. 3, No. 2 (Jun., 1968), pp. 175-208 Published by: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2798500>
- TERRA, Kenner. *O Cânon além do Cânon: Atos Apócrifos dos Apóstolos*. In: São Paulo: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)*, nº 73, p. 29-45, 2016.
- VIEGAS, Jennifer. *"Earliest reference describes Christ as 'magician'"* NBC News, 2008. [http://www.nbcnews.com/id/26972493/ns/technology\\_and\\_science-science/t/earliest-reference-describes-christ-magician/](http://www.nbcnews.com/id/26972493/ns/technology_and_science-science/t/earliest-reference-describes-christ-magician/) - Acesso em Out 2019.
- VIEGAS, Rafael Marcelo. *O panteão invisível: Breves notas sobre alguns papiros mágicos gregos*. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, p. 90-113, 2017.
- VILAR, Leandro. *Magia, feitiçaria e bruxaria na Europa medieval e moderna*. <http://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2016/02/magia-feiticaria-e-bruxaria-na-europa.html> - Acesso em Mar 2019.

## DICIONÁRIOS E LÉXICOS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*; Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BIBLIOTECA LATINA INTRATEXT. Quintus Septimius Florens Tertullianus. *De Baptismo XVII* – Catálogo de obras de Tertuliano – <http://www.intratext.com/Catalogo/Autori/AUT369.HTM> - Acesso em 02 Jun 2019.
- CAMBRIDGE DICTIONARY. *Dicionário On-Line*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org> - Acesso em 15 Set 2019.
- COENEN, L.; BROWN, C. (Org.). *Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DICIONÁRIO COLLINS. *Dicionário On-Line*. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/> - Acesso em 15 Set 2019.
- EDUCALINGO. *Dicionário On-Line*. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/ctonico> - Acesso em 1 Jun 2019.
- GINER, Salvador; LAMO de Espinosa, EMILIO y Torres, CRISTÓBAL (eds). *Diccionario de Sociologia*. Madrid: Alianza Editorial, S.A, 2001.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antonio Houaiss, 2009.
- MOULTON, Harold K. *Léxico Grego Analítico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MOUNCE, Willian D. *Léxico Analítico do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- ORTIZ, Pedro. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do grego do novo testamento*. Paulus, 2009
- SBB. *Novo testamento interlinear grego – português*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Novo testamento interlinear grego – português*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong - Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

## TRABALHOS ACADÊMICOS

- ALMEIDA, Robson Luiz Domingues de. *Magia E Milagre: Duelos mágicos no Cristianismo Primitivo*. 115 fl. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.
- ARAUJO, Kellen Christiane Rodrigues de. “*A renúncia sexual pelo reino: a importância da renúncia sexual para a liderança da mulher em atos de Paulo e Tecla*”. 153 fl. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.
- CARDOSO, Patricia Schlithler da Fonseca. “*Voces Magicae: O poder das palavras nos Papiros Gregos Mágicos*”. 244 fl. Faculdade e Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo, 2016.
- CORNELLI, Gabriele. “*É um Demônio!*” *O Jesus Histórico e a Religião Popular*. 232 fl. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.
- LIMA, Albertino da Silva. *Desconstruindo o “Mago” em Simão: o estudo da magia no cristianismo primitivo, uma análise a partir dos atos de Pedro*. 100 fl. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.
- MANGOGNA, Viviane. *Commentario agli Atti di Paolo e Tecla. Composizione e trasmissione di un modello narrativo nel cristianesimo delle origini*, 240 fl. Tesis doctoral Università degli studi di Napoli Federico II, 2006.
- SÁNCHEZ, Ángel Narro. *ORÍGENES Y DESARROLLO DE LA HAGIOGRAFÍA GRIEGA A TRAVÉS DE LA FIGURA DE SANTA TECLA*. Universidad de Valencia. 443 fl. Programa de doctorado, Facultat de Filologia Clàssica, Valencia, 2013.

## ANEXOS

## ANEXO A – SUGESTÃO DE FEITIÇOS DE AMOR TRADUZIDOS

**PGM III. 1-164 - (Sem Título) Ritual do gato para muitas finalidades.**

[Pegue um] gato e [transforme] ele em um esiēs<sup>14</sup> [submergindo] seu corpo na água. Enquanto estiver o afogando, fale [a fórmula] pelas costas [do gato].

A fórmula durante o afogamento [é a seguinte]:

“Venha aqui para mim, você que está no controle da forma de Hélios, você o Deus com cara / de gato<sup>15</sup>, e veja a tua forma ser maltratada pelos [teus] adversários, [eles,] NN, para que você possa se vingar contra eles, e cumprir a ação NN, porque estou te invocando, ó espírito sagrado. Assuma / força e vigor contra seus inimigos, eles, NN, porque estou te conjurando por seus nomes, BARBATHIAÕ BAINCHÕÕCH NIABÕAITHABRAB SESENGENBARPHARARGËS... PHREIMI; levante-se para mim, ó deus com cara de gato, e execute a ação NN” (acrescente o habitual).

/ Pegue o gato e faça [três] lâminas, uma para o ânus; um para... e outra para a garganta; e escreva a fórmula [relativa à] ação em uma folha limpa de papiro, com cinábrio [tinta], e [então os nomes das] bigas e dos quadrigários, as placas das bigas / e os cavalos de corrida. Enrole isso ao redor do corpo do gato e enterre-o.

Acenda sete lâmpadas sobre [7] tijolos crus e faça uma oferta, fumigando goma de estorax nelas, e esteja de bom ânimo. / Pegue o corpo [e preserve-o] confinando-o em uma tumba ou em um local de sepultamento... com cores,... enterre... olhando para o nascer do sol, despeje (?) ... dizendo:

“Anjo,... [SEMEA], ctônico / ... senhor (?), conceda [segurança?], ... ò ctônico, [na] corrida de cavalos, IAKTÕRË; segure... contenha..., PHÖKENSEPSEUARE [KTATHOUMISONKTAI], para mim, o espírito... o daimon [do] lugar... / e que a [ação do NN] venha para mim imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente, porque eu conjuro você, neste lugar e neste momento, pelo deus implacável... THACHÕCHA EIN CHOUCHEÕCH, e pelo grande deus ctônico, / ARIÖR EUÖR e pelos nomes que se aplicam a você; execute a ação NN” (adicione o habitual).

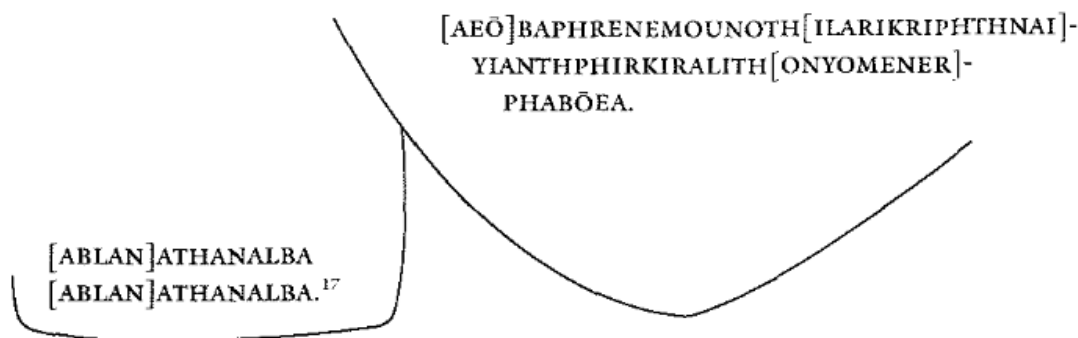
Então pegue a água em que o afogamento ocorreu, e borrife [no] estádio ou no local onde você está realizando [o rito].

A fórmula a ser dita, enquanto você borrifa a água do afogamento, é a seguinte: “Clamo a você, Mãe de todos os homens, / você que reuniu os membros de Meliouchos, até o próprio Meliouchos, OROBASTRIA NEBOUTOSOUALËTH, a que aprisiona, Senhora dos cadáveres, Hermes, Hécate, [Hermes?], Hermekate, LETH AMOUMAMOUTERMYÖR; Eu conjuro você, o daimon que foi despertado neste lugar, / e você, o daimon do gato que foi dotado de espírito; venha a mim neste mesmo dia e a partir deste momento e realize para mim a ação NN” (adicione o habitual, o que você quiser), “CHACHBACHYCH BACHACHYCH BACHAXICHYCH BAZABACHYCH BAIACHACHYCH BAZËTÖPHÖTH / BAINCHÕÕCH ANIBÕÕ CHÖCHE ... PHIÖCHEN GËBRÖCHTHO MYSAGAÖTH CHEÖÖ ... Ö SABAÖTH EULAMOSI ËËLAXOCH ...” ... THACHÕCH] AXIN CHOUCHEÕCH”.

Nas [1ª e 3ª folhas de metal] que você deve usar para a conjuração, deve haver o seguinte: “IAEÖ” /

<sup>14</sup> ESIËS: Termo não encontrado.

<sup>15</sup> A deusa abordada aqui é Sekhmet-Bastet, bem conhecida nos textos mágicos egípcios.



/ Na [segunda] folha de metal; que deve ser colocado [através dos ouvidos], deve haver o seguinte: "TREBA ABERAMENTHOOUTHLEAEXANAXETHRELTHYOOETHNEMA REBA "/ (na forma de um coração, como um cacho de uvas).

Figura esquelética direita:



[Figura esquelética esquerda]:



"IŌ ERBĒTH IŌ PAKERBĒTH IŌ BOLCHOSĒTH IŌ APOMPS IŌ PATATHNAX IŌ AKOUBIA IŌ SĒTH PHŌKENSEPSEU-AREKTATHOUMISAKTAI, realize a ação NN "(adicione o habitual, o que você quiser).

"Eu conjuro você, o anjo poderoso e potente deste animal, neste lugar; desperte-se para mim e realize a ação NN, ambos neste mesmo dia e em todas as horas e dias; desperte-se / por mim contra meus inimigos, NN, e execute a ação "(adicione o habitual),"Pois eu o conjuro por IAŌ SABAŌTH ADŌNAI ABRASAX, e pelo grande deus IAEŌ" (fórmula), "AEĒIOYO ŌYOIĒEA CHABRAX PHNESKER PHNESKĒR PHYKO PHNYRO PHŌCHŌ BŌCH / ABLANATHANALBA AKRAMMACHAMARI SESENGENBARPHARANGĒS MITHRA NAMAZAR ANAMARIA DAMNAMENEU CHEU CHTHŌ [NIE] "THORTOEI, sagrado rei , o marinheiro, [quem conduz] o leme do senhor deus. Desperte [você mesmo] para mim, grande cara de gato, o condutor do leme [de Deus], realize o ato NN (adicione o habitual), a partir deste dia / imediatamente; imediatamente, rapidamente, rapidamente. Realize para mim a ação NN (adicione o habitual, o quanto quiser), o poderoso Seth-Typhon e aja ilegalmente através de sua força e derrube a ação NN neste lugar ... [nesta mesma hora?], como ordeno sua imagem, / pois eu conjuro você, MASKELLI MASKELLO (fórmula). Realize isto para mim, a ação NN, em virtude de sua aparência, espírito da cara de gato; realize para mim a ação NN (adicione o habitual) e o que está escrito a seguir

"(adicione seus pedidos adicionais)". Prossiga em direção ao pôr do sol<sup>16</sup> e, / segurando os bigodes, do lado direito e esquerdo, do gato como um filactério, complete o ritual dizendo esta fórmula a Hélios.

Fórmula: "Pare, pare o barco sagrado, timoneiro do barco sagrado! Até você, Meliouchos, / Vou amarrar suas amarras, até conversar com o sagrado Hélios. Sim, grandioso Mitra, NAMAZAR ANAMARIA DAMNAMENEU CHEU CHTHÔNIE THONTOEI, sagrado rei, o marinheiro, aquele que controla o leme do senhor deus, THONTOEI KATHEN KAI MENŌPHRIS ... KMEBAU KERKERYMI, antes / [você alcança] o sudoeste do céu, antes de [chegar ao anoitecer?] em fuga das ofensas cometidas contra você. Ouça-me enquanto eu oro a você, para que você possa realizar a [ação] NN, porque eu o invoco pelos seus nomes BARBARATHAM CHIELOUBRAM / BAROUCH [AMBRA] SESENGENBARPHARANGĒS AMPHI MIOURI ... MIN. Realize a ação NN "(adicione o habitual, o que você deseja)", pois são essas mesmas pessoas que maltrataram sua sagrada imagem, eles que maltrataram [o sagrado] barco, / portanto para mim ..., para que você possa lançar sobre eles a ação NN (acrescente a habitual). Porque eu clamo por você, IŌ ERBĒTH [IŌ] PAKERBĒTH IŌ BOLCHOSĒTH IŌ APOMPS IŌ PATATHNAX IŌ AKOUBIA IŌ ABERAMENTHŌOLERTHEXANAXETHRELTHYOŌTHNEMAREBA. Realize a ação NN (adicione o usual), Eu o conjuro na língua hebraica / e em virtude da Necessidade dos que necessitam MASKELLI MASKELLŌ. Realize isso para mim e destrua e devaste ao amanhecer que se aproxima e deixe que a ação NN lhes aconteça "(adicione o habitual, o que você quiser)", imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente. Agradável seja a sua consolidação!

Quando você chegar ao local / em que está realizando o ritual, então, segurando os longos bigodes do gato, tanto do lado direito quando os do lado esquerdo, como um filactério, percorra por toda essa fórmula para Hélios em sua ascensão.

Fórmula: "Venha para mim, ó grandioso no céu, para qual o céu se tornou lugar de dança, / SATIS PEPHŌOUTH HŌRA, OITCHOU; por Necessidade, Realiza para mim a ação NN, EĪ LAANCHYCH AKARBĒN LAAR MENTHRĒ SENEBECHYCH, você que ama a profecia, com rosto dourado, brilhando ouro / brilhando com fogo à noite, valente, valente governante do mundo, que brilha de madrugada, que se põe no oeste do céu, que se ergue do leste, SL ... IX, "em forma de círculo, o que corre até o meio-dia e permanece na Arábia, MOURŌPHO" / EEMPHE ... IR, o mensageiro da luz sagrada, o círculo de fogo, PERTAŌMĒCH PERAKŌNCHMĒCH PERAKOMPETHŌAK KMĒPH, o sol brilhante, que brilha por todo o mundo habitado, que cavalga sobre o oceano, PSOEI Ō PSOEI Ō PNOUTE NENTĒR TĒROU; / Eu te conjuro pelo Ovo.<sup>17</sup> Eu sou Adão, o antepassado; Meu nome é Adão. Realize para mim a ação NN, porque eu o conjuro pelo deus IAŌ, pelo deus ABAŌTH, pelo deus ADŌNAI, pelo deus MICHAĒL, pelo deus SOURĪĒL, pelo deus GABRIĒL, pelo deus RAPHAĒL, / pelo deus ABRASAX ABLATHANALBA AKRAMMACHARI, pelo deus senhor, IAIŌL, pelo deus senhor deus CHABRA (CH) PHNESKĒR PHICHRO PHNYRO PHŌCHOBŌCH AEĒIOYO ŌYOIĒEA; você que ilumina o dia, NETHMOMAŌ; a criança / aquele que ascende, OROKOTOTHRO, aumentador de fogo e de muita Luz, SESENGENBARPHARAGGĒS. Vinde a mim, ouça [a mim], mais do que apenas um de todos, servo da verdade, instituidor da justiça; Eu sou aquele a quem você conheceu e

<sup>16</sup> Uma referência a um lugar onde o pôr do sol pode ser visto.

<sup>17</sup> Para o sol como um ovo, cf. PGM XIL 100 - 106. No ovo cósmico, ver J. Bergman, *Isis-Seele und Isis-Ei* (Uppsala: Almqvist e Wiksell, 1970) 73 - 102; Morenz, *Egyptian Religion* 177 - 79 [R.K.R.] - (Betz, 1986, p.22 - tradução nossa)

concedeu conhecimento e expressão sagrada de seu grandioso nome, pelo qual você controla / todo o mundo habitado; realize para mim a ação NN "[(adicione o habitual)].

Este é o ritual do gato, [adequado] para qualquer propósito ritual: um encanto para conter os quadrigalhos em uma corrida, um encantamento para enviar sonhos, um encantamento de amarração de amor e um encanto para causar separação e inimizade.

\* Tr.: J.M.Dillon. Esse é um feitiço elaborado, um encantamento adequado para vários propósitos (todos os quais são formas de magia maliciosa), é apresentado com referência especial ao seu uso em corridas de bigas; entende-se, no entanto, que as funções adicionais, como declaradas no final do feitiço, também são úteis para o praticante, desde que ele forneça nos locais necessários as solicitações apropriadas.

(BETZ, 1986, p.20 - tradução nossa)

#### **PGM IV. 94-153 - (Sem Título) Feitiço de amor de atração.**

\* Isis é aquela que vem da montanha ao meio-dia no verão, a donzela empoeirada; seus olhos estão cheios de lágrimas e seu coração está cheio de suspiros.

Seu pai, Thoth o grande, veio a ela e perguntou-lhe: “Ò minha filha Isis, donzela empoeirada, por que seus olhos estão cheios de lágrimas, seu coração cheio de suspiros, e (a...) sua roupa suja? [Ponha fim] nas lágrimas de seus olhos!”

Ela disse (a ele), “ele não está comigo,<sup>18</sup> Ò meu pai, Ape Thoth, Ape / [Thoth], meu Pai. Eu tenho sido traída pela minha companheira feminina. Eu descobri [um] segredo: Sim, Néftis está a ter relações sexuais com Osíris... o meu irmão, filho da minha própria mãe”.

Ele disse a ela: “Observe, este um é adultério contra ti, ó minha filha Isis”.

Ela [disse] a ele: “É adultério contra você, ó meu pai, / [Ape] Thoth, Ape Thoth, meu pai; É gravidez conveniente para mim mesma.”

Ele disse a ela: “Levanta-te, ó minha filha Isis, e [vá] para o sul para Tebas, ao norte de Abydos. Há... aqueles que pisam (?) lá. Tome para si mesmo Belf filho de Belf, [aquele cujo] pé é de bronze e cujos calcanhares são de ferro, / [que] ele forjara para você um prego de ferro duplo com uma... cabeça, uma base fina, uma ponta forte, e de ferro leve. Traga-o diante de mim, mergulhado no sangue de Osíris, e entregue-o; (?) nós ... esse mistério (?)queime para mim”.

“/Cada chama, cada cozimento, cada aquecimento, cada vapor, e cada transpiração que você [masc.] causará neste fogão de chamas, você causará no coração, no fígado, [na] área do umbigo, e na barriga de NN a quem NN deu a luz, até eu trazê-la para a casa de NN a quem NN deu a luz e ela colocará o que há em / sua mão na minha mão, o que está em sua boca na minha boca, o que está em sua barriga na minha barriga, o que está em suas partes femininas em minhas partes masculinas, rapidamente, rapidamente; imediatamente, imediatamente”. Levanta-te para os reis de Alchah,<sup>19</sup> fale a verdade (?) em Oupōke, desperte o deus [depois] NN a quem NN deu a luz, e eu vou mandá-la / para estar com NN a quem NN deu a luz. Pois eu sou TO filho de TO, eu sou o Grande filho do Grande; Eu sou Anúbis, que carrega a coroa gloriosa de Re e coloca sobre o rei Osíris, rei Osíris Onnophris,... que desperta toda a terra, que você possa despertar o coração de NN / a quem NN deu a luz, para que eu possa saber o que tem para mim em seu coração, para NN a quem NN deu a luz, neste dia”.

Se uma quantidade grande de saliva se formar na sua boca enquanto você fala, entenda que ela está angustiada<sup>20</sup> e quer falar com você; se você bocejar com frequência

<sup>18</sup> Ou “Não é da minha conta”.

<sup>19</sup> Alchah (Em egípcio <rq-hh, “Alxai”) e Oupoke (em egípcio, w-pkr) são lugares sagrados em Abydos. Alchah indica o cemitério onde a múmia de Osíris foi enterrada. (Betz, 1986, p.39 – tradução nossa)

<sup>20</sup> Ou “apaixonada.”

ela quer / chegar até você. Mas se você espirrar duas vezes ou mais, ela está em boa saúde<sup>21</sup> e está voltando para onde ela vive; se você tem uma dor de cabeça e está chorando, ela está angustiada<sup>22</sup> ou até mesmo morrendo.

Eleve-se para o céu, e desperte o Altíssimo [masc.] depois a Nobre [fem] Eleve-se para o abismo, e desperte Thoth depois de Nabin; Desperte / coração destes dois touros, Hapi e Mnevis; desperte o coração de Osíris depois de Isis; desperte Re depois da Luz; desperte o coração de NN a quem NN deu a luz, depois NN quem NN deu a luz”.

[Diga] essas coisas em nome das mulheres. Mas quando [você está falando] sobre as mulheres / então fale, inversamente, de modo a despertar as fêmeas depois os machos:

“Quando ela bebe, quando ela come, quando tem relações sexuais com outra pessoa, eu vou enfeitiçar seu coração, eu vou enfeitiçar o coração dela, eu vou enfeitiçar sua respiração, eu vou enfeitiçar / seus 365 membros, vou enfeitiçar sua parte interna... o que eu desejar, até que ela venha a mim e eu saber o que está em seu coração, [o que] ela faz, e em que ela pensa, rapidamente, rapidamente, imediatamente, imediatamente.

\*Tr M W Meyer

(BETZ, 1986, p.39 - tradução nossa)

#### **PGM IV. 296-466 - Feitiço maravilhoso para amarrar de um amante**

Feitiço maravilhoso para amarrar um amante: Pegue cera [ou argila] de uma roda de oleiro e faça duas figuras, um macho e uma fêmea. Faça o macho na forma de Ares totalmente armado, segurando uma espada / em sua mão esquerda e ameaçando perfurar o lado direito do pescoço dela. E faça ela com os braços atrás das costas e de joelhos. E você deve prender o material mágico em sua cabeça ou pescoço. Escreva sobre a figura da mulher que está sendo atraída da seguinte forma: Na cabeça: “ISEË IAÕ ITHI OUNE BRIDÕ LÕTHIÕN NEBOUTOSOUALËTH” Na orelha direita: “OUER MËCHAN”; Na orelha esquerda: “LIBABA ÕIMATHOTHO”; No rosto: “AMOUNABREÕ”; No olho direito: / “ÕRORMOTHIO AËTH”; No outro: “CHOBOUE”; No ombro direito: “ADETA MEROU”; No braço direito “ENE PSA ENESGAPH”; No outro “MELCHIOU MELCHIEDIA”: Nas Mãos “ / “MELCHAMELCHOU AËL”; No peito: O nome da mãe da mulher que está sendo atraída; No coração: “BALAMIN THÕOUTH”; E abaixo na parte inferior do ventre: “AOBËS AÕBAR”; Sobre as partes íntimas: “BLICHIANEOI OUÕIA”; Nas nádegas: “PISSADARA”; Sobre / a sola do pé direito: “ELÕ”; Na outra sola: “ELÕAIAOE”.

E pegue treze agulhas de cobre e espete 1 no cérebro dizendo, “Eu estou perfurando seu cérebro, NN”; E espete 2 nos ouvidos, e 2 nos olhos, e 1 na boca, e 2 / no diafragma, e 1 nas mãos, 2 nas partes íntimas, e 2 nas solas, dizendo a cada vez, “Estou perfurando tal e tal membro dela, NN, para que ela não se lembre de ninguém além de mim, NN, somente”.

E pegue uma lâmina de chumbo e escreva o mesmo / feitiço e recite-o. E amarre a folha de chumbo às figuras com fio do tear depois de fazer 365 nós, enquanto diz, como você aprendeu, ‘ABRASAX, amarre-a rápido!’. Você coloca isso, enquanto o sol está se pondo, ao lado do túmulo de alguém que morreu prematuramente ou violentamente, coloque também as flores da estação.

O feitiço a ser escrito / e recitado é: “Eu confio este feitiço de amarração a você, deuses ctônicos, HYESEMIGADÕN e KORË PERSEPHONE ERESCHIGAL e ADONIS o BARBARITHA, infernal HERMES THÕOUTH PHÕKENTAZEPSEU AERCHTHATHOUMI / SONKTAI KALBANACHAMBRË e poderoso ANUBIS PSIRINTH, que possui as chaves de Hades, para deuses infernais e daimons, para homens

<sup>21</sup> Ou seja, “não afetada” pelo feitiço de amor.

<sup>22</sup> Ou “apaixonada.”

e mulheres que morreram mortes prematuras, para jovens e donzelas, de ano para ano, mês a mês, dia a dia, / hora a hora. Eu conjuro todos os daimons neste lugar para ficar como assistentes ao lado deste daimon. E despertai-vos por mim, seja quem for, seja macho ou fêmea, e vá a cada lugar, a cada bairro e a cada casa, e atraia e amarre-a. Atraia-a, NN, quem NN deu a luz e cujo material mágico você possui. Que ela se apaixone por mim, NN a quem ela, NN deu a luz. Não deixe que ela seja tida de maneira promiscua, não deixe que ela não seja tida em sua bunda, nem deixe que ela não faça nada com outro homem por prazer, somente comigo, NN, para que ela, NN, seja incapaz de beber ou comer, para que ela não / se contente, não seja forte, não tenha paz de espírito, que ela, NN, não encontre sono sem mim, NN, porque eu te conjuro pelo nome que causa medo e tremor, o nome cujo o som a terra se abre, o nome cujo o som aterrorizante os daimons são amedrontados, / o nome cujo o som rios e pedras estouram em pedaços. Eu te conjuro, deus dos mortos, seja macho ou fêmea, por BARBARITHA CHENMBRA BAROUCHAMBRA e por ABRAT ABRASAX SESENGEN BARPBARANGGÊS e pelo glorioso AÕIA / MARI e por MARMAREÕTH MARMARAUÕTH MARMARAÕTH MARECHTHANA AMARZA MARIBEÕTH; Não deixe, deus dos mortos, de ouvir os meus comandos e nomes, mas apenas desperte-se do repouso que te segura, / quem quer que seja, seja homem ou mulher, e vá a cada lugar, a cada quarteirão, em todas as casa, e atrai-a, NN, para mim e com um feitiço impeça-a de comer e beber, e não permita que ela, NN, aceite por prazer a investida de outro homem, nem mesmo a de seu próprio marido, apenas as minhas, NN. Em vez disso, arraste-a, NN, pelos cabelos, pelo seu coração, pela sua alma, para mim, NN, por cada hora da vida, dia e noite, até que ela venha a mim, NN, e que ela, NN, permaneça / inseparável de mim. Faça isso, amarre-a por todo o tempo da minha vida e ajude a força-la, NN a ser útil para mim, NN, e não deixe que ela alegre longe de mim nem uma hora de vida. Se você conseguir isso para mim, eu lhe permitirei rapidamente seu repouso. / Pois eu sou BARBAR ADÕNAI, que esconde as estrelas, o brilhante que controla o céu, o senhor do mundo, ATHTHOUIN IATHOUIN SELBIOUÕTH AÕTH SARBATHIOUTH IATHTHIERATH ADONAI IA ROURA BIA BI BIOTHÊ ATHÕTH / SABAÕTH ÊA NIAPHA AMARACHTHI SATAMA ZAUATHTHEIE SERPHO IALADA IALE SBESI IATHTHA MARADTHA ACHILTHTHEÊ CHOÕÕ OÊ ÊACHÕ KANSAOSA ALKMOURI THYR THAÕOS SIECHÊ. Eu sou THOTH OSÕMAI; / Atrai-a, amarre-a, NN, cheia de amor, desejo e anseio por NN (acrescenta o costume), porque eu te conjuro, deus dos mortos, pelos temerosos, grandioso IAEÕ BAPH RENEMOUN OTHI LARIKKIPHIA EYEAI PHIRKIKALITHON YOMEN ER PHABÕEAI, / De modo que você atrai-a, NN, para mim e junte cabeça a cabeça, e una o lábio ao lábio, e junte a barriga à barriga, e puxe a coxa perto da coxa, e encaixe preto junto com preto, e deixe que ela, NN, realize seu próprio ato sexuais comigo, NN, por toda a eternidade. Em seguida, escreva no outro lado da lâmina o coração e os caracteres como estão abaixo:

“IAEÖBAPHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPHABÖEAI	
AEÖBAPHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPHABÖEA	
AÖ	EÖBAPHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPHABÖE III
EA	ÖBAPHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPHABÖ OEÖ
IÖ	BAPHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPHAB OIEE
YO	APHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPHA OEYI
IO	PHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPHA OEYY
OE	PHRENEMOUNOTHILARIKRIPIHIAEYEAIPHIRKIRALITHONYOMENERPH IAYY
IÖAE	YYAA
EOËI	OIII
YAOU	YAEI
IAÖI	EÖAY
AËAE	OOYI
ËIOI	ËËEA
ÖIYA	AAIA
AÖOE	IIIÖ
YIÖË	EEAÖ
EOAÖA	ËËAÖ
YAYA	ËËËË
IOËIË	OAËI
IAÖI	ËIYI
AOAO	ËËOI
YYOI	YAAI
	ËËIA
	AAÖÖ”

Oração que pertence ao procedimento: Ao pôr do sol, segurando / o material mágico do túmulo, diga:

“Nasça nas brisas dos ventos errante, Hélios, de cabelos dourados, que maneja a chama Incansável fogo, que se voltam em altos caminhos Ao redor do grande pólo, que criou todas as coisas Você mesmo que novamente reduz a nada, / De quem, de fato, todos os elementos foram Arranjados de acordo com suas leis que nutrem todo O mundo com seus quatro pontos de viragem anuais. Ouça, abençoado, pois eu chamo você que governa Céu e terra, Caos e Hades, onde Habitam os daimons dos homens que uma vez contemplaram a luz, / E ainda agora lhe imploro, abençoado, Infalível, o mestre do mundo, Se você for para as profundezas da terra e procurar As regiões dos mortos, envie este daimons, De cujo corpo eu seguro este remanescente em minhas mãos, A ela, NN, à meia-noite, Para mover pela noite a ordem sob sua força, / Que tudo que eu quero do fundo do meu coração ele possa Realizar para mim; e envie-o gentilmente, gracioso E ponderando sem pensamentos hostis em relação a mim, E não fique zangado com meus potentes cânticos, Pois você mesmo, arranjou estas coisas entre a Humanidade para que aprendam sobre os fios de Moirai, e isso com o seu conselho. / Eu chamo seu nome, Hórus, que é em número Equivalente aos dos Moirai, ACHAIPHÖ THÖTHÖ PHIACHA AIË ËIA IAË ËIA THÖTHÖ PHIACHA. Seja gentil comigo, antepassado, descendente de o Mundo, auto gerado, portador do fogo, brilhante como o ouro, brilhando sobre os mortais, mestre do mundo, / daimon do fogo agitado, infalível, com disco de ouro, enviando terra pura luz em raios. Envie o daimon, a quem eu pedi, para ela, NN” (adicione o usual).

Em uma outra versão, o nome é: “ACHAI PHÖTHÖTHÖ AIË ËIA IAË ËIO THÖ THÖ PHIACHA” / Em outra é “ACHAI PHÖTHÖTHÖ AIË IËA ËAI IAË AËI ËIA ÖTHÖTHÖ PHIACHA”.

\*Tr E. N. O’Neil.

(BETZ, 1986, p.44 – tradução nossa).

**PGM IV. 1265-74 - Nome de Afrodite (feitiço de amor)**

\*O nome de Afrodite, que não se torna conhecido a ninguém rapidamente é NEPHERIERI - Este é o nome. Se você deseja conquistar uma mulher que é bela, seja puro por 3 dias, faça uma oferenda de incenso, / e invoque este nome sobre a oferenda. Você se aproxima da mulher e diz isso sete vezes em sua alma enquanto você a olha fixamente, e desta forma terá sucesso. Mas faça isso por 7 dias.

\*TL.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.62 - tradução nossa).

**PGM IV. 1390-1495 - Feitiço de amor de atração.**

\*Feitiço do amor para atração realizado com a ajuda de heróis ou gladiadores, ou por aqueles que morreram de morte violenta: Deixe um pouco do pão que você come; quebre-o formando sete pedaços pequenos do tamanho da mordida. E vá para onde os heróis, gladiadores, ou aqueles que morreram de morte violenta foram mortos. / Diga o feitiço para os pedaços de pão e jogue-o sobre o local. Pegue um pouco de terra poluída do local onde você realizou o ritual e jogue-o no interior da casa da mulher que você deseja, e vá para casa dormir.

O feitiço que é dito sobre os pedaços de pão é a seguinte:

“Para Moirai, Destinos / Malignidades, Para fome, ciúme, para àqueles que Morreram prematuramente e aqueles que morreram violentamente, Eu estou enviando alimentos: Deusa de três cabeças, Senhora da Noite, que se alimenta de sujeira, ó virgem, Portadora da chave Persephassa<sup>23</sup>, Kore fora de Tártaro, olhos sombrios, terrível, criança cingida / com serpentes ardentes, ele, NN, tem misturado com lágrimas e amargos gemidos, sobras de sua própria comida, para que vocês, Ó heróis infelizes, que estão confinados lá no lugar NN, podem trazer sucesso para aquele que é assediado com tormentos. Vocês que já deixaram a luz, Ó vocês, infelizes, tragam sucesso para ele, NN, que está angustiado do coração, por causa dela, NN, ímpia e profana.

Então, traga-a assolada com tormento - e depressa!

EIOUT ABAŌTH PSAKERBA ARBATHIAŌ LALAOITH / IŌSACHŌTOU  
ALLALETHŌ

E você também, Senhora, que se alimentam de sujeira

SYNATRAKABI BAUBARABAS ENPHNOUN MORKA EKESCHIGAL NEBOUTOSOUALĒTH, e envia o Erinys ORGOGORGONIOTRIAN, quem desperta com fogo almas dos mortos, heróis desafortunados, heroínas desafortunadas, que neste lugar, que neste dia, que nesta hora, que nos caixões de Myrtlewood<sup>24</sup>, Atenda-me e desperte / ela, NN, nesta noite, e de seus olhos remova seu doce sono, E cause nela mal cuidado e terrível dor, faça com que ela siga os meus passos, e / por minha vontade, dê a ela um entusiasmo. Até que ela faça o que eu mando. Ó Senhora Hékate PHORBA PHORBŌBAR BARŌ PHORPHŌR PHŌRBAI

Ó Senhora do cruzamento, ó Cadela Preta.

Quando você tiver feito / essas coisas por 3 dias e não conseguir nada, então use este feitiço forte: basta ir para o mesmo lugar e novamente realizar o ritual dos pedaços

<sup>23</sup> Forma poética de Perséfone (Betz, 1986, p.65 – tradução nossa)

<sup>24</sup> MYRTLEWOOD: Nome latino: Umbellularia californica é um arbore nativo de folhas largas sempre-verdes do sudoeste do Oregon e do noroeste da Califórnia. A bacia do rio Umpqua parece ser o limite norte de seu habitat nativo. A árvore murta cresce 60-120 cm na natureza. Ao crescer ao ar livre, tende a ter uma forma densa e arredondada, em forma de goma. As folhas são frequentemente usadas na culinária como substituto do True Bay (Lauris nobilis) e também são apontadas como repelentes de pulgas quando recém esmagadas. (<https://www.biodiversitylibrary.org>). Acessado em 15/01/2019.

de pão. Então, sobre cinzas de linho, ofereça esterco / de uma vaca preta e diga isto, e novamente pegue a sujeira poluída e jogue-a como você aprendeu.

As palavras proferidas sobre a oferenda são as seguintes:

“Ctônico Hermes e ctônico Hékate e ctônico Acheron<sup>25</sup> e ctônico / carnívoros e ctônico deus e ctônico Amphiaraios e ctônico serventes e ctônico espírito e ctônico pecados e ctônico sonhos / e ctônico juramentos e ctônico Ariste e os ctônico Tártaros e ctônica bruxaria, ctônica Caronte e as ctônica escoltas e os mortos e os daimons e almas de todos os homens: / Venha hoje, Moirai e Destino; Realize o propósito com a ajuda do feitiço de amor de atração, que você possa atrair ela para mim, NN cuja mãe é NN, para mim NN, cuja mãe é NN (adicionar o usual), porque eu estou chamando. Ó primitivo Caos, / Erebos, e você Ó água horrível de Styx, Ó riacho, Ó Lethe, Hades’ Acherousian lagoa, Ó Hékate e Plutão e Kore, e ctônico Hermes, Moirai, Punições, Ambos Acheron e Aiakos<sup>26</sup>, / porteiro eterno das barreiras, agora abra rapidamente, Ó tu, Portador das chaves, guardião, Anúbis. Envia para mim os fantasmas dos mortos imediatamente, para servir nesta mesma hora. / Para que eles possam ir e atrair para mim, NN, ela, NN, cuja mãe é NN “(adicionar o habitual)”.

“Isis<sup>27</sup> veio, segurando sobre seus ombros, seu irmão que é seu companheiro de cama<sup>28</sup>, e Zeus desceu do Olimpo e ficou esperando os fantasmas / dos mortos enquanto eles estavam sendo conduzidos a ela, NN, e estavam realizando o assunto NN (adicione o usual). Todos os deuses imortais e todas as deusas vieram ver os fantasmas desses mortos. Portanto, não adie; / Não demore, mas envie, ó deuses, os fantasmas destes mortos, de modo que tenha ido para ela NN eles podem realiza o NN (acrescentar o costume) porque eu vos conjuro por: IAŌ / SABAŌTH e ADŌNAI PATRAXILYTRA BOURREPHAŌMI ASSALKE AIDOUNAX SESENGEN (fórmula) BALIABA ERECHCHARNOI ABERIDOUA SALBACKTHI EISEKSE / RATHŌ EISERDA ŌMI SISIPHNA SISAEDOUBE ACHCHARITŌNĒ ABERIPHNOUBA IABAL DENATHI ITHKOUPHI. Envie os fantasmas destes mortos para ela NN / cuja mãe é NN, para que eles possam realizar a ação NN” (adicionar o habitual).

\* Tr. E. N. O’Neil.

(BETZ, 1986, p.64 - tradução nossa).

#### PGM IV. 1496 -1595 - Feitiço de amor de atração.

\*Feitiço de atração do amor sobre a mirra que é oferecida: Enquanto a oferece sobre carvões, recite o feitiço.

Encantamento: “Você é Mirra, a amarga, a difícil, a que reconcilia / combatentes, a que queima e que obriga aqueles a amar, a que não reconhece Eros. Todo mundo a chama de Mirra, mas eu te chamo de Comedora de carne e / Inflamadora de coração. Não estou enviando você para longe da Arábia; Não estou te enviando para Babilônia, mas eu estou te enviando para ela NN, cuja mãe é NN, para que você possa me servir na missão, para que / você possa a atrair para mim. Se ela está sentada, não deixe que ela fique sentada; Se ela está conversando com alguém, não a deixe continuar conversando; Se ela

<sup>25</sup> O nome Acheron refere-se ao mítico rio ou mar do submundo. Há também uma conexão com o rio Acheron em Epiro, onde o famoso oráculo de Ephyra estava localizado. (Betz, 1986, p.65 – tradução nossa)

<sup>26</sup> Aikos era um dos juízes do submundo, junto com Minos e Radamanthys. (Ibid, p.66 – tradução nossa)

<sup>27</sup> Essas linhas, que contêm vestígios de hexâmetros dactílicos, foram dispostas em um padrão estranho de verso e aceitas como o Hino reconstruído 27; ver Preisendanz, vol. II, p. 264. No entanto, a tradução é prosaica porque as linhas não têm mais um padrão métrico do que muitas outras passagens espalhadas por esses documentos. [E.N.O.] (Ibid, p.66 – tradução nossa)

<sup>28</sup> Isso despertou desejo dentro do morto Osíris e por ele concebeu Hórus. [R.K.R.] (Ibid, p.66 – tradução nossa)

está olhando para alguém, não deixe que ela fique olhando; Se ela está indo para alguém, que ela não continue; Se ela está caminhando, não deixe que ela / continue caminhando; Se no local está bebendo, Que ela não continue bebendo; Se ela está comendo, que ela não continue comendo; Se ela está beijando alguém, não deixe que ela continue beijando-o; Se ela está desfrutando de algum prazer, que ela não continue desfrutando disso; Se ela está dormindo, não deixe-a continuar dormindo. Em vez disso, deixe que ela me mantenha / NN único em sua mente; Que ela deseje somente a mim; Que ela ame somente a mim; Deixe-a fazer todos os meus desejos. Não entre através de seus olhos, nem através de seu lado, nem através de suas unhas / nem mesmo através do umbigo ou através do seu quadril, mas sim através de sua “alma”. E permaneça em seu coração e queime suas entranhas, seu peito, seu fígado, / sua respiração, seus ossos, sua medula, até que ela venha para mim NN, me amando, e até que ela cumpra todos os meus desejos, porque eu conjuro você, Mirra, pelos três nomes, ANOCHÔ ABRASAX TRÔ, e pelos nomes mais coercivos e mais fortes KORMEIÔTH IAÔ SABAÔTH ADÔNAI, para que possa cumprir as minhas ordens, Mirra. Assim como eu te queimo e você está poderoso, assim queime no cérebro dela, NN, quem eu amo. Inflame ela e vire as entranhas para fora, / sugue o sangue gota a gota, até que ela venha para mim, NN, cuja mãe é NN. Eu o conjuro pelo MARPARKOURITH NASAARI NAIEMARE PAIPARI / NEKOURI. Eu te atiro ao fogo que queima e te conjuro pelo deus todo-poderoso que vive para sempre: Te conjurei, e agora eu também te conjuro, ADÔNAI BARBAR IAÔ ZAGOURÊ HARSAMÔSI ALAOUS e SALAÔS.

Eu conjuro a você que fortalece o homem para a vida: Ouça, ouça, / grande deus, Adonaios, ETHYIA, autogerado, eterno deus, EIÔE IAÔ AIÔ AIÔ PHNEÔS SPHINTES ARBATHIAÔ IAÔ IAË IÔA / AI, quem é OUËR GONTHIAÔR RARAËL ABRA BRACHA SOROORMERIPHERGAR MARBAPHRIOURIGX IAÔ SABAÔTH MASKELLI / MASKELLÔ (A fórmula) AMONSÔE ANOCH RIGCH PHNOUKENTABAÔTH SOUSAE PHINPHESECH MAPHI / RAR ANOURIN IBANAÔTH AROUËR CHNOUPH ANOCH BATHI OUCH IARBAS BABAUBAR ELÔAI; Atraia-a para mim NN, cuja mãe é NN, para mim / NN, cuja mãe é NN, no mesmo dia, nesta noite, nesta mesma hora, MOULÔTH PHOPHITH PHTHÔITH PHTHÔYTH PENIÔN. Eu invoco você também que comanda o fogo, PHTHAN ANOCH; Escuta-me, ó único, unigênito, MANEBIA BAIBAI CHYRIRÔOU THADEIN ADÔNAI EROU NOUNI/ MIÔÔNCH CHOUTIAI MARMARAUÔTH. Atraia-a, NN, cuja mãe é NN, para mim NN, cuja mãe é NN, agora, agora; Imediatamente, imediatamente; Rapidamente, rapidamente”.

E diga também o feitiço para todas / ocasiões.

\* Tr. E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.67 - tradução nossa).

#### **PGMIV. 1716-1870 - Espada de Dardanos (Feitiço de amor)**

\*Espada de Dardanos: Rito que é chamado de “espada”, que não tem igual por causa de seu poder, pois isto imediatamente submete e atrai a alma de quem você desejar. / Enquanto você diz o feitiço, diga também: “Estou submetendo à minha vontade a alma dele NN”.

Pegue uma pedra magnética que é verdadeira e esculpa Afrodite sentada cavalgando em Psique / e com a mão esquerda segurando o cabelo preso em cachos. E acima de sua cabeça: “ACHMAGE RARPEPSEI”; e abaixo / Afrodite e Psique esculpa Eros em pé na abóbada celeste, segurando uma tocha em chamas e queimando Psique. E abaixo de Eros estes / nomes: “ACHAPA ADÔNAIE BASMA CHARAKÔ IAKÔB IAÔ E PHARPHARËI”. Do outro lado da pedra, esculpa Psique e Eros abraçando / um ao

outro e sob os pés de Eros, estas letras: “sssssss” e sob os pés de Psique: “ĒĒĒĒĒĒĒĒ”. Use a pedra, quando esta estiver esculpida e consagrada, / assim: coloque-o embaixo da língua e direcione-o para o que você deseja e diga este feitiço:

“Eu clamo você, autor de toda a criação, que estende suas próprias asas por todo o mundo, você, o inacessível e incomensurável, que inspira em toda alma que dá vida / raciocina, que ajustou todas as coisas pelo seu poder, primogênito, fundador do universo, de asas douradas, cuja luz são trevas, que encobre razoáveis / pensamentos e exala frenesi sombrio, o clandestino, que secretamente habita toda alma. Você gera um fogo invisível / enquanto você carrega todos os seres vivos sem se cansar de torturá-los, ao invés, tendo com prazer encantado com a dor desde o momento em que o mundo surgiu. Você também vem / e traz dor, quem às vezes é razoável, às vezes irracional, por causa de quem os homens ousam além do que é apropriado e se refugiam na sua luz que é a escuridão. / O mais obstinado, sem lei, implacável, inexorável, invisível, sem corpo, gerador de frenesi, arqueiro, portador da tocha, mestre de toda sensação de vida e de tudo clandestino, distribuidor do esquecimento, criador do silêncio, através de quem a luz e para quem a luz propaga, imaturo quando você foi gerado dentro / do coração, o mais sábio quando você prosperou; Eu clamo a você, o impassível à oração, pelo seu grande nome: AZARACHTHARAZA LATHA / IATHAL YYY LATHAI ATHALLALAPH IOIOIO AI AI AI OUIERIEU OIAI LEGETA RAMAI AMA RATAGEL, o que primeiro brilha, que de noite / brilha, alegria da noite, pai da noite, testemunha, ĒREKISITHPHĒ ARARACHARARA ĒRETHISIKĒRE IABEZEBYTH IO profundo , BERIAMBŌ / BERIAMBEBŌ, você no mar, MERMERGOU, clandestino e o mais sábio, ACHAPA ADŌNAIE BASMA CHARAKŌ IAKŌB IAŌ CHAROUĒR AROUĒR LAILAM / SEMESILAM SOUMARTA MARBA KARBA MENABŌTH ĒIIA. Direcione a “alma” dela NN para mim NN, para que ela possa me amar, para que ela sinta paixão por mim, para que ela possa me dar o que está em seu poder. / Deixe que ela me diga o que há em sua alma, porque invoquei o seu grande nome.

E numa folha de ouro inscreva esta espada<sup>29</sup>: “Um THOURIĒL / MICHAĒL GABRIĒL OURIĒL MISAĒL IRRĒL ISTRAĒL: Que seja um dia propício para esse nome e para mim que o conheço e o estou usando. Convoco o imortal / e força infalível de Deus. Conceda-me a submissão de toda alma pela qual eu te invoquei. Dê a folha para uma perdiz engolir / e mate-a. Depois, pegue-a e coloque-a no pescoço depois de introduzir na tira a erva chamada “amor de menino”.

A oferta queimada / que dota Eros e todo o procedimento com alma é esta: maná, 4 doses; estorax, 4 doses; ópio, 4 doses; mirra, [4 doses;] incenso, açafraão, bdella<sup>30</sup>, / meia dose cada. Junte o caro figo seco e misture tudo em partes iguais com o vinho perfumado, e use-o para a execução. Na execução, primeiro faça uma oferta queimada e / use-a dessa maneira.

E há também um ritual para a aquisição de um assistente, que é feito de madeira de uma amoreira. Ele é feito como um Eros alado, vestindo um manto, com o pé direito levantado / para um passo e com um buraco nas costas. No buraco, coloque uma folha de

<sup>29</sup> Veja também em l. 1717. Essa "espada" ou fórmula mágica pode ter esse nome porque as palavras a serem escritas na lamina de ouro deveriam ser gravadas na ponta afiada ou encerrada por uma 'espada'. Para uma folha de ouro mágica com uma espada, veja o fac-símile em S. Rcinach e E. Babclon. (Betz, 1986, p.69 – tradução nossa)

<sup>30</sup> BDELLA: (Ácaro) O gênero Bdella é de longe o mais rico em todas as espécies da família BDELLIDE, cujos membros são especialmente caracterizados por seu bico grande, e frequentemente têm seus palpos geniculados. Os membros dessa família de mitos são predadores, usando suas poderosas mandíbulas quelantes para atacar suas presas. Até o momento, apenas dez espécies desse gênero foram registradas nos Estados Unidos, elevando esse número às treze conhecidas em nosso país. (<https://www.biodiversitylibrary.org/page/3073636#page/134/mode/1up>). Acessado em 15/01/2019.

ouro depois de escrever com uma caneta de cobre forjada a frio, o nome do fulano [e]: “MARSABOUTARTHE - seja meu / assistente, defensor e emissor de sonhos”.


Vá tarde da noite para a casa [da mulher] que você quer, bata na porta dela / com o Eros e diga: “Eis que ela NN reside aqui; portanto, fique ao seu lado e, depois de assumir a semelhança do deus ou daimon a quem ela adora, diga o que proponho”. E vá para sua casa, ponha a mesa, estenda um pano de linho puro e flores da estação e coloque a figura sobre ela. Em seguida, faça uma oferta queimada e diga continuamente o / feitiço de invocação. E envie-o, e ele agirá sem falhas. E sempre que você submetê-la à sua vontade com a pedra, nessa noite ela [a pedra] envia / sonhos, pois em uma noite diferente, ela [a pedra] está ocupada com assuntos diferentes<sup>31</sup>.

\* Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.69 - tradução nossa).

#### **PGM IV. 1872-1927 - (Sem título) Feitiço de Busca**

\* ... não instrua ninguém, pois é muito poderoso e insuperável, eficaz para todos / no mesmo dia, absolutamente obrigatório, extremamente poderoso. E isto é: pegue 4 onças<sup>32</sup> de cera, 8 onças de frutas da árvore-da-castidade, 4 doses de maná. Bata cada um desses bens / separadamente e misture com breu e cera, e forme um cachorro com oito dedos de comprimento e boca aberta. E você deve colocar na boca do cachorro / um osso da cabeça de um homem que morreu violentamente e inscrever nas laterais do cachorro

os seguintes caracteres:  e você deve colocar o cachorro em um tripé. E faça o cachorro com a pata direita levantada. E escreva em uma tira de papiro estes / nomes e o que você deseja: “IAŌ ASTŌ IŌPHĒ”, e / você deve colocar a tira de papiro no tripé e no topo da tira você deve colocar o cachorro e / dizer estes nomes muitas vezes. E assim, depois de ter pronunciado o feitiço, o cachorro rosna [ou late] e, se ele rosna, ela não vem. Portanto, direcione o feitiço para ele novamente, / e se ele late, está atraindo-a. Em seguida abra a porta, e você encontrará a quem deseja à sua porta. Deixe um incensário ficar ao lado do cachorro e coloque incenso sobre ele / enquanto você diz o feitiço.

Feitiço: “Cachorro que late, eu te conjuro, Cérbero, por aqueles que se enforcaram, pelos mortos, por aqueles que morreram violentamente: / Atraia ela para mim, NN, cuja mãe é NN. Eu o conjuro, Cérbero, pela santa cabeça dos deuses infernais. Atraia ela para mim, NN, cuja mãe é NN, ZOUCH / ZOUKI TO PARY YPHĒBARMŌ ENŌR SEKEMI KRIOUDASEPHĒ TRIBEPSI: atraia ela para mim, NN, cuja mãe é NN, para mim, NN, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”.

E você também deve dizer / o feitiço para todas as ocasiões. Mas você deve fazer essas coisas em um plano, lugar puro.

\* Tr: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.71 - tradução nossa).

#### **PGM IV. 2145-2240 - Assistência divina de três versos homéricos.**

“Assistência divina de três versículos homéricos: “Depois de dizer isso, ele dirigiu os cavalos de casco sólido pela vala”. “E homens esgotando suas vidas em meio ao terrível massacre”. / “e lavaram no mar o suor que os cobria.” Se um fugitivo carrega esses versos inscritos em uma lâmina de ferro, ele nunca será encontrado. Da mesma

<sup>31</sup> O grego é ambíguo neste ponto. Cf. Tradução de Preisendanz: "Denn in jeder Nacht beschäftigt er sich mit anderen"

<sup>32</sup> Unidade de medida: 1 ounce (oz) (onça) = 28 gramas (usado pelos americanos para volumes sólidos) (<https://englishlive.ef.com/pt-br/blog/unidades-de-medida-em-ingles/>). Acessado em 15/01/2019

forma, coloque a mesma lâmina / para alguém que está prestes a morrer, e você receberá uma resposta para tudo o que perguntar a ele. Sempre que alguém pensar que está sob um feitiço, deixe-o pronunciar os versos enquanto asperge com água do mar e... contra encantamentos. Um competidor com a / lâmina permanece invicto, assim como um quadrigário que carrega a lâmina junto com uma pedra-ímã; o mesmo é leal na arena; Além disso, essas são as coisas para um gladiador carregar. Amarre-o a um criminoso que foi executado, fale / os versos em seu ouvido, e ele lhe dirá tudo o que você deseja. Insira a lâmina na ferida dele, e você terá uma grande bênção em relação aos seus superiores, mestres e outros, pois você terá honra / confiança. Também evita daimons e animais selvagens. Todo mundo vai ter medo de você; Na guerra você será invulnerável; quando você pedir, receberá; você aproveitará de favores; sua vida vai mudar; e você será amado por qualquer mulher ou homem com quem tenha contato. / Você terá honra, felicidade; você receberá heranças, terá boa sorte, não será afetado por poções e venenos; você vai quebrar feitiço e conquistar seus inimigos.

Aqui está a fórmula a ser dita quando você mergulhar a lâmina.

A fórmula: / “NN, deixe a doce luz e também preste a mim qualquer serviço que eu exigir de você, quando eu te chamar (adicione o habitual) porque eu o conjuro pelos deuses do submundo GOGGYLORYGCHE OMBROLIGMATE THOËRYSËRIS. / Presta-me o serviço pelo qual te chamo”. Fale essa fórmula que invoca todos os poderes sobrenaturais.

Consagrando a placa: vá, eu digo, para dentro de uma sala limpa. Ponha uma mesa, sobre a qual você deverá colocar um pano de linho e flores da estação. / Então sacrifique um galo branco, colocando ao lado dele 7 bolos, 7 bolachas, 7 lâmpadas; despeje uma libação de leite, mel, vinho e azeite.

Aqui está a fórmula a ser dita quando você consagrar a placa: “Vinde a mim! Você que é mestre acima da terra e abaixo da terra, / que olha para o oeste e o leste e olha para o sul e o norte, ó mestre de tudo, Aion de Aions! Você é o governante do universo, Ra, Pan (H)ARPENCHNOUBI / BRINTATËNÏPHRI BRISKYLMA AROUZAR BAMESEN KRIPHI NIPTOUMI CHMOUMAÏPHI IA IOY IYÏ AII OYÏ AEËIOYÏ BAUBÏ BAUBÏ PHORBA PHORBA ORBORAZAGRA ÏYOIËEA ER”. Fale também a fórmula que chama Necessidade: “MASKELLI (fórmula) IARCHTHA ECHTHABA CHOIX IABOUCH IABÏCH” e aquele que / invoca todos os poderes sobrenaturais.

Tanta coisa para o ritual de consagração. Aqui estão as operações para fins específicos:

Para um oráculo: Escreva da seguinte forma em uma folha de louro usando mirra misturada com sangue de alguém que morreu por violência: “ABRAA, você é aquele que revela todas as coisas MARIAPHRAX”. / Coloque-o embaixo da lâmina.

Para destruir bigas: Queime o alho e a pele de uma cobra como uma oferenda e escreva em uma placa de estanho: "NEBOUTOSOUALËTH BEU ERBËTH PAKERBËTH e ÏNOUPH; derrube ele, NN, e seus / companheiros. "Enterre a lâmina por 3 dias no túmulo de alguém que morreu prematuramente; ele voltará à vida enquanto isto permanecer lá.

Para feitiços que restringem: Escreva em uma concha do mar com a tinta mencionada abaixo, adicionando / sangue de Typhon. Então você deve enterrar a concha no túmulo de alguém que morreu prematuramente, quando a lua estiver em oposição ao sol. O que você deve escrever são os três versos homéricos, e o seguinte: “ÏÏ BOLCHOSËTH IAKOUBIAI ÏÏ PATATHNAX / ERBËTH ÏÏ PAKERBËTH”. A lâmina deve ser carregada, como nos exemplos no início.

Para feitiços de popularidade e feitiços de amor, escreva “MYRI MYRI NES MACHESNŌN” em uma placa de ouro, depois de colocá-la embaixo / do ferro por 3 dias. Ao removê-lo, carregue-o, mantendo-se limpo o tempo todo.

Para feitiços de atração. Queime rosas e sumagre<sup>33</sup> como oferenda; pegue folhas de murta e escreva nelas com tinta “STHENEPIŌ ARRŌRIPHRAISIS YYYY / IIII atraia, NN, para ele, NN”. Recite a fórmula e coloque a substância mágica embaixo da lâmina. Você deve adicionar um pouco de absinto de haste única à tinta de mirra. Deixe a lâmina ser usada em um cordão; pegue-o nos locais onde os trabalhadores de lã têm suas lojas.

\*TI.: Hubert Martin, Jr.

(BETZ, 1986, p.76 - tradução nossa).

#### PGM IV. 2441-2621- Feitiço de Amor de atração

\*Feitiço de atração: (implementos: aqueles para uma oferta queimada ao luar); este atrai aqueles que são incontroláveis e não precisa de material mágico<sup>34</sup> e que vem em um dia. Inflige - doenças excelentemente e destrói poderosamente, envia sonhos lindamente, realiza maravilhosas revelações de sonhos e em suas muitas / demonstrações têm sido admirada por não ter falhado nesses assuntos.

Oferenda queimada: Pachrates, o profeta de Heliópolis, a revelou ao imperador Adriano, revelando o poder de sua própria magia divina. / Pois isso atraiu em uma hora; deixou alguém doente em 2 horas; destruiu em 7 horas, enviou ao próprio imperador sonhos enquanto estava completamente toda a verdade da magia ao seu alcance. E maravilhado com o profeta, / ele ordenou que lhe fosse dado duplos honorários.

Pegue um rato do campo e divinize-o em água de nascente. E pegue dois besouros da lua e divinize-os na água do rio, e pegue um caranguejo do rio e a gordura de uma cabra manchada que é virgem e esterco de um babuíno com cara-de-cachorro, 2 ovos de um íbis, 2 doses de estorax, 2 doses de mirra, 2 doses de açafraão, 4 doses de galanga<sup>35</sup>, 4 doses de incenso sem corte, uma única cebola. Coloque todas essas coisas em uma argamassa com o rato e os demais itens / e, depois de bater bem os ingredientes, coloque em uma caixa de chumbo e guarde para uso. E sempre que você quiser realizar um ritual, pegue um pouco, faça uma fogueira a carvão, suba em um telhado alto e faça a oferenda enquanto você diz / este feitiço ao nascer da lua, e logo ela vem.

Feitiço: Deixe que toda a escuridão das nuvens se disperse para mim, e que a deusa AKTIŌPHIS brilhe para mim, e que ela ouça minha voz sagrada. Pois venho / anunciando a calúnia de NN, uma mulher suja e profana, pois ela caluniosamente trouxe seus sagrados mistérios ao conhecimento dos homens. Ela, NN, é a única, [não] eu, que disse: “eu vi a grandiosa / deusa, depois de deixar a abóboda celeste, na terra sem sandálias, espada na mão e [falando] um nome sujo”. Foi ela, NN, quem disse: “eu vi [a deusa] bebendo sangue”. Ela, NN, disse isso, não eu, AKTIŌPHIS ERESCHIGAL / NEBOUTOSOUALĒTH PHORPHORBA SATRAPAMMŌN CHOIRIXIĒ, comedora de carne. Vá até ela, NN, e tire seu sono e coloque um fogo ardente em sua alma, punição e cólera frenética em seus pensamentos, / e expulse-a de todos os lugares e de todas as casas, e atraí-la aqui para mim, NN”.

<sup>33</sup> SUMAGRE: (em inglês: sumac) é uma baga ou fruto de um arbusto com coloração que varia do vermelho tijolo para roxo escuro. Estas bagas são secas e moídas para serem utilizadas como tempero. Este tempero é muito utilizado no Oriente Médio e na região do Mediterrâneo para adicionar acidez e picância em saladas e marinadas para carnes. (<https://dictionary.cambridge.org/>). Acessado em 15/01/2019

<sup>34</sup> As traduções desses adjetivos são tentativas e seguem a tradução alemã de Preisendanz.

<sup>35</sup> ITALIAN GALINGALE - é uma espécie de gengibre chamada “Alpinia Galanga” ou, popularmente, “Galanga”. (<https://www.gov.br/daf/ppnmpf/arquivos>). Acessado em 15/01/2019

Depois de dizer essas coisas, sacrifique. Em seguida, eleve a voz em altos murmúrios e retroceda enquanto diminui. E ela virá de uma vez. Mas preste atenção na pessoa que está sendo atraída / para que você possa abrir a porta para ela; caso contrário, o feitiço falhará.

Para causar doença: Use esses feitiços, acrescentando: “Faça ela, NN, a quem NN deu a luz, ficar doente”.

E para destruir: Diga: “Retire o fôlego dela, Senhora, das narinas dela, NN”.

/ Para enviar sonhos: Diga: “Torne-se como o deus a quem ela adora”.

Para revelações oníricas: Diga: “Fique ao meu lado, Senhora, e revele-me sobre o assunto NN”. E ela ficará ao seu lado e contará tudo sem engano.

Portanto, não execute o ritual de forma imprudente e não execute / a menos que surja alguma necessidade extrema para você. Também possui um feitiço protetor contra a sua queda, pois a deusa está acostumada a fazer voar no ar aqueles que realizam esse ritual desprotegido por um encanto e arremessa-os do alto até o chão. Então, conseqüentemente / eu achei necessário tomar como precaução um feitiço protetor, para que você possa realizar o ritual sem hesitar. Mantenha em segredo.

Pegue um rolo de papiro hierático e use-o no braço direito com o qual você fará a oferta. E estas são as / coisas escritas nele: “MOULATHI CHERNOUETH AMARŌ MOULIANDRON, proteja-me de todos os daimons maus, seja um macho ou fêmea do mal”. Mantenha em segredo, filho<sup>36</sup>.

O feitiço secundário, depois de fazer / o primeiro sacrifício, mas é melhor você dizer antes de fazer a oferenda. Este é o feitiço ligado ao primeiro:

“[Eu te ofereço] esta especiaria, ó filho de Zeus, atirador de dardos, Ártemis, Perséfone, atirador de veados, a noite brilhante, / a de três sons, - a de três vozes, Selene de três cabeças, a de três pontas, a de três faces, a de três pescoços, e deusa dos caminhos triplos, que incansavelmente mantém fogo flamejante em cestas triplas, e você que constantemente frequenta o caminho triplo, e governa as triplas décadas com três formas / e chamas e cachorros. De gargantas sem som você envia um grito terrível e agudo, quando você, ó deusa, elevou um som horrível com bocas triplas. Ouvindo seu clamor, todas as coisas do mundo são abaladas: Os portões inferiores e água benta de Lethe, e o Caos primitivo e o abismo brilhante de Tártaros. Nisso, todos os imortais e todo homem mortal, as montanhas estreladas, vales e todas as árvores e rios que rugem, e até o mar agitado, / o eco solitário, e daimons pelo mundo, estremecem com você, Ó abençoada, quando eles ouvem sua terrível voz. Venha aqui para mim, deusa da noite, matadora de feras, venha e esteja no meu feitiço de atração de amor, calmo e assustador, e tenha a sua refeição em meio ao túmulo. / E atenda minhas orações, Selene, quem sofre muito, que se ergue e se põe à noite, a de três cabeças, de três nomes MĒNĒ MARZOUNĒ, temível, de mente graciosa e Persuasão. Venha para mim, a que tem chifres, portadora da luz, deusa em forma de touro, deusa com cara de cavalo, que uiva como cachorro; / Venha aqui, loba, e venha aqui agora, Senhora da noite e reinos ctônicos, sagrada, vestida de preto, em volta de quem a natureza atravessa as estrelas do mundo gira quando você cresce demais. Você estabeleceu todas as coisas do mundo, pois você gerou tudo na terra e no mar e todas as raças, por sua vez, de pássaros alados que procuram seus ninhos novamente. Mãe de tudo, que deu amor, Afrodite, a portadora da lâmpada, brilhante e incandescente, Selene, percurso da estrela, celestial, portadora da tocha, respiradora de fogo / Mulher de quatro faces, quatro nomes e senhora das quatro estradas. Salve, deusa, e atenda seus epítetos, ó celestial, deusa do porto, que vagueia pelas montanhas e é deusa da encruzilhada; Ó inferior, deusa das profundezas, eterna, deusa das trevas, venha aos

<sup>36</sup> O termo “filho” parece indicar o aprendiz do feiticeiro (ou mago). (Betz, 1986, p.84 – tradução nossa)

meus sacrifícios. Realize para mim esta tarefa e, enquanto oro, dê atenção a mim, senhora, peço-lhe”.

Use isso para os feitiços de coerção, pois ele pode realizar qualquer coisa, mas não o use com frequência para Selene / a menos que o procedimento que você esteja executando seja digno de seu poder. Para as ofertas hostis, quando alguma difamação estiver envolvida, use a seguinte estela, falando assim:

Este é o terceiro feitiço coercitivo:

“Ela, NN, está queimando para você, / Deusa, algum incenso desagradável, e gordura de cabra manchada, sangue e sujeira, o fluxo menstrual de virgem morta, coração de um morto prematuro, o material mágico de cachorro morto, embrião de mulher, cascas de trigo de moagem fina, lixo azedo, sal, gordura de corça morta e mástique, e murta, baía escura, cevada, e garras de caranguejo, sálvia, rosa, caroços de frutas e uma única cebola, / alho, farinha de figo, esterco de babuíno com cara-de-cachorro, e ovo de um jovem íbis. E isso é sacrilégio! Ela os colocou no seu altar; ela colocou chamas de fogo / em tiras de madeira de zimbro e matou um seahawk<sup>37</sup> para você, um abutre e um rato, seu grandioso mistério, deusa. Ela disse também que nesses atos de dor, você realizou tão duramente: Pois ela disse que você matou um homem e bebeu o sangue deste homem e comeu sua carne, e ela diz que sua bandana são as entranhas dele, que você pegou toda a sua pele e colocou em sua vagina, [Que você bebeu] sangue do falcão do mar e que sua comida era besouro de estrume. Mas Pan diante dos seus olhos disparou sua semente ilegal. / Agora, Um babuíno com cara-de-cachorro nasce, sempre que houver limpeza menstrual. Mas você, AKTIŌPHIS, Senhora, Selene, Única Governante, Rápida Fortuna dos daimons e deuses: NEROUTOSOALĒTH IŌI LOIMOU LALON, em siríaco: ĒTARONKON BYTHOU PNOUSAN / KATHINBERAO ESTOCHETH ORENTHA AMELCHERIBIOUTH SPHNOUTH, Marque-a, NN, a sem lei, com cruéis retribuições, a quem novamente cobrarei para você de maneira hostil.

Eu te chamo, deusa de três faces Mene, ó amado pela luz Hermes / e Hékate de uma só vez, criança hermafrodita; MOUPHŌR PHORBA, rainha Brimo, temida e legítima, e Dardania, a que tudo vê, venha aqui, IŌIE, Virgem, Deusa da encruzilhada e bullsnake<sup>38</sup>, você é, Ninfa e égua cadela que acena com a cabeça e minoica e poderosa, EALANINDŌ, venha aqui, ATEĒS ENIDELIDIMA, Senhora Phaiara, MĒDIXA EMITHĒNIŌ, venha até mim. INDEOMĒ, venha aqui, MEGAPHTHĒ; Ela virá aqui. Atraia a ela NN para mim muito rapidamente, / eu mesmo claramente a condenarei de tudo, deusa, o que ela havia feito enquanto sacrificava à você”.

\*Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.82 - tradução nossa).

#### **PGM IV. 2622-2707 - Feitiço de Calúnia para Selene**

\*Feitiço de calúnia para Selene, que funciona para tudo e todos os ritos. Pois atrai na mesma hora, envia sonhos, causa doenças, produz / visões de sonhos, remove inimigos quando você inverte o feitiço, como desejar. Mas, acima de tudo, esteja protegido por um feitiço protetor e não se aproxime do procedimento descuidadamente, ou a deusa ficara zangada.

<sup>37</sup> SEAHAWK: É uma ave marinha predatória também conhecida como uma skua que é marrom, branca e preta e tem um bico enganchado. (<https://dictionary.cambridge.org>). Acessado em 15/01/2019.

<sup>38</sup> BULLSNAKE: é uma grande endemia de serpente colubrid não venenosa para o centro dos Estados Unidos, norte do México e sudoeste do Canadá. Atualmente, é considerado uma subespécie da cobra gopher. Nome científico: “Pituophis catenifer sayi” (<https://educalingo.com/pt/dic-en/bull-snake>). Acessado em 15/01/2019.

/ Preparação dos procedimentos do feitiço de proteção: Pegue um ímã que é verdadeiro e modele-o na forma de um coração e deixe gravado nele Hékate deitado sobre o coração, como um pequeno crescente. Então esculpa o feitiço de vinte letras que são todas vogais, / e use-o em volta do seu corpo.

O seguinte nome é o que será escrito: “AEYŌ ĒIE ŌA EŌĒĒŌA ŌI EŌI”. Pois esse feitiço é completamente capaz de tudo. Mas realize esse ritual de maneira sagrada, não com frequência / ou levemente, especialmente para Selene. De qualquer forma, queime sobre pedaços de madeira de zimbro uma oferenda de estorax de Creta e comece o feitiço.

O feitiço a ser falado: “Para você a mulher NN queima algum incenso hostil, deusa; A gordura de cabra manchada e sangue, / Profanação, embrião de um cão, a execução sangrenta de uma virgem morta prematura, coração de menino, com cevada misturada no vinagre, ambos o sal quanto chifre de veado, mástique, murta e baía escura e misture aleatoriamente, e garras de caranguejo, / sálvia, rosa, caroços para você e uma única cebola, alho, veneno de rato, sangue de babuíno com cara-de-cachorro, e ovo de um jovem íbis - E o que é sacrilégio, ela colocou estes no seu altar de madeira de zimbro. Ela, NN, / disse que você fez isso; Pois ela disse que você matou um homem e bebeu o sangue deste homem e comeu a carne dele, e ela disse que sua bandana são as entranhas dele, que você pegou toda a pele dele e colocou em sua vagina, / [Que você bebeu] sangue de um falcão do mar e sua comida era besouro de estrume. E Pan diante dos seus olhos disparou sua semente ilegal: Nasce agora um babuíno com cara-de-cachorro toda a limpeza menstrual, mas você, AKTIŌPHIS, Senhora, Selene, / Única Governante, A fortuna dos daimons e deuses, NEBOUTOSOUALĒTH IŌ IMI BOULLON ENOURTILAIĒ (caso contrário: NOUMILLON ESORTILĒS BATHYPNOU SANKANTHAKA MIBERATH ENTOCHE THŌ RENTHA IMOUĒ SORENTHA).

Marque-a, NN, a sem lei, com cruéis / retribuições. A quem novamente cobrarei para você de maneira hostil (De todas as coisas ilegais que ela disse contra a deusa, detalhe o quanto você quiser), Pois pelo feitiço ela força Até as pedras estouram em pedaços”.

Essa é a oferenda benéfica / que você sacrifica no primeiro e no segundo dia (mas no terceiro dia, com o feitiço coercitivo também sacrifica a oferenda coercitiva). A oferenda benéfica, então, é: incenso sem cortes, louro, murta, caroço de fruta, stavesacre<sup>39</sup> / folha de canela, kostos<sup>40</sup>. Junte tudo isso e misture com o vinho mendesiano e o mel e faça pílulas do tamanho de feijão.

A oferenda coercitiva: quando você disser o feitiço coercitivo anterior / no terceiro dia, faça também uma oferenda: com um rato de campo, gordura de uma cabra manchada virgem, material mágico de um babuíno com cara-de-cachorro, ovo de um íbis, caranguejo de rio, um perfeito besouro da lua, absinto de haste única colhido ao nascer do sol, material mágico de um cão / um único dente de alho. Misture com vinagre. Faça pílulas e estampe com um anel completamente de ferro, completamente temperado, com Hécate e o nome BARZOU PHERBA.

O feitiço de proteção que você deve usar: / Na madeira de limeira, escreva com cinabre o nome: “EPOKŌPT KŌPTO BAI BAITOKARAKŌPTO KARAKŌPTO

<sup>39</sup> STAVESACRE: Uma larkspur (plantas ranunculáceas do gênero *Delphinium staphisagria*), da Europa e Ásia Menor, com sementes venenosas violentamente eméticas e catárticas. (<https://www.collinsdictionary.com/pt/>). Acessado em 15/01/2019.

<sup>40</sup> KOSTOS: Entre as colinas de Paros, há uma vila verdejante com um pequeno bosque. O nome da vila deriva da flor homônima “Kostos”, que cresce na área. (<https://dictionary.cambridge.org>). Acessado em 15/01/2019.



deusa forte, rito de fantasmas, Pérsia SEBARA AKRA. Seja rápida. Que ela esteja agora à minha porta” (acrescente o habitual).

\* Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.88 - tradução nossa).

#### PGM IV. 2891-2942 - Feitiço de Amor de atração

\*Feitiço de amor de atração: Oferenda à estrela de Afrodite<sup>41</sup>: sangue e gordura de uma pomba branca, mirra não tratada e absinto ressecado. Misture e os transforme como pílulas e ofereça-as à estrela em pedaços de videira / madeira ou em carvões. E também tenha os cérebros de um abutre para a compulsão, para que você possa fazer a oferenda. E também tenha como feitiço protetor, um dente da mandíbula superior direita de uma burra ou de uma novilha sacrificial amarronzada, amarrado ao braço esquerdo com / fio Anubiano.

Elemento de compulsão do rito: Mas se, como deusa, você agir de desleixo. Você não verá Adônís se levantar do Hades, diretamente eu vou correr e o amarrarei com correntes de aço; / Como guarda, amarrarei nele outra roda de Ixion; ele não virá mais para iluminar, e ele será castigado e subjugado. Portanto, ó Senhora, haja, eu imploro: Atraia NN, a quem NN deu a luz, para vir com passo rápido para minha porta, a mim, NN, a quem NN deu a luz, e para o leito do amor, impulsionada pelo frenesi, angustiada pela força dos agulhões – hoje, de uma vez, rapidamente. Pois eu te conjuro, **Quitéria**<sup>42</sup>, NOUMILLON BIOMBILLON AKTIŌPHI ERESCHIGAL NEBOUTOSOUALĒTH PHURURĒXIA THERMIDOCHĒ BAREŌ / NĒ”.

Hino da compulsão: “Ó nascida em espuma **Quitéria**, mãe de deuses e homens, etérea e ctônica, mãe de toda natureza, deusa inconquistável, que mantém as coisas unidas, que faz o grande fogo girar, que mantém o eterno movimento BARZA<sup>43</sup> / em seu curso ininterrupto; e você realiza tudo, da cabeça aos pés, e por sua vontade a água benta é misturada, quando por suas mãos você moverá RHOZŌ no meio das estrelas, o ponto médio do mundo que você controla. Você move o sagrado desejo para as almas dos homens / e move as mulheres ao homem, e você Torna a mulher desejável ao homem durante todos os dias que virão, nossa Deusa Rainha, Venha a esses cânticos, Senhora ARRŌRIPHRAZI GŌTHĒTINI, nascida em Chipre, SOUI ĒS THNOBOCHOU THORITHE STHENEPIŌ, Senhora / SERTHENE BĒĒI, e inflija amor ardente a ela, NN, a quem NN deu a luz, De modo que para mim, NN, a quem NN deu a luz, ela se renda com amor por todos os dias que virão, apenas, abençoada RHOZŌ, conceda-me isso, NN: Assim como em seu coro em meio as estrelas, um homem sem vontade você atraiu para a sua cama para ter relações sexuais, e uma vez que ele foi atraído, ele imediatamente começou a se tornar o grande BARZA, nem ele deixou de se tornar, e enquanto se movia em seus circuitos, ele despertou: portanto atraí para mim, ela, NN, a quem NN deu a luz, para o leito de amor. Mas Deusas, nascida em Chipre você agora cumpra plenamente esse cântico”. / Se você vê a estrela brilhando constantemente, é um sinal de que ela foi atingida e, se for alongada como a chama de uma lâmpada, ela já veio.

\*Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.92 - tradução nossa).

<sup>41</sup> A Estrela de Afrodite é o planeta Vênus. (Betz, 1986, p.92 – tradução nossa)

<sup>42</sup> Dois epítetos tradicionais de Afrodite ocorrem aqui juntos: 'Kytère' em l. 2912 e 'Kythereia' em l. 2915. O nome pode se referir à ilha de Kythera, que se acreditava ser o local de nascimento de Afrodite e que tinha um templo de Afrodite Urania. Ver LSJ, s.v.; E. Mayer, "Kythera", KP 3 (1979): 423. (Ibid, p.92 – tradução nossa)

<sup>43</sup> A palavra 'barza' é persa e significa "luz brilhante". Veja Hopfner, OZ II, p. 100. (Ibid, p.92 – tradução nossa)

#### PGM IV. 2943-66 - Feitiço de Amor de atração

\*Feitiço de amor de atração através de vigília: Pegue os olhos de um morcego e solte-o vivo, e pegue / um pedaço de massa crua ou cera não derretida e molde um cachorrinho; e coloque o olho direito do morcego no olho direito do cachorrinho, implantando também da mesma maneira o esquerdo no esquerdo. E pegue uma agulha, passe-a no material mágico e enfie-a nos olhos do cachorrinho, para que o material mágico fique visível. E coloque o cão em um recipiente novo de bebidas, prenda uma tira de papiro<sup>44</sup> e sele-o com seu próprio anel, que possui crocodilos com as partes de trás de suas cabeças ligadas<sup>45</sup> e / coloque-o em uma encruzilhada depois de marcar o local de modo que, caso você deseje recuperá-lo, você poderá encontra-lo.

Feitiço escrito na tira de papiro: “Eu conjuro você três vezes por Hékate PHORPHORBA BAIBŌ PHŌRBŌRBA, que ela, NN, perca o brilho em seu olho ou até / fique acordada sem nada em mente, exceto eu, NN, somente. Eu conjuro por Kore, que se tornou a deusa das Três Estradas, e quem é a verdadeira mãe de... (quem você deseja), PHORBEA BRIMŌ NĒRĒATO DAMŌN BRIMŌN SEDNA / DARDAR, A que tudo vê, IŌPE, faça com que ela, NN, fique acordada para mim por toda a [eternidade] “.

\*Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.94 - tradução nossa).

#### PGM IV. 3255-74 - (Sem título) Feitiço para induzir a insônia

Pegue um [tijolo] cru e com um cinzel de bronze desenhe um [burro] correndo, e em sua cara “IAŌ IŌ” e no pescoço em forma de um pequeno sino “ĒŌĒŌĒ” e nas costas “LERTHEMINŌ” e no peito “[S] ABAŌTH” e embaixo dos cascos “ABRASAX”. / Besunte-o com o sangue de Typhon e um porco e com suco de cebola.

O feitiço do tijolo a ser escrito é o seguinte: “IŌ ERBĒTH IŌ PAKERBĒTH IŌ BOLCHOSĒTH IŌ BOLCHOSĒTH SABAOUM KOKLOTOM PATATHNAX, o agitador, IŌ ERBĒTH APOMPS IAŌTH IABAŌTH SEISAŌ PEUKRĒ, você o bem-aventurado, TESCHŌ PATONAK PHENDE / MIEPHEOR ABIRBOLONCHITHI RŌPHTHĒ APERMA PALELŌPS, o agitador do mundo, eu chamo você, grande Typhon, IŌ ERBĒTH IŌ PAKERBĒTH IŌ BOLCHOSĒTH, porque eu sou ele, NN. Ouça-me, neste procedimento que estou realizando LERTHEMINO AROUZORON BATHOU / CHĒASMĒPHIS, ó grande, grande Typhon LERTHEMINO; auxilie esta operação mágica que estou realizando, porque é o seu grande e honrado nome que estou falando e escrevendo ABERAMENTHŌOU” (fórmula).

Debaixo do burro: “Dê a ela o peso do mar, a insônia total de Mendes e dê a ela os castigos”.

\* Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.100 - tradução nossa).

#### PGM VII. 191-92 - Feitiço para amarrar um amante

\*Feitiço eterno para amarrar um amante: esfregue junto um pouco de bile de javali, sal grosso, mel da Ática e besunte a cabeça do seu pênis.

\* Tr.: E. N. O'Neil.

<sup>44</sup> *'Inettakilw'* significa "anexar um rótulo" (LSJ, s.v.) no sentido de anexar uma tira de papiro sobre a qual a escrita é colocada; cf. abaixo, II. 2956-66 [E.N.O.]. (Betz, 1986, p.94 – tradução nossa).

<sup>45</sup> Se isso significa "cabeça a cabeça" (assim Preisendanz) ou "cauda a cauda" (assim LSJ) ou "cabeça a cauda" é incerto. Crocodilos ligados aparecem em lacres em todas essas posições, mas a cabeça à cauda é muito mais frequente. [M.S.] O crocodilo era sagrado para Sobek, com cujo culto a prostituição sagrada parece ter sido associada. Assim, pode haver um vínculo com o tema erótico desse feitiço. Veja H. Thompson, "Two Démonic Self-Dedication", JEA 26 (1940): 68-78 [R.K.R.]. (Ibid, p.94 – tradução nossa).

(BETZ, 1986, p.120 - tradução nossa).

### PGM VII. 300a-310 - Encanto de Amor

/ \*Feitiço de amor que age na mesma hora: Pegue uma concha do mar e escreva os nomes sagrados com o sangue de um asno preto.

Feitiço: “Eu conjuro você, concha, pela cruel Necessidade<sup>46</sup>(fórmula de MASKELLI) e [por aqueles] que foram colocados [no comando] das Punições, LAKI LAKIŌ LAKIMOU MOUKILA KILAMOU IŌR MOUŌR MOUDRA MAXTHA / MOUSATHA: atraia-a, NN, a quem NN deu a luz” (adicione o habitual, o que você desejar). “Não seja teimoso, apenas atraia-a, OUCH OUCH CHAUNA MOUHLIMALCHA MANTŌR MOURKANA MOULITHA MALTHALI MOUI ĒIĒI YYY AĒ AIĒ YOŌ AĒI AĒI AĒI AŌA AŌA AŌA IAŌ ŌAI ŌAI AIŌ ŌIA IŌA IAŌ ŌAI , atraí-a, NN (adicione o habitual). À medida que a lua cresce / em Áries ou em Touro [adicione o habitual, o que quiser].

\*Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.125 - tradução nossa).

### PGM VII. 374-76 - Encanto para induzir a insônia

\*Feitiço para induzir insônia: [Pegue] uma concha do mar e escreva: “IPSAĒ IAŌAI, deixe ela, NN filha de NN, ficar acordada por minha causa”. Nesta noite, ela ficará acordada.

\* Tr .: K. F. Hock.

(BETZ, 1986, p.127 - tradução nossa).

### PGM VII. 376-84 - Outro (Encanto para induzir a insônia)

\*Outro: Pegue uma lâmpada e equipe-a com um pavio e diga: “Eu conjuro você, lâmpada, por sua mãe Hestia, MĒRALLĒL (diga duas vezes), e por seu pai Heféstos, MELIBOU MELIBAU / MELIBAUBAU. [Deixe] ela que ela fique acordada” (e adicione o habitual). [Escreva estas letras no pavio: “ ϳ chiiiiiii. E tendo fornecido o material [recite] o feitiço acima. Agora faça uma folha de metal de ferro, também.

O feitiço: "Torne-se frio, ferro e torne-se como neve, [pois eu] sou MELIBOU MELIBAU MELIBAUBAU" ([e] adicione o habitual).

\*Tr .: K. F. Hock.

(BETZ, 1986, p.127 - tradução nossa).

### PGM VII. 385-89 - Feitiço do copo (Feitiço de amor)

\*Um bom feitiço de copo: Em um copo, diga 7 vezes: “KANŌPI [TI] PROIE RŌDOCH ... PHKALYPSAS EREKIN POTHĒXAS ERATEUN MORPHYS CHARIS PHAPHIETI EISI Ō BOUBASTIS POTHŌPI, Eu conjuro você, nomes sagrados de Cypris, que, se você entrar no mais íntimo do coração dela, NN, [a quem] NN deu a luz, faça-a amar "(acrescente o habitual).

\* Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.128 - tradução nossa).

<sup>46</sup> Em “cruel Necessidade” veja PGM IV. 526, 605, 1499-1500; XV. 13. Veja Diettrich, *Mithrasliturgie* 59-60; idem. *Nekyia* (Darmstadt: *Wissenschaftliche Buchgesellschaft*, 1969) 124. Necessidade (*Aváykn*) é um ser demoníaco. Veja H. D. Betz, ed., *Plutarch's Theological Writings and Early Christian Literature*, SCHNT 3 (Leiden: Brill, 1975) 224 (on *De sera num. vind.* 25, 564E). (Betz, 1986, p.125 – tradução nossa).



“SABAŌTH emitiu três gritos”. Ela, NN, disse: “PAGOURĒ é por natureza um hermafrodita”. Ela, NN, disse: “MARMOROUTH foi castrado”. Ela, NN, disse: “IAEŌ não foi confiado à arca”. Ela, NN, disse: “MICHAĒL é por natureza um hermafrodita”.

/ "Não sou eu quem diz essas coisas, mestre, mas ela, a ateu NN. Por isso, traga-a para mim, inflamada com paixão, submissa. Que ela não encontre sono até que ela venha a mim "(repita 7 vezes).

Se a primeira lâmpada piscar, saiba que ela foi capturada pelo daimon. E se a segunda, ela saiu (da casa); e se a terceira, ela está à / caminho; e se a quarta, ela chegou; e se a quinta, ela está na porta; a sexta, no trinco da porta; na sétima, ela entrou em casa.

Pode atrair pessoas mesmo do outro lado do mar. Para isso, coloque a lâmpada em um pouco de água ao ar livre. Coloque um barco de papiro sob a lâmpada e [recite a] fórmula 6 vezes.

\*Tr .: D. E. Aune.

(BETZ, 1986, p.135 - tradução nossa).

### **PGM VII. 619-27 - A Diadema de Moisés (Magias de Invisibilidade e Amor)**

\*Do Diadema de Moisés: / Pegue a planta boca-de-leão e segure-o embaixo da língua enquanto dorme. E levante-se cedo e antes de falar com alguém recite os nomes, e você será invisível para todos.

Mas se você os disser sobre copos de bebida e os der a uma mulher, ela o amará, já que esse feitiço tem poder sobre tudo: “ARESKILLIOUS THOU DALESAI KRAMMASI CHAMMAR / MOULABŌTH LAUABAR CHOUPHAR PHOR PHŌRBAŌ SACHI HARBACH MACHIMASŌ IAŌ SABAŌTH ADŌNAI”.

Para o que você deseja, diga: “Busque ela, NN, para mim, NN” (adicione o habitual, sempre que desejar).

\* Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.135 - tradução nossa).

### **PGM VII. 643 -51 - Feitiço do copo (Feitiço do Amor)**

\*Feitiço do copo, bastante notável: Diga o feitiço que é falado ao copo 7 vezes: “Você é vinho; você não é vinho, mas a cabeça de Atena. / Você é vinho; você não é vinho, mas as entranhas de Osíris, as entranhas de IAŌ PAKERBĒTH SEMESILAM ŌŌŌ TA PATACHNA IAAA”. (Para feitiços de compulsão: “ABLANATHANALBA AKRAMMACHAMAREI EEE, que foi postado por necessidade, IAKOUB IA IAŌ SABAŌTH ADŌNAI ABRASAX”).

"A qualquer hora / que você entrar nas entranhas dela, NN, deixe-a me amar, NN, por todo o tempo de sua vida."

\*Tr .: E. N. O'Neil

(BETZ, 1986, p.136 - tradução nossa).

### **PGM VII. 661-63 - Feitiço do amor**

\*Feitiço de amor: Numa conversa enquanto beija apaixonadamente, diga: “ANOK THARENEPIBATHA CHEOUCHCHA ANOA ANOK CHARIEMOCHTH LAILAM”.

\*Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.137 - tradução nossa).

### **PGM VII. 862-918 - Feitiço lunar de Klaudianos**

\*O feitiço lunar de Claudianus e [ritual] do céu e da estrela do norte sobre as oferendas lunares: Este papiro em si, propriedade pessoal dos Doze Deuses, foi

encontrado em Afrodítópolis [ao lado] da grandiosa deusa / Afrodite Urânia, que abraça o universo.

A preparação para a senhora Selene é feita da seguinte forma: pegue argila de uma roda de oleiro e misture uma mistura com enxofre, e adicione sangue de uma cabra manchada e molde a imagem da senhora Selene a egípcia, como mostrado abaixo, faça-a / na forma do universo. E faça um santuário de madeira de oliveira e não o deixe de frente para o sol de maneira alguma. E depois de consagrá-lo com o ritual ele funcionará para tudo, [guarde-o] e, assim, ele será consagrado antecipadamente. E unja-o também com bálsamo da lua e envolva-o. E tarde / da noite, na 5ª hora, guarde-o, de frente para Selene em uma sala [pura]. E também ofereça a oferenda lunar e repita o seguinte em sucessão, e você enviará sonhos, amarrara com feitiços. Pois a invocação a Selene é muito eficaz. E depois de ungir-se antecipadamente com a pomada, apele para ela.

E este é o feitiço lunar: / “Eu apelo a você, Senhora do mundo inteiro, governante de todo o sistema cósmico, deusa muito poderosa, graciosa [daimon], dama da noite, que viaja pelo ar, PHEROPHORĒ ANATHRA... OUTHRA. Escute seus símbolos sagrados e dê um zumbido, [e] dê um anjo sagrado ou um assistente sagrado que servira / nesta mesma noite, nesta mesma hora, PROKINĒ BAUBŌ PHOBEIOUS MĒE, e ordene que o anjo vá até ela, NN, Puxe-a pelos cabelos, pelos pés; que ela, com medo, vendo fantasmas, sem sono por causa de sua paixão por mim e seu amor por mim, NN, venha para o meu quarto consagrado”.

Assim segue o canto. Porém, quando / você ver a deusa ficando vermelha, saiba que ela já está atraindo, e então diga: “Senhora, envie seu anjo dentre aqueles que a ajudam, aquele que é o líder da noite, porque eu conjuro [você] por seus grandes nomes, pelos quais nenhum daimon aéreo ou infernal pode ignorá-la, MESOURPHABABOR BRAL IEŌ ISI E. Venha a mim exatamente como eu a chamei, / ORTHŌ BAUBŌ NOERE KODERE SOIRE SOIRE ERESCHIGAL SANKISTE DŌDEKAKISTE AKROUROBORE KODERE SAMPSEI; ouça minhas palavras e envie seu anjo que foi designado durante a 1ª hora: / MENEBAIN, e aquele durante a 2ª hora: NEBOUN, e aquele durante a 3ª hora: LĒMNEI, e aquele durante a 4ª hora: MORMOTH, e daquele durante a 5ª hora: NOUPHIĒR, e aquele durante a 6ª hora: CHORBORBATH, e aquele durante a 7ª hora: ORBEĒTH, e aquele durante a 8ª hora: PANMŌTH e aquele durante a 9ª hora: / THYMENPHRI, e aquele durante a 10ª hora: SARNOCHOIBAL, e aquele durante a 11ª hora: BATHIABĒL, e aquele durante a 12ª hora: ARBRATHIABRI, para que você possa fazer isso por mim; que você possa atrair, que você possa subjugar nesta mesma noite, e para que ela, NN (ou ele, NN) seja incapaz de ter sucesso até vir / para mim, NN. [Que ela permaneça] totalmente satisfeita, amando, desejando-me, NN, e que ela seja incapaz de ter relações sexuais com outro homem, exceto comigo”.

Agora recite o feitiço muitas vezes, e ele irá atrair e amarrar, e ela o amará por todo o tempo de sua vida. Mas quando você a atrair e ela tiver relações sexuais com você, então pegue a deusa e a guarde, dando-lhe material mágico, e não a mostre ao sol e ela não vai parar de vir, desejando você.

Você agirá da mesma maneira para que o feitiço envie sonhos até que você realize o que deseja. O poder do feitiço é forte. A figura está abaixo.

\*Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.141 - tradução nossa).



**PGM Xlc. 1-19 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*Você escreve isso em papiro hierático e [coloque...] “Eu o conjuro, pelo deus IABŌ: direcione o coração dela, NN, a quem NN deu a luz, para NN, a quem / NN deu a luz, sob o comando de IABŌ, MASKELLEI MASKELLŌ PHAINOUKENTABAŌ; faça com que eu, NN, obtenha relações sexuais, Deus o [BAR] BARAI deixe que ela, NN, [a quem NN deu a luz, venha debaixo do meu] / teto, e deixe que ela ame [me, NN, a quem NN deu a luz], durante [o tempo todo / [de sua] vida, desejando [por mim] com amor [eterno], imediatamente, [imediatamente; rapidamente, rapidamente]”.

ABLANATHANALBA BLATHANABA NATHANDA ANATHANA  
NABANAEI ABTHŌŌTH BARBACHA ABRASAX AŌ [IAMARI] SERPHOUTHEI  
E EI EI Ê I Ê AAAAAAA IIIIII

\*Tr .: B. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.152 - tradução nossa).

**PGM XII. 365-75 - Encanto para provocar separação**

\*Feitiço para causar separação: em uma panela para peixes defumados grave um feitiço com um cinzel de bronze e recite-o depois e coloque-o onde eles [isto é, suas vítimas] estão, onde geralmente retornam, repetindo ao mesmo tempo esse feitiço: “Eu te chamo, deus, você que está no ar vazio, você que é terrível, invisível e grande, você que aflige a terra e estremece o universo, você que ama perturbações e odeia estabilidade e espalha as nuvens / umas das outras, IAIA IAKOUBIAI IŌ ERBĒTH, IŌ PAKERBĒTH IŌ BOLCHOSĒTH BASDOUMA PATATHNAX APOPSS OSESRŌ ATAPH THABRAOU ÊŌ THATHTHABRA BŌRARA AROBREITHA BOLCHOSĒTH KOKKOLOIPTOLĒ RAMBITINIPS: dê para ele, NN, o filho dela, NN, conflito, guerra; e para ele, NN, o filho dela, NN, odiosidade, inimizade, assim como Typhon e Osíris tiveram” (mas se é marido e mulher, “assim como Typhon e Isis tiveram”). “Typhon forte, muito / poderoso; execute seus atos poderosos”.

\*Tr .: R. F. Hock. Esse encanto fornece um meio de efetuar uma separação entre a amizade ou o amor de dois homens, com uma fórmula variante inserida para fazer o feitiço funcionar contra marido e mulher.

(BETZ, 1986, p.166 - tradução nossa).

**PGM XII. 376-96 - Encanto para induzir a insônia**

\*Encanto para induzir insônia: Pegue um morcego vivo e, na asa direita, pinte com mirra a figura a seguir, e na esquerda escreva os 7 nomes dos deuses, assim como: “Que ela, NN quem NN deu a luz, fique acordada até que ela consinta.” E então solte o morcego novamente.

Realize esse feitiço no minguante da lua<sup>47</sup> quando a deusa estiver em sua terceira noite, e a mulher morrerá por falta de sono, sem durar / 7 dias.

Esse encanto não pode a qualquer momento ter um antídoto. Mas se, em algum momento, você desejar um, não solte o morcego, mantenha-o sob custódia, e faça isso também: quando quiser liberta-lo, lave com água da fonte [o que] foi escrito nas asas e solte o pássaro. Mas não faça isso, exceto por uma grande intriga.

Esta é a figura:

<sup>47</sup> Está é, a deusa da lua Selene. (Betz, 1986, p.166 – tradução nossa)



/ Os nomes a serem escritos na asa esquerda são os seguintes: “Eu clamo a você, grande deus, THATHABATHATH / PETENNABOUTHI PEPTOU BAST EIËSOUS OUAIR AMOUN OUTHI ASCHELIDONËTH / BATHARIBATH; deixe que ela, NN, fique acordada a noite inteira e dia, até que ela morra, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”.

\*Tr.: R. F. Hock.

(BETZ, 1986, p.166 - tradução nossa).

#### **PDM xii. 50-61 [PGM XII. 445-48] - Feitiço para separar de uma pessoa da outra**

\*Um feitiço para separar uma pessoa da outra: Estrume de... e você o coloca em [um] documento, e escreve em um documento de papiro esses grandes nomes / juntamente com o nome do homem, e o enterra sob o a soleira da porta da casa.

Aqui estão os nomes para (?) isto e você os recita sobre isto também, 7 vezes: “IO-ERBËTH IO-SËTH IO BOLGHOSËTH IO-PAGERBËTH IO-PATATHNAGS LEE-MENG.RE IO-OSERRO / IO-GHLONTOËPS, separe NN , nascido de NN, de NN, nascido de NN!” Isto é . . . : “separe Isis de . . .” (fórmula: 7 vezes).

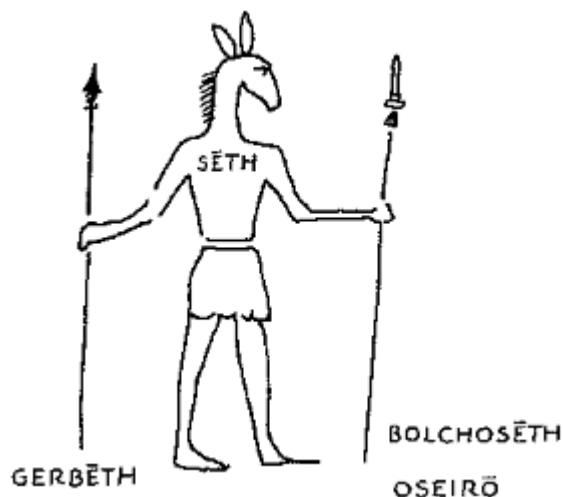
\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução em OMRM 56 (1975): 38-39, col. IV, II. 1-12. O Velho Coptico/Grego e Demótico *voces magicæ* em II. 57-60 [8-11] são transcritos como grego no PGM XII. 445-48 (Koh XIV) em Preisendanz. Uma variante do mesmo feitiço segue imediatamente em II. 62-75, um feitiço no qual uma figura mágica é fornecida. As palavras precedidas por + são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigas inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.169 - tradução nossa).

#### **PDM xii. 62-75 [PGM XII. 449-52] Outro (Feitiço de Separação)**

\*Outro: Você traz um... e você escreve os nomes nisto e enterra [isto] na estrada de...

Fórmula: BRAG GRAB BRAGH HÛSPERTHNAKS / BHRIENTHE (?) GH BASPHETHÛI ATHRYPH PATATHNAG APOPSI IÛ-BËTH IÛ-BÛLGHOSËTH IÛ-PAG-ERBËTH, separe NN nascido de NN, de NN nascida de NN! “Duas [vezes]... Você traz uma cerâmica... de cerveja de ... que é queimada, e você escreve [sobre] ele um burro / desta maneira:



“Separe NN, nascido de NN, de NN, nascida de NN!” E você diz esse nome para isto novamente, 7 vezes, e você levanta a cerâmica, e você... na casa em que eles estão. / Faz você isto....

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução em OMRM 56 (1975): 38-39, col. IV, 11. 13-26. O demótico *voces magicæ* em 11. 15-18 é transcrito como grego no PGM XII. 449-52 (Vol. XIV). As palavras precedidas por + “são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima”.

(BETZ, 1986, p.169 - tradução nossa).

#### **PDM xii. 76-107 [PGM XII. 453-65] - Outro (Feitiço para separação)**

\*Outro: ... de um burro preto, e você coloca um... que é..., e você deixa [isto] nele por três dias... isto. Você deve cozinhá-lo por uma noite..., e deve trazer uma / tira de..., e você deve escrever ... os nomes nisto com sangue de burro, e você deve colher do lado de fora, dizendo: “Separe NN, nascido de NN, de NN, nascido de NN!” E você deveria... e você deveria... a urina...

Aqui está o nome que você deverá escrever: /... “THALAMAXI, separe NN, nascido de NN, de NN, nascido de NN!”

... novamente no dia da separação (outro [manuscrito] diz: “espancamento” [?]),... de um burro e um... / urina (?), e você as coloca em uma concha nova (?) e você... até que eles cheguem, e você coloca... e você... a cerâmica... e você [escreve] estes nomes... e você... na casa acima mencionada.

/ Aqui estão os nomes: “Chamo a você, você que está no [ar vazio], você que é terrível, você que é um deus invisível, você que causa destruição e desolação, você que odeia uma casa estável e você que faz mal. Eu chamo o seu grande nome; faça com que ele, NN, seja separado dele, NN, IÔ IÔ IÔBRACH KRABROUKRIOU BATIOU APOMPS STROUTELIPS IAK [OUBIAI] IÔ PAKERBETH PAKERBETH, deus dos deuses... no portão de IAÔ. Separe ele, NN, dele, NN, porque eu sou o daimon XANTHIS OUBATH... E TEBERETERRI... El... separe ele, [NN], dele, NN”

\*Tr.: Janet H. Johnson (II. 76-95), seguindo a edição e tradução em OMRM 56 (1975): 40-41, col. III, II. 1-20; e R. F. Hock (II. 96-107), seguindo Preisendanz, PGM X11. 453-65.

(BETZ, 1986, p.170 - tradução nossa).

**PDM xii. 108-18 [PGM XII. 466-68] - Um feitiço [para] fazer que uma mulher odiar um homem**

\*Um feitiço [para] fazer uma mulher odiar um homem...: Você traz esterco, cabelo e cabelo... que está morto, / e você os mistura com flores frescas e o coloca em um papiro novo depois de escrever primeiro no papiro com minha tinta, dizendo: “Que NN, nascida de NN, odeie NN, nascido NN!” E você recita esses nomes verdadeiros sobre ele 7 vezes, e você amarra o papiro e o coloca na água de...

Aqui estão / os nomes verdadeiros: IAKYMBIAI IAÕ IOERBĒTH IÖBOLGHOSĒTH BASELE OM GITATHNAGS APSOPS Ō. EL.T, separe NN, nascida [de] NN, de NN, nascido de NN; rápido, rápido; seja rápido, seja rápido!”.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução em OMRM 56 (1975): 42-43, col. II, II. 1-18. Os demóticos *voces magicae* in II 8-10 são transcritos por Preisendanz como grego no PGM XII. 466-68. As palavras precedidas por + são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.170 - tradução nossa).

**PDM xii. 135-46 [PGM XII. 474-79] - (Sem Título) Feitiço de amor de atração**

\*... você traz um selado... de cobre... esse leão, essa múmia (?) e esse Anúbis... enquanto eles procuram... escaravelho preto (?) ... coloque ... : /

/ “... AIDIŌ ŌRICH THAMBITŌ, Abraham que em... PLANOIEOCHIBIŌTH MOU ROU e a alma inteira por ela, NN [a quem NN deu a luz]... Eu conjuro pelo... [e] inflame ela, NN quem [NN deu a luz]”.

[Escreva estas] palavras junto com esta gravura em um novo papiro:



\* Tr.: Janet H. Johnson (II. 135-39; 146), seguindo a edição e tradução em OMRM 56 (1975): 44-45, col. I, II. 1-5, 12; e E. N. O'Neil (II. 140-45) seguindo Preisendanz, PGM XII. 474-79.

(BETZ, 1986, p.171 - tradução nossa).

**PDM xii. 147-64 [PGM XII. 480-95] - Outro (feitiço de amor de atração)**

\*Outro: cozinhe isso [no (?)] banho: “ALLANTH BIREIBAMETIRA / EMETHIRE THARABLATH PNOU THE THOUCHARA OSOUC HARI SABACHAR... / queime ela, NN, até que ela [venha] para mim, NN, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente. Eu conjuro vocês, daimons dos mortos,

[pelos] mortos e pelo daimon de [Balsames], e o deus com cara de cachorro<sup>48</sup>, e os deuses com ele”.

Escreva estas coisas... primeiro com o sal... que está nele.

\*Tr.: Janet H. Johnson (II. 147, 163-64), seguindo a edição e tradução em OMRM 56 (1975): 44-45, col. I,11. 13-14, 29-30; e E.N.O'Neil (11. 148-62), seguindo Preisendanz, PGM XII. 480-95.

(BETZ, 1986, p.171 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 335-55 - (Sem título) Feitiço de amor**

\* [Um feitiço para fazer] uma mulher amar um homem: Suco de bálsamo, um iniciante; malabathrum<sup>49</sup>, um iniciante. qwst<sup>50</sup>, um iniciante;... perfumado... um iniciante; mrwe<sup>51</sup>, um iniciante; óleo genuíno, duas medidas-lok. Você deve moer esses [ingredientes]. Você deve colocá-los em uma [vasilha] limpa; você deve colocar o óleo em cima deles um dia antes do início do mês lunar. Quando o mês lunar ocorrer, traga um peixe preto do Nilo medindo nove dedos (outro [manuscrito] diz sete), com seus olhos variegados (?) Em cores... [que você] encontra em [uma] água (?);...: você deve colocá-lo neste óleo acima mencionado por dois dias; você deve recitar essa fórmula ao amanhecer... / antes de sair de sua casa e antes de falar com qualquer homem na terra. Quando os dois dias se passarem, [você deverá] se levantar ao amanhecer. Você deverá [ir] a um jardim. Você deverá trazer um broto de videira que ainda não formou uvas. Você deverá levantá-lo na sua [mão] esquerda; você deverá colocá-lo na sua mão direita. Isto deverá equivaler a sete dedos [de comprimento]. Você deverá [levá-lo] para sua casa; você deverá tirar o [peixe] do óleo; você deverá amarrá-lo pelo rabo com uma tira de linho; você deverá pendurá-lo [pela cabeça] na videira; e [você deverá colocar] a coisa que contém óleo sob ele por mais três dias, até que o peixe escorra em gotas o que está nele, enquanto / o vaso que está embaixo [dele], estiver em um tijolo novo. Quando passar três dias, você deverá [abaixá-lo]. Você deverá embalsamar [-lo] com mirra, sódio e byssus<sup>52</sup>. Você deverá colocá-lo em um local escondido ou em [sua casa]. Você deverá passar mais dois dias, recitando para o óleo novamente, fazendo sete dias. Você deverá manter isso. Quando você [desejar] fazê-lo funcionar, você deve ungir seu falo e seu rosto e deve se deitar com a mulher a quem você fará isso.

Os feitiços que você deve recitar para o óleo: “Eu sou Shu<sup>53</sup>” GLABANO. Eu sou Ra; Eu sou a criação de Rá; Eu sou filho de Rá. Eu sou / SISHT filho de Shu, um cançoda-água de Heliópolis, este grifo que está em Abydos. Você é a primeira, a grande, grande magia, a vida, uraeus. Você é o barco solar, o lago de Wu-poke. Dê-me louvor, amor e respeito diante de cada ventre, de toda mulher. Amor é o meu verdadeiro nome”.

[Outro] feitiço referente a ele, novamente: “Eu sou Shu KLAKINOK; eu sou IARN, eu sou GAMREN. Eu sou SE... PAER (?) IPAF INPEN NTINHS GAMRY, água

<sup>48</sup> O deus com cara de cachorro é Anúbis. (Betz, 1986, p.171 – tradução nossa)

<sup>49</sup> MALABATHRUM: Conhecida pelos nomes comuns de canela-aromática, canela-chinesa, cássia chinesa ou simplesmente cássia (hebraico). Na época clássica, quatro tipos de canela, foram distinguidos (e muitas vezes confusa): a casca de Cinnamomum iners da Arábia e Etiópia Canela Verdadeira (qinnamon hebraico), a casca de Cinnamomum zeylanicum do Sri Lanka Malabathrum ou Malobathrum (do sânscrito tamrapattam, literalmente "árvore de folhas escuras"), malabathrum Cinnamomum do Norte da Índia Serichatum, Cinnamomum aromaticum de Seres, da China. A canela era a especiaria mais procurada na Europa e seu comércio era muito lucrativo. (RISSI, 2019, p. 167).

<sup>50</sup> QWST: Termo não identificado

<sup>51</sup> MRWE: Termo não identificado

<sup>52</sup> BYSSUS: Um tecido fino, esp. um pano de linho, usado pelos antigos, como no Egito para embrulho de múmia (<https://www.collinsdictionary.com/pt/>). Acessado em 15/01/2019.

<sup>53</sup> Deus do Ar. (Ibid, p.215 – tradução nossa)

de Heliópolis. Eu sou Shu SHABY SHA .... SHASAHO LAHEI LAHS LAHEI, o grande deus que está no Leste, / LABRATHAA. Eu sou o grifo que está em Abydos”.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, reto, col. XII / 1-21. As palavras precedidas por + são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.215 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 355-65 - Outro feitiço de amor**

\* [Outra] maneira de eles de dar favor a um homem diante de uma mulher e vice-versa diante...: !Você é a grande?; a grande da magia, a Etíope [gato], filha de Rá, a senhora dos uraeus. Você é Sakhmet, a grande, a amante de Ast, a que destruiu todos os inimigos... [olho (?)] do sol no olho sonoro, nascido da lua no meio do mês à noite. Você é a grande criação das águas primitivas. Você é criação... a grande que está na Casa do obelisco em Heliópolis. Você é o espelho de ouro: [você é] a casca da manhã [do sol], a casca do sol de Rá... LANDJA, a juventude, o filho da mulher grega, a mulher líbia da... / dos feitos frutos da palmeira, esses segredos (?). . . Bi-weken<sup>54</sup>. O favor e o amor que Pre, seu pai, deu a você, envia [eles] para mim neste óleo diante de cada coração e olho de toda mulher diante de quem eu vou”.

[Invocação] a um peixe preto do Nilo com nove dedos [de comprimento] : [você deverá colocá-lo] no óleo de rosas; submergindo-o nisto; você deverá levanta-lo; você deverá pendurar [isto] pela cabeça [por... dias]. Quando você terminar, coloque-o em uma vasilha de vidro; você deverá [adicionar] um pouco de água de sisímbrio<sup>55</sup> e uma pequena "planta de amuleto (?) - de Isis" que é... e bata, e você deverá recitar isso sete vezes por sete dias, em frente ao nascer do sol. Você deve ungir seu rosto com ele / no momento em que você se deitar com a mulher; [você deverá] embalsamar o peixe em mirra e sódio. Você deverá enterrá-lo em sua casa ou em um local escondido.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, reto, col. XII / 21 a 31.

(BETZ, 1986, p.216 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 366-75 - O Método (feitiço para separar homem e mulher)**

\*O método de separar um homem de uma mulher e uma mulher de seu marido: “Ai; ai, chama, chama; chama; Geb transformou sua forma em (a de) um touro, ele teve relações sexuais [com] sua mãe, Tefnet, novamente... como o coração de seu pai amaldiçoou seu rosto, a fúria daquele cuja alma é como uma chama, enquanto seu corpo é como um pilar, para que ele... encha a terra de chamas e de modo que as montanhas atirem em línguas. A fúria de todo deus e toda, deusa, o grande vivo LALAT / BARESHAK olho da Etiópia será lançado sobre NN, filho de NN, e NN, filha de NN. Ponha o fogo atrás do coração dele e a chama no lugar de dormir, o... fogo do ódio nunca [deixe de entrar] em seu coração a qualquer momento, até que ele expulse NN, a filha de NN, de sua casa, ela trazendo (?) ódio para o coração dele, ela trazendo reclamações na cara dele. Dê a ele incômodos e brigas, discussões e brigas entre eles o tempo todo, até que estejam separados um do outro, sem estarem paz para todo o sempre. "Goma,... /

<sup>54</sup> O Deserto Oriental. (Betz, 1986, p.216 – tradução nossa)

<sup>55</sup> SISÍMBRIO: Gênero de plantas crucíferas, entre cujas espécies estão a Rúcula, Brócolis, Couve de Bruxelas. Os alimentos classificados nesta categoria têm em comum o fato de possuírem o formato de cruz em sua superfície. (<https://www.collinsdictionary.com/pt/>). Acessado em 15/01/2019.

mirra. Você deverá adicionar vinho a eles; você deve transformá-los em uma figura de Geb, com um cetro de w3s<sup>56</sup> na mão.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, reto, col. XIII / 1-10. Palavras precedidas por + 'são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.217 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 376-94 - (Sem título) Várias receitas**

\*[As receitas] para as quais o rato musaranho entra: Se você traz um rato musaranho, e afoga-o em um pouco de água e faz o homem beber; [então] ele estará cego dos dois olhos. Se você moer o seu corpo (?) com qualquer pedaço de comida e fizer o homem comer, [então] isto causará uma morte instantânea (?), Ele incha, e ele morre.

Se você fizer isso para atrair uma mulher, você deverá trazer um rato musaranho; você deverá colocá-lo em um vaso da Síria; você deverá colocá-lo na espinha dorsal de um burro; você deverá colocar seu rabo sobre um vaso da Síria ou [pedaço de] um copo; além disso, deverá solta-lo vivo na / na porta do banheiro da mulher; você deverá adorná-lo. Você deverá embalsamar sua cauda; você deverá adicionar mirra a ele; você deverá colocá-lo em um anel de ouro (?); você deverá colocá-lo em seu dedo após recitar esses feitiços para ele; e você deverá ir com ele para qualquer lugar. Toda mulher a quem você agarrar, ela [quer?] você. Você fará isso quando a lua estiver cheia.

Se você fizer isso para enlouquecer uma mulher atrás de um homem, você deverá pegar o corpo do rato quando estiver seco; você deverá triturar [isso; você deverá] pegar um pouco disso junto com um pouco do sangue do seu segundo dedo e do dedo mínimo de sua mão esquerda; você deverá mistura-los; você deverá colocá-lo em um copo de vinho; você deverá dar à mulher para que ela beba. [Então] ela virá com um incontrolável desejo atrás de você.

Se você colocar a bílis do rato em uma [medida de] vinho / e o homem bebe, ele morre imediatamente; ou [se você] colocá-lo em qualquer pedaço [de comida]. Se você colocar o coração em um anel [de sinete] de ouro, colocá-lo em sua mão e ir a qualquer lugar, então ele criará para você [benevolência, amor e] respeito.

Se você afogar um falcão em uma [medida de] vinho, e fizer o homem beber, [em seguida] ele morre. Se você colocar a bílis de uma [doninha] alexandrina em qualquer pedaço de comida, em seguida ele morre. Se você colocar um lagarto de duas caudas [no] óleo, [cozinhar] isso e ungi o homem com isto, [em seguida ele morre?]

Você deseja produzir uma doença de pele em um homem, para que ela não se cure: Um lagarto hantous [e?] um lagarto hoflila; você deverá cozinhá-los com [óleo?] / e lavar o homem com eles. Se você desejar fazer isto...: você deverá colocar...; [então] isso... Se você colocar cerveja... no(s) olho(s) do homem, ele estará cego.

Os feitiços que você recita ao anel no momento em que agarrar a mulher: “[O]... IAHO ABRASAKS, que NN, a quem NN deu a luz, me ame! Que ela queime por mim em (?) a estrada!” ... você.. ela segue atrás de você. Você escreve [isto] também na tira com a qual você embalsamará o [rato-musaranho?].

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, reto, col. XIII / 11-29 to. col. XIII / 1-10. Palavras precedidas por + 'são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.217 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 428-50 - (Sem título) Duas poções de amor**

<sup>56</sup> w3s: Símbolo de domínio. (Betz, 1986, p.217 – tradução nossa)

\*Uma poção: você deve trazer um pequena fatia fina da cabeça de um homem que foi assassinado, juntamente com sete grãos de cevada, enterrados em um túmulo de um homem morto; você deve triturá-las com dez oipe<sup>57</sup> / (outro [manuscrito] diz, nove) de sementes de maçã; você deve adicionar sangue de um carrapato de um cachorro preto a eles, juntamente com um pouco de sangue do seu segundo dedo, o dedo mínimo da sua mão esquerda e seu sêmen<sup>58</sup>; você deve pressioná-los juntos; você deve colocá-los em um copo de vinho; você deve adicionar três conchas dos primeiros frutos do vinho, antes de prová-lo e antes que uma oferenda seja derramada dela; você deve recitar esse feitiço sete vezes; você deve fazer a mulher beber; você deve amarrar a pele do carrapato acima mencionado com uma bandana de byssus; / e você deve amarrá-lo ao seu braço esquerdo.

Sua invocação. Fórmula: “Eu sou ele de Abydos, na verdade, na realização do nascimento em seu nome de Ísis, a portadora de chamas, ela do assento da misericórdia de Agathodaimon. Eu sou essa figura do sol, o filho de TAMESRO é o meu nome. Eu sou essa figura do general forte, essa espada, esse grande derrubador. A grande chama é o meu nome. Eu sou essa figura de Hórus, essa fortaleza, essa espada; este grande derrubador é o meu nome. Eu sou essa figura do Afogado<sup>59</sup>, que testemunha por escrito, que descansa abordo aqui embaixo / na grande mesa de oferendas de Abydos, a cujo nome de Isis o sangue de Osíris testemunhou quando foi colocado neste copo. Este vinho, dá-lhe, o sangue de Osíris [que] ele deu a Isis, para fazê-la sentir amor em seu coração por ele à noite, a meio-dia, a qualquer momento, não havendo tempo de mudança. Dê isto, o sangue de NN, a quem NN deu a luz, para dar isto a NN, a quem NN deu a luz, neste cálice, nesta tigela de vinho hoje, para fazê-la sentir um amor por ele em seu coração. O amor que Ísis sentia por Osíris, quando ela o procurava em todos os lugares, Deixe que NN, a filha de NN, sintam isso / enquanto procura NN, filho de NN, em todo lugar. O amor que Ísis sentiu por Hórus, o Behedite, deixe NN sentir isto por NN, ela o amando, ela estando enlouquecida atrás dele, ela sendo excitada por ele, ela procurando-o em todos os lugares, existindo uma chama de fogo em seu coração no momento em que não o vê”.

Outro método [de fazê-lo] novamente: o fragmento da ponta de sua unha e semente de maçã, juntamente com o sangue do dedo acima mencionado. Você deve triturar a semente de maçã, acrescentar sangue, colocar no copo de vinho; / você deve recitá-lo sete vezes e fazer a mulher beber isto no horário acima mencionado.

\* Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, reto, col. XV / I-23. As palavras precedidas por + 'são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.220 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 636-69 - (Sem título) Poções do amor**

\*[O método] do escaravelho na taça de vinho para fazer uma mulher amar um homem: Você deve trazer um escaravelho de Marte (que é este pequeno escaravelho que não tem chifre), com três escudos na frente de sua cabeça - você encontra o seu rosto encolhido - ou também o que tem dois chifres. Você deve trazê-lo ao nascer do sol; você deve amarrar-se com um pano na parte superior das costas; você deve amarrar-se no seu rosto com uma tira de fibra de palmeira enquanto o escaravelho estiver na palma da sua mão; e você deve falar com ele diante do sol quando estiver prestes a nascer, sete vezes. Quando você terminar, você deve afogá-lo no leite de uma vaca preta. Você deve colocar uma [unidade de?] 10 (Pedacos) de madeira de oliveira na cabeça do escaravelho. Você deve deixá-lo até a noite no leite. Quando a noite chegar / você deve tira-lo do leite, você

<sup>57</sup> OIPE: Termo não encontrado.

<sup>58</sup> Ou “urina”. (Betz, 1986, p.220 – tradução nossa).

<sup>59</sup> Osíris. (Ibid, p.220 – tradução nossa).

deve espalhar em baixo dele com areia, e você deve colocar um pedaço de pano entre ele e a areia, por quatro dias. Você deve colocar mirra em chamas diante disto.

Quando os quatro dias se passarem, e isto estiver seco, você deverá trazê-lo à sua frente, estendendo um pano debaixo dele. Você deverá dividi-lo ao meio com uma faca de cobre. Você deverá pegar a metade direita e as unhas da sua mão e do seu pé direito, e cozinhá-los em uma cerâmica nova com madeira de videira. Você deverá batê-las com nove sementes de maçã e sua urina ou suor sem óleo de banho; você deverá transformá-lo em uma bola; você deverá colocá-lo no vinho; você deverá falar em cima disso sete vezes; você deverá fazer a mulher beber; você deverá pegar a outra metade, a esquerda, junto com as unhas da sua mão e do pé esquerdo, também; você deverá amarrá-los em uma tira de byssus com mirra e açafrão; você deverá amarrá-los ao seu braço esquerdo; e você deverá deitar-se com a mulher enquanto eles estiverem amarrados em você.

/ Se você deseja fazer igualmente estes métodos em afoga-lo, você fará também no terceiro dia do mês lunar, você fará igualmente da maneira acima para isso. Você deverá recitar a invocação antes do sol ao amanhecer; você deverá cozinhar [isso]; você deverá dividir isto; você deverá fazê-lo de acordo com o que está acima igualmente, em tudo.

[A invocação] que você deve recitar para isto antes do sol ao amanhecer: “Você é o escaravelho do verdadeiro lápis-lazúli. Saia para fora da porta do meu templo! Você deve levar (?) um vaso de cobre (?) ao teu nariz, [Ó ele] quem sabia como comer a erva, que pisoteia as plantas do campo (?), que danifica as grandes imagens de culto daquelas do Egito, Eu te envio contra NN, a quem NN deu a luz, para golpeá-la do coração à barriga, da barriga aos intestinos, dos intestinos ao útero, pois foi ela que urinou diante do sol ao amanhecer, dizendo ao sol, “Não saia!”; para a lua, “não se levante!”; para a água: “Não venha para os do Egito!”; para o campo: “Não floresça!”; e para às grandes árvores das do Egito: “Não cresçam verdes!” / Eu envio você para NN, a quem NN deu a luz, para bater-lhe do coração à barriga, da barriga aos intestinos, dos intestinos ao útero, para que ela se ponha na estrada seguindo atrás de NN, a quem NN deu a luz, por todo tempo”.

[O feitiço] que você deve recitar a isto enquanto o escaravelho estiver no leite: “Ai, duplamente grande; ai, meu duplamente grande; ai, sua (?) Nun,<sup>60</sup> ai, seu amor, ó escaravelho, ó escaravelho; você é o olho de Pre, o dedo mindinho de Osíris, os dedos de Shu<sup>61</sup>. Você deve seguir nesta forma ao qual Osíris, seu pai, foi, por causa de NN, a quem NN deu a luz, até que fogo fosse posto em seu coração, a chama após sua carne, até que ela vá para NN, a quem NN deu a luz, em todos os lugares em que ele estiver”.

[O feitiço] que você deve recitar para isto enquanto estiver cozinhando-o: “Salve, minha linda criança, a jovem que come óleo (?), que lança sêmen e lança sêmen entre todos os deuses, este um que o pequeno e o grande encontraram entre as duas grandes enéades<sup>62</sup> no leste do Egito, / enquanto ele estava saindo como um escaravelho preto em uma haste do junco de papiro! Eu sei o seu nome; Eu conheço o seu ofício (?) O trabalho de duas estrelas 'é o seu nome. Hoje estou lançando fúria contra você; NPHALAM BALLABALKHA IOPHPHE, para que toda queima, todo calor, todo fogo em que você estiver hoje, você os faça no coração, nos pulmões, no fígado, no baço, no útero, no

<sup>60</sup> Águas primitivas. Nun (também conhecido como Nu ou Ny) é o neter que representa o líquido cósmico que deu origem ao universo. Nun é pertencente a classe: Neteru Primórdio. É o ser subjetivo, quando se transforma no ser objetivo, torna-se Atum. Seu nome significa Abismo. (<https://brainly.com.br/tarefa/30533413>). Acessado em 15/01/2019

<sup>61</sup> O deus do ar, cujas mãos/dedos sustentavam o céu. (Betz, 1986, p.230 – tradução nossa).

<sup>62</sup> Uma “enéade” era na mitologia egípcia um agrupamento de nove divindades, geralmente ligadas entre si por laços familiares. (<https://educalingo.com/pt/dic-pt/enegade>). Acessado em 15/01/2019

intestino grosso, no intestino delgado, nas costelas, na carne, nos ossos, em todos os membros, na pele de NN, a quem NN deu a luz, até que ela vá para NN, a quem NN deu a luz, para todo o lugar em que ele estiver”.

[O feitiço] que você deve recitar para isto no vinho:

“Ó escaravelho, ó escaravelho, você é o escaravelho do verdadeiro lápis-lazúli; você é o olho de Pre; você é o olho de Atum, o dedo de Shu, o dedo mindinho de Osíris. Você é o touro preto, o principal, que saiu de Nun, / a beleza de Ísis está com você. Você é RAKS RAPARAKS, o sangue deste javali que eles trouxeram da terra da Síria para o Egito.

De fora para o vinho: eu te enviarei. Você vai ao meu objetivo? Você vai fazer isso? Você pode dizer: “Envia-me ao sedento, para que a sede dele passa ser saciada, ao canal para que possa secar, para a areia do... para que possa ser espalhado sem vento, para o papiro de Buto que a [lâmina] de cobre possa ser aplicada a isto, enquanto Hórus é salvo por Ísis das grandes destruições para os do Egito, de modo que nenhum homem ou mulher fique no meio deles, enquanto eu te envio. Faça o mesmo, enquanto eu estou te enviando ao coração de NN, a quem NN deu a luz; faça uma chama em seu corpo, chama em seus intestinos. Ponha loucura atrás do coração dela, febre atrás da carne dela. Que ela faça as viagens da constelação de Ombro<sup>63</sup> após a constelação do hipopótamo”. Deixe que ela faça / os movimentos do sol após a sombra enquanto ela procura por NN, a quem NN deu a luz, em todo lugar em que ele estiver, ela o amando, ela esteja enlouquecendo por ele, sem conhecer um lugar da terra em que esteja. Tire-a o sono à noite! De a ela tristeza e ansiedade pelo dia! Não a deixe comer! Não a deixe beber! Não a deixe deitar! Não a deixe sentar na sombra de sua casa até que ela vá até ele em todos os lugares em que ele estiver, com o coração esquecido, os olhos voando, os olhares virados de cabeça para baixo, sem conhecer o lugar da terra em que esteja., até que ela o veja, seu olho atrás do olho dele, coração atrás do coração dele, mão atrás da mão dele, ela dando a ele cada. . . . Ponha a ponta dos pés atrás dos calcanhares dele na rua o tempo todo, sem que o tempo mude. Imediatamente, imediatamente, rapidamente, rapidamente!”.

\*Tr .: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, reto, col. XXI / 10-43.

(BETZ, 1986, p.230 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 772-804 - Um método (feitiços de amor)**

\*Um método para colocar o coração de uma mulher atrás de um homem: Feito em um instante (?) e acontece instantaneamente. Você traz uma andorinha viva e uma poupa viva.

Pomada feita para eles: sangue de um burro macho, sangue do carrapato de uma vaca preta. Você deve ungir / suas cabeças com pomada de lótus e gritar diante do sol em seu momento de nascer. Você deve cortar a cabeça dos dois; você deve tirar o coração a partir das costelas direitas [dos dois] e unja-os com o sangue do burro e o sangue do carrapato da vaca preta, acima. Você deve colocá-los na pele de burro e deixá-los ao sol até secarem em quatro dias. Quando os quatro dias se passarem, você deverá esmagá-los, colocá-los em uma caixa / e deixá-los em sua casa.

Quando você quiser fazer uma mulher amar um homem, pegue o pedaço de "madeira do prazer", recite esses \* nomes verdadeiros diante deles, coloque-o em um copo de vinho ou cerveja e dê-o à mulher para que ela beba: "Eu sou BIRA-AQHL LA-AQH SASMRIALO PLS-PLYN. Eu sou IOANE SABAATHL SASYPY / NITHI. Ponha o coração de NN, a quem NN deu a luz, atrás de NN, a quem NN deu a luz, nestas horas

<sup>63</sup> A Ursa Maior. (Betz, 1986, p.230 – tradução nossa).

de hoje! "[Diga] sete vezes). Você faz isso no décimo quarto dia do mês lunar. [Isto é] muito bom

/ Outro feitiço novamente para este copo de vinho: "BIRAGETHE SAMARA PILPIYN IAHYT SABAYTH SAIPYNITHAS"

Outro feitiço que pertence a isto igualmente, em outro papiro: "Eu sou BIRAGATHT LATHT SASMIRA PLIPRN / IAHY SABAQHT SASYPYNITHA. Coloque o coração da NN atrás de SASYPYNITHASY"

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, col. XXV / 23 - XXVI / 18. As palavras precedidas + por 'são escritas em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.235 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 930-32 - Uma receita (feitiço de amor)**

\*Uma receita para fazer uma mulher amar um homem: fruto de acácia; moer com mel; ungir seu falo com ele; e deite-se com a mulher!

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. III / 14-16.

(BETZ, 1986, p.241 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 1026-45 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*"Eu sou esse grande, SHAEI" (outro [manuscrito] diz, "o grande, SHE-raio"), "que faz mágica contra o grande Triphis, a dama de Koou, LL MYLL, a água de Mut é o que está em minha boca; a gordura de Hathor, digno de amor, é o que está em meu coração. Meu coração anseia, meu coração ama com (?) um desejo que uma gata sente por um gato, um desejo que uma loba sente por um lobo, um desejo que uma cadela sente por um cachorro, o desejo do deus, o filho de Sirius, sentia por Moisés enquanto ele estava indo à colina de NINARETOS para oferecer água a seu deus, seu senhor, seu IAHO sabaho, seu GLEMYBA MYSE PLERYBE S MI ABRASAKS SENKLAI. Deixe que NN, a quem NN deu a luz, sinta por NN, a quem NN deu a luz. Deixe que ela sinta um desejo, um amor, uma grande loucura..., ela procure por ele em todos os lugares. O fúria / de IAHO SABAHY HORION (?) Todo poderoso ANTOGRADOR ARBANTHALA THALO THALAKS. 'Eu lanço fúria contra vocês dos grandes deuses do Egito. Encha suas mãos com chamas e fogo! Use-o! Lance no coração de NN, a quem NN deu a luz! Seque-a, ó espírito! Pegue seu sono, ó homem do oeste! Deixe a casa de seu pai e sua mãe, os lugares onde ela estiver... Grite enquanto a chama do fogo está contra ela, enquanto ela fala, dizendo "misericórdia", ela do lado de fora murmurando "misericórdia", pois eu sou um agente (?) de Geb, Hórus RON. Pre é o meu nome. Arranque o nome dela do Egito por 40 dias, 33 meses, 175 dias, o complemento de seis meses, o GIRE THE PISITY EKOIMI ATAM ([Diga] sete vezes.)

Estrume de crocodilo, um pouco de placenta de burro e sisímbrío, 7 oipe de esterco de antílope, bÍlis de um bode e primeiros frutos de óleo. Você deve aquecê-los com talos de linho; você deverá recitar para isto sete vezes por sete dias; você deverá ungir seu falo / com ele; e você deverá se deitar com a mulher; e você também deverá ungir o coração da mulher.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xii / 1-xiii / 9. As palavras precedidas + por 'são escritas no texto em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.244 - tradução nossa).

**PDM xiv. 1046-47 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*[Uma receita] para fazer uma mulher amar o marido: acácia, fruta. Bata com mel, unja seu falo com ele e deite-se com a mulher.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xiii / 11-12.

(BETZ, 1986, p.245 - tradução nossa).

**PDM xiv. 1047-48 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*Para fazer uma mulher amar copulando com ela: Espuma da boca de um garanhão. Unja seu falo com ele e deite-se com a mulher.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xiii / 11-12.

(BETZ, 1986, p.245 - tradução nossa).

**PDM xiv. 1049-55 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*Para fazer [uma mulher amar copulando com ela (?)]:/ Alúmen, 1 dose; pimenta, 1 dose; planta seca mhnknwt<sup>64</sup>, 4 doses; orquídea, 4 doses. Triture em um medicamento seco! Realize seus objetivos com / isto de acordo com o que você sabe, com qualquer mulher.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xiv / 1-7.

(BETZ, 1986, p.245 - tradução nossa).

**PDM xiv. 1063-69 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*“ARMIOYT SITHANI YTHANI ARIAMYSI SOBRTAT BIRBAT MISIKETHAT / AMSIETHARMITHAT traga NN, a quem NN deu a luz, para fora de sua morada a qual ela está, para qualquer casa, qualquer lugar em que NN, a quem NN deu a luz, é enquanto ela o ama e anseia por ele. Ela faz presente do coração dele a todo momento!

Você deve escrever isso com tinta de mirra em uma tira de byssus limpo e coloque-o em uma lâmpada limpa e nova, cheia de óleo genuíno, em sua casa desde a noite até o amanhecer. Se você encontrar o cabelo da mulher, coloque-o no pavio! Isto é bom.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xv / 1 -7. As palavras precedidas por + são escritas em Demótico com interpretações coptas antigos inseridos acima.

(BETZ, 1986, p.246 - tradução nossa).

**PDM xiv. 1130-40 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*... moer... com... Outro: ... NAKS... / zimbros... sementes... Outro:... novamente. Estrume. . . seco e queimado, 2 [medidas]; / triture [com óleo de] henna e mel, unja [seu falo] com isto e deite-se com ela!

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xxiii / 1-12.

(BETZ, 1986, p.248 - tradução nossa).

**PDM xiv. 1155-62 - (Sem título) Feitiço de amor**

<sup>64</sup> MHNKNWT: Termo não encontrado.

\*... esterco de falcão; sal, cana, planta de bele<sup>65</sup>. Bata juntos. Unja seu falo com isto e deite-se com a mulher. Se estiver seco, você deverá bater um pouco com vinho, ungir seu falo com ele e deitar-se com a mulher. [Isto é] muito bom.

\* Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xxv/ 1 - 8.

(BETZ, 1986, p.248 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 1188 – 89 - (Sem título) Feitiço de amor (?)**

\*Se você... esterco de um ganso do Nilo. O corpo dela cai.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xxx / 1-2. ?

(BETZ, 1986, p.249 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 1190-93 - (Sem título) Outro feitiço de amor**

\* Outro: você deve ungir seu falo com esterco de doninha e deitar-se com [a] mulher. Ela amarará você. Você deve bater esterco de... com mel e ungir seu falo com ele de acordo com o que está acima, novamente.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xxx / 3-6.

(BETZ, 1986, p.250 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 1194-95 - (Sem título) Outro feitiço de amor**

\* Outro: Estrume de hiena com óleo de / rosas, de acordo com o que está acima, novamente.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xxx / 7-8.

(BETZ, 1986, p.250 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 1196-98 - (Sem título) Outro feitiço de amor**

\* Outra: você deve fumigar uma mulher com excremento de icnêumone<sup>66</sup> quando a ela estiver menstruada. Ela para. Estrume de burro também - este método [de tratamento].

\* Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, cob xxx / 9- J J.

(BETZ, 1986, p.250 - tradução nossa).

#### **PDM xiv. 1206-18 - (Sem título) Feitiço de amor**

\* Para enlouquecer [uma mulher] atrás de um homem: você deve trazer um rato musarinho vivo, remover sua bÍlis e colocá-lo no lugar certo; e retire o coração e coloque-o em outro lugar. Você deverá pegar todo o seu corpo. Você deverá triturar muito enquanto estiver ele seco; você deverá pegar um pouco do que está triturado com um pouco de sangue do seu segundo dedo e o dedo mínimo da sua mão esquerda; você deverá colocá-lo em um copo de vinho; e você deverá fazer a mulher beber. Ela estará enlouquecida atrás de você.

<sup>65</sup> PLANTA DE BELE: (espinafre do Pacífico) *Abelmoschus manihot*. Manihot de hibisco da família Malvaceae (<https://www.biodiversitylibrary.org>). Acessado em 15/01/2019.

<sup>66</sup> ICNÊUMONE - do inglês *Ichneumon*'s: No sentido mais estreito é uma espécie predadora da família dos mangustes. Ele representa o mangostão na África e também é o único nativo manguezal no solo europeu. O nome é derivado do grego antigo *ιχνεύμων* *ichneúmōn* ou *ιχνευτής* *ichneutēs* e significa "rastreamento". (<https://dictionary.cambridge.org/>). Acessado em 15/01/2019.

/ Se você colocar a bílis em um copo de vinho, ela morrerá instantaneamente. Ou colocar na carne ou em alguma comida.

Se você colocar o coração em um anel de ouro e colocá-lo na sua mão, isso lhe proporcionará grande louvor, amor e reverência.

\*Tr.: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Griffith e Thompson, *Demótico Magical Papyrus*, verso, col. xxxii / 1-13.

(BETZ, 1986, p.250 - tradução nossa).

#### PGM XV. 1-21 - Feitiço para amarrar um amante

\*"Vou amarrar você, Nilos, que também é [chamado] Agathos Daimon, a quem Demétria deu a luz, com grandes males. Nem deuses nem homens conseguirão<sup>67</sup> uma fuga limpa<sup>68</sup> para você! Pelo contrário, você vai me amar, Capitolina, a quem Peperous deu a luz, com uma paixão divina, e de todas as formas será para mim uma escolta, enquanto eu quiser, que você faça por mim o que desejo e nada para ninguém mais, e para que você não obedeça ninguém, exceto a mim, Capitolina, e que esqueça seus pais, / filhos e amigos. Eu também conjuro vocês, daimons, que estão neste lugar, ALYĒAĒL... LIONŌ SOUAPH ALŌ LYBALOLYBĒL OIKALLISSAMAEŌ LYBALALONĒ LYLŌĒY LYOTHNOIS ODISSASON ALELADA. Eu, Capitolina, tenho o poder, e, ao encontra-lo, Nilos, devolvarei os favores. Eles estão libertando todos os que se afogaram, morreram solteiros e foram levados pelo vento. Vou inserir esse depósito, para que vocês possam realizar para mim o que foi escrito na tira de papiro, que é a razão pela qual estou os conjurando, daimons, pela força e destino que os limitam. Realize tudo para mim e apresse-se e tire a mente de Nilos, a quem pertence esse material mágico, para que ele possa me amar, Capitolina, e que Nilos, a quem Demetria deu a luz, possa ser inseparável de mim, toda hora e todo dia. Eu conjuro / vocês daimons pelos seus destinos maldosos que os prendem e por aqueles que são levados pelo vento, IŌ IŌE PHTHOUTH EIŌ PHRĒ, o grandioso daimon, IAŌ SABAŌ / BARBARE THIŌTH LAILAMPS OSORNŌPHRI EMPHEBA, o deus unigênito no céu, que abala as profundezas, enviando águas e ventos - descarregue os espíritos dos daimons onde está minha caixa de depósito, para que eles, ambos macho ou fêmea, pequenos ou grandes, possam realizar para mim as coisas do tablete, para que possam vir e realizar as coisas deste tablete e possam amarrar Nilos, que também é [chamado] / Agathos Daimon, a quem Demetria deu a luz, para mim, Capitolina, a quem Piperous deu a luz, por [toda] a sua vida. Nilos me amará com um carinho eterno; imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente]"

\*Tr.: R. F. Hock.

(BETZ, 1986, p.251 - tradução nossa).

#### PGM XVI. 1-75 - Feitiço para amarrar um amante

\*"Eu te conjuro, [daimon] dos mortos, por MĒTH... OU MACHEREMA PHACHE [LEZETHI] ALŌIA BATHABLEOUCHACHI ABAŌS OMŌCHAL ARACHRAUCH ... OU AMERRA MACHERTHA PHACHELEZETHI; faça com que Sarapion enfraqueça [e] derreta-se pela paixão de Dioskorous, a quem [Tikoi deu a luz]. [Inflame/seu] coração, faça com que derreta, e [sugue seu] sangue por amor, paixão e dor por mim, até que Sarapion, a quem [Pasametra] deu a luz, [venha] para Dioskorous, a quem Tikoi deu a luz. [E] deixe que ele [faça] todas as coisas em minha mente, e deixe que ele [continue] me amando, [até que] ele [chegue] em Hades".

<sup>67</sup> O papiro tem 'eupwoi', que A. Henrichs corrigiu para 'eupw aroi': "Eu irei conseguir". O significado, no entanto, não é claro. (Betz, 1986, p.251 – tradução nossa).

<sup>68</sup> Literalmente, "uma libertação pura". (Ibid, p.251 – tradução nossa).

“Eu te conjuro, como daimon dos mortos, por ADŌNAIOS SABAŌTH AMARACHTHEI / AXIAŌTHAZAR, deus, ATHRŌA SOU... AMALAXA, deus... EN MARATA ACHŌ CHIMMI NEMEGAIPH Y... ACHILTHTEE [MARADTHA] THARBI APSŌCH... ; faça com que Sarapion, a quem Pasametra deu a luz enfraqueça e se derreta por paixão por Dioskorous, a quem Tikoi deu a luz. Marque seu coração, faça com que ele derreta e sugue seu sangue por causa do amor, paixão, dor / até que Sarapion, a quem Pasametra [deu a luz], [venha] para Dioskorous, a quem Tikoui deu a luz. E deixe-o fazer todas as coisas em minha mente e deixe-o continuar me amando até que ele chegue em Hades”.

“Eu te conjuro, [daimon] dos mortos, pelo coração do filho de Cronos... ŌURŌNY... LI ... EULAMŌSI ... MERATHA; faça que Sarapion, a quem Pasametra deu a luz / enfraqueça e derreta de paixão por [Dioskorous], a quem Tikoi deu a luz. E faz seu coração derreter, [e] sugue [seu] sangue por causa do amor, paixão, dor, [até que] Sarapion, a quem Pasametra deu a luz, venha para Dioskorous, a quem Takoui deu a luz. E deixe que ele faça todas as coisas em minha mente, e que ele continue me amando, até que ele chegue em Hades”.

“Eu o conjuro, daimon dos mortos, por quem está sob STĒĒAALEBMOU EYA. NEKELA... TOSAN... ARETORIMISEPHONYMI STASACHĒ AMŌTILŌ NEBOU [TOSOUALĒTH faça com que] Sarapion, a quem [Pasametra deu a luz], enfraqueça e derreta-se de paixão por Dioskorous, a quem Tikoui deu a luz. Faça com que [seu coração] derreta [e] sugue [seu] sangue / por causa do amor, paixão, dor, até que Sarapion, a quem Pasametra deu a luz, venha [com paixão por Dioskorous, a quem Tikoi deu a luz]. E [deixe que ele faça todas as coisas em minha mente], e deixe que ele continue me amando até que [ele chegue em Hades]”.

“Eu o conjuro, daimon dos mortos, pelo M... MASĒ LEAI... MEA... RMŌ ... SAEGE B... DĒSAŌŌUA / PHESPHTOU Imaculado EI, nomes... XAI BAIMEBOTĒ-SAI PHTHASIAU SAIEXEETHA CHTEIETHŌ OU NEBIŌTHY LAIOUTH, faça com que Sarapion, a quem Pasametra deu a luz, enfraqueça e se derreta por paixão [por Dioskorous], a quem Tikoui deu a luz. E [faça] seu [coração derreter e] sugue seu sangue / por causa do amor, paixão, dor, até que Sarapion, a quem Pasametra deu a luz, venha [para] Dioskorous, [a quem Tikoui] deu a luz. E deixe que ele faça [todas as coisas em minha] mente, [e deixe que ele continue] me amando até que [ele chegue] em [Hades], e novamente eu te conjuro, [daimon dos mortos], pelo PHTHOI KI... ŌSE... AUTHEIOKRA... EI / APO EIRRATHEIBŌTHIMIA PROSĒMOPERNAL... ENE A... S... TASĒTHŌNNEBAI LEISEI; faça com que Sarapion, [a quem Pasametra]deu a luz,[enfraqueça e derreta-se] por paixão por Dioskorous, a quem [Tikoi] deu a luz. E faça seu coração derreter [e sugue seu sangue] por causa do amor, paixão, dor, até que Sarapion, a quem / Pasametra deu a luz, venha para Dioskorous, [a quem] Tikoui deu a luz. [E deixe que ele] faça todas [as coisas] em minha mente, e deixe que ele continue [me] amando, até que ele chegue [em Hades]”.

“Eu te conjuro, daimon dos mortos, por SIIA, o MEGON ABAŌTH OU... OUOGDOUKO ... ĒRĒ.. OMMA KELARO... ONTBEIA; [faça com que Sarapion], / a quem Pasametra deu a luz, [enfraqueça] e derreta-[se de] paixão por Dioskorous, a quem Tikouou deu a luz. E faça seu coração derreter e sugue seu sangue por causa de [amor], paixão, dor; a menos que Sarapion, a quem Pasametra deu a luz, venha até Dioskorous, a quem [Tikoi ] deu a luz. [E deixe que ele faça] todas as coisas em / minha mente, [e deixe-o continuar me amando até que chegue em Hades]”.

“Eu te conjuro, [daimon dos] mortos, por [ADONAIOS]... DŌ... EXIAKĒN NEIKAROPLĒX MIDEKLIBAIA AUKA... LEUEIMETH... EXENNE KOMMI BIOUS; faça com que Sarapion, a quem Pasametra deu a luz, enfraqueça [e derreta-se] por paixão

por [Dioskorous], a quem [Tikoi deu a luz. Marque seu coração] e [faça com que derreta]; / [sugue seu] sangue por causa do amor; paixão, dor, até que Sarapion, a quem Pasamtra deu a luz, [venha com paixão por Dioskorous, a quem Tikoi deu a luz. E que ele faça] todas [as] coisas em minha mente [e deixe que ele continue me amando até que ele chegue em Hades]”.

“[Eu o conjuro, daimon dos mortos, pelo] maior MY... PRŌTĒSKAINONEONTI ERĒ [KISISPHĒ] ARARACHARARA ĒPHSISIKĒRE... / e inflame [seu coração até que Sarapion, a quem] Pasamtra [deu a luz, venha] para Dioskorous, a quem [Tikoi] deu a luz. [Faça com que Sarapion, a quem] Pasamtra [deu a luz, enfraqueça e derreta-se] por paixão por Dioskorous, [a quem] Tikoi deu a luz; [faça com que ele se derreta e sugue seu sangue] por causa do amor, [paixão, dor] por mim, [Ō daimon dos mortos]. Portanto, faça [e complete] para mim todas as coisas [escritas sobre está] / [tira de papiro].

\*Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.252 - tradução nossa).

### PGM XVIIa. 1-25 - Feitiço de atração de amor

\*« 𐤀𐤁𐤏𐤏 » DAMNIPPE PĒPĒ ŌŌ 𐤀𐤁𐤏𐤏 𐤀𐤁𐤏𐤏 𐤀𐤁𐤏𐤏 LYKYXUVHYCH

NN CHYCH XYKYL 𐤀𐤁𐤏𐤏 PSCH 𐤀𐤁𐤏𐤏. ŌŌ ĒPĒP ĒPP INMAD, Anúbis, deus na terra e debaixo da terra e celestial; cachorro, cachorro, cachorro, assumo toda sua / autoridade e todo seu poder contra Tigerous, a quem Sophia deu a luz. Faça-a cessar de sua arrogância, calculismo e infâmia e atraia-a para mim, debaixo dos meus pés, derretendo com desejo apaixonado / a cada hora do dia e da noite, sempre lembrando de mim enquanto ela está comendo, bebendo, trabalhando, conversando , dormindo / sonhando, tendo um orgasmo em seus sonhos, até que ela seja flagelada por você e venha me desejando, com suas mãos cheias, com uma alma generosa e graciosamente me dando a si mesma e seus bens e cumprindo / o que é apropriado para mulheres em relação aos homens: servir tanto ao meu desejo quanto ao dela sem hesitar e descaradamente, unindo coxa a coxa e barriga a barriga e o seu preto ao meu preto, o mais agradavelmente. Sim, senhor, atraia para mim Titerous, a quem Sophia deu luz, para mim, Hermeias, a quem Hermione deu a luz, / imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente - impulsionado pelo seu flagelo. "

A A  
 BA AK  
 LBA AKR  
 ALBA AKRA  
 NALBA AKRAM  
 ANALBA AKRAMM  
 THANALBA AKRAMMA  
 ATHANALBA AKRAMMACH  
 NATHANALBA AKRAMMACHA  
 ANATHANALBA AKRAMMACHAM  
 LANATHANALBA AKRAMMACHAMA  
 BLANATHANALBA AKRAMMACHAMAR  
 ABLANATHANALBA AKRAMMACHAMARI  
 BLANATHANALBA AKRAMMACHAMAR  
 LANATHANALBA AKRAMMACHAMA  
 ANATHANALBA AKRAMMACHAM  
 NATHANALBA AKRAMMACHA  
 ATHANALBA AKRAMMACH  
 THANALBA AKRAMMA  
 ANALBA AKRAMM  
 NALBA AKRAM  
 ALBA AKRA  
 LBA AKR  
 BA AK  
 A A

\* Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.253 - tradução nossa).

**PGM XIXa. 1-54 - (Sem título) Feitiço de atração de amor**

\*<sup>c</sup>ENTHI ENTHŌ BOSOU ĒRIS ĒRIS I... NOUŌ OUI DE BATHAR NĒITH  
 NĒITH ĒIAŌTH OUOR KAŌTHIS SAMI SAMIS OPHOR ANOUIPHŌ XTHETHŌNI  
 NOUĒRIŌTH AŌTH OUŌR TENOCH TENOCH BIBIOU BIBIOU MOUAU  
 MOUAU SMŌSOM THEUOUTH OKEBENEUSI ENSI EIPSEI OUŌR OUŌR  
 OSARAMŌKS THAT THAT ENTHOUŌ KOMMOUOA PHIANOCH PHIANOCH  
 SŌPH CHTHENTHEBENCH ENTHEBENCH ĒCHTHENTHEBETH YIIABŌY  
 LAILAM HARMIOŌUTH SON APS IPHIŌS DIAR NEBES CHINEI NOUTH  
 NOUTH KOMŌA RAPHŌR HARSAMŌSI STEOBAOCH ANOCH PHRĒ PHRI  
 CHORBAI MAI ABAŌTH IAŌ IPHI ROMBAOTH / CHAOUCH CHŌOUCH  
 RINGCH SPHĒCH CHOOUCHORPHI MOUISRŌ KAMPYCHRĒ GORGIŌRIE  
 LAMPIPYRSI SEIROE OMBRIME MATEORSI NAPHSISAŌTHA Ō OSOR  
 MNEUEI Ō OSARAPI SARAPI Ō OSOR NOBĒCHIS OSOR MNEUEI Ō OSOR  
 NŌPHRIS THŌ THŌ THŌ ITI ITI [ITHI] MOU THOURI CHAOUCH  
 CHTHETHŌNI MAPSITHYRIMAPS TITI NYXBI AMOUN BLAMOUNITH BIŌTH  
 THŌDIARAX PHORBORBABŌR CHŌSOĒTH BOLCHOSĒTH ERESCHIGAL  
 HARSAMŌ HARSENOPHRĒ BIRBĒ KAPHIŌ/ IAŌ ĒIA IAĒ ĒI ĒAIA  
 CHIMNOUTH HARBIŌTH KARACHARAX PHRAX AX NOUMŌR TO TACHAN  
 TO PHRĒ TAUAN CHOUCHE CHOUCHE CHŌX CHŌX CHOUCHOTHI  
 MASKELLI MASKELLI PHNOUCHENTABAŌTH OREOBAZAGRA  
 HYPOCHTHŌN IŌOUTH IAŌOUTH AI AI AI OU OU OU BARBARAI  
 BALĒMAĒTH KĒCHI ATHOR / SENEZEZOUTH SORO ORMEA CHTH...  
 BARMAR PHRIOUREINGX MASKELLI MASKELLŌ PHNOUKENTABAŌTH



o conjuro] pelos SENAKŌTHO ARPOPSYG KAMOULO ORPS THŌ OUCH PETI ANOUP PETIOPARIN AUT KINOTHEN CHYCH AAA ROPS UICHTHEN / KREMME SECHAXTHNE NEOUPHTE AKĒCH CHAKE PŌPHOPI KACHE ANOCH ... ĒTHMĒ ARI MĒS THOD ... PE; você, que é capaz, / [levante] seu corpo e vai [até ela, NN], até que ela esteja [disposta]....”

\*Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.258 - tradução nossa).

#### **PGM XXIVb. 1-15 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*A direita... nas partes esquerdas do [pescoço...] sobre o ombro direito... no mamilo da [mama direita] / no esquerdo [ombro]... deverá receber... no mamilo da [mama esquerda]... no peito... para, o... recebendo, grande... e a mulher vai (?) fugir para fora, homens em... drogas...

\*Tr .: Roy Kotansky. Este texto muito fragmentário descreve a gravura de uma boneca mágica ou objeto similar. O fragmento pode conter partes de um feitiço de amor semelhante ao PGM IV. 296ff.

(BETZ, 1986, p.264 - tradução nossa).

#### **PGM XXXII. 1-19 - (Sem título) Feitiço de atração de amor**

\*“Eu o conjuro você, Evangelos, por Anúbis e Hermes e todo o resto lá embaixo; atraia e amarre Sarapias, que Helen deu a luz, à está Herais, que Thermoutharin deu a luz, agora, agora; rapidamente, rapidamente. Por sua alma e coração / atraia a própria Sarapias, a quem [Helen] deu a luz de seu próprio ventre, MAEI OTE ELBŌSATOK ALAUBĒTŌ ŌEIO ... AĒN. Atraia e [amarre / a alma e o coração de Sarapias], a quem [Helen deu a luz, à está] Herais, [a quem] Thermoutharin [deu a luz] a partir de seu ventre [agora, agora; rapidamente, rapidamente]”.

\*Tr .: E. N. O'Neil. Esse feitiço, sem título, é claramente um feitiço de amor no qual uma mulher procura atrair outra mulher. Assim, pertence ao pequeno grupo de feitiços de lésbicas. Na forma, essas linhas contêm um feitiço repetido, com pequenas variações, três vezes: 1-9, 10-14, 14-19.

(BETZ, 1986, p.266 - tradução nossa).

#### **PGM XXXIIa. 1-25 - (Sem título) Feitiço de atração de amor**

\*“Como Typhon é o adversário de Hélios, também inflama o coração e a alma dos Amoneios a quem / Helen deu a luz, mesmo de seu próprio ventre, ADŌNAI ABRASAX PINOUTI e SABAŌS; queimem a alma e o coração do Amoneios a quem Helen / deu a luz, por [amor de] este Serapiakos a quem Threpte deu a luz, agora, agora; rapidamente, rapidamente”.

“Nesta mesma hora e neste mesmo dia, a partir deste [momento], misturem / unam as almas de ambos e façam com que Amoneios a quem Helen deu a luz seja este Serapiakos a quem / Threpte deu à luz a cada hora, todos os dias e todas as noites. Portanto, ADŌNAI, o mais alto dos deuses, cujo nome é verdadeiro / único, execute o assunto, ADŌNAI”.

\*Tr .: E. N. O'Neil. Esta seção contém dois feitiços - ou um feitiço repetido com variações.

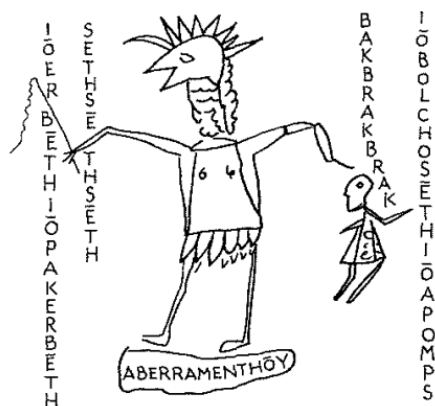
(BETZ, 1986, p.266 - tradução nossa).

#### **PGM XXXVI. 69-101 - Feitiço de atração do amor**

\*Feitiço de atração de amor, excelente adivinhação pelo fogo, do que nenhuma é maior. Atrai homens para mulheres e mulheres para homens / e faz virgem saírem

correndo de suas casas. Pegue um papiro puro e, com sangue de burro<sup>69</sup>, escreva os seguintes nomes e figuras, e coloque o material mágico da mulher que você deseja. Manche a tira de papiro com goma de vinagre umedecido / e cole-o na abobada seca da sala de vapor de um banho, e você ficará maravilhado. Mas tenha cuidado para não ser atingido.

A escrita é a seguinte: “Venha, Typhon, que está sentado em cima do portão, IŌ ERBĒTH IŌ PAKERBĒTH IŌ BALCHOSĒTH IŌ APOMPS IŌ SESENŌ IŌ BIMAT IAKOUMBIAI ABERRAMENTHŌ OULER- / THEXANAX ETHRELUOŌTH MEMAREBA TOU SĒTH, assim como você está em chamas e pegando fogo, assim também estará a alma, o coração dela, NN, a quem NN deu a luz, até que ela venha me amar, NN, e cole sua pudenda<sup>70</sup> feminina no meu macho, imediatamente, imediatamente, rapidamente, rapidamente”.



\*Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.270 - tradução nossa).

### PGM XXXVI. 102-33 - Adivinhação pelo fogo (feitiço de amor)

\*Outra adivinhação pelo fogo: pegue um papiro limpo e escreva os seguintes nomes e figuras com tinta de mirra e diga o feitiço três vezes.

Os nomes / e a figura a serem escrita são estes:

“Ouça-me, você que fundou e destruiu e se tornou o deus poderoso a quem uma porca branca<sup>71</sup> deu a luz, ALTHAKA EIATHALLATHA SALAIOTHI, que apareceu em Pelousion, em Heliópolis, com um cajado de ferro com o qual você abriu o mar e passou depois de secar completamente todas as plantas. Atraia para mim, NN, ela, NN, em chamas, pegando fogo, através do ar, com fome, com sede, sem encontrar sono, me amando, NN a quem NN deu a luz, até que ela venha e cole sua pudenda feminina no meu macho, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”. /

<sup>69</sup> Isso é para conectar o feitiço ao Typhon, invocado abaixo. (Betz, 1986, p.270 – tradução nossa).

<sup>70</sup> Pudenda: os órgãos sexuais, especialmente de uma mulher (<https://dictionary.cambridge.org/>). Acessado em 15/01/2019

<sup>71</sup> O nascido da porca branca é o Mine of Koptos, nascido de Isis. (Ibid, p.271 – tradução nossa).

"IAEŌ		S	NOTHEILARIIIAĒ
IAE		E	OTHEILARIIIAĒ
IA		S	EILARIIAĒ
I		E	ILARIIAĒ
		N	LARIIAĒ
BAPHRENDEMOUN		G	ARIIAĒ
BAPHRENDEMOU		E	RIIAĒ
BAPHRENDEMO		N	IIAĒ
BAPHRENDEM		B	IAĒ
BAPHRENDE		A	AĒ
BAPHREND		R	Ē
BAPHREN		PH	PHIRKIALI
BAPHRE		A	IRKIALI
BAPHR	/ Attract to me, NN whom	R	RKIALI
BAPH		A	KIALI
BA	NN bore, her, NN whom NN	G	IALI
B	bore, aflame, on fire,	G	ALI
	/ flying through the air,	Ē	LI
	loving me, NN whom NN bore, immediately,	S	I
	immediately; quickly, quickly, accomplish it."		

\*Tr.: E. N. O'Neil.

/ Atrai para mim, NN a quem NN deu a luz, ela, NN a quem NN deu a luz, em chamas, pegando fogo, / através do ar, me amando, NN a quem NN deu a luz, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente, realize-o".

\*Tr. : E. N. O'Neil

(BETZ, 1986, p.271 - tradução nossa).

### PGM XXXVI. 134-60 - Feitiço de atração do amor

\* Feitiço de atração maravilhoso, do qual nenhum é maior: Pegue mirra / incenso masculino, coloque-os em um copo e adicione um archē<sup>72</sup> de vinagre; e, na terceira hora da noite, coloque-o no soquete da sua porta e diga o feitiço 7 vezes.

O feitiço a ser dito é o seguinte: "Levante-se, daimons no escuro; pule sobre os tijolos e bata no peito depois de sujar o rosto com lama. Pois por causa dela, NN a quem NN deu à luz, ovos ilegítimos estão sendo sacrificados: fogo, fogo, ilegalidade, ilegalidade. Pois Ísis levantou um grito alto, e o mundo foi jogado em confusão. Ela vira de um lado para o outro em seu leito sagrado, e isto uni e aqueles dos daimons do mundo são despedaçados por causa da inimizade e impiedade dela, NN, a quem NN deu a luz. Mas você, Ísis / e Osíris e (daimons) do mundo ctônico, ABLAMGOUNCHŌTHŌ ABRASAX, e daimons que estão sob a terra, levantam-se, vocês que são das profundezas e façam com que ela, NN, a quem NN deu a luz, fique sem dormir, voe pelo ar, faminta, sedenta, sem encontrar sono, para me amar, NN, a quem NN deu a luz, apaixonadamente com paixão em suas entranhas, até que ela venha / e cole sua pudenda feminina no meu macho. Mas se ela quiser adormecer, espalhe sob seu couro atado flagelos e espinhos sobre suas têmporas, para que ela possa concordar com um amor de cortesã, porque eu ajudo você que está estacionado sobre o fogo, MASKELLI MASKELLŌ PHNOUKENTABAŌTH / OREOBAZAGRA RĒXICHTHŌN HIPPICHTHŌN PYRIPĒGANAX".

"Você, NN, foi preso pelas fibras da palmeira sagrada, para que você possa amar NN para sempre. E nenhum cachorro latindo a liberará, nem zorro, nem galo, nem padre que remove feitiços, nem estrondo de címbalos, nem lamuria de flauta; de fato, nenhum

<sup>72</sup> ARCHE: 'apxh' ocorre apenas aqui como uma unidade de medida. Ver A. Erman, ZÄS 33 (1895): 46." (Betz, 1986, p.272 – tradução nossa).

encanto protetor do céu que funcione para qualquer coisa; / antes, deixe-a ser possuída pelo espírito”.

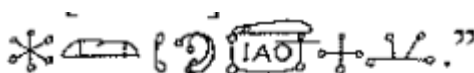
\* Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.272 - tradução nossa).

### PGM XXXVI. 187-210 - Feitiço de atração de amor

\*Feitiço de atração de amor: em uma peça de cerâmica crua, escreva com uma cinzel de bronze: “Hécate, você, Hécate, de forma tripla, desde que todo selo de cada [feitiço de atração do amor] foi concluído, eu a conjuro / pelo grande nome de ABLANATHANA e pelo poder de AGRAMARI, porque eu a conjuro, você que possui o fogo, ONYR, e os que nele estão, para que ela, NN, seja incendiada,<sup>73</sup> que venha me perseguir, NN, porque estou segurando na minha mão direita as duas serpentes e a vitória de IAÕ SABAÕTH e o grande nome BILKATRI MOPHECHE, quem brande fogo...,<sup>74</sup> que ela me ame / completamente e esteja em chamas e pegando fogo por mim; sim, e torturada também. Eu sou SYNKOUTOUEL”.

[Escreva] 8 caracteres como este: “Conceda-me, de fato, o favor de todos, ADÕNAI



\*Tr .: E. N. O'Neil. O texto desse feitiço parece estar corrompido em vários lugares, de modo que, por necessidade, a tradução permanece tentativa.

(BETZ, 1986, p.274 - tradução nossa).

### PGMXXXVI. 295-311 - Feitiço de atração do amor

\*Feitiço de amor de atração, adivinhação do fogo sobre o enxofre não queimado, assim: Pegue sete pedaços de enxofre não queimado e faça um altar de fogo com madeira de videira. Diga esse feitiço sobre os pedaços um por um e jogue-os no fogo.

Este é o feitiço: “os céus dos céus se abriram e os anjos de Deus desceram e derrubaram as cinco / cidades de Sodoma e Gomorra, Admah, Zeboiim e Segor. Uma mulher que ouviu a voz tornou-se uma coluna de sal<sup>75</sup>. Você é o enxofre que Deus derramou no meio de Sodoma e Gomorra, Admah, Zeboiim e Segor; você é o enxofre<sup>76</sup> que serviu a Deus - então também me sirva, NN, em relação a ela, NN, / e não permita que ela vá para a cama ou encontre sono até que ela venha e cumpra o rito misterioso de Afrodite”.<sup>77</sup>

Ao atirar [os pedaços] no fogo, diga: “Se eu o atirar ao fogo, eu o conjuro pelo grande PAP TAPHEIAÕ SABAÕTH ARBATHIAÕ ZAGOURĒ PAGOURĒ, e pelo

<sup>73</sup> O texto nessas linhas é incerto a provavelmente está corrompido. A tradução é tentativa. [E.N.O] (Betz, 1986, p.274 – tradução nossa).

<sup>74</sup> O texto aqui contém letras incompreensíveis, provavelmente por causa da decomposição e não por serem voces magicæ. (Ibid, p.276 – tradução nossa).

<sup>75</sup> Uma referência a história da esposa de Ló, Gn. 19:26. (Ibid, p.276 – tradução nossa).

<sup>76</sup> Uma referência ao Gn. 19:24. (Ibid, p.276 – tradução nossa).

<sup>77</sup> O rito misterioso de Afrodite é o ato sexual. (Ibid, p.276 – tradução nossa).

grande MICHAËL / ZOURIËL GABRIËL SESENGENBARPHARANGËS ISTRAËL ABRAAM, atraia NN, para NN”.

\*Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.276 - tradução nossa).

### **PGM XXXVI. 333-60 - Feitiço de atração do amor**

\*Feitiço de amor de atração sobre mirra: diga o feitiço e [coloque-o] na pedra plana do banho.

O feitiço é este: / “Mirra, Mirra, que serve ao lado dos deuses, que move rios e montanhas, que queimam o pântano de Achalda,<sup>78</sup> que consome com fogo o ímpio Typhon, que é aliado de Hóros, a proteção de Anúbis, o guia de Ísis. Sempre que eu jogar você, Mirra, sobre os estróbilos<sup>79</sup> da pedra plana deste banho, enquanto você queima, você também a queimará, NN, porque eu o conjuro pelo forte e inexorável Destino, MASKELLI MASKELLŌ PHNOUKENTABAŌTH OREOBAZAGRAS REXICHTHŌN HIPPOCHTHŌN PYRICHTHŌN PYRIPAGANYX LEPETAN / LEPETAN MANTOUNOBOË, e pelo Destino deste, LAKI LAKIŌ LAKIŌYD LAKIŌYDA. Atraia, queime-a, NN (adicione o habitual, o que você quiser), porque eu o conjuro pelos fortes e grandes nomes, THEILŌCHNOU ITI PESKOUTH TETOCHNOUPHI SPEUSOUTI IAŌ SABAŌTH / ADŌNAI PAGOURË ZAGOURË ABRASAX ABRATHIAŌ TERËPHEL MOUISRŌ LEILAM SEMESILAM THOOOU IIE ËŌ OSIR ATHOM CKAMNEUS PHEPHAŌN PHEPHEŌPHAI PHEPHEŌPHTHA. Desperte-se, Mirra, e vá a todos os lugares e procure por ela, NN, e / abra seu lado direito e entre como um trovão, como um relâmpago, como uma chama ardente, e faça-a magra, [pálida,] fraca, mole, incapaz de [agir] em [qualquer parte de seu corpo] até que ela salte e venha até mim, [NN, filho de] NN (adicione o habitual, e o que você desejar). imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”.

\* Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.277 - tradução nossa).

### **PGMXXXVI. 361-71 - Feitiço de atração de amor**

\*Irresistível feitiço de atração, que funciona no mesmo dia: retire a pele de um burro e escreva o seguinte no sangue do útero de um silurus<sup>80</sup>, depois de misturar ao suco da planta Sarapis.

A escrita é a esta: “SISISŌTH, atraia para mim, ela, NN, neste mesmo dia, nesta mesma hora, porque eu o conjuro pelo nome CHYCHACHAMER MEROUTH CHMĒMINOUTH THIŌNTHOUTH PHIOPHAŌ BELECHAS AAA EEE ËËË L'S' S'S 'N' N'. Atraia-a, NN, para NN” (adicione o habitual).

Coloque o material mágico dentro / com ervilhaca e coloque-o na boca de um cachorro morto, e isto a atrairá na mesma hora.

\*Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.278 - tradução nossa).

<sup>78</sup> Esta localidade não está identificada. (Betz, 1986, p.277 – tradução nossa).

<sup>79</sup> ESTROBILOS: (Pinha) é o órgão da planta da divisão Pinophyta onde se encontram as estruturas reprodutivas. As pinhas lenhosas que estamos habituados a ver são na verdade flores diferenciadas (<https://educalingo.com>).

<sup>80</sup> SILURUS: Devido ao seu tamanho e forma peculiar, o Silurus é um peixe comestível bastante popular na Europa Central e Oriental. A sua carne e gordura eram utilizadas para fins de cura em alguns locais do mundo (<https://educalingo.com>).

**PGM XXXVIII. 1-26 - (Sem título) Feitiço de atração de amor**

\*... no tempo apropriado, purifique-se [por sete dias e] pegue tinta de mirra e [escreva] em papiro [puro]... de banhos: “Venha aqui para mim... quem tem o poder... /... e entre na casa... assustando e escondendo... da porta. Pela contribuição (?) dela. ... pelo seu [poder, atraia] para mim ela, NN, cuja mãe é NN, porque ... / ... encontre sono e ... cérebro ... de fantasmas sagrados ... do mar. .. / [quem copula no oceano, PSOI PHNOUTH NINTHĒR, é você quem é] diariamente visível [e que se põe no noroeste] do céu [e se eleva no sudeste. Na 1ª hora] você tem [a forma de um gato; seu nome é PHARAROUNĒTH. Na 2ª hora você tem a forma] de um cachorro; seu nome é / [SOUPHI. Na 3ª hora você tem a forma de uma cobra; seu nome é] ABERAN NEMANE [THŌUTH Na 4ª hora, você tem a forma de um escaravelho]: [seu] nome é [SESENIPS. Na 5ª hora você tem a forma de um asno; [seu] nome é [ENPHANCHOUPH. Na 6ª hora você tem a forma de um leão]; seu nome é [BAISOLBAI ... quem controla] o tempo. / [Na 7ª hora você tem a forma de uma cabra; seu nome é] OUMESTHŌTH. Na 8ª hora você tem a forma de um touro; seu nome é [DIATI-PHĒ, que se torna invisível]....

\*Tr.: E. N. O'Neil. Esse papiro é tão incompleto que o texto deve mais ao talento de Eitrem's do que ao copista. Ll. 15-26 parecem ser uma duplicata e, em parte, uma versão resumida do IV. 1642-79. A edição do Preisendanz não fornece tradução; Moke oferece apenas um dos II. 1-12.

(BETZ, 1986, p.278 - tradução nossa).

**PGM XXIX. 1-21 - (Sem título) Feitiço de atração de amor**

\*“THATTHARATHAUTHŌLTHARA  
 ATTHARATHAUTHŌLTHARA  
 TTHARATHAUTHŌLTHARA  
 THARATHAUTHŌLTHARA  
 ARATHAUTHŌLTHARA  
 RATHAUTHŌLTHARA  
 ATHAUTHŌLTHARA  
 THAUTHŌLTHARA  
 AUTHŌLTHARA  
 UTHŌLTHARA  
 THŌLTHARA  
 ŌLTHARA  
 LTHARA  
 THARA  
 ARA  
 RA  
 A



THATTHARATHAUTHŌLTHARA  
 ATTHARATHAUTHŌLTHARA  
 TTHARATHAUTHŌLTHARA  
 THARATHAUTHŌLTHARA  
 ARATHAUTHŌLTHARA  
 RATHAUTHŌLTHARA  
 ATHAUTHŌLTHARA  
 THAUTHŌLTHARA  
 AUTHŌLTHARA  
 UTHŌLTHARA  
 THŌLTHARA  
 ŌLTHARA  
 LTHARA  
 THARA  
 ARA  
 RA  
 A

Eu conjuro você pelos doze elementos do céu e pelos vinte e quatro elementos / do mundo, que você atraia Herakles a quem Taaipis deu a luz, para mim, para Allous, a quem Alexandria deu a luz, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”.

\*Tr.: E. N. O'Neil. A figura à esquerda é a do deus anão Bes. No período greco-romano, os eróticos associados de Bes, tornaram-se tão pronunciados que ele parece ter se tornado um patrono dos bordéis. Ver J. E. Quibell, *Escavações em Saggara* (1905–1906) (Cairo: *Imprimerie de Institute francais d'archeologie orientale*; 1907) 12-14. [R.K.R.]

(BETZ, 1986, p.279 - tradução nossa).

**PGM LII. 1-9 - (Sem título) Feitiço de amor (?)**

\* ... a fórmula:

“.. forte de coração, redemoinho prateado, e com as Graças CHŌŌS EU. Tanto Hera quanto Selene, assim / A inteligência, que se encontra com ... nada, sobre o mar,... S... ES... ES... por mais que...”.

\*Tr.: Roy Kotansky. Esse papiro muito fragmentário contém porções de dois ou três feitiços, provavelmente lidando com a magia do amor. A primeira delas, traduzida aqui, preserva uma encantação poética cujas primeiras linhas são examinadas como hexâmetros dácteis.

(BETZ, 1986, p.283 - tradução nossa).

### **PGM LII. 9-19 - (Sem título) Feitiço de amor (?)**

\*Pegue um ichneumon<sup>81</sup> / do campo e jogue um pouco de mirra de vinagre e deixe ferver por 3 dias. . . mas. . . .

“... e ... / Peitho... verá um ... com poderosos... ou poderá me conceder favor ... ou me amar em... de um poderoso (?)...”

\*Tr.: Roy Kotansky.

(BETZ, 1986, p.284 - tradução nossa).

### **PDM Ixi. 112-27 - Receita para fazer uma mulher amar**

\*Uma receita para fazer uma [mulher] te amar: uma imagem de Osíris [feita] de cera - você deve..., trazer cabelos (?) e [lã] de um burro junto com um osso de lagarto. / Você deve [enterrá-los sob o] soleira da porta da casa dela. Se ocorrer teimosia, você deverá trazer isto... a imagem de Osíris com (?) lã de carneiro; você deverá colocar o osso do lagarto... ; / você deverá enterrá-lo novamente sob a soleira da casa dela; e você deverá recitar... diante de Ísis à noite, quando a lua nascer. Ouça antes de enterrar....

“Ó imagem secreta de Osíris [feita] de cera, ó poderoso; ó proteção de... ó senhor de louvor, amor e respeito, você pode ir a toda casa em que fulana estiver [dentro e envia fulana] para toda casa em que o fulano se encontrar, as pontas dos seus pés seguem os calcanhares dele... / enquanto os olhos dela chorarem, enquanto o coração dela anseia (?) ... ela... o que ela fará. Ó imagem de Osíris [feita] de cera, se você for teimoso [e não enviar a fulana] atrás de fulano, irei ao baú que... e eu irei... preto, vou juntá-lo com um dente... preto, e farei com que [Isis] receba ... atrás de Osíris, seu marido e [irmão... ] / Saudações a você, ó senhor dos tempos, aquele a quem eu fiz com que [...] quem está na Casa do Obelisco. Venha até mim...”

\*Tr .: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Thompson em Bell, Nock e Thompson, *Magical Texts*, col. VIII / I-16.

(BETZ, 1986, p.290 - tradução nossa).

### **PDM Ixi. 128-47 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*... Você deverá fazer com que um homem beba (?)... [carrapato] de um cachorro preto na orelha direita... [lã?] da prole de um carneiro preto... a face (?) do seu pé no dia da imersão sem sangue; você deve matar o carrapato.... Quando você terminar, você deverá dormir com a mulher; [você deve ungir] seu falo com isto; você deveria lavá-lo...; você deve fazê-la beber; você deve enviar a lã / ... de azeitona; você deve prendê-lo ao [seu] braço direito ...; [você] deve fazer a mulher beber. . . da língua de um touro. . . nome. . . eles em seu assunto / ... seu sangue; você deve... PHAMOYROYTH THTO... T ...; lave-o em vinho [doce?]. para isto /... para isto....

\*Tr .: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Thompson em Bell, Nock e Thompson, *Magical Texts*, verso, col.i/1-20.

(BETZ, 1986, p.290 - tradução nossa).

<sup>81</sup> ICHNEUMON NOVEMALBATUS: é uma espécie de insetos himenópteros, mais especificamente de vespas pertencente à família Ichneumonidae. (<https://eol.org/pages/3758787>). Acessado em 15/01/2019.

**PDM lxi. 148-58 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*Aqui estão os nomes deles: “ORNAI SORNIN... OZO RANAY SARZANA IAO / XOINAI, OOO NAIIO MELOI NAI ERIANA E E... ASNAI ENAMPHEI deixa que ela, NN, me ame”.

Suas (?) tinta verde: você deve tingir / .... mirra...; você deve queimá-los; e você deve tritura-los... de uma criança para beber (?) data queimada [vinho?].

\*Tr .: Janet H. Johnson, seguindo a edição e tradução de Thompson em Bell, Nock e Thompson, *Magical Texts*, verso, col. ii / 1-12.

(BETZ, 1986, p.290 - tradução nossa).

**PDM lxi. 159-96 / PGM LXI. 1-38 - Feitiço de amor**

\*Encanto de amor louvável: pegue azeite puro, uma beterraba e ramos de oliveira; pegue sete folhas, triture-as e despeje-as no azeite até que fiquem como o azeite. / E coloque-o em uma jarra, suba no telhado (ou no chão) de frente para a lua e diga o feitiço 7 vezes:

“Você é o azeite; você não é o azeite”, mas o suor do Bom Daimon, o muco de Ísis, o pronunciamento de Hélios, o poder de Osíris, o favor dos deuses. Eu liberto você contra ela, NN, a quem NN deu a luz. Sim, sirva-me contra ela, NN, antes que eu traga contra você os deuses da compulsão, se você não a enviar. Caso contrário, eu mesmo arrombarei as portas de ferro. Não mais lhe enviarei por essas coisas, nem há necessidade deles, mas vou lhe enviar para ela, NN, a quem NN deu a luz, para que, se ela te dispensar, / você possa agarrar sua cabeça. Faça com que ela desmaie. Que ela não saiba onde está. Torne-se fogo debaixo dela até que ela venha a mim, para que ela possa me amar o tempo todo; e que ela não seja capaz de beber ou comer, até que venha a mim, para que possa me amar o tempo todo. Eu o conjuro pelo grande deus / que está sobre a abóboda celeste, ARBAIËTH MOUTH NOUTH PHTHÔTHÔ PHRË THÔOUTH BREISON THÔTH. Ouça-me, grandioso deus, neste mesmo dia (nesta noite), para que você possa inflamar o coração dela e que ela me ame, porque eu tenho em minha posse o poder do grande deus, cujo nome é impossível / para qualquer um para falar, exceto eu somente porque possuo o poder dele... EURIÔ MOI AEETHO EÔ Ë PHËOUAB PHTHA ACHE ANOU // ËSI ENES ... E TROUL PHIMOIOU. Ouça-me por causa da Necessidade, pois eu falei seu nome por causa dela, NN, a quem NN deu a luz, para que ela me ame e faça o que eu quiser [e] para que ela esqueça seu pai e mãe, irmãos, marido, / amigo, para que, exceto eu, que ela possa esquecer todos eles”.

E sempre que você executar esse feitiço, tenha um anel de ferro consigo; // ao qual foi gravado Harpokrates sentado em uma flor de lótus ", e o nome dele é ABRASAX.

Se, no entanto, você desejar que ela pare, pegue um escaravelho de sol e coloque-o no meio de sua cabeça e diga: “Engula meu feitiço de amor, imagem de Hélios; ele mesmo ordena que você o faça”. E pegue o escaravelho // e solte-o vivo. Então pegue o anel e dê para ela usar, e imediatamente ela partirá.

\*Tr .: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.290 - tradução nossa).

**PDM lxi. 197-216 PGM LXI. 39-71- Feitiço de atração de amor**

\*Feitiço de atração de amor: atraí uma mulher que foi prejudicada por seu marido. / Pegue do lugar onde os corpos são mumificados um lagarto malhado que vive em torno desses lugares, e jogue o mesmo lagarto em um vaso de ferro, e // pegue carvões da forja sempre que eles acenderem o fogo e os coloque no vaso com o lagarto; queime-o nas brasas e, ao fazê-lo, diga:

“Lagarto, lagarto, / assim como Hélios e todos os deuses te odiaram, então deixe-a, NN, odiar seu marido por todo o tempo e // seu marido a odiá-la”.

Agora, quando o lagarto estiver completamente cozido, mantenha o lagarto pronto para uso e sem tocar no recipiente.<sup>82</sup> Pegue o recipiente em que o lagarto foi queimado e aproxime o próprio portão de entrada / dizendo: "Lagarto, lagarto, deixe Hélios e todos os homens te odiarem porque ela, NN, diz que a múmia do deus // OSERONNŌPHRIOS PHAPRŌ OUSIRIS foi removida e devorada por você Imagem de BIANATHRĒ... imagem de TYPHON SAKTIETĒ SOGGĒTH, imagem de ABRASAX ANAX [IBOA] / imagem de [IAŌ; não deixe] ela, NN, passar pelo portão a qualquer hora que Hélios ilumina a terra por todo o tempo, desde que isto também aumente o Rio fora do Rio,<sup>83</sup> // enquanto a figueira selvagem cresce "([indique o habitual e o que você] deseja, e vá embora).

/ [Feitiço escrito] em papiro... com [sangue] de Typhon, que é...: “Venha, pai, a quem o arado. . . IAKEMBRAŌTH... PHLOUDOUNTAS ... /, [separa] ele, NN, dela, NN, ... turbulência. . . OENAI SORNIN. . . ŌXŌ RANAU SARXANA IAŌ LOINAI ŌŌŌ NAIŌ MELŌI NAI ERIANA / E SASTIAI ENAMPHE, deixe que ela, NN, me ame”.

\*Tr .: E. N. O'Neil

(BETZ, 1986, p.291 - tradução nossa).

#### **PGM LXII. 1-24 - (Sem título) Feitiço de atração de amor**

\*[Agora deixe] esta [lâmpada], não colorida de vermelho, ser pendurada. Acenda a lâmpada com um bom óleo [e] óleo de cedro.

“Você é o fogo que é inextinguível, que se encontra ao lado do grande deus, OSORNŌPHRI OSOR [NŌPHRI], em serviço a ele quando ele estava apaixonado por sua própria irmã / irmã Senephthys, você não apenas correu até sessenta e seis *schoeni*<sup>84</sup> mas você circundou até sessenta e seis montanhas. Dessa forma, também, sirva-me, NN, contra ela, NN. Caso contrário, direi as oito letras de Selene / que foram estabelecidas no coração de Hélios. Mas se eu estiver a ponto de dizê-las e você não tiver partido, entrarei nos sete portões ao redor de Dardaniel, sacudirei os fundamentos da terra e os quatro elementos do mundo se reunirão / para que nada seja criado a partir deles. Dissolva-se em sua própria natureza e se misture com o ar, e vá até ela, NN, a quem NN deu a luz (acrescente o habitual) e atraia-a para mim com fogo do raio. Eu o conjuro pelo grande deus / deitado na terra pura, ao lado de quem o fogo inextinguível jaz para sempre, ATHOUIN ATHOUIN ATHOUIN IATHAOUIN SIBELTHIOUTH IATĒT ATATĒT ADŌNE” (adicione o habitual).

Feitiço de proteção: enrole três peônias ao redor do braço esquerdo e use-as.

\*Tr .: E. N. O'NEIL

(BETZ, 1986, p.292 - tradução nossa).

#### **PGM LXIII. 1-7 - (Sem título) Poção do amor (?)**

\*... despeje dois litros de sal e vinho de mel, fazendo assim uma bebida. / E diga as sete letras dos mágicos.

As sete letras são: [A E Ē I O Y Ō].

<sup>82</sup> O sentido é confuso porque o texto é incerto. Consequentemente a tradução é tentativa. [E.N.O] (Betz, 1986, p.291 – tradução nossa).

<sup>83</sup> Uma referência ao Nilo e seu transbordamento periódico. [E.N.O] (Betz, 1986, p.291 – tradução nossa).

<sup>84</sup> SCHOENI: “é uma unidade de medida de comprimento que não tem valor fixo. Strabo (17. 1, 24) diz que isto varia de 30 a 120 estádios (ou seja, cerca de 1.820 a 7.280 pés). [E.N.O.]” (Betz, 1986, p.292 – tradução nossa).

\*Tr.: E.N.O'Neil. Esse papiro está severamente danificado e pouco resta. Por necessidade, a tradução é tentativa em vários lugares.

(BETZ, 1986, p.294 - tradução nossa).

**PGM LXIII. 7-12 - [Soletre para fazer uma mulher] confessar o nome do homem que ama**

\*[Para uma mulher adormecida] confessar o nome do homem que ama: Coloque uma [língua de] / pássaro embaixo do lábio ou no coração e faça sua pergunta, e ela chama o nome três vezes.

\*Tr.: E. N. O'Neil.

(BETZ, 1986, p.295 - tradução nossa).

**PGM LXVII. 1-24 - (Sem título) Feitiço de amor (?)**

\* ... O orador [do] feitiço para aqueles mortos e aqueles vivos [deve escrever]:  
 “AGE... AOUMA... EB... THNOBAMA... BABOUA... EU DALANALAD...  
 ALKOUMI... OUTIZTAI AAAA IIIII EOYA BOUBITHA... CHANACH  
 SANMACHANA / e KECHNOU BOUZA SANMACHANA... SAMMACHARA  
 SPHAMBÈS EPOKR... ACHTH KAT ETA BAI KARKOPTŌ KOPTŌ KARBAR...  
 AĒA PTOKOPTO KARABARBAROUTA THATH... CHRENPSENTHAÈS BERBAL  
 IŌ PARP... RPAR, Eu o conjuro pelo [sagrado nome do] daimon de EIOY [SOU] / ŌOUS  
 BARBARATHAM de [ADONAIŌS, o deus] SABAŌTH [ABRASAX]... PSE ... TA  
 [PHONOBOUBOĒL] [de Hermes-Thouoth ctônico, subjugador astuto,  
 PHŌKENSEPSEU AREEKTATHOU MIS [ONKTAI... EI IAŌ] ĒŌĒŌ KA... ĒŌIŌ  
 ŌIŌĒ [SESENGENBARPHARAGGÈS ERĒKISITHPHE] ARARACHARARA  
 [ĒPHTHISIKĒRE / IABEZEBYTH] IAŌ... SAM... [ERĒKISIPHTHE]  
 ARARACHARARA ĒTHTHISIKĒRE. . . ĒI IAŌ [ĒŌĒ], Ō KA. Por este juramento eu  
 conjuro [você, quem... e] aquele que jurou ... permanecer / [. . . daqueles que morreram]  
 em uma morte [prematura]. . . [. . . ela, NN, a quem] NN [deu a luz], . . . [ele, NN, a quem]  
 NN deu a luz... falou...”

\* Tr.: E. N. O'Neil. Este papiro é composto de cinco peças separadas. Preisendartz imprimiu basicamente o texto de L Koenen publicado em ZPE 8 (1971): 199ff. e omitiu uma tradução.

(BETZ, 1986, p.296 - tradução nossa).

**PGM LXVIII. 1-20 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*“Como Typhon é o [adversário] de [Hélios, assim] também inflame [a alma] de Eutiques, a quem Zosime / [deu a luz], por ela, [Eriea] a quem [Ercheelio] deu a luz; ABRASAX, inflame a alma e o coração dele, Eutyches para ele / Eutyches a quem Zosime deu a luz, agora, rapidamente, rapidamente, nesta mesma hora e no mesmo dia. ADŌNAI, inflame a alma e coração de Eutyches, por ela Eriea [a quem Ercheelio deu a luz], agora, rapidamente, rapidamente, nesta mesma hora / e neste mesmo dia.

\*Tr.: E. N. O'Neil.

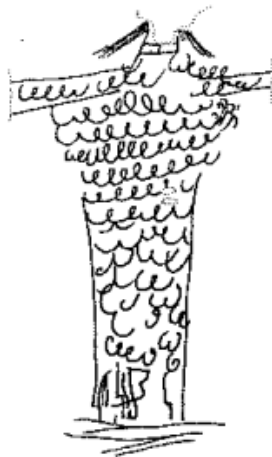
(BETZ, 1986, p.297 - tradução nossa).

**PGM LXXVIII. 1 - 14 - (Sem título) Feitiço de atração de amor**

\*[Para qualquer lugar], em casa ou oficina. [Isto atrai uma mulher] a um homem. O mesmo [faz com que sejam firmes] e fiéis: Pegue uma folha [de chumbo] e com um prego escreva a figura enquanto diz [o nome / que segue]: “Vou queimar a casa e a [alma dele, NN, para] causar desejo por ela, NN, a quem NN deu a luz, a quem NN deu a luz, como Typhon [não] permitia que Osíris encontrasse o sono. Pois eu sou o [mestre de]

MASKELLI MASIKELLŌ PHNOUN [KENTABAŌTH / OREOBA] ZAGRA RĒSICHTHŌN HIPPOCHTHŌN [PYRIPĒ] GANYX. Cumpra isso para mim, o iluminador de tudo, o majestoso portador da luz [dos deuses e daimons]”.

Nome do deus todo-poderoso: IAŌ IAŌ IAŌ.



\* Tr.: E. N. O'Neil. Para notas sobre o texto, veja também F. Makomini, "Observações sobre o texto de alguns papiros mágicos gregos, H", *Dacian e Christian Civilization 1* (1980): 371-74.

(BETZ, 1986, p.299 - tradução nossa).

#### **PGM CI. 1-53 - (Sem título) Feitiço de busca**

\*“Eu o amarro aos grilhões indissolúveis do Destino do submundo e à poderosa Necessidade, pois eu os conjuro, daimons, que jazem aqui<sup>85</sup> e que se movem por aqui e que se mantêm ocupados aqui, e os meninos aqui que morreram de forma prematura.<sup>86</sup>

“Eu te conjuro pelo deus invencível IAŌ BARBATHIAŌ BRIMAIAŌ CHERMARI, para se levantar, ó daimons que jazem/ aqui, e procurar por Eufêmia, a quem Dorothea deu a luz, [para] Theon, a quem Proechia deu a luz. Durante toda a noite, deixe que ela não encontre sono, mas a busque até que ela chegue diante de seus pés e ame-o com amor louco, afeto e relação sexual. Pois amarrei seu cérebro, suas mãos, seus intestinos e seus órgãos genitais, e seu coração para me amar, Theon.

“Mas se você desobedecer e não cumprir rapidamente / o que eu digo, o sol não se porá sob a terra e nem Hades nem o mundo existirão. Mas se você buscar para mim Eufêmia, a quem Dorothea deu a luz, para mim, Theon a quem Proechia deu a luz, darei a você Osíris Nofriote, irmão de Ísis, e ele lhe trará água fresca e ele lhe dará descanso, também, para suas almas.<sup>87</sup> Mas se você não executar para mim o que eu digo, o EŌNEBYŌTH o queimará.

“Eu conjuro você, daimons, que jazem aqui, IEŌ IIIAIA ĒIA IAŌ IAĒ IAŌ ALILAMPS. Eu deposito [este feitiço] para você nesta terra dos cães. Obrigue a Eufêmia a me amar, Theon. Ó daimons, eu o conjuro pela estela dos deuses, eu os conjuro por aqueles que estão nos santuários mais íntimos, eu os conjuro pelos nomes do deus que tudo vê, IA IA / IA IŌ IŌ IŌ IE IE IE OYŌA ADŌNAI. Eu conjuro o que está satisfeito no templo e o sangue que o grande deus IŌTHATH recebeu. Eu o conjuro por quem se sinta nos quatro pináculos [dos] ventos”.

<sup>85</sup> Cemitérios são as moradas preferidas dos daimons. (Betz, 1986, p.307 – tradução nossa).

<sup>86</sup> Os espíritos das crianças de morte prematura são meios preferidos dos mágicos. (Ibid, p.307 – tradução nossa).

<sup>87</sup> Os mortos no mundo inferior sofrem de sede, enquanto Osíris lhes traz a bebida da vida. Veja Wortmann, "Neue magische Texte". 94-95. (Ibid, p.307 – tradução nossa).

“Não me desobedeça, mas faça [isto] rapidamente, porque ordenado você é AKRAMMACHAMARI BOULOMENTOREB GENIOMOUTHIG DĒMOGENĒD ENKYKLIE ZĒNOBIŌTHIZ / ĒSKŌTHŌRĒ THŌTHOUTHŌTH IAEOUŌI KORKOOUNOŌK LOULOENĒL, MOROTHŌĒPNAM NERXIARXIN XONOPHOĒNAX ORNEOPHAO PYROBARYP REROUTOĒR SESENME NOURES TAUROPOLIT YPEPHENOURY PHIMEMAMEPH CHENNEOPHEOCH PSYCHOMPOIAPS ŌRIŌN, o verdadeiro. Que eu não seja obrigado a dizer as mesmas coisas novamente, IŌĒ IŌĒ. Busque Euphemia, a quem / Dorothea deu a luz, para Theon, a quem sua mãe Proechia deu a luz, para me amar com amor, anseio, afeto e relação sexual, com amor louco. Queime seus membros, seu fígado, suas partes femininas, até que ela venha para mim, me desejando e não me desobedecendo. Pois eu o conjuro pela grande Necessidade, MAKELLI MASKELLŌ PHENOUKENTABAŌTH OREOBAGRA RĒXICHTHŌN / HIPPOCHTHŌN PYRICHTHŌN PYRIPĒGANYX LEPETAN LEPETAN MANTOUNOBOĒL, para que você amarre para mim Eufêmia, para mim, Theon, em afeto e amor e com desejo, por um período de dez meses a partir de hoje, que é o dia 25 de Hathyr do segundo ano da indicação.

“E novamente eu te conjuro por quem domina sobre você, para que você não me desobedeça. E novamente eu te conjuro por quem está no comando do ar. E / novamente eu os conjuro pelos sete tronos, ACHLAL LALAPHENOURPHEN BALEŌ BOLBEŌ BOLBEŌCH BOLBESRŌ YYPHTHŌ, E pelo deus implacável CHMOUŌR ABRASAX IPSENTHANCHOUCHAINCHOUCHĒŌCH. Agarre a Eufêmia e traga-a para mim, Theon, para me amar com um amor louco, e amarre-a com indissolúveis, fortes grilhões adamantinos / para me amar, Theon; e não a deixe comer, ou beber, ou encontrar sono, ou se divertir, ou rir; mas faça-a fugir de todos os lugares e de todas as casas e deixar pai, mãe, irmãos, irmãs, até que ela venha a mim, Theon, gostando de mim, me amando, Theon, com amor interminável e afeição louca. Mas se ela tiver outro em seu / coração, mova-a para afastá-lo, esquecê-lo e odiá-lo, mas de mim, ela deve gostar e amar com carinho e me conceder seus favores, e ela nada fará contra a minha vontade. Vocês, esses nomes sagrados e esses poderes, confirmem e realizem esse perfeito encantamento; imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”.

\* Tr .: H. D. Betz, seguindo a edição e comentários de D. Wortmann, *"Neue magische Texts"*, *Bonner Jahrsicher* 168 (1968): 85-102. O papiro foi encontrado dobrado em um vaso de barro e depositado em um cemitério. Dentro do papiro dobrado, foram encontradas duas figuras de cera em abraço erótico (cf. PGM IV. 296ff).

(BETZ, 1986, p.307 - tradução nossa).

### **PGM CIX. 1-8 - (Sem título) Feitiço de amor**

\*“Quando Hermes vira em sua medula<sup>88</sup> e essa faixa de papiro se torna realidade, então vire o cérebro e o coração e procure toda a mente dela, a que se chama Kalemara, imediatamente, imediatamente; rapidamente, rapidamente”.

\* Tr .: H. D. Betz, seguindo a edição de Eric G. Turner, "The Marrow of Hermes", em *Images de Man in Ancient and Medieval Thought. Studia Gerardo Verbeke...* dicata (Louvain: Louvain University Press, 1976) 9-73. O feitiço de amor de Oxyrhynchus (ca. 300 d.C.) apresenta problemas muito difíceis, de modo que a tradução por necessidade permanece tentativa.

<sup>88</sup> A frase é desconhecida. Talvez seja o próprio Hemes que "é virado pela medula", a medula se referindo a uma substância mágica usada na operação ritual. Nesse caso, o verbo é interpretado como passivo, com "medula" como genitivo do agente. Isso evita a necessidade de emendar a palavra para o caso acusativo (como P. Gorissen), ou de tomar o genitivo como "locativo" (como Turner), pois isso normalmente requer o caso dativo. [R.D.K]. (Betz, 1986, p.312 – tradução nossa).

(BETZ, 1986, p.312 - tradução nossa).

### PGM CXIXa. 1-3 - (Sem título) Feitiço de amor

\*... “fortuna, eu conjuro...”

“Feitiço de amor através do toque: Pegue o leite ... 9 echthei<sup>89</sup>, 12 Eale<sup>90</sup> ...”

\*Tr.: Roy Kotansky, após a edição de R. Pintaudi, *Dai Papiri delta Biblioteca Medicea Laurenziana (PLaur. III), Papyrologica Florentina 5* (Firenze: Gonnelli, 1979) no. 57: "Fram-menti di Manuale Magico (PL II / 52)", 34-36. Esse papiro contém fragmentos de aproximadamente oito feitiços curtos. A linha de abertura preserva o fim de uma conjuração de propósito incerto; seguem partes de um feitiço de amor.

(BETZ, 1986, p.315- tradução nossa).

### PGM CXXII. 1-55 - Um trecho de encantamentos

\*Um trecho de encantamentos do livro sagrado chamado Hermes, encontrado em Heliópolis, no santuário mais interno do templo,<sup>91</sup> escrito em letras egípcias e traduzido para o grego. /

Encantamento usando maçãs: Três vezes jogarei maçãs... e, assim, eu fornecerei esse oportuno feitiço de amor para pessoas mortais e deuses imortais.

Eu... Joguei a maçã e bati [nela] com a maçã. / Pondo tudo de lado, que ela se apaixone loucamente por mim; se ela pegar a maçã na mão e comer... Ou segurar a maçã em seu peito, que ela não pare de me amar. Ó deusa nascida em Chipre, realize este encanto perfeito...

“Eu tirei seu... olho.<sup>92</sup> Eu, NN, tirei sua alma. Eu, NN, bebi do seu sangue. Eu, NN, usei... Eu, NN, devorei seu fígado. Eu, NN, eu / [coloque na] sua [pele] Eu, NN, fiz isso.

“A deusa no céu olhou para ele, e isso aconteceu com ele de acordo com todos os desejos de sua alma... NN diz: Desde o dia [e] a partir da hora em que eu, NN, [faço esse ato] a você; você vai me amar, gostar de mim e me valorizar... Eu morro. / Ó Senhora, deusa, [Isis]..., realize para mim este encanto perfeito”.

Tendo levantado suas mãos em direção às estrelas, desaponte... NN, e... E noite negra; e de pé [acordado] e insônia e... Você deve usar [estes?] antes de ver o sol. Pegue mirra e cante e unja seu rosto: “Você é a mirra com a qual Isis foi ungida / quando ela foi ao seio de Osíris, seu... Irmão, e deu-lhe seu favor naquele dia. Me dê...” Acorde ele, NN, ou ela, NN, Senhora Isis, e realize esse encanto perfeito. Salve Hélios; saúdem vocês que se levantam; saúdem também a vocês, os deuses que se levantam junto com ele... / vamos nos alegrar... Nem a respeito de uma moeda de prata, mas a respeito dele, NN, ... Permanece... Eu estou correndo, mas ele está me escapando... A você... E tendo feito os [atos?] sagrados... Ao nascer do sol... Nem... Nem beber nem deitar... Nem..., mas me deixa entrar... E angustiado, até que ela [venha] a mim, até... Deus eterno... Se ela [me] deixar ... Eu ficarei com você até que ela volte para mim e vá... [que] você o traga, NN, Ò Hélios... O sempre... Dia, ele, NN, ... Uma moeda...; / Ó deusa nascida em Chipre, realize esse encanto perfeito.

<sup>89</sup> ECHTHEI: Termo não encontrado.

<sup>90</sup> EALE: Termo não encontrado.

<sup>91</sup> Isso se refere à biblioteca do templo. (Betz, 1986, p.316 – tradução nossa).

<sup>92</sup> Aparentemente, as linhas referem-se a algum tipo de cerimonia canibalística feita com a finalidade de magia erótica. Veja Brasher, 269-71, que se refere ao PGM IV. 296-335, e A. Henrichs, *Die Phoinikika des Lollianos, Fragmente eines neuen griechischen Roman, Texte und Abhandlungen 14* (Bonn: Habelt, 192) 70, n.77. (Ibid, p.316 – tradução nossa).

Para dor de cabeça: “Osíris está com uma dor de cabeça; Amon está com uma dor de cabeça nas têmporas de sua cabeça; Esenephthys está com uma dor de cabeça por toda sua cabeça. Que a dor de cabeça de Osíris não pare, a dor de cabeça nas têmporas de Amon não pare, até / que ele primeiro, NN, pare tudo...”

\*Tr.: H.D.Betz, seguindo a edição e comentários de W. Brashear, "Ein Berliner Zauberpapyrus", ZPE 33 (1979): 261-78. O feitiço de amor é um dos mais antigos papiros mágicos gregos; foi encontrado em Abusir el Melek, Egito (primeiro c. A.D.). Para anotações adicionais, ver F. Mal-Tomini, "Osservazioni al testo di alcuni papiri magici greci, II" *Civilet classica e cristiana I* (1980): 375-76.

(BETZ, 1986, p.316- tradução nossa).

### **CXXV1a. 1-21 - (Sem título) Feitiço para causar separação**

\*“... ATĒS... [vinho doce?]/ ATA... ASSA... NN [adicione o habitual]... K... B... BRIAPS... [IŌ ERBĒTH IŌ] PAKERBĒTH I BOLCH [OSĒTH BASDOUMA] / OSESRŌ APOMPS P [ATATHNAX KOKKO] LOPTOLIN CH... K... [... IŌ THATHTHA] BRABO, sem violência... [feitiço de Typhon] Seth [executando] toda a mágica [procedimento e] separe ela, NN, dele, NN. ABERAMENTHŌ / OUTHLERTHEXANAX [ETHRELTHYOŌTHNEMA] REBA, e diga: "Mostarda, [você não é mostarda], mas o olho... as partes internas do touro de Apis"/ (adicione o habitual)... “de Osíris... e separe....”

\* Tr .: HD Betz, seguindo a edição de Franco Maltomini, "Frammento di formulario magico (PL 111/472)", em R. Pintaudi, ed., *Dai Papiri da Biblioteca Medicea Laurenziana (P. Laur. IV), Papyrologica Florentina vol. 12* (Firenze: Gonnelli, 1983) 46-53. Cf. a edição anterior de Rosario Pintaudi, "PL III/472: Frammento magico", ZPE 38 (1980): 261-64, e as novas leituras de F. Maltomini, "Osservazioni al testo di alcuni papiri magici greci, (III.)", *Studi dasski e orientali* 32 (1982): 239-40. O texto mal preservado parece ser um feitiço de separação. L. 20 pode iniciar outro feitiço, pois é separado por uma marca de parágrafo. Para textos e comentários paralelos, veja notas de Maltomini.

(BETZ, 1986, p.322, tradução nossa).

## ANEXO B

## PAPIROS GREGOS MÁGICOS - FEITIÇOS DE AMOR

	Papiro	Número	Data/ Século	Tipo de Feitiço	Oferenda	Invocação	Insônia	Gênero do Solicitante	Entidades / Divindades
1	PGM III 1-164	no.2396 (P.Mimaut frgs. 1-4)	4 d.C.	Ritual do gato para muitas finalidades	X	X	-	Sem Gênero	Sekhmet-Bastet, Hermes, Hécate, Hermecate, Iaō, Sabaoth, Adonai, Abrasax, Iaeo, Seth-Typhon, Kmeph, Michael, Souriel, Gabriel, Raphael. Bainchooch
2	PGM IV 94-153	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amor de atração	-	-	X	Sem Gênero	Isis
3	PGM IV 296-466	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amarrar um amante	X	X	X	Masculino	Abrasax, Kore, Perséfone, Ereschigal, Adônis, Barbaritha, Hermes, Thoth, Anúbis, Hórus
4	PGM IV 1265-74	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Nome de Afrodite (feitiço de amor)	X	-	-	Masculino	Afrodite
5	PGM IV 1390-1495	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amor de atração	X	X	X	Masculino	Moirai, Persephassa (Perséfone), Anúbis, Hermes, Hécate, Acheron, Iaō, Sabaōth, Adōnai, Iabal
6	PGM IV 1496-1595	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amor de atração	X	X	X	Masculino	Mirra, Anochō, Abrasax, Iaō, Sabaōth, Adōnai, Adonaios, Phthan
7	PGM IV 1716-1870	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Espada de Dardanos (Feitiço de amor)	X	X	-	Masculino	Afrodite, Psique, Eros, Adōnaie, Iakōb, Iaō
8	PGM IV 1872-1927	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Encanto de Busca	-	X	-	Masculino	Cérberos
9	PGM IV 2145-2240	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Assistência divina de três versos homéricos	X	X	-	Sem Gênero	Aion, Ra, Pan
10	PGM IV 2441-2621	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amor de atração	X	X	X	Sem Gênero	Aktiōphis, Ereschigal, Ártemis, Perséfone, Selene, Hermes, Hécate, Peitho (Persuasion),
11	PGM IV 2622-2707	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Calúnia para Selene / Funciona para tudo e todos os ritos	X	X	-	Sem Gênero	Selene
12	PGM IV 2708-2784	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amor de atração	X	X	X	Masculino	Hécate, Baubo, Kore, Artemis, Perséfone, Oriōn, Michaēl
13	PGM IV 2891-2942	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amor de atração	X	X	-	Masculino	Afrodite, Kythere, Ereschigal
14	PGM IV 2943-2966	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Amor de atração	X	X	X	Masculino	Hécate, Kore

15	PGM IV 3255-3274	P. Bibl. Nat. Suppl. Gr. No. 574	4 d.C.	Para induzir Insônia	X	X	-	Masculino	Typhon
16	PGM VII. 191-92	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Para agradar um amante	-	-	-	Masculino	-
17	PGM VII. 300a-310	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Encanto de amor	X	X	-	Masculino	Necessidade
18	PGM VII. 374-376	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Para induzir Insônia	-	-	X	Masculino	-
19	PGM VII. 376-384	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Para induzir Insônia	X	X	X	Masculino	Hestia, Hephaistos
20	PGM VII 385-389	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Encanto de amor	-	X	-	Masculino	-
21	PGM VII. 405-406	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Feitiço de Amor	-	-	-	Sem Gênero	-
22	PGM VII 459-461	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Encanto de amor	-	X	-	Sem Gênero	Baco
23	PGM VII. 462-466	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Encanto de amor	-	-	-	Masculino	-
24	PGM VII 467-477	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Amor de atração	-	X	-	Masculino	Deus dos Destinos
25	PGM VII 593-619	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Encanto Atraente para uma mulher incontrolável	X	X	X	Masculino	Iaō, Adōnai, Sabaōth, Pagourē, Marmorouth, Iaeō, Michaēl
26	PGM VII. 619-27	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	De Diadema de Moisés (invisibilidade e amor)	-	-	-	Masculino	Iaō, Sabaōth, Adōnai
27	PGM VII. 643-651	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Feitiço de Amor	-	X	-	Masculino	Atena, Osiris, Iaō, Sabaōth, Adōnai, Abrasax
28	PGM VII. 661-663	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Feitiço de Amor	-	-	-	Sem Gênero	-
29	PGM VII 862-918	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Feitiço Lunar de klaudianos	X	X	X	Masculino	Selene, Ereschigal, Baubō,
30	PGM VII. 969-972	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Feitiço de Amor	-	-	-	Masculino	Iaō
31	PGM VII 973-980	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Amor de atração	X	-	-	Masculino	Michaēl, Osiris, Iaō, Sabaōth, Adōnaie, Lailam
32	PGM VII 981-993	P. Lond. 121	3 ou 4 d.C	Amor de atração	-	X	-	Masculino	Hélios, Aktiōphis, Ereschigal, Perséfone
33	PGM X. 1-23	P. Lond. 124	4 ou 5 d.C	Feitiço de Amor	X	X	-	Masculino	Iaō, Sabaōth, Adōnai
34	PGM XIc 1-19	P. Lond. 148	2 ou 3 d.C	Feitiço de Amor	-	X	-	Masculino	Iabō, Abrasax
35	PGM XII. 365-375	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Para causar separação	X	X	-	Masculino para Masculino / Marido e Mulher	-
36	PGM XII. 376-396	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Para induzir Insônia	-	X	-	Masculino	Bast, Jesus, Amom

37	PDM xii. 50-61 [PGM XII. 445-48]	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Para causar separação	X	X	-	Feminino	Set., Isis
38	PDM xii. 62-75 [PGM XII. 449-52]	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Para causar separação	X	X	-	Sem Gênero	Set
39	PDM xii. 76-107 [PGM XII. 453-65]	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Para causar separação	X	X	-	Homem para Homem	-
40	PDM xii. 108-18 [PGM XII. 466-68]	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Para uma mulher odiar um homem	X	X	-	Sem Gênero	-
41	PDM xii. 135-46 [PGM XII. 474-79]	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Atração de amor	X	X	-	Masculino	Anúbis, Abraham
42	PDM xii. 147-64 [PGM XII. 480-95]	P. Lugd. Bat J 384 (V)	4 d.C.	Atração de amor	X	X	-	Masculino	Anúbis, Balsames
43	PDM xiv. 335-55	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para uma mulher amar um homem	X	X	-	Masculino	Shu, Rá, Sisht
44	PDM xiv. 355-65	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Favor a um homem diante de uma mulher	X	X	-	Sem Gênero	Tefnet(A Filha De Ra), Sakemet
45	PDM xiv. 366-75	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para separar homem e mulher	X	X	-	Sem Gênero	Uraeus, Tefnet, Geb
46	PDM xiv. 376-94	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Várias receitas / aprender uma mulher	X	X	-	Masculino	Abraxas
47	PDM xiv. 428-50	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Dois poções do amor	X	X	-	Masculino	Abydos, Or, Hórus, Osíris
48	PDM xiv. 636-69	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para fazer uma mulher amar um homem	X	X	-	Masculino	Escaravelho
49	PDM xiv. 772-804	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para uma mulher amar um homem	X	-	-	Masculino	-
50	PDM xiv. 930-32	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para uma mulher amar um homem	-	-	-	Masculino	-
51	PDM xiv. 1026-45	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor	-	X	-	Masculino	-
52	PDM xiv. 1046-47	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para uma mulher amar o marido	-	-	-	Masculino	-
53	PDM xiv. 1047-48	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para fazer uma mulher amar copulando com ela	-	-	-	Masculino	-
54	PDM xiv. 1049-55	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para fazer uma mulher amar copulando com ela	-	-	-	Masculino	-
55	PDM xiv. 1063-69	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor	-	X	-	Masculino	-
56	PDM xiv. 1130-40	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	-
57	PDM xiv. 1155-62	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	-

58	PDM xiv. 1188-89	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor (?)	-	-	-	Masculino	-
59	PDM xiv. 1190-93	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	-
60	PDMxiv. 1194-95	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	-
61	PDMxiv. 1196-98	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	-
62	PDMxiv. 1206-18	P. Lond. demot. 10070	3 d.C	Para enlouquecer uma mulher atrás de um homem	-	-	-	Masculino	-
63	PGM XV. 1-21	P. Alex. Inv 491	3 d.C	Para amarrar um amante	X	X	-	Masculino	Iaō, Sabaō
64	PGM XVI. 1-75	no. 3378	1 d.C	Para amarrar um amante	-	X	X	Feminino	Adonaios, Sabaoth
65	PGM XVIIa. 1-25	P.gr.1167	4 d.C.	Atração de amor	-	X	X	Masculino	Anúbis
66	PGM XIXa. 1-54	P. Berol. Inv. 9909	4 ou 5 d.C	Atração de amor	-	X	-	Masculino	Neith, Mouisrō, Osarapi Sarapi, Osor Nobēchis, Osor Mneuei, Osor Nōphris, Thouri, Ereschigal, Daimons Dos Mortos, Harsenophrē, Iaō
67	PGM XIXb. 1-3	P. Berol. Inv. 11737	4 d.C.	Atração de amor	-	X	-	Sem Gênero	-
68	PGM XIXb. 4-18	P. Berol. Inv. 11737	4 d.C.	Atração de amor	X	X	-	Masculino	Apophis
69	PGM XXIVb. 1-15	P. Oxy.887	3 d.C	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	-
70	PGM XXXII 1-19	P. Haw. 312	2 d.C	Atração de amor	-	X	-	Feminino para Feminino (Lésbico)	Evangelos, Anúbis E Hermes
71	PGM XXXIIa 1-25	P. Haw. 312	2 d.C	Amor de atração	-	X	-	Sem Gênero	Adonai, Abraxas
72	PGM XXXVI. 69-101	P. Osl. I, 1	4 d.C.	Amor de atração	-	X	-	Sem Gênero	Typhon
73	PGM XXXVI. 102-133	P. Osl. I, 1	4 d.C.	Adivinhação pelo fogo (feitiço de amor)	-	X	X	Masculino	Min Of Koptos
74	PGM XXXVI. 134-60	P. Osl. I, 1	4 d.C.	Atração de amor	X	X	X	Masculino	Ísis, Osíris, Abrasax
75	PGM XXXVI. 187-210	P. Osl. I, 1	4 d.C.	Atração de amor	-	X	-	Masculino	Hécate, Onouris, Iaō Sabaōth , Adōnai
76	PGM XXXVI. 295-311	P. Osl. I, 1	4 d.C.	Atração de amor	X	X	X	Masculino	Iaō, Sabaōth, Arbathiaō, Michaēl, Zouriēl, Gabriēl, Istraēl, Abraam

77	PGM XXXVI. 333-60	P. Osl. I, 1	4 d.C.	Atração de amor	-	X	-	Masculino	Mirra, Destino, Iaō, Sabaōth, Adōnai, Abrasax, Abrathiaō, Mouisrō, Osiris, Atum,
78	PGM XXXVI. 361-71	P. Osl. I, 1	4 d.C.	Atração de amor	-	X	-	Masculino	Sisisōth
79	PGM XXXVIII. I-26	P. Osl. I, 3	4 d.C.	Atração de amor		X	-	Masculino	-
80	PGM XXIX. 1-21	P. Oxy. 1383	3 d.C.	Atração de amor	-	X	-	Sem Gênero	Bes
81	PGM LII. 1-9	P. gr. 9. 429	3 d.C.	Feitiço de amor	-	-	-	Sem Gênero	-
82	PGM LII. 9-19	P. gr. 9. 429	3 d.C.	Feitiço de amor	-	X	-	Sem Gênero	Peitho
83	PDM lxi. 112-27	P. Brit. Mus. Inv. 10588 (Egyptian Dept)	3 d.C.	Para fazer uma mulher te amar	X	X	-	Masculino	Osiris
84	PDM Lxi. 128-47	P. Brit. Mus. Inv. 10588 (Egyptian Dept)	3 d.C.	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	-
85	PDM lxi. 148-58	P. Brit. Mus. Inv. 10588 (Egyptian Dept)	3 d.C.	Feitiço de amor	-	-	-	Masculino	Iaō
86	PDM lxi. 159-96 [PGM LXI. 1-38]	P. Brit. Mus. Inv. 10588 (Egyptian Dept)	3 d.C.	Feitiço de amor	X	X	-	Masculino	Phtha, Necessidade, Abrasax, Hélios
87	PDM lxi. 197-216 [PGM LXI. 39-71]	P. Brit. Mus. Inv. 10588 (Egyptian Dept)	3 d.C.	Atrair uma mulher que foi prejudicada por seu marido	X	X	-	Masculino	Typhon, Abrasax, Iaō
88	PGM LXII 1-24	P. Warren 21	3 d.C.	Atração de amor	-	X	-	Masculino	-
89	PGM LXIII. 1-7	P. gr. 323	2 ou 3 d.C.	Poção do amor (?)	-	-	-	Sem Gênero	-
90	PGM LXIII. 7-12	P. gr. 323	2 ou 3 d.C.	Fazer uma mulher confessar o nome do homem que ama	-	-	-	Sem Gênero	-
91	PGM LXVII. 1-24	P. Cairo 60140		Feitiço de amor (?)	-	X	-	Masculino	Adonaiōs, Sabaōth, Abrasax, Hermes-Thouoth, Iaō
92	PGM LXVIII. 1-20	P. Cairo 60636	2 ou 3 d.C.	Feitiço de amor	-	-	-	Sem Gênero	-
93	PGM LXXVIII. 1-14	P. Heid. 2170	3 d.C.	Atrai uma mulher a um homem	-	X	-	Masculino	Iaō
94	PGM CI 1-53	P. Koln inv. 3323	5 d.C.	Feitiço de amor	-	X	X	Masculino	Iaō, Adōnai, Abrasax, Hermes-Thoth
95	PGM CIX. 1-8	P. Wash. Univ. inv. 139	3 ou 4 d.C.	Feitiço de amor	-	-	-	Sem Gênero	-
96	PGM CXIXa. 1-3	P. Laur. III 57 (PL II/52)	3 d.C.	Feitiço de amor através do toque	-	X	-	Sem Gênero	-

97	PGM CXXII. 1-50	P. Berol. Inv. 21243	1 d.C	Trechos de Encantamentos	-	X	X	Sem Gênero	Isis, Hélios
98	PGM CXXVIa. 1-21	P. Laur. III/471	5 d.C	Feitiço para causar separação	-	X	-	Masculino	Typhon, Seth

